



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MARIA EVILENE DE SOUSA ABREU

**RASTROS NO MEIO DIGITAL: O CONSUMO E USO CULTURAL DAS REDES
SOCIAIS PELOS JOVENS DE MUQUÉM A PARTIR DO INSTAGRAM STORIES**

FORTALEZA
2023

MARIA EVILENE DE SOUSA ABREU

RASTROS NO MEIO DIGITAL: O CONSUMO E USO CULTURAL DAS REDES
SOCIAIS PELOS JOVENS DE MUQUÉM A PARTIR DO INSTAGRAM STORIES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Comunicação. Área de concentração: Comunicação Social.

Orientadora: Prof.^a Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira.

Coorientadora: Prof.^a Dra. Márcia Vidal Nunes.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A99r Abreu, Maria Evilene de Sousa.
Rastros no meio digital : o consumo e uso cultural das redes sociais pelos jovens de Muquém a partir do Instagram Stories / Maria Evilene de Sousa Abreu. – 2023.
206 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira .
Coorientação: Profa. Dra. Márcia Vidal Nunes .
1. Redes Sociais. 2. Juventude Rural. 3. Consumo Cultural. 4. Instagram Stories. I. Título.
CDD 302.23
-

MARIA EVILENE DE SOUSA ABREU

RASTROS NO MEIO DIGITAL: O CONSUMO E USO CULTURAL DAS REDES
SOCIAIS PELOS JOVENS DE MUQUÉM A PARTIR DO INSTAGRAM STORIES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Comunicação. Área de concentração: Comunicação Social.

Aprovada em: 08/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof.^a Dra. Márcia Vidal Nunes (Coorientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a. Dra. Celecina de Maria Veras Sales
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^o. Dr. Ricardo Duarte Gomes da Silva
Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Prof.^a. Dra. Juliana Fernandes Teixeira
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Prof.^a. Dra. Sílvia Helena Belmino
Universidade Federal do Ceará (UFC)

In memoriam do meu cunhado, José Erivaldo,
Seu Nanan e Dona Zuila, por serem presenças
vivas e alegres na comunidade de Muquém.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todas as mulheres que vieram antes de mim e abriram muitas veredas, em especial à minha mãe, que nem sei como retribuir tantos ensinamentos. Se cheguei até aqui é porque ela e meu pai sempre acreditaram no poder da educação e nunca hesitaram em apoiar meus projetos. Obrigada! Sou muito grata e feliz por terem me escolhido como filha e a mim concedido tanto amor e a companhia dos meus irmãos, os quais agradeço também por estarem sempre me apoiando nesse percurso e ao longo da vida.

Ao meu companheiro de vida, Regivaldo – que me apoiou desde sempre nesse projeto. A conclusão dessa tese é a realização de um dos vários sonhos que partilhamos juntos nos últimos anos. Sou muito grata por nosso encontro, pela escuta ativa e os momentos de respiro em que me levou para correr, pedalar, tomar um banho no mar ou caminhar no sertão.

Aos demais familiares, aos amigos, e aos professores e colegas do PPGCOM-UFC e de outros programas pelos conhecimentos partilhados em cada disciplina. Em especial, ao professor Riverson Rios e às professoras Andreia Pinheiro, Inês Vitorino e Georgia Cruz por me guiarem nos estágios. À professora Naiana Rodrigues pelas provocações e leituras sugeridas. Também às professoras Gabriela Machado Ramos de Almeida e Rose de Melo Rocha, que me acolheram na disciplina Seminário Intensivo Epistemologias do Sul e a Comunicação na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). À professora Rose também pelas contribuições na qualificação. Aos colegas do GT Comunicação e Cidadania da Compós pela discussão e colaboração que trouxeram este ano para a tese.

À minha orientadora Catarina e a minha coorientadora Márcia, por me auxiliarem nessa trajetória acadêmica. Por me acompanharem desde o mestrado em diferentes momentos e me confiarem o desafio de fazer essa pesquisa de doutoramento. Aos membros da banca examinadora: Celecina Veras, que desde a qualificação contribui significativamente com a pesquisa; Ricardo Duarte, Juliana Fernandes e Silvia Belmino que aceitaram com prontidão participar deste momento. Agradeço o tempo dedicado e as valiosas sugestões.

Aos jovens narradores dessa pesquisa, que compartilharam suas histórias comigo e tornaram possível o desenvolvimento desta tese. Ao Fernando, Sabrina, Claudiana, Mairla, Myra, Diones, Kátia, Carine e Marcelle faço um agradecimento pelas contribuições que fizeram em diferentes momentos desse percurso. Sabrina, Myra e Claudiana, também por serem amigas queridas, com quem partilhei cafés, leituras e horas duradouras de conversas pandêmicas. Aos meus amigos da Adel pela força que me deram, principalmente na etapa de escrita da tese. Gratidão a todos e todas que contribuíram com esse movimento-pesquisa!

“Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser..”

Paulo Freire

RESUMO

A pesquisa investiga o consumo e o uso cultural das redes sociais por 11 jovens oriundos da comunidade rural de Muquém a partir dos rastros deixados por eles nos ambientes digitais, em específico na plataforma Instagram Stories. Além do material coletado no Instagram Stories, o estudo considera as narrativas dos jovens fora da rede social para compreender como eles interagem e se comunicam entre si e com o mundo em volta, ou seja, quais são os processos comunicacionais mediados pelas tecnologias. O movimento - pesquisa fundamenta-se no aporte teórico dos autores Rincón (2018), Jesus Martín- Barbero (1987; 2000), Wolton (2023) e Canclini (1990; 2021) para entender o fenômeno comunicacional além dos meios e das tecnologias digitais. Com base em uma perspectiva etnográfica (GREEN; DIXON; ZAHARLIC, 2005), incluindo a autoetnografia (VERGUEIRO, 2015; GAMA, 2020) e a etnografia para a Internet (HINE, 2004; 2015), o estudo considerou os conhecimentos e as informações advindas das experiências históricas e socioculturais dos jovens, a fim de apreender o universo de significações dos jovens narradores da pesquisa. Mesmo com acesso precário à internet, eles são uma geração de jovens com maior escolaridade e oportunidades. No período de emergência da pandemia de Covid-19 houve um aumento significativo do uso da internet e das mídias digitais, logo, as formas de socialização, interação e comunicação no mundo se modificaram. Na comunidade Muquém não foi diferente. O acesso dos moradores, principalmente dos jovens ao meio digital, tornou-se constante. Estudar, trabalhar, jogar, ouvir música, assistir filmes e séries, conversar com os amigos e até com os pais passou a ocorrer também por meio de aplicativos e plataformas virtuais, alterando significativamente a rotina da comunidade.

Palavras-chave: redes sociais; juventude rural; consumo cultural; instagram stories.

ABSTRACT

This work researches the consumption and cultural use of social networks by eleven young people from the rural community of Muquém based on their traces in digital environments, specifically on the Instagram Stories platform. Besides the material collected on Instagram Stories, the study considers young people's narratives outside the social network, aiming to understand how they interact and communicate with each other and the world around them, in other words, what communication processes are mediated by technologies. This research is based on the theoretical contribution of the authors Rincón (2018), Jesus Martín-Barbero (1987; 2000), Wolton (2023) and Canclini (1990; 2021), in order to understand the communication phenomenon beyond digital media and technologies. From an ethnographic perspective (GREEN; DIXON; ZAHARLIC, 2005), including the autoethnography (VERGUEIRO, 2015; GAMA, 2020) and ethnography for the Internet (HINE, 2004; 2015), the study considered the knowledge and information that comes from historical, cultural and social experiences of young people in order to grasp the universe of meanings of the young narrators from the research. Even with precarious access to the internet, it is a generation of young people with more schooling and opportunities. During the Covid-19 pandemic, there was a significant increase in the use of the internet and digital media, as well as the ways in which people socialize, interact and communicate in the world have changed. It was no different in the Muquém community. Residents, mainly youngsters, have constant access to digital media. Studying, working, playing games, listening to music, watching movies and TV shows, talking to friends and even parents have all been done through apps and virtual platforms, significantly changing the community's day life routine.

Keywords: social media; rural youth; cultural consumption; instagram Stories.

RESUMEN

La investigación indaga en el consumo y uso cultural de las redes sociales por parte de 11 jóvenes de la comunidad rural de Muquém a partir de las huellas que dejan en entornos digitales, específicamente en la plataforma Instagram Stories. Además del material recopilado en Instagram Stories, el estudio considera las narrativas de los jóvenes fuera de la red social para comprender cómo interactúan y se comunican entre sí y con el mundo que los rodea, o sea, cuáles son los procesos de comunicación mediados por las tecnologías. El movimiento investigativo se sustenta en el aporte teórico de los autores Rincón (2018), Jesús Martín-Barbero (1987; 2000), Wolton (2023) y Canclini (1990; 2021) para comprender el fenómeno comunicacional más allá de los medios y tecnologías digitales. A partir de una perspectiva etnográfica (GREEN; DIXON; ZAHARLIC, 2005), incluyendo la autoetnografía (VERGUEIRO, 2015; GAMA, 2020) y la etnografía para Internet (HINE, 2004; 2015), el estudio consideró conocimientos e información provenientes de la historia y experiencias socioculturales de los jóvenes, con el fin de comprender el universo de significados de los jóvenes narradores de la investigación. Aún con precario acceso a internet, son una generación de jóvenes con mayor educación y oportunidades. Durante el período de emergencia de la pandemia de Covid-19 se produjo un aumento significativo en el uso de internet y medios digitales, por lo tanto, las formas de socialización, interacción y comunicación en el mundo cambiaron. En la comunidad de Muquém no fue diferente. El acceso de los residentes, especialmente de los jóvenes, a los medios digitales se ha vuelto constante. Estudiar, trabajar, jugar, escuchar música, ver películas y series, charlar con amigos e incluso con los padres ahora también se realiza a través de aplicaciones y plataformas virtuales, cambiando significativamente la rutina de la comunidad.

Palabras-clave: redes sociales; juventud rural; consumo cultural; historias de instagram.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cartaz/convite da primeira oficina enviado para os jovens	44
Figura 2 - Imagem do Bingo “Quem sou eu na Rede?”	46
Figura 3 - Campo semântico do estudo	53
Figura 4 - Mapa da Localização da comunidade Muquém	62
Figura 5 - Registros de Muquém (igreja, escola, campo de futebol)	63
Figura 6 - Registro de um encontro do PRECE na EPC Muquém	64
Figura 7 - Mapa afetivo da comunidade Muquém	68
Figura 8 - Imagens/prints sobre o Natal	92
Figura 9 - Imagens/prints de divulgação da Festa da Sagrada família	93
Figura 10 - Imagens/prints das novenas	94
Figura 11 - Imagens/prints da cavalgada	95
Figura 12 - Imagens/prints sobre o Enem.....	96
Figura 13 - Imagens/prints sobre racismo	97
Figura 14 - Imagens/prints sobre meio ambiente e política.....	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tipos de conteúdo publicados pelos jovens no Instagram Stories.....	80
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo dos procedimentos metodológicos da pesquisa	31
Quadro 2 - Jovens narradores da pesquisa.....	38
Quadro 3 - Dissertações de Mestrado sobre juventude e tecnologias digitais	55
Quadro 4 - Teses de Doutorado sobre juventude e tecnologias digitais	56
Quadro 5 - Respostas do Bingo “Quem sou eu na rede?”	75
Quadro 6 - Tipos de publicação dos jovens	81
Quadro 7 - Músicas listadas na enquete digital	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adel	Agência de Desenvolvimento Econômico Local
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IbiCT
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
EPC Muquém	Escola Popular Cooperativa de Muquém
IES	Instituições de Ensino Superior
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
OMS	Organização Mundial de Saúde
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PPGCOM-UFC	Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará
PRECE	Programa de Educação em Células Cooperativas
ProUni	Programa Universidade para Todos
SARS-COV	Novo Coronavírus
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: UMA TESE IMPOSSÍVEL.....	16
1.1	Problematização e objetivos de pesquisa.....	20
1.2	Organização da tese.....	23
2	CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA: A PESQUISA EM TEMPOS PANDÊMICOS	25
2.1	Métodos e estratégias possíveis na pandemia.....	29
2.1.1	<i>Estudo exploratório: questionários como um guia da pesquisa</i>	<i>33</i>
2.1.2	<i>Observação oculta no Instagram</i>	<i>35</i>
2.1.2.1	<i>Os jovens narradores da pesquisa: Breve apresentação</i>	<i>37</i>
2.1.3	<i>Um diário de campo com múltiplos formatos</i>	<i>42</i>
2.1.4	<i>Oficinando.....</i>	<i>43</i>
2.1.5	<i>Entrevistas semiestruturadas.....</i>	<i>47</i>
3	MUQUÉM: MEMÓRIAS E PERCEPÇÕES DOS JOVENS	49
3.1	Estudos com jovens rurais na Comunicação.....	52
3.2	Dissertações e Teses na Pós-Graduação em Comunicação	54
3.3	“Eu sou filho do mato”: percepções dos jovens sobre si	57
3.4	Muquém tem história”: cotidiano e fronteiras demarcatórias.....	60
4	RASTROS NO MEIO DIGITAL: O CONSUMO CULTURAL DOS JOVENS A PARTIR DO INSTAGRAM STORIES	70
4.1	Os jovens de Muquém nas redes	72
4.2	As Histórias dos jovens publicadas no Instagram	79
4.2.1	<i>“Escolham a música”: uma forma de interação e consumo cultural digital.....</i>	<i>82</i>
4.2.2	<i>Autorretratos: o que representam?.....</i>	<i>88</i>
4.2.3	<i>Cotidiano de Muquém: religiosidade e educação</i>	<i>92</i>
4.2.4	<i>Indiretas: “Como assim?! Não tem racismo?! No Brasil?!.....</i>	<i>96</i>
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS RASTROS QUE ENCONTREI	100
	REFERÊNCIAS.....	103
	APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA EXPLORATÓRIA	112
	APÊNDICE B – DADOS RESUMIDO DO PERFIL DOS JOVENS	114
	APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	127

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	129
--	------------

1 INTRODUÇÃO: UMA TESE IMPOSSÍVEL

– Ela nasceu do impossível, viu? Achou um meio de crescer na pedra. [...]
 – O impossível é o nosso medo. Sem ele, somos possíveis. Não diga ‘nunca posso fazer’, festeje que é um novo jeito de fazer. Ainda que o jardim seja uma parede.
 (CARPINEJAR, 2021).

Esta tese, sem dúvidas, surge do impossível. Lembra a poesia de Carpinejar partilhada por uma grande amiga nos últimos dias em que fechava esse texto-relato da pesquisa que aqui apresento. Vários episódios corroboraram para constatar esse fato. Mas considero que dois acontecimentos foram bastante significativos: meu ingresso em 2019 na primeira turma de doutorado em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM-UFC) e ter sobrevivido a pandemia de Covid-19, uma das maiores crises sanitárias e humanitárias do planeta que durou mais de três anos e foi declarado seu fim¹ em março deste ano.

A ideia de cursar uma graduação, quiza escrever uma tese de doutorado sempre foi longínqua. Nasci e vivi grande parte da minha juventude na pacata comunidade rural de Muquém², no interior do Ceará, no Nordeste³. Embora meus pais almejassem que eu e meus irmãos além de “assinar o nome”, aprendessem ler, escrever e ter uma graduação, somente soube que jovens de comunidades rurais “poderiam virar doutor/a” após concluir o ensino médio, quando ingressei no PRECE⁴, iniciativa educacional que surgiu há cerca de 30 anos na comunidade rural de Cipó⁵. A minha trajetória de vida e as vivências no PRECE e em seguida na Adel⁶, instituição a qual fundei com outros colegas e onde trabalho atualmente,

¹ Sobre o fim da pandemia, ver notícia: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/05/oms-decreta-fim-da-pandemia-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2023.

² Local onde também realizei a pesquisa. Situado a 95,8 quilômetros de Fortaleza, no Ceará.

³ Atualmente moro em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, cidade predominantemente urbana e turística, que quis o acaso que eu viesse morar há 17 anos para cursar a graduação e onde me estabeleci com meu companheiro, também com origens rurais.

⁴ O Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) desenvolvido pelo Instituto Coração de Estudante, iniciou em 1994, em Cipó, comunidade rural do município de Pentecoste, com o objetivo de incentivar, apoiar e criar oportunidades para que jovens e adultos concluíssem o ensino básico e ingressassem na universidade (ANDRADE NETO; MAZZETTO, 2006). Ingressei no PRECE em 2004 após concluir o Ensino Médio com o objetivo de dar continuidade aos estudos, cursar uma graduação. No Programa, tive a oportunidade de contribuir de forma voluntária, após ingressar na Universidade, como facilitadora das Células Estudantis. O facilitador/a era um “professor/a precista” que se comprometia a colaborar dando aula aos finais de semana para outros jovens que também tinham o objetivo de cursar o Ensino Superior.

⁵ A comunidade rural Cipó fica no município de Pentecoste e distante 14 Km de Muquém.

⁶ A Agência de Desenvolvimento Econômico Local (Adel) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSICIP), criada em 2007, quando eu e outros jovens, que participavam do PRECE e estávamos na universidade, planejamos desenvolver projetos em nossas comunidades. A missão da Adel é potencializar e articular saberes, vocações e oportunidades em prol do desenvolvimento econômico e social de comunidades e territórios rurais por meio da formação de redes cooperativas, da produção de conhecimento e do apoio técnico

acompanhando experiências de diversos jovens, agricultoras e agricultores familiares no meio rural, me instigaram a seguir pesquisando essa temática.

Ainda no mestrado, quando realizei uma pesquisa intervenção com jovens rurais fui interpelada a descrever mais sobre a minha história e escrever sobre as singularidades de ser uma jovem rural (ABREU, 2015). Talvez por timidez ou por ainda não compreender que poderia narrar a minha própria história somada ao fato do rigor metodológico de ser imparcial em nossas pesquisas não avancei tanto. Agora no doutorado, em outro período e momento da vida, ao me deparar de novo com essa questão, não hesitei. Busco com os jovens da comunidade rural de Muquém narrar suas histórias de consumo cultural, sem deixar de lado também a minha narrativa de uma mulher nordestina com origens no meio rural, nascida no final da década de 80, que fez inclusive o caminho que muitos jovens rurais hoje fazem para acessar o ensino superior e obter melhores condições de vida. Trago ao longo do texto muitas “marcas⁷” (ROLNIK, 1993) que me atravessam. O que sou hoje partiu também das afluências (laços sociais mais fortes, interação com outras crianças na infância, contato com a natureza, menos estresse) e das ausências (pouca mobilidade, acesso à água, eletricidade, educação, lazer e saúde, renda familiar baixa) presentes em Muquém e em muitas comunidades rurais do Nordeste brasileiro.

Os atravessamentos produzidos por várias marcas foram também um dos motivos para fazer essa pesquisa. Quando criança/adolescente/jovem era comum ouvir na escola e de familiares que moravam nos centros urbanos que era “um bicho do mato”, alguém sem cultura e sem hábitos citadinos. Hoje, percebo que esta construção simbólica de que nordestinos, em específico os rurais, são “flagelados” e sem cultura, foram servindo para a continuidade da visão assistencialista ainda presente nos diversos projetos políticos e manchetes de grandes jornais do país. Até os dias atuais, essa construção narrativa é descontextualizada e tentam negar os saberes e a cultura desse povo. Também a imprensa brasileira ainda “carrega sob suas camadas um bocado de prepotência e desconhecimento sobre a pobreza brasileira”, manifestou Fabiana Moraes (2020), em Artigo de Opinião no Portal Uol.

Mas, não é apenas a imprensa que contribui para construir essa visão do nordestino e mais, precisamente, das pessoas moradoras da zona rural dessa região, como um ser retirante e sem uma cultura erudita, a literatura, a música e o cinema também colaboram. Numa compreensão mais ampla, essas percepções foram sendo construídas pela sociedade

contínuo aos empreendimentos produtivos e sociais de jovens e agricultores familiares. www.adel.org.br.

⁷ As marcas são para Rolnik “estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo” (ROLNIK, 1993, p. 242), ou seja, as marcas são produzidas continuamente. Elas podem ser reativadas a qualquer momento e produzir uma outra diferença.

moderna. Raymond Williams (1989) refletiu sobre como os intelectuais concebiam a vida rural na Inglaterra, a partir da Revolução Industrial. Era uma vida muito romantizada, bucólica e o oposto da cidade, com pessoas medíocres e até preguiçosas, visto que viviam outros valores e contexto histórico. A cidade passou a ser associada, cada vez mais, ao desenvolvimento tecnológico, à especialização do trabalho, à ficção científica, como também, ao individualismo, à mobilidade dos indivíduos e à ascensão social.

Renato Ortiz (1989) em *A moderna tradição brasileira* já apontava o contraste que foi construído entre São Paulo e Nordeste, desde o processo de modernização brasileira e que ainda ecoa atualmente. São Paulo é uma “cidade” vista como desenvolvida, com gosto pelo trabalho e pelas realizações técnicas e econômicas. Já o Nordeste é o “campo” com habitantes telúricos e tradicionais. Esta visão simplista e arrogante do Nordeste é também resultado da colonização do pensamento ocidental (GROSFOGUEL, 2016), que construiu um discurso civilizatório e colonizador que nos perpassa politicamente, historicamente e culturalmente. Albuquerque Junior (2011, p. 31) quando se propôs falar sobre a invenção do Nordeste afirma que:

O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondente.

Nesse sentido, tento também na pesquisa superar este discurso e os estereótipos imagéticos e discursivos acerca dessa região. A própria existência desta tese impossível busca romper com essa relação de poder. Escrivê-la foi um ato de muita coragem. Precisei me despir de alguns medos, não inverter a direção do discurso discriminatório, expor minhas vulnerabilidades e o processo como fui me inventando pesquisadora. Diversas foram as vezes que pensei que não conseguiria. Não porque não fosse capaz. É que vivenciei momentos de incertezas durante a pandemia e a minha realidade cotidiana em várias ocasiões me fez duvidar que poderia ocupar o lugar de “sujeito⁸” (HOOKS, 2019) da minha própria história, ou seja, que eu tinha o direito de narrar minha história junto com esses jovens, os quais denomino narradores da pesquisa. Por ser a primeira mulher da família e da comunidade de Muquém a ocupar esse espaço, essa escrita também “emerge como um ato político” (KILOMBA, 2019, p. 28). É bastante significativo e considero até um lugar de privilégio

⁸ Para Bell Hooks, sujeitos são aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (HOOKS, 2019, p. 42).

assumir esse espaço, visto que, no Brasil, o acesso à pós-graduação é marcado por intensas desigualdades regionais, étnico-raciais e econômicas⁹.

Ademais, Muquém assim como diversas comunidades do Nordeste são vistas pelo imaginário social e político das elites brasileiras, desde o século XIX, como lugares atrasados e de muita escassez, não somente de água, mas também de cultura. Segundo Neves (2012), os estigmas da população nordestina, em específico, os relacionados aos trabalhadores e às trabalhadoras rurais foram se construindo na primeira seca midiática do Brasil, em 1877. Em três jornais analisados pelo autor, dois do Rio de Janeiro (Gazeta de Notícias, Jornal do Commercio) e um do Ceará (O Cearense), foram narradas as "figuras desoladas, famintas, desfalecidas, moribundas, debatendo-se nas angústias da morte". Esses estereótipos do povo nordestino prevalecem até hoje, e, diariamente, são muitas as “construções simbólicas operadas na racionalidade dominante dos modos de objetivação jornalística” (SILVA; MORAES, 2019) que contribuem para a manutenção desses estigmas.

É válido situar que esta tese está ancorada nas ações de uma pesquisadora implicada. De acordo com Maraschin e Diehl (2017, p. 22), quando

concebemos o pesquisador como um observador implicado, os temas e assuntos que ele deseja pesquisar não são indiferentes ao seu domínio de vivência, e, por isso mesmo, requerem que se leve em consideração seu posicionamento perante tais campos e de que maneira eles o implicam.

Concordo com Raymond Williams (2011, p. 14) que “há sempre, por trás de tudo, um ímpeto, um engajamento pessoal”, que nos move a construir nossas trajetórias de vida e de pesquisa. No meu caso, a escolha por realizar essa pesquisa com os jovens de Muquém, perpassou aspectos biográficos, sociais e políticos. Partiu também do desejo de ampliar as vozes desses sujeitos nordestinos, bem como preencher algumas lacunas de pesquisas com jovens rurais na área de Comunicação no Brasil.

Coelho (2018, p. 16) ressalta que

[...] pensar fenômenos e sujeitas, *jovens rurais* (grifo nosso) comunicantes no Sertão do Nordeste brasileiro parte das ausências (de dados e de pesquisas anteriores acerca do acesso e uso das novas tecnologias e redes sociais) e das dificuldades de pesquisar essa região em termos logísticos.

⁹ Houve um avanço com as ações afirmativas e políticas de democratização do acesso à educação superior implementadas a partir da década de 2000 pelos governos de esquerda (Lula e Dilma). Tivemos mudanças significativas e um crescente acesso de estudantes de classes populares ao Ensino Superior. Como afirma Carmo *et al.* (2014, p. 306) “com a criação de programas populares, o quantitativo de estudantes nas Instituições de Ensino Superior (IES) saltou de 3.036.113, em 2001, para 6.379.299, em 2010.” Dentre os Programas que contribuíram com esse resultado, temos o Programa Universidade para Todos (ProUni) criado em 2004 e que possibilitou o meu acesso ao Ensino Superior. Infelizmente, os governos (Temer e Bolsonaro) que presidiram o Brasil, após o Impeachment da Presidenta Dilma em 2016 provocaram o desmonte destas políticas.

Nesse sentido, os estudos com jovens de comunidades rurais são importantes para compreender como se dá o consumo cultural desses sujeitos em tempos de convergência midiática (JENKINS, 2009). Sabe-se que é uma realidade muito distinta se comparada com a dos grandes centros urbanos, mas por meio dessa pesquisa busquei me aproximar do cotidiano desses jovens para observar os padrões de consumo cultural que integram suas experiências e que reverberam na cultura local.

1.1 Problematização e objetivos de pesquisa

Esta pesquisa, além de ser atravessada pela minha trajetória pessoal e profissional, também foi guiada pelas questões e observações durante o mestrado. Ao analisar, na pesquisa de mestrado, as relações que os jovens do assentamento rural Barra do Leme, localizado em Pentecoste, na região norte do estado do Ceará, tinham com a comunicação audiovisual, ouvi muitos relatos sobre o uso intensivo das tecnologias digitais e um certo encantamento da juventude com as redes sociais Facebook e Instagram¹⁰.

Naquele período, 2013-2015, o telefone celular já era o principal dispositivo usado por estes jovens para acessar à internet, mas poucos tinham noção dos usos e apropriações que poderiam fazer. Para a maioria dos jovens de Barra do Leme, naquela época, estar na internet era acessar alguma das redes sociais - Facebook e/ou Instagram. Poucos usavam a internet para fazer uma pesquisa, assistir um filme ou enviar um e-mail, por exemplo. De lá para cá, o uso de *smartphones*, mesmo que de forma desigual, se intensificou entre os jovens e a população brasileira, em geral. Mas esse fato não foi acompanhado pela inclusão digital, pois o uso de celular inibe a cidadania digital, já que geralmente é restrito a aplicativos de conversas e redes sociais.

No decorrer das disciplinas, das leituras e do contexto em que vivenciei essa etapa de formação acadêmica, outras questões foram surgindo e ocupando lugar central no estudo. A pandemia provocou mudanças antes inimagináveis em nossas vidas. Mudou nossa forma de se relacionar e se comunicar no mundo, nossas formas de fazer pesquisa. Por medidas de segurança e contenção do vírus, foi necessário ficar por longos meses isolados. Tudo isso contribuiu para que a internet e os dispositivos móveis ocupassem um papel central no cotidiano de todas as pessoas no mundo. Foi a internet e os aplicativos que possibilitaram a

¹⁰ O Instagram completou uma década em 2020, conta com cerca de 1 bilhão de usuários ativos por mês, é a quinta rede social mais popular do mundo e foi comprado em abril de 2012 pelo Facebook, outra rede social. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/10/06/instagram-faz-10-anos-como-uma-das-maiores-redes-sociais-do-mundo-e-de-olho-no-tiktok-para-nao-envelhecer.ghtml>. Acesso em: 01 set. 2021.

continuidade de pesquisas acadêmicas e de atividades educacionais com o ensino remoto, do comércio com as vendas online, a prestação de serviços públicos e as atividades empresariais com o *home office* e os serviços de saúde com as teleconsultas.

No Brasil, o uso de tecnologias digitais na pandemia se intensificou, passando de 71% dos domicílios com acesso à internet em 2019 para 83% em 2020, correspondendo a 61,8 milhões de domicílios com algum tipo de conexão à rede. No caso das áreas rurais, o uso do telefone celular aumentou para 83%. Só no Nordeste chegamos a 75%. Entre os usuários da classe C, o acesso à internet exclusivamente pelo celular passou de 61% em 2019 para 67% em 2021, atingindo um contingente de 51 milhões de pessoas (NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR, 2022).

Nesse contexto, tornou-se ainda mais fundamental fazer esse estudo com os jovens de Muquém para compreender as transformações vividas por eles com o advento das tecnologias digitais e da internet no campo¹¹. A partir dos anos 2000, aumentou a participação de brasileiros emergentes nas mídias sociais (SPYER, 2018) e ocorreu mudanças na mobilidade econômica do país. A intenção na pesquisa não foi focar nos efeitos positivos ou negativos que as tecnologias digitais podem ocasionar, mas apresentar evidências de como elas corroboram com o consumo cultural e midiático desses jovens.

Para efeito teórico-metodológico, considere que o fenômeno comunicacional vai além dos meios e das tecnologias digitais. Rincón (2018), Jesus Martín-Barbero (1997; 2000), Wolton (2023) e Canclini (1997; 2021) foram essenciais para compreender esses processos comunicacionais. Segundo estes autores a comunicação contempla processos, práticas e diversas experiências culturais. “A comunicação já não é mensagem, propaganda, instrumento ou estratégia, é uma cultura de sequência e experiência, é um modo de viver a vida, é prática narrativa do mundo” (RINCÓN, 2018, p. 76). Ou seja, envolve experiências comunicativas do cotidiano e não somente os modelos convencionais com maior alcance de público.

Assim, os diversos conhecimentos e as narrativas dos jovens dentro e fora das redes sociais, e, as informações advindas de suas experiências históricas, culturais e sociais, bem como o uso de *smartphones* foram essenciais para conhecer o consumo cultural deles, e, conseqüentemente, como eles interagem e se comunicam entre si e com o mundo em volta. Com o desenvolvimento da internet e das mídias digitais, ao longo do século XX e notadamente neste início do século XXI, as formas de socialização, interação e comunicação no mundo se modificaram. As diversas tecnologias, em especial as digitais, foram mudando

¹¹ Neste estudo utilizo em alguns momentos a palavra campo como sinônimo de rural.

não apenas o entretenimento e o lazer, mas potencialmente todas as esferas da sociedade (SANTAELLA, 2003). Na comunidade Muquém, não é diferente. O acesso dos moradores, principalmente dos jovens ao digital tornou-se constante. No período de emergência da pandemia de Covid-19 esse acesso se multiplicou. Estudar, trabalhar, jogar, ouvir música, assistir filmes e séries, conversar com os amigos e até com os pais passou a ocorrer por meio de aplicativos e plataformas virtuais, alterando significativamente a rotina das pessoas.

Mas, como é o consumo cultural de jovens que moram no meio rural na sociedade contemporânea, em específico, dos jovens da comunidade rural Muquém? Como os jovens participantes desta pesquisa interagem com as tecnologias digitais e quais sentidos sobre si mesmos e sobre o lugar a que pertencem eles constroem? Quais as apropriações e usos que esses jovens fazem das tecnologias digitais?

Estas questões foram atualizadas e compondo este trabalho de pesquisa que, inicialmente, tinha como ponto de partida, a experiência do Programa Territórios Digitais¹² para compreender as relações estabelecidas pelos “jovens rurais” com as tecnologias digitais e a internet. Entretanto, como o intuito do projeto de pesquisa não era estudar o Programa Territórios Digitais, em específico, mas analisar as apropriações e usos das tecnologias digitais pelas juventudes rurais em seus diferentes territórios foi mais viável realizar esse estudo com os jovens de Muquém, já que estávamos vivenciando a pandemia de Covid-19 e as atividades do Programa Territórios Digitais estavam paralisadas. Ter nascido nessa comunidade rural e vivido a infância e a maior parte da juventude nela, pode me auxiliar para adentrar na pesquisa de campo, mesmo com os desafios impostos pelo contexto pandêmico.

A pesquisa ocorreu com a colaboração de 11 (onze) jovens. Ela conciliou dois interesses mobilizadores da minha trajetória acadêmica e profissional: a minha relação com o meio rural e o desejo de a partir desse estudo ampliar e criar espaços possíveis para que as vozes desses sujeitos ecoem ainda mais. Apesar de não residir mais em Muquém, meus pais, irmãos/a e alguns amigos/as ainda moram lá. Muquém continua sendo para mim uma referência de experiência comunitária e sua realidade instiga muitas questões. Uma parte da comunidade só teve acesso à eletricidade em 2006, ano em que ingressei na graduação, e, até hoje, não tem abastecimento d’água. Muitos jovens da comunidade continuam fazendo o mesmo trajeto que eu fiz, saindo da comunidade para cursar o ensino superior e acessar o mercado de trabalho na capital do Estado, Fortaleza, e em outros centros urbanos. Eles

¹² O Programa Territórios Digitais foi lançado em 2008 pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), em parceria com o Ministério das Comunicações, com a perspectiva de contribuir para o desenvolvimento rural sustentável. Infelizmente, quando iniciei essa pesquisa as atividades do Programa estavam inativas.

continuam retornando à comunidade com frequência e nutrem o desejo de retorno. Embora seja em um outro contexto e com oportunidades diferentes, percebe-se ainda a ausência de políticas públicas que oportunizem aos jovens rurais o acesso a uma educação de qualidade, à saúde, ao lazer e ao mercado de trabalho.

É fato que a pandemia de Covid-19 foi uma surpresa para todos os pesquisadores no mundo. No meu caso, a metodologia e o percurso da pesquisa foram se modificando. Foi necessário elaborar novas rotas, experimentações e linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 26) para alcançar os objetivos propostos. Nessa conjuntura, meu projeto passou a focar no consumo cultural de “jovens rurais” na contemporaneidade, a partir dos usos das novas tecnologias de comunicação e informação pelos jovens de Muquém.

Como objetivo geral, a pesquisa buscou identificar e analisar o consumo cultural de jovens oriundos da comunidade rural Muquém, mediados pelo uso do telefone celular e das redes sociais. Os objetivos específicos foram: a) Registrar como se dá o consumo cultural e a produção midiática dos jovens de Muquém no cotidiano; b) Observar como esses jovens interagem nessa cultura globalizada e mundializada; c) Identificar quais as apropriações e os usos que os jovens fazem das novas tecnologias de comunicação e informação, suas interações e socializações a partir do uso do telefone celular e das redes sociais, com enfoque para a plataforma Instagram Stories.

1.2 Organização da tese

Nesta seção, apresento a ordem da organização dos capítulos da tese. Esta se estrutura em mais três capítulos, além deste capítulo introdutório e das considerações finais. Na introdução aponto as motivações e o contexto em que foi realizada a pesquisa, os objetivos, os primeiros passos do estudo de campo e as atualizações que foram necessárias para construção desse movimento-pesquisa. Para mim, pesquisar é se colocar em movimento, movendo saberes e aprendizagens contínuas, descobrindo novos percursos e no caso deste estudo, os rastros digitais dos jovens narradores.

No segundo capítulo destaco os movimentos metodológicos possíveis na pandemia. A metodologia contemplou uma conjugação de ferramentas e estratégias para identificar os rastros dos jovens no meio digital. Fiz um estudo exploratório inicial acompanhado da técnica bola de neve e de questionários online. Em seguida, realizei uma observação oculta na plataforma Instagram, ministrei duas oficinas e fiz entrevistas semiestruturadas com os onze jovens. Tanto as oficinas quanto as entrevistas partiram do

método de história de vida. “O processo de utilização da história de vida tem por base a ideia de reflexividade, da consciência do investigador como tal e de sua configuração de mundo” (GORCZEVSKI, 2007, p. 47). Todo o material coletado foi digitalizado e transformado em bases de dados da pesquisa. Discuto no capítulo como cada estratégia foi se complementado. Também apresento de forma breve quem são os jovens narradores da pesquisa.

O terceiro capítulo trata sobre aspectos contextuais que envolvem as pesquisas com jovens rurais bem como especificidades que envolvem os modos de ser jovem em Muquém. Abordo as sociabilidades dos jovens dessa comunidade e reflito como os espaços de socialização se tornam cada vez mais diversos e acessíveis para as juventudes, entre estas aquelas que moram em comunidades rurais. Também apresento uma breve cartografia do lugar da pesquisa. A partir dos relatos dos jovens construí um mapa afetivo da comunidade que hoje é dividida entre dois municípios – Apuiarés e Pentecoste. Mesmo assim, os jovens ainda se reconhecem como um território único.

O quarto capítulo apresenta os rastros dos jovens no meio digital. A partir da análise das imagens e postagens no Instagram Stories de quatro perfis que acompanhei no período de três meses, elaborei o perfil dos jovens nas redes sociais e defini as quatro categorias que atravessam esse estudo: cotidiano, representação, política e interação. Essas categorias foram articuladas a partir das postagens sobre a comunidade, a pandemia, as enquetes musicais e as autoimagens. Por fim, apresento as considerações finais, com reflexões sobre o desenvolvimento do processo de pesquisa, os resultados alcançados e aspectos macro contextuais que acabaram emergindo de uma pesquisa impossível.

2 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA: A PESQUISA EM TEMPOS PANDÊMICOS

Neste capítulo apresento os caminhos e processos da pesquisa. Nele, descrevo o percurso que fiz, as metodologias que me guiaram e algumas reflexões de como fui me inventando pesquisadora no contexto pandêmico. Quando ingressei no doutorado, o desejo era utilizar a cartografia como método de pesquisa-intervenção (PASSOS; BARROS, 2010), pois considerada como um trilhar metodológico, me permitiria construir mapas de relações, agenciamentos, enfrentamentos e cruzamentos entre forças, jogos de subjetivação que reuniriam apontamentos e reflexões do que propus fazer/ser durante a pesquisa, indo além de uma análise midiática dos fatos.

Mas, como intervir em um momento de tantas incertezas? Como estar próximo aos jovens quando o mais recomendado era se manter distante? Que métodos iriam me guiar no percurso da pesquisa diante do contexto pandêmico? Essas e outras questões fizeram parte dessa pesquisa atravessada pela pandemia da Covid-19. Assim, fiz outros movimentos da pesquisa, tateie outros lugares, e, como dizia Ginzburg (1990) *apud* Diógenes (2008) farejei os vestígios daqueles que seriam os narradores da pesquisa, ou seja, os jovens com quem estaria dialogando. O intuito foi apreender sobre os processos de hibridação (CANCLINI, 1997) e as mediações (MARTÍN-BARBERO, 1997) que perpassam o cotidiano dos jovens oriundos de uma comunidade rural ao se apropriarem das novas tecnologias.

O referencial teórico-metodológico da pesquisa partiu dos Estudos Culturais desenvolvidos pela comunicação, paradigma culturalista bastante atual. Conforme Escosteguy (2015), os Estudos Culturais vão além dos aspectos da cultura e incluem em suas análises as práticas cotidianas da sociedade. Martín-Barbero (1997), um dos principais teóricos dos Estudos Culturais Latino-americanos, defende que a investigação do impacto das novas tecnologias de comunicação sobre as sociedades e as culturas na América Latina deveria começar por uma re colocação dos termos com os quais se enuncia o tema, já que o discurso acerca dos efeitos das tecnologias sobre a cultura é cheio de armadilhas.

Em síntese, a tese de Martín-Barbero (1997) sobre o impacto das novas tecnologias é que se faz necessário evitar a dicotomia entre o “sim” ou “não” relacionado aos efeitos que elas causam. Ampliar essa dimensão sobre os efeitos é possível quando nos deslocamos para analisar/acompanhar os modos de acesso, de aquisição e de uso das mídias digitais. Trata-se de um deslocamento epistemológico, pois a busca pelos efeitos é um tema das pesquisas em comunicação do início do século XX, orientadas pelo funcionalismo. Nessas

pesquisas, a análise do meio de comunicação propriamente dito não é o foco principal, mas para onde o sentido é produzido, para o âmbito dos usos sociais, as “mediações culturais da comunicação”. Na pesquisa busquei mapear como os jovens da comunidade de Muquém atuavam nas mídias sociais, em específico na plataforma Instagram, rede social online onde os usuários podem compartilhar fotos e vídeos no seu perfil.

A melhor forma encontrada para analisar os fenômenos e as práticas culturais com esses jovens na pandemia de Covid-19 foi construir um movimento-pesquisa, a partir de uma perspectiva etnográfica (GREEN; DIXON; ZAHARLIC, 2005), incluindo a autoetnografia (SIMAKAWA, 2015; GAMA, 2020) e a etnografia para a Internet (HINE, 2004; 2015). A partir da etnografia, fui compreendendo, aos poucos, o quanto ela era potente para entender o universo de significações dos “novos jovens rurais” de Muquém, ou seja, dessa geração, que diferente da minha, teve acesso à televisão, à energia elétrica e à internet, ainda na infância. Mesmo que o acesso à internet, ainda seja precário, os jovens narradores da pesquisa têm maior escolaridade e oportunidades. O método etnográfico contribuiu para me aproximar das vivências dos jovens e conhecer de perto suas experiências com a cultura digital.

[...] a etnografia é um processo complexo que envolve a descrição de um grupo social [...] Nos dias de hoje, pesquisadores que utilizam a etnografia como abordagem de pesquisa têm a sua disposição uma riqueza de perspectivas teóricas nas quais podem se sustentar ao estudarem grupos sociais específicos, cada qual com maneiras particulares de teorizar a cultura e as abordagens etnográficas (GREEN; DIXON; ZAHARLIC, 2005).

Além da riqueza de detalhes, a etnografia possibilita um estudo aprofundado dos fenômenos e das práticas culturais que envolvem à sociedade. Destaco que para fazer essa pesquisa com os jovens de Muquém e compor o mapa afetivo da comunidade também aditi a postura de uma pesquisadora eterna viajante, ou seja, que estivesse “sempre conectada e conectando vários mundos culturais” (DIÓGENES, 2008, p.18). Por ser minha comunidade de origem, por algum momento, pensei que fosse simples fazer essa pesquisa com esses jovens. Entretanto, senti-me desafiada por muitas vezes e tive que ampliar o meu olhar e a minha escuta, bem como deixar me mobilizar pelos saberes da geração atual de Muquém e pelas novas práticas culturais da comunidade. Foi preciso um exercício de distanciamento e desapego do lugar, para que a voz da pesquisadora e das novas vozes de Muquém (os jovens narradores da pesquisa) pudessem ecoar.

O contexto em que foi conduzida a pesquisa, durante a pandemia de Covid-19, acarretou mais desafios à ida ao campo, medo e incerteza, tanto quanto a metodologia a ser utilizada e a não conclusão do trabalho, quanto com relação às perdas que tivemos e as

projeções de futuro. Infelizmente, dentre os 688.656 óbitos de Covid no Brasil¹³, tivemos 3 (três) pessoas muito queridas na comunidade de Muquém: José Erivaldo Tabosa da Silva, 39, meu cunhado, líder local e responsável por articular os jogos de futebol com os jovens; o pai dele, que foi a óbito 7 dias após seu falecimento, conhecido por todos como Sr, Nanam, Francisco Moreira da Silva, 75, morava na comunidade vizinha Jaibara; e, a senhora Zuila Barros, 63, também morava em outra comunidade vizinha, Tourão. As comunidades Jaibara e Tourão são bem próximas e seus moradores convivem diariamente com as famílias de Muquém, pois é a comunidade com uma melhor infraestrutura, tem um campo de futebol, uma igreja e um anexo de uma escola de ensino fundamental¹⁴. Os moradores dessas duas comunidades – Jaibara e Tourão, bem como os que vivem em Jaçana e Aroeiras, outras duas comunidades vizinhas, frequentam as atividades religiosas, culturais e esportivas em Muquém. Também acessam os serviços de saúde e educação disponibilizados pelo governo municipal.

As mortes evitáveis¹⁵ de José Erivaldo, Sr. Nanam e Dona Zuila pela Covid-19 abalaram bastante a comunidade e porque não dizer, os rumos dessa pesquisa? Como uma pesquisadora implicada fiquei indignada com o fato da minha família e os moradores dessa comunidade virarem estatística, números que poderiam ter sido evitados se uma política pública efetiva de controle baseada em ações não farmacológicas tivesse sido implementada. Dados do relatório *Mortes Evitáveis por Covid-19 no Brasil* (INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR, 2021) indicam que pelo menos 120 mil mortes poderiam ter sido evitadas se o Brasil tivesse adotado medidas preventivas como distanciamento social e restrições a aglomerações. A falta de acesso a hospitais igualmente gerou mortes evitáveis de mais de 20 mil pessoas. Ou seja, devido a negligência do Governo Federal em exercício, que ignorou as fartas evidências científicas para controle da pandemia, moradores de comunidades rurais como a de Muquém, foram majoritariamente atingidos.

Ao lembrar essas mortes evitáveis aqui na tese, busco honrar as memórias desses moradores, ao mesmo tempo em que expresso o luto, a raiva, a insegurança, o medo e a indignação minha e da comunidade com essas perdas e as circunstâncias dramáticas, tristes e desumanas vividas por nós e por milhares de pessoas no Brasil. A falta de uma política pelo bem comum acarretou a violação do direito à vida. Os moradores de Muquém, os jovens narradores dessa pesquisa e milhões de brasileiros seguem ainda buscando compreender esse

¹³ Refiro aos dados divulgados até 11 de novembro de 2022, no site <https://covid.saude.gov.br/>.

¹⁴ No capítulo 3 apresento mais detalhes sobre a comunidade.

¹⁵ Conceito cunhado na década de 1970, que permanece polêmico em função das distintas acepções sobre determinações dos processos saúde-doença, especialmente do potencial dos cuidados assistenciais para evitar mortes em termos populacionais (INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR 2021).

processo de luto e ressignificar essa “forma cruel de aprendizado” (ADICHIE, 2021). Durante a coleta de dados da pesquisa, por diversas vezes recebi mensagens dos jovens expressando o peso da ausência dessas pessoas no dia a dia, o sentimento de horror, tristeza e dúvida de tudo que foi vivido na pandemia.

Até a qualificação da tese, a minha “condição de pesquisadora viajante” ainda era bastante tímida. Talvez por pensar que o meu olhar fosse muito ingênuo sobre as questões do meio rural ou por me cobrar a realização de uma pesquisa etnográfica com uma abordagem mais tradicional. Inicialmente, busquei falar das narrativas de consumo dos jovens a partir da rede social Instagram. Contudo, observar somente essa rede social para ter um panorama do consumo cultural e midiático dos jovens seria uma armadilha, pelo próprio formato da rede social Instagram e pela baixa intensidade de postagens dos participantes da pesquisa. Assim, após ser instigada e ao mesmo tempo interpelada pela banca de avaliação da qualificação a construir um mapa afetivo da comunidade com os jovens/narradores da pesquisa, outras narrativas e memórias sobre Muquém passaram a ser construídas com eles.

No artigo *O acesso de jovens rurais às tecnologias: desafios e usos da internet na pandemia* apresentei um panorama dos desafios e usos da Internet entre os jovens de Muquém durante os primeiros meses de pandemia (ABREU, 2020). Na análise, percebi o quanto a internet passou a fazer parte da rotina dos jovens e o quanto a exposição aos noticiários sobre a crise sanitária geraram ansiedade e medo. Tanto os jovens que vivem no meio urbano, quanto os que moram em comunidades rurais, foram expostos a uma enorme quantidade de informações diárias e tiveram que se adaptar ao novo contexto social estabelecido pela Covid-19 (ABREU, 2020).

Contudo, o acesso e o uso da Internet, durante a pandemia, também não foi uniforme. Cerca de 47 milhões de pessoas não têm acesso à internet no Brasil (NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR, 2020). Quando se trata da população rural, esses dados são bem mais expressivos. A maior parcela dos que seguem desconectados é na zona rural - 47% (12 milhões de pessoas). Também 58% dos brasileiros acessam a rede exclusivamente pelo telefone móvel, proporção que chega a 85% na classe D e E. O celular tornou-se ainda mais o principal dispositivo para acessar a internet pelos brasileiros na pandemia. Esse foi o caso dos jovens de Muquém no início da pandemia, o que dificultava as atividades estudantis daqueles que estavam cursando o ensino médio ou o ensino superior. Atualmente, eles possuem em suas casas serviço de banda larga fixa, instalado por uma empresa do município de Paramoti, distante 14 km da comunidade.

2.1 Métodos e estratégias possíveis na pandemia

Durante o período de distanciamento social estabelecido devido à crise sanitária provocada pelo SARS-CoV-2, causador da Covid-19, a presença dos jovens na internet, devido às medidas para conter a propagação do coronavírus, tornou-se ainda mais constante. As interações passaram a acontecer, prioritariamente, por meio de plataformas digitais. Nesta pesquisa, não foi diferente. O ciberespaço foi ainda mais o “novo espaço de interação humana com uma importância profunda principalmente no plano econômico e científico” (LÉVY, 2000, p. 13).

Além da internet se tornar um dos principais canais de acesso à informação, principalmente sobre as medidas de prevenção e os avanços da Covid-19, foi através dela que realizei grande parte dessa pesquisa com os jovens da comunidade rural de Muquém. Mas, para iniciar a pesquisa, foi preciso rever a abordagem metodológica e ajustar o modo de interagir com o campo. A abordagem metodológica da etnografia para a Internet (HINE, 2004; 2015) e a aproximação de pesquisas autoetnográficas (SIMAKAWA, 2015; GAMA, 2020) me auxiliaram na continuidade deste estudo.

Ainda nos anos 2000, Hine destacou que “a Internet era um espaço cultural onde as pessoas estavam participando de interações e atividades relevantes para elas em determinado nível e deveria, por isso, também ter interesse para a ciência social” (HINE *apud* CAMPANELLA, 2016, p. 168). A princípio, Hine (2004) utilizava o termo etnografia virtual para nomear a pesquisa etnográfica para a Internet, mas após revisitar esse conceito (HINE, 2015), a autora acredita que “etnografia para a Internet” é mais adequado para definir os estudos na sociedade em rede (CASTELLS, 2003).

De acordo com Hine (2015), a etnografia é uma abordagem que deve ser adaptada para cada circunstância em que é realizada uma pesquisa, principalmente quando consideramos a conjuntura que a Internet contemporânea oferece aos seus usuários. Como a pandemia impôs novos desafios da interação humana, essa abordagem metodológica tornou-se ainda mais pertinente, já que “mais que um campo de interação social, as mídias em rede on-line produzem e reproduzem comportamentos, valores e preceitos do controle desempenhado pela cultura a que estão submetidas” (FERRAZ, 2019, p. 53).

Segundo Recuero (2009), as redes sociais são ferramentas que proporcionam às pessoas construir, interagir e se comunicar uns com os outros, deixando, na rede de computadores, pistas que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais. Contudo, esses rastros (curtidas, comentários, postagens)

só podem ser compreendidos se conhecermos o contexto do usuário. Nesse sentido, a defesa de Hine (2015) de que não há uma fronteira estabelecida entre on-line e off-line é valiosa. Para a autora, existe uma hibridização do on-line e off-line e essas duas dimensões andam lado a lado. Assim, devemos observar esses modos e suas complexidades quando propomos fazer uma “etnografia para a Internet”. A autora ainda afirma que a etnografia para a internet não deve se centrar na análise dessa mídia em si, mas também nas experiências que levam cada usuário a fazer suas postagens, a interagir na rede social.

Desse modo, após definida a abordagem metodológica, o primeiro desafio desta pesquisa foi listar com quais jovens iria interagir, visto que com a pandemia, não foi possível ir até à comunidade para visitar e reunir esses jovens. Nesse contexto, optei por fazer um estudo exploratório, por meio da aplicação de um *survey*¹⁶, com o objetivo de delimitar melhor quem seriam os jovens interlocutores da pesquisa, qual o perfil deles, como acessavam às novas tecnologias e quais os desafios vivenciavam durante a pandemia.

Como eu conhecia a comunidade de Muquém e os jovens, mas não tinha uma relação próxima com todos e devido a pandemia não consegui visitá-los e/ou agendar um encontro na comunidade e convidá-los, fiz o mapeamento dos jovens narradores da pesquisa, ou seja, defini a amostragem utilizando a técnica bola de neve, procedimento em que parte de informantes-chave são contatados e eles indicam outros e assim sucessivamente.

Desse modo, realizei as seguintes ações: (1) Contato com dois jovens da comunidade com quem tinha mais proximidade; (2) Lista dos nomes de jovens com idade entre 15 e 29 anos - indicados pelos dois jovens, acompanhado do contato de telefone/WhatsApp; (3) Contato com os jovens via WhatsApp e observação dos seus perfis nas redes sociais; e, (4) Compartilhamento de formulário via *Google Forms* sobre a pesquisa para que o próprio jovem confirmasse sua aderência ao estudo. De um total de 20 (vinte) contatados, 11 (onze) responderam ao questionário.

Realizado o mapeamento dos jovens, outras técnicas passaram a compor o estudo e auxiliar na definição dos “marcadores” (PELLANDA, 2008, p. 1078) da pesquisa. Observação oculta nas redes sociais, anotações no diário de campo (WINKIN, 1998), análise de postagens no Instagram, conversações, entrevistas antropológicas (GUBER, 2004) e a realização de duas oficinas com os jovens, uma via Google Meet e outra presencial, foram a bússola do estudo. No quadro 1 (p.31), apresento um resumo das estratégias utilizadas na

¹⁶ Tipo de investigação de pesquisa quantitativa feita geralmente a partir de um questionário. No caso dessa pesquisa, foi essencial para coletar dados e informações iniciais dos participantes da pesquisa. A aplicação do questionário foi on-line.

pesquisa e nos subtópicos subsequentes descrevo como esses métodos foram compondo esse estudo, quais foram os prós e os contras e porque foram selecionados para essa pesquisa.

Quadro 1 - Resumo dos procedimentos metodológicos da pesquisa

Ordem de acontecimento	Procedimento/ Técnica	Objetivo	Período	Participantes ¹⁷	Local de abordagem
1	Bola de Neve	Definir a amostra da pesquisa (mapear os jovens)	Abril de 2020	2 jovens	WhatsApp
2	Survey / Questionário com perguntas fechadas e abertas	Reunir informações sobre o perfil dos jovens da pesquisa	Abril de 2020 e Março de 2021	11 jovens	Plataforma Formulários Google
3	Conversações	Compreender os desafios e usos da Internet no primeiro semestre da pandemia	Agosto de 2020	4 jovens	WhatsApp
4	Observação oculta em mídias sociais	Acompanhar o cotidiano, as histórias publicadas pelos jovens	Novembro de 2020 a Janeiro de 2021 (3 meses)	4 jovens	Instagram
5	Oficina “Quem sou eu na rede?”	Identificar como os jovens se comportam na rede, suas histórias e relações com as redes sociais	Junho de 2021	9 jovens	Plataforma Google Meet
6	Oficina “Cartografia de Muquém”	Construir com os jovens um mapa da comunidade	Março de 2022	6 jovens	Capela Sagrada Família (Muquém)
7	Entrevistas semiestruturadas	Compreender o uso das tecnologias para além do que é exposto nas redes sociais	Abril de 2023	11 jovens	Residência dos jovens ¹⁸ , Escola e Capela em Muquém
8	Diário de Campo	Registrar as principais observações, atividades, inquietações da pesquisa	Durante a pesquisa	-	Bloco de anotações da pesquisadora

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Destaco que para a análise dos dados dessa pesquisa os marcadores e alguns aspectos das trajetórias de vida dos jovens, como o acesso e uso das tecnologias no momento foram essenciais. Assim como Pellanda (2008, p. 1078, grifo nosso), “não trabalhamos com

¹⁷ Apresento a quantidade de jovens presentes em cada atividade. O número total de jovens narradores da pesquisa são onze, mas não foram aplicados os procedimentos com todos.

¹⁸ Três jovens foram entrevistados em Fortaleza. Dois na Escola e um na Capela. Os demais, as entrevistas ocorreram em suas residências. O motivo de nem todos serem entrevistados em suas casas em Muquém foi devido a disponibilidade deles.

categorias *pré-definidas* porque acreditamos que elas não são adequadas para lidar com uma realidade complexa e sempre em devir”. Como destacado pela autora, as categorias podem comprometer o tipo de abordagem que almeja construir com os interlocutores de uma pesquisa, no meu caso, com os jovens.

Todas as estratégias apresentadas no quadro 1 (p. 31), foram essenciais para a compreensão dos desafios e usos da internet entre os jovens narradores dessa pesquisa. A utilização de oficinas e entrevistas semiestruturadas no final da pesquisa partiram do uso de multimetodologias no procedimento etnográfico. Conforme ressalta Oliveira (2014, p. 38), a multimetodologia contribui para “a reelaboração de técnicas que podem ser gestadas junto com a observação participante e a entrevista etnográfica em pleno processo de campo”. No caso das oficinas e entrevistas semiestruturadas realizadas neste estudo, elas foram necessárias para nomear os narradores da pesquisa¹⁹ e evitar generalizações quanto aos usos, apropriações das redes sociais pelos jovens e consumo cultural e midiático.

Durante a investigação, comecei a perceber que somente os dados quantitativos e a análise das postagens no Instagram eram insuficientes para alcançar uma visão mais ampla do consumo cultural e midiático desses jovens. Quando fiz a primeira oficina parecia descortinar a tão propagada ideia de que todos os jovens estão conectados e interagindo entre si. O uso das redes sociais propicia a eles velocidade e acesso à informação, mas pouca comunicação. Isso faz com que eles sintam a necessidade de estar próximos, ou seja, se reunir, se encontrar presencial e experienciar outras vivências na comunidade fora dela.

“Quase sempre a gente faz uma postagem (Grupo de WhatsApp) só para avisar o horário do racha, gosto mesmo é de vim para cá (aponta para o Campo de Futebol) para conversar com eles. A gente brinca, conversa, se diverte”²⁰. Esse relato de um jovem durante a entrevista demonstra que as tecnologias funcionam no dia a dia como suporte para informar eventos e acontecimentos que são de interesse deles. Dominique Wolton (2023) afirma que “comunicar é negociar”, ou seja, implica fazer concessões e a presença do outro. O autor também afirma que com o avanço das tecnologias “estamos diante de uma crescente falta de comunicação e diante da ilusão de uma comunicação tecnológica bem-sucedida” (WOLTON, 2023, p. 12). Partindo das reflexões desse autor, questionei se somente as análises das postagens dos perfis do Instagram seriam contundentes para alcançar os objetivos da pesquisa. Percebi que o estudo somente a partir do recorte da observação da rede social Instagram era limitante, estava, portanto, “iludida” com as percepções que os jovens permitiam/queriam

¹⁹ Todos os nomes dos jovens são fictícios.

²⁰ Relato do jovem Igor durante a entrevista.

apresentar para o público de suas redes. A tese de Wolton (2023, p. 32) de que a “interação não é sinônimo de comunicação” foi fundamental nas análises que seguem. Tanto pelas pistas que os próprios jovens foram apontando nos momentos em que interagíamos, quanto pelo fato de que se olhasse apenas para o que eles postavam na rede social não conseguia me aprofundar no consumo cultural e nas práticas comunicativas deles.

Em relação a não-participação dos 11 (onze) jovens em todas as etapas da pesquisa, levei em consideração o pensamento de Wolton (2023, p. 12) sobre o risco de perdemos a confiança na informação e na comunicação se nos determos apenas a comunicação tecnológica. Para o autor, a comunicação humana e social continua mais complexa do que o desempenho das tecnologias. Nesse sentido, para compreender o consumo cultural e as práticas comunicativas desses jovens mediadas pelas tecnologias digitais foi preciso ir além do que eles postavam. Considerei necessário ouvir tanto os jovens que observei os perfis no Instagram quanto os outros que preencheram o *survey*. Essa escuta foi necessária para compreender como eles se percebem na rede social, que usos e apropriações eles fazem ou querem fazer das tecnologias digitais.

2.1.1 *Estudo exploratório: questionários como um guia da pesquisa*

A aproximação dos jovens de Muquém ocorreu após redefinir junto com a orientadora que era necessário criar outras possibilidades de fazer a pesquisa durante a pandemia, se aproximar dos interlocutores de algum modo. Como Muquém era minha comunidade de origem e eu já tinha uma relação/aproximação com alguns jovens, contei, no momento inicial da pesquisa, com a colaboração de dois narradores que me auxiliaram na elaboração da lista de nomes e contatos dos demais participantes dessa pesquisa.

Feito esse primeiro contato, elaborei em seguida um questionário eletrônico a fim de reunir dados sobre o perfil desses jovens. A aplicação de *survey* (com perguntas abertas e fechadas) do estudo foi por meio eletrônico²¹. No total, enviei mensagens para 20 (vinte) jovens. Destes, 11 (onze) jovens responderam ao questionário e manifestaram que tinham interesse em participar/colaborar com outras fases da pesquisa. Foram sete perguntas mais informações sobre dados pessoais (nome, idade, comunidade). Com relação a quantidade de participantes é importante atentar que esse número não corresponde ao total de jovens da

²¹ O questionário foi aplicado em abril de 2020. Enviei pelo WhatsApp. Link para acesso: <https://forms.gle/BsMLHy8gZqP2kFss8>

comunidade, mas aqueles que eu tive a oportunidade de acessar através do WhatsApp e que se disponibilizaram a responder o questionário no período da pesquisa.

No *survey* havia três perguntas de múltipla escolha: quais redes sociais usavam; o que mais gostavam de fazer na Internet; e, se gostariam de fazer parte de uma segunda etapa da pesquisa. As demais interrogações foram discursivas: quais aplicativos usavam com frequência; se lembravam a primeira vez que acessaram as tecnologias digitais (a Internet); se acessavam Internet sempre pelo celular ou computador; e, como era o acesso à Internet no momento (dados móveis, Wi-Fi, a cabo).

As respostas do formulário foram o ponto de partida para a pesquisa²². Todos os jovens apontaram o acesso tardio aos meios tecnológicos, bem como o encantamento com os meios digitais, quando tiveram a oportunidade de acessar à Internet pela primeira vez. Atualmente, o telefone celular, é o principal equipamento utilizado por esses jovens, para acessar a Internet. Filhos/as de agricultores/as, esses meninos e meninas, são, praticamente, a primeira geração de jovens da comunidade que acessaram esses dispositivos tecnológicos na adolescência, chegando até a auxiliar/orientar os pais, no acesso à Internet. Com relação às redes sociais que mais acessam, os jovens responderam que utilizam o Facebook, Instagram e WhatsApp. Mais de 50%, tem perfil no Facebook, sendo a primeira rede social que muitos tiveram acesso inicialmente. Entretanto, com o crescimento do Instagram e WhatsApp, eles utilizam no dia a dia mais essas duas redes sociais. Quando perguntados/as sobre o que mais gostam de fazer na Internet, a resposta unânime, entre eles/as, foi conversar com os amigos. Em seguida: acessar as redes sociais; estudar e fazer pesquisas; assistir filmes ou séries na Netflix; assistir vídeos no YouTube; ouvir músicas; e, jogar.

Ao serem questionados se lembravam quando foi a primeira vez que acessaram as tecnologias digitais (a Internet), a maioria apresentou suas memórias afetivas e o deslumbramento diante do espaço cibernético. Também destacaram, que o acesso à Internet por dados móveis, impossibilitava de fazer pesquisas, assistir vídeos longos, baixar livros, dentre outras atividades que exigem um número elevado de dados. O acesso limitado de dados faz com que a maioria acesse com mais frequência as redes sociais. Na pandemia, o acesso à Internet, entre eles, se intensificou.

O segundo questionário compartilhado com os jovens teve o intuito de aprofundar o conhecimento sobre o perfil dos jovens de Muquém e o acesso deles às tecnologias digitais.

²² O artigo “O acesso de jovens rurais às tecnologias: desafios e usos da internet na pandemia foi elaborado a partir desses dados e conversações no WhatsApp com os jovens. Apresentei no Encontro Virtual da ABCiber, em 2020. <https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2020/paper/viewFile/988/485>

Esse questionário²³ foi compartilhado em março de 2021, também pelo WhatsApp, como complemento ao questionário anterior. Enviei o segundo questionário para os mesmos jovens que responderam ao primeiro com o objetivo de mapear o perfil dos jovens dentro de marcadores socioeconômicos, mensurar o consumo cultural deles e o acesso às tecnologias digitais e ainda averiguar como as tecnologias auxiliaram nos processos educacionais durante a pandemia.

O questionário foi dividido em duas seções: 1) Perfil Socioeconômico; e, 2) Educação na Pandemia. Ao todo, foram coletadas respostas de 11 jovens (sete homens e quatro mulheres), que aderiram de forma espontânea à pesquisa. Este instrumento foi composto de 43 perguntas, que colheram informações sobre gênero, raça, escolaridade, renda familiar. A seção 1 foi composta por 36 perguntas. Nela foi abordada quais os meios de locomoção dos jovens, com quem eles moram, quais as atividades de entretenimento eles fazem no dia a dia, se frequentam o cinema e qual gênero musical mais gostam de ouvir. Também foi questionado por quais meios eles acessam as redes sociais, ouvem música e assistem filmes (se por celular, tablet ou computador, por exemplo), as condições de acesso à internet, quais aplicativos ou plataformas utilizam para ouvir música e assistir filmes.

A maioria das perguntas desse questionário foi de múltipla escolha, exceto oito: nome; idade; ano de conclusão do Ensino Médio e/ou início do Ensino Superior; profissão ou atividade que gere renda; algum grupo/coletivo ou movimento social que participa; aplicativo ou plataforma que usa para ouvir música, assistir filmes e aulas na pandemia; que dispunham de um espaço para respostas discursivas. Todas as perguntas deveriam obrigatoriamente serem respondidas para que o formulário pudesse ser finalizado e enviado. Apresento os dados do segundo questionário com perfil socioeconômico dos jovens na íntegra no Apêndice B. Aqueles de maior relevância discuto ao longo da tese.

2.1.2 *Observação oculta no Instagram*

Após definir o local da pesquisa e os 11 (onze) jovens preencherem o formulário eletrônico comecei a acompanhar de maneira mais frequente as interações deles no Instagram, rede social mais utilizada pela maioria deles. A opção por agregar a essa pesquisa essa observação dispersa e de maneira “oculta” (FERRAZ, 2019) no Instagram, teve como intuito sentir como seriam os novos passos da pesquisa no cenário pandêmico.

²³ Link para acessar ao segundo questionário: <https://cutt.ly/kz3Nqed>

O Instagram permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook e Twitter. A principal característica do Instagram quando surgiu era a instantaneidade. O usuário escolhe uma foto, aplica um filtro e/ou adiciona uma legenda (se desejar). Em seguida, faz a postagem. Nos últimos anos, muitos recursos foram sendo incorporados ao aplicativo. A partir de 2016, o Instagram criou o Stories para o usuário contar sua história de forma instantânea. A postagem nos Stories fica disponível para visualização dos seguidores por 24 horas e o usuário pode deixar visível por tempo indeterminado nos destaques do seu perfil, caso queira. Outro recurso disponibilizado é o Reels, que possibilita gravar e editar vídeos curtos. São recursos agregados ao Instagram similares aos disponíveis em outras redes sociais como TikTok e Snapchat²⁴, possibilitando uma maior aderência do público jovem. Todos esses recursos disponíveis no Instagram junto com a possibilidade de os usuários inserir músicas, dublagens, áudios em geral, divulgar um #tbt (postagens que remetem à propriedade da memória) fez com que a multimídia seja uma característica bastante presente nessa rede social.

Segundo Ferraz (2019, p. 54) “a observação oculta em mídias sociais é uma técnica capaz de coletar dados da cultura (on-line e off-line), no ambiente digital”. Essa técnica me permitiu acompanhar/observar, no segundo semestre de 2020, as rotinas dos jovens no Instagram Stories e de forma mais atenta de quatro deles. O motivo de escolher esses quatro perfis, duas mulheres e dois homens, e as postagens do Instagram Stories foi orientado pelo maior número de postagens deles no dia a dia. Os demais jovens não publicavam com frequência nas redes sociais e os quatro escolhidos também faziam poucas divulgações no feed.

Era predominante entre quatro narradores da pesquisa (Arthur, 22; Maria, 20; Otávio, 25 e Vitória, 21) o uso do Stories. Os conteúdos compartilhados em geral pelos quatro no feed eram imagens pessoais publicadas com pouca frequência. No Instagram Stories, dois tinham maior presença e compartilhavam frequentemente memes, histórias religiosas com conclusões moralistas, humor e informações consideradas como sendo de interesse público, algumas pautadas por perfis de jornais como O Povo Online²⁵. A exemplo, temos: conteúdos

²⁴ São dois aplicativos centrados na produção de vídeos curtos. O TikTok é o mais popular e considerado o ‘crack dos algoritmos’. Superou o Facebook, Instagram, YouTube e Snapchat. Em setembro de 2021, disse ter atingido mais de 1 bilhão de usuários mensais ativos, tornando-se uma das maiores redes sociais do mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c29jypee9peo>. Acesso em: 03 mar. 2023.

²⁵ Um dos principais veículos de notícias do estado do Ceará: <https://www.opovo.com.br/conhecaopovo/>.

relacionados às medidas de prevenção à Covid-19; e, atualizações sobre o reality show Big Brother Brasil²⁶.

A observação dos quatro perfis no Instagram foi acompanhada de *printscreens* (capturas de tela) do conteúdo digital publicado pelos jovens no período de três meses (novembro de 2020 a janeiro de 2021). A amostra reuniu nesse período 374 postagens do Instagram Stories. No Capítulo 4 analiso essas Histórias publicadas.

2.1.2.1 *Os jovens narradores da pesquisa: Breve apresentação*²⁷

Os participantes dessa pesquisa, os quais denomino de narradores, são onze jovens com faixa etária entre 20 e 28 anos, oriundos da comunidade rural Muquém, localizada na região norte do estado do Ceará, no Nordeste. É válido salientar que dois desses jovens moram em comunidades rurais vizinhas, Aroeiras e Jaibara. O motivo desses dois jovens terem sido incluídos no estudo é que eles foram indicados no procedimento bola de neve, são assíduos nas atividades de Muquém e se sentem pertencente à comunidade. Conforme citei anteriormente, os moradores de quatro comunidades – Aroeira, Jaibara, Jaçana e Tourão, vizinhas à Muquém, participam assiduamente de atividades educacionais, culturais, esportivas e religiosas que acontecem no cotidiano.

Os jovens narradores dessa pesquisa nasceram no meio rural, sendo que seis deles moram, atualmente, em centros urbanos onde trabalham e estudam²⁸. Entre os que vivem em Muquém, a maioria ajuda os pais nos afazeres domésticos e nas atividades agrícolas. Dos quatro jovens, apenas um já mora com sua companheira e trabalha por conta própria na agricultura e em um pequeno ateliê de corte e costura, empreendimento do casal. Os outros três: um não exerce atividade remunerada e dois trabalham na rede pública municipal de ensino como educadores.

Em relação a gênero, os homens estão em maioria, num total de sete. Em se tratando de raça, apenas um jovem se apresentou como preto, os demais se autodeclararam pardos, o que podemos considerar de acordo com dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que todos fazem parte da categoria de pessoas negras. O IBGE

²⁶ Conhecido popularmente como BBB, é a versão brasileira do reality show Big Brother, produzido e exibido pela TV Globo. Sua primeira edição iniciou em 29 de janeiro de 2002, com uma segunda temporada sendo exibida no mesmo ano. A partir da terceira edição, passou a ser anual.

²⁷ A apresentação dos jovens neste tópico foi escrita a partir do contexto das informações coletadas por meio do *survey* e entrevistas.

²⁸ Dois estão no mercado de trabalho e quatro cursam o Ensino Superior. Destes, dois moram em Redenção e os demais na capital do estado, Fortaleza.

utiliza como norma a classificação “negros” para a somatória dos que se reconhecem como pretos e pardos, totalizando o total de 55,9% da população brasileira em 2022. Sobre a classificação da maioria dos jovens como pardos, vale destacar que temos um indicador de raça muito forte neste estudo. Embora não me debruce sobre os estudos de raça no Brasil, em específico no meio rural, destaco as reflexões de Silva (2018) ao analisar as relações de poder que a branquitude impõe ao classificar os povos negros de acordo com seus padrões sociais. Como a identidade racial do pardo é sempre velada, ou seja, ele nunca é explicitamente visto como negro ou indígena, existe “um processo de autodestruição que se inicia pelo ‘apagamento’ de marcas físicas (branqueamento físico, mutilações, entre outros) e psíquicas (negação de sua condição física de negro)” (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 116). Nesse sentido, é importante destacar que o fato desses jovens se autodeclararem como pardos faz parte de uma construção social e histórica e reflete também a identidade racial da comunidade.

Com relação ao grau de escolaridade, todos concluíram o Ensino Médio. Um já concluiu a graduação em Geografia. Outros jovens, mais precisamente seis, iniciaram curso superior (nas áreas de humanidades, letras, pedagogia, educação física e química). Destes seis jovens que cursam o ensino superior, dois permanecem morando na comunidade, ou seja, eles apenas se deslocam para cidades próximas para estudar e retornam para a comunidade. Um deles percorre, de moto e ônibus escolar, 56 km diariamente para chegar até o campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) em Canindé. Outro se desloca quinzenalmente, de moto, para a sede do município de Pentecoste, 36 km, para assistir aulas numa faculdade particular. É o único que paga o curso e precisou trancar devido a dificuldades financeiras. No quadro 2 apresento os/as jovens, narradores desta pesquisa. Para manter o anonimato, seus nomes foram substituídos por outros sugeridos pelos jovens na oficina “Quem sou eu na rede?”.

Quadro 2 - Jovens narradores da pesquisa

Nome	Idade	Sexo	Autodeclara	Escolaridade	Exerce atividade remunerada?²⁹	Mora na comunidade?
Arthur	22 anos	Masculino	Pardo	Ensino Superior Incompleto	Não	Não
Carlos	20 anos	Masculino	Pardo	Ensino Superior Incompleto	Não	Não
Camila	23 anos	Feminino	Parda	Ensino Médio Completo	Sim	Não
Luís	28 anos	Masculino	Pardo	Ensino Médio Completo	Sim	Sim

²⁹ Foi considerado como atividade remunerada somente as atividades de vínculo trabalhista. Não foi incluso bolsas de assistência estudantil, nem atividades domésticas. Vale salientar que como o *survey* foi preenchido em 2021, todos os dados desse quadro foram atualizados no momento das entrevistas.

Igor	26 anos	Masculino	Pardo	Ensino Superior Completo	Sim	Sim
João	22 anos	Masculino	Pardo	Ensino Superior Incompleto	Sim	Sim
Lia	23 anos	Feminino	Parda	Ensino Médio Completo	Não	Sim
Maria	20 anos	Feminino	Parda	Ensino Superior Incompleto	Não	Não
Marcos	22 anos	Masculino	Pardo	Ensino Superior Incompleto	Não	Sim
Otávio	25 anos	Masculino	Pardo	Ensino Médio Completo	Sim	Não
Vitória	21 anos	Feminino	Preta	Ensino Superior Incompleto	Não	Não

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

É válido salientar que apesar de alguns jovens (seis) não morarem na comunidade, ou seja, terem saído da comunidade para estudar e acessar o mercado de trabalho, todos no início da pesquisa viviam em Muquém. Eles participam com frequência dos encontros religiosos, alguns fazem parte do time de futebol local e até assumem posições de liderança em determinados períodos do ano, como por exemplo, os festejos da padroeira da comunidade. Todos são envolvidos nas atividades religiosas, esportivas e culturais. No período da pandemia de Covid-19, os que estavam cursando o ensino superior, passaram todo o período morando com os pais na comunidade. Esses jovens continuam transitando entre a comunidade e os centros urbanos. No período de férias, feriados e aos finais de semana, é possível encontrá-los na comunidade.

No que concerne aos dois jovens que trabalham em Fortaleza, eles possuem uma relação trabalhista formal, com carteira assinada. Ambos moram sozinhos e são os principais mantenedores de suas casas. Os outros quatro que cursam o ensino superior e que não moram na comunidade, contam com o apoio de políticas de assistência estudantil disponíveis para estudante de graduação nas Universidades, como Residência Universitária ou Auxílio Moradia. Todos os onze jovens são filhos de agricultores rurais. Seus ancestrais sempre trabalharam na agricultura e na criação de pequenos animais, mas a maioria não tem vínculos diretos com estas atividades, principalmente as mulheres.

Dentre os 11 (onze) jovens que participaram da primeira etapa da pesquisa exploratória Arthur, Maria, Otávio, e Vitória³⁰ eram os que mais postavam nos Stories, curtiam e comentavam no Instagram. A escolha desses perfis levou em consideração a presença deles na rede social Instagram no período observado. Arthur, Maria e Vitória cursam

³⁰ Para garantir o anonimato dos participantes da pesquisa, todos os nomes são fictícios e sugeridos pelos próprios jovens na oficina “Quem sou eu na rede?”. Também nenhuma imagem deles será incorporada a este trabalho. Apenas apresento as imagens do cotidiano e de cunho político.

atualmente o ensino superior e Otávio após concluir o ensino médio ingressou no mercado de trabalho. É importante destacar que no momento da coleta de dados, somente dois estavam cursando o ensino superior. Ao final da tese, os quatro passaram a morar nos centros urbanos para cursar a faculdade e trabalhar. Todos mantêm vínculos com a comunidade e retornam com frequência aos finais de semana para a casa dos pais, ou seja, são jovens que fazem um movimento contínuo entre o rural e o urbano e ainda se percebem como membros da comunidade.

Esses jovens compartilham diferentes perspectivas da sua condição de jovem rural e durante a pesquisa cheguei a pensar que essa minha escolha pelos quatro poderia ser precipitada. Ainda estava tateando na etnografia na internet e me preocupava se ia ter material suficiente para essa análise. Se as observações de quatro perfis durante três meses seriam suficientes. Contudo, quando passei a fazer a análise das Histórias coletadas nos quatro perfis percebi que não seria a quantidade de postagens o mais importante, mas o que eles traziam sobre si e seu entorno. As narrativas coletadas nos quatro perfis se complementavam com as narrativas dos outros jovens que entrevistei. Alguns até mencionaram suas interações com as histórias partilhadas nos perfis desses quatro jovens.

Arthur tem 22 anos, é solteiro, é do sexo masculino, cursa Química e mora com amigos em Redenção. Ele se autodeclara pardo. Nas horas vagas gosta de acessar às redes sociais/internet, ir à Igreja e conversar com amigos/as. Seu estilo de música predileto é sertanejo e gospel. Utiliza YouTube, Netflix e Mega HD Filmes, para assistir filmes e séries. Suas preferências são por vídeos, séries e filmes de época. Seu perfil no Instagram possui 5 postagens no feed, todas selfies, apenas um destaque com duas fotos dele, tem 1003 seguidores e segue 772 perfis³¹. Não tem pastas de destaque e compartilhou poucas histórias no período observado.

Carlos tem 20 anos, é do sexo masculino, se autodeclara pardo, cursa Educação Física, gosta de jogar bola e mora em uma Residência Universitária em Fortaleza. Nas horas vagas acessa as redes sociais/internet e conversa com amigos/as. As principais atividades de entretenimento é assistir filmes, vídeos no YouTube e conversar no WhatsApp. Seu estilo de música favorita é sertanejo e funk.

Camila tem 23 anos, é do sexo feminino, solteira, se autodeclara parda e mora sozinha em Fortaleza, capital do estado. Diferente dos demais jovens que saíram da comunidade para acessar o mercado de trabalho ou estudar, sempre teve o sonho de desbravar

³¹ Estes dados do perfil de Arthur no Instagram e dos demais jovens subsequentes foram atualizados no dia 7 de setembro de 2023.

outros territórios. Ao concluir o ensino médio e completar 18 anos, decidiu ir morar com uma prima em Fortaleza. No seu tempo livre gosta de ler, acessar às redes sociais/internet e ir à Igreja. Gosta de assistir séries e filmes asiáticos. Seu estilo de música favorita é sertanejo, funk e pop. A principal plataforma de entretenimento que acessa é Netflix.

Luís é um jovem de 28 anos, do sexo masculino, se autodeclara pardo e mora na comunidade com sua companheira. No seu tempo livre, gosta de jogar bola e conversar com amigos/as. Concluiu o ensino médio e trabalha na agricultura (cultiva hortaliças, milho, feijão e plantas frutíferas) e com corte e costura, atividade que aprendeu com sua mãe e de onde retira grande parte da renda familiar. Gosta de ouvir música sertaneja e gospel e as principais plataformas de entretenimento que acessa é YouTube e WhatsApp.

Igor tem 26 anos, é do sexo masculino, solteiro, se autodeclara pardo, é Geógrafo, professor da rede municipal de ensino e mora na comunidade com os pais e um irmão. No seu tempo livre, gosta de jogar bola, ler e acessar as redes sociais/internet. Gosta de assistir séries e seu estilo de música favorita é sertanejo e MPB. É apaixonado por futebol e tem várias redes sociais.

João tem 20 anos, é do sexo masculino, solteiro, se autodeclara pardo e mora com os pais e dois irmãos. Ele cursa Pedagogia em uma faculdade particular. Concilia o trabalho numa escola próxima à comunidade como coordenador escolar, com a criação de pequenos animais (galinhas, porcos, cabras) na propriedade familiar. No período chuvoso, auxilia o pai nas atividades agrícolas. No seu tempo livre, ele gosta de ler, ouvir músicas, ir à Igreja e conversar com amigos/as. Gosta de sertanejo e a principal plataforma que usa para ouvir música é o YouTube. As atividades de entretenimento que acessa no dia a dia são novelas, vídeos no YouTube e WhatsApp.

Lia é uma jovem de 23 anos, do sexo feminino, solteira, se autodeclara parda e mora com os pais. Concluiu o ensino médio e auxilia a mãe nas atividades domésticas. Nas horas vagas, gosta de ler, acessar às redes sociais/internet, assistir TV e ir à Igreja. As principais atividades de entretenimento que acessa no dia a dia são: novelas, vídeos no YouTube, Instagram, WhatsApp e Big Brother Brasil. Gosta de ouvir músicas sertanejas e gospel no Snaptub e YouTube.

Maria tem 20 anos, é solteira, é do sexo feminino, cursa Humanidades e mora com amigas em Redenção. Ela se autodeclara parda. Nas horas vagas gosta de acessar às redes sociais/internet, ouvir músicas e conversar com amigos/as. As músicas que mais gosta de ouvir são: sertanejo, funk, pop, rock, gospel e MPB. Seu perfil no Instagram possui 4 postagens no feed sendo 3 selfies e seis pastas de destaques com fotos de amigos, família,

momentos de lazer, leituras, filmes e videoclipes partilhados, tem 1.193 seguidores e segue 988 perfis. Adora elaborar enquetes no Instagram e interagir com os amigos/as nessa rede social. Na descrição do seu perfil inseriu a música em inglês *Night Changes* do grupo *One Direction*.

Marcos tem 22 anos, é do sexo masculino, se autodeclara pardo, cursa Educação Física, gosta de jogar bola e mora com os pais e um irmão. Além do futebol, nas horas vagas acessa jogos online e as redes sociais/internet. As principais plataformas que acessa no dia a dia são: YouTube, Instagram e WhatsApp. Gosta de ouvir música sertaneja.

Otávio tem 25 anos, é solteiro, é do sexo masculino, se autodeclara pardo e mora sozinho na região metropolitana de Fortaleza. Concluiu o ensino médio e passou longo período morando com os pais até migrar para o meio urbano para trabalhar. No seu tempo livre gosta de acessar às redes sociais/internet, assistir TV, conversar com amigos/as e ir à Igreja. Gosta de ouvir músicas sertanejo, funk e gospel. As principais atividades de entretenimento são Instagram, WhatsApp e Big Brother Brasil. Dentre os perfis dos demais jovens no Instagram ele tem o maior número de postagens no feed, um total de 69 postagens diversas. Tem nove pastas de destaques com fotos – duas foram nomeadas como Interior e Reisado e chamam atenção (são compostas por imagens de momentos na comunidade e de uma apresentação de reisado em uma comunidade vizinha), tem 1.049 seguidores e segue 816 perfis. Na descrição do seu perfil colocou o endereço do município onde os pais moram e o endereço da cidade atual onde vive com a frase: “*sou filho do mato*”.

Vitória tem 21 anos, é solteira, é do sexo feminino, se autodeclara preta, cursa licenciatura em letras e mora em uma Residência Universitária. Nas horas vagas acessa as redes sociais/internet, ler, assisti series, vai à Igreja e conversa com amigos/as. As principais plataformas de entretenimento que acessa são Instagram, WhatsApp e Netflix. Gosta de ouvir músicas sertanejas, MPB e brega aos finais de semana. Seu perfil no Instagram tem apenas 4 postagens no feed sendo 3 selfies e uma com carrossel de imagens da família, tem 1.575 seguidores e segue 3.152 perfis. Vitória é a que segue o maior número de perfis, sendo o dobro dos seus seguidores. Não tem pastas de destaque e compartilhou poucas histórias no período observado. Na descrição do seu perfil colocou o endereço do município onde os pais moram e o endereço da cidade atual onde vive.

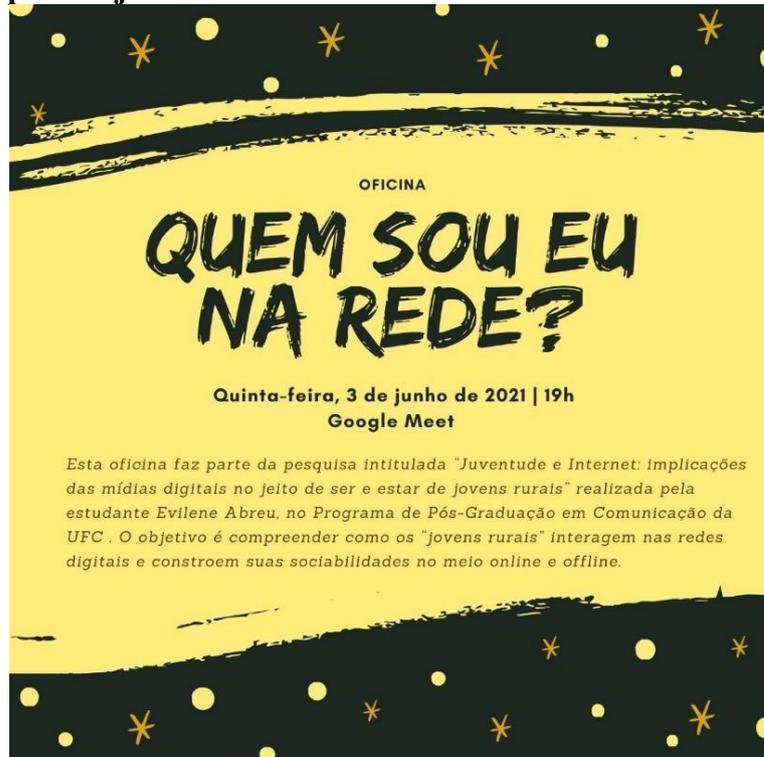
2.1.3 *Um diário de campo com múltiplos formatos*

Para Winkin (1998, p. 138), o diário é o “lugar do corpo-a-corpo consigo mesmo, ante o mundo social estudado” e que exerce tanto a função empírica quanto reflexiva e analítica. É interessante destacar que esse diário também ocorreu de forma virtual, na medida em que eu salvava as postagens e compartilhava em uma pasta específica de cada jovem com comentários. Nas anotações do diário de campo fui registrando as observações com relação às imagens/postagens publicadas por cada jovem e ao contexto vivido. No diário de campo também trago as minhas experimentações enquanto pesquisadora.

2.1.4 *Oficinando*

Para me aproximar ainda mais dos jovens de Muquém e perceber melhor como eles interagiam nas redes sociais e construía suas sociabilidades no meio online e offline, propus duas oficinas. A primeira aconteceu de forma remota e denominei “Quem sou eu na Rede?”. A segunda ocorreu de forma presencial e foi denominada “Uma cartografia de Muquém”. O objetivo da primeira oficina foi apresentar o percurso da pesquisa, ampliar a participação dos jovens na investigação, e, pensar junto com eles que lugares eles ocupam nas redes sociais, em específico no Instagram. Dentre as atividades realizadas na primeira oficina, destaca um bingo interativo realizado com o intuito de quebrar o gelo e instigar os jovens a compartilharem suas histórias, acompanhado da criação de nomes fictícios para pesquisa.

Figura 1 - Cartaz/convite da primeira oficina enviado para os jovens



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

A primeira oficina aconteceu na plataforma Google Meet e antes da realização elaborei um convite e compartilhei via WhatsApp de cada jovem que preencheu o formulário eletrônico. As duas oficinas duraram duas horas, cada uma. Na primeira, 9 (nove) jovens estiveram presentes. Na segunda, somente 6 (seis) jovens. Destaco que o convite para as duas oficinas foi estendido aos 11 (onze) jovens que preencheram o formulário e isso foi necessário para ampliar meu olhar sobre como as juventudes rurais ocupam o ambiente virtual do Instagram e interagem com seu cotidiano. Todos os presentes na primeira oficina ligaram o microfone, escreveram no chat e trouxeram contribuições. A maioria se manteve com a câmera desligada e justificaram que era devido o acesso limitado à internet. Somente eu e um jovem permanecemos de câmera ligada. A oficina foi gravada e em seguida transcrita.

Nas oficinas, assim como nas entrevistas semiestruturadas³² foi possível reunir e analisar os dados apresentados por todos. Como uma pesquisadora implicada, fui instigada a falar com os onze jovens, ouvir suas inquietações. Concluí ao longo da pesquisa que só as imagens/postagens do Instagram dos quatro jovens poderiam limitar as percepções de como eles interagiam e se socializavam nas redes sociais. Assim, as oficinas foram planejadas com o desejo de compreender as relações no online e offline.

³² No tópico seguinte apresento detalhadamente o uso desse método.

A primeira oficina³³ com os jovens iniciou com uma breve apresentação dos objetivos da atividade da pesquisa e da minha trajetória como pesquisadora. Agradei a presença deles e desejei bom encontro. Em seguida, convidei eles para participar da dinâmica de quebra-gelo – um bingo interativo elaborado por mim, cujo nome dei a essa oficina: “Quem sou eu na Rede?”. Essa oficina foi um convite indagando aos jovens sobre como eles se relacionam com as redes, ou seja, com a “*rede digital*”, “*rede social referente a internet*”, “*redes afetivas*” conforme Maria e Vitória falaram no início da oficina.

Elaborei as frases do bingo a partir da observação que fiz das Histórias publicadas pelos jovens no Instagram e amparada também nas leituras sobre os usos das redes sociais no Brasil emergente (SPYER, 2018). As frases foram as seguintes: 1) curto memes e perfis de humor para descontrair; 2) acompanha influencers e artistas e diariamente, inclusive comenta as postagens; 3) gosto de fazer enquetes no meu perfil do Instagram; 4) compartilho registro da comunidade, eventos e atividades culturais e religiosas; 5) gosto de interagir com amigos/as no privado; 6) tenho perfil em várias redes, mas apenas um é ativo; 6) apresento o que eu faço no dia a dia nas minhas redes sociais; 7) tenho a síndrome do toque fantasma, ou seja, imagino que o celular está vibrando e fico olhando com frequência; e 8) produzo conteúdo na minha rede sobre o meu trabalho, exploro as ferramentas da internet.

As regras do bingo eram preencher a cartela com sim ou não. O primeiro jogador/a escolhia duas opções. Em seguida, o jovem respondia se ele se identificava com a primeira frase e indicava a outra opção para um colega, que respondia e escolhia uma outra frase, comentava e repassava para outro participante. Outra regra do jogo é que ele era cooperativo, ou seja, todo o coletivo vencia, caso atingisse a meta de no mínimo 70% e todos os presentes na oficina falassem pelo menos uma vez. Dessa forma, todos interagiram e foi possível ouvir cada um. Essa dinâmica foi importante para ter uma noção do que eles publicam em suas redes sociais, em específico no Instagram.

³³ Essa oficina ocorreu de forma remota no dia 3 de junho de 2021.

Figura 2 - Imagem do Bingo Quem sou eu na Rede?

Bingo Quem sou eu na Rede?

Gosto de interagir com amigos/as no privado	Minhas postagens são sobre política e outros assuntos que estão em pauta na mídia	Produzo conteúdo na minha rede sobre o meu trabalho, exploro as ferramentas da internet	Acompanho influencers e artistas diariamente, inclusive comento as postagens	Curto memes e perfis de humor para descontrair
Tenho a síndrome do toque fantasma, ou seja, imagino que o celular está vibrando e fico olhando com frequência	Apresento o que eu faço no dia a dia nas minhas redes sociais	Tenho perfis em várias redes, mas apenas um é ativo	Gosto de fazer enquetes no meu perfil do Instagram	Compartilho registros da comunidade, eventos e atividades culturais e religiosas

Fonte: Elaborada pela autora (2021).

As frases que inseri no jogo foram resultado das minhas observações ao longo da pesquisa³⁴. Partindo dessas observações, esperava que os jovens se identificassem e trouxessem de forma lúdica suas impressões. O objetivo do jogo foi atingido. O segundo momento da oficina foi a contação da história de vida de cada um. Mesmo todos os participantes se conhecendo, morando na mesma comunidade, eles acolheram bem essa atividade orientada a partir de três tópicos: falar sobre a história do nome, significado; lembrança de um colega ou uma colega que deixa saudades; uma lembrança de algum professor/a, um gesto ou uma fala que marcou. A lembrança do colega não necessariamente teria que ser uma história de luto, somente se eles se sentissem à vontade. Eles também podiam se sentir à vontade de compartilhar a história oral ou escrita. Dos 9 (nove) participantes, 7 (sete) compartilharam suas histórias. 2 (dois), devido às dificuldades da internet, não concluíram essa atividade.

A contação da história de vida foi um momento de partilha e de conexão com a história do outro, de elaboração dos nomes fictícios para usarmos na pesquisa. Logo no início dessa atividade fui interpelada por uma jovem se eu ia também contar a minha história ou se seriam somente eles. De fato, eu não tinha incluído no planejamento que faria parte desse momento, visto que estava mediando a oficina. Entretanto, no momento que fui questionada, de prontidão respondi que sim. Afinal, é possível em uma pesquisa de abordagem etnográfica também compartilhar nossos horizontes para fortalecer nossas relações com os pesquisados.

³⁴ No capítulo 4 discuto como cada jovem se identificou com os componentes do bingo e como eles vão construindo seus modos de ser e estar nas redes sociais.

[...] a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as dele se assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, comum a pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009, p. 135).

Nesse sentido, penso que contar minha história de vida para os jovens contribuiu para fortalecer os laços afetivos e as relações de confiança entre nós. Cada participante teve em torno de 6 (seis) minutos para contar sua história. Em seguida, realizei a avaliação da oficina e encerrei perguntando aos jovens se eles tinham interesse de participar de outros momentos como estes. A maioria respondeu que sim e expressaram a alegria do encontro³⁵.

A segunda oficina *Uma cartografia de Muquém*³⁶ ocorreu na comunidade e foi motivada pela banca de qualificação. Nessa oficina eles foram convidados a fazerem uma cartografia da comunidade, um mapa identificando os principais pontos que na visão de cada um são importantes para construção do lugar. O mapa poderia ser construído de forma escrita ou desenho. Distribui canetas e folhas para que pudessem trazer inicialmente três lugares que compõem a memória afetiva deles e que consideram importante para a história da comunidade.

Em seguida, eles descreveram mais sobre esses lugares e apresentaram no coletivo os desenhos. Para quebrar o gelo, começamos o encontro com a partilha de músicas que eles gostam. A música Passarinhos do Emicida, foi sugerida por uma jovem. Os demais não sugeriram nenhuma música, mas relataram que gostavam. A oficina teve duas horas e ocorreu no pátio da Igreja da comunidade. A atividade ocorreu ao ar livre no horário combinado com os jovens. Após a oficina, a maioria foi para o jogo de futebol.

2.1.5 Entrevistas semiestruturadas

Para ampliar a compreensão sobre o consumo midiático e cultural dos jovens, realizei entrevistas-semiestruturadas de cunho antropológico (GUBER, 2004) com os onze jovens. Esse tipo de entrevista caracteriza-se como uma das técnicas mais apropriadas para conhecer o universo de significações do objeto estudado. Foi por meio dela que ampliei a reflexividade no campo e a observação sobre as interações dos jovens tanto no modo on-line

³⁵ No tópico 4.1 apresento detalhes da avaliação e das falas dos jovens.

³⁶ Essa oficina ocorreu dia 5 de março de 2022. Participaram 6 (seis) jovens. Os 11 (onze) foram convidados, mas nem todos puderam participar. Dois deles comunicaram com antecedência que não estariam na comunidade, devido o trabalho. Os demais por motivos de deslocamento, chuva e rio cheio informaram após a oficina a ausência.

como off-line. As entrevistas ocorreram em março de 2023 e todas foram presenciais. Cada entrevista durou em média uma hora, totalizando cerca de doze horas. Estas foram transcritas e foram importantes para aprofundar a análise deste estudo e perceber as relações deles com as tecnologias digitais, com a mídia. Foi importante as entrevistas para confrontar os dados observados por meio da rede social Instagram.

Um outro ponto relevante que ponderei para entrevistar todos os jovens foi que a instantaneidade da comunicação tecnológica faz com que os materiais que coletamos em uma pesquisa a partir das redes sociais possam parecer insuficientes e/ou supérfluos, na medida que os usuários vão alterando suas publicações. Eles podem apagar, sair da rede social e/ou deixar o conteúdo oculto dependendo do momento em que estejam vivendo.

Sibilia (2003, p. 07) concluiu a partir de estudos sobre diários pessoais publicados na Web por usuários do mundo inteiro, tanto no formato dos *blogs* ou das *webcams*, que “as novas práticas comunicativas que florescem nos cenários digitais podem inaugurar interessantes trocas intersubjetivas. Do mesmo modo, nesses cenários podem fermentar – e provavelmente já estejam fermentando – outras formas de subjetivação”.

Em uma conversa com Maria, por exemplo, ela me falou que arquivou suas fotos divulgadas no feed, a maioria eram selfies. Quando perguntei o motivo, ela respondeu: “Eu desativei minhas fotos. Tava pensando em postar umas coisas diferentes. Tipo paisagem ou frases. Mas não sei se vou, acho que vou criar uma conta para isso, um dia”. Alguns meses depois, Maria divulgou novamente suas imagens, três delas permaneceram selfies.

Neste contexto, considero que é importante quando fazemos uma etnografia na internet nos aproximarmos do universo dos perfis que acompanhamos e observar para além do conteúdo exposto. Existem fatores que são particulares a cada usuário, mas é preciso considerar também os fatores externos que podem interferir nessa prática comunicativa, como por exemplo, as novas configurações que a rede social disponibiliza, o círculo de amizade, as vivências de cada usuário. Maria quando falou que estava querendo “postar umas coisas diferentes” estava fazendo um curso básico de fotografia. Também ainda estava no período de isolamento social devido a pandemia de Covid-19 e não tinha ingressado na Universidade. Durante a entrevista, pude averiguar que tudo isso acarretou esse desejo dela de usar a rede social Instagram para criar outro tipo de conteúdo.

3 MUQUÉM: MEMÓRIAS E PERCEPÇÕES DOS JOVENS

Será que o sol sai pra um voo melhor?
 Eu vou esperar, talvez na primavera
 O céu clareia, vem calor
 Vê só o que sobrou de nós e o que já era
 Em colapso o planeta gira, tanta mentira
 Aumenta a ira de quem sofre mudo
 A página vira, o são delira, então a gente pira
 E no meio disso tudo, 'tamo tipo...
 Passarinhos
 Soltos a voar dispostos
 A achar um ninho
 Nem que seja no peito um do outro
 (PASSARINHOS³⁷, 2015).

Apresentar a comunidade de Muquém e como ela se insere na sociedade contemporânea é, de certo modo, analisar como essa comunidade foi se constituindo, os acontecimentos cotidianos e as relações que vão compondo sua história e sua dinâmica territorial, ou seja, as “fronteiras” demarcatórias que atravessam esse lugar. As dificuldades de morar em uma comunidade rural no Nordeste brasileiro ainda hoje, são diversas: secas prolongadas, vias de transporte carroçáveis, falta de abastecimento de água, iluminação, dentre outras. Seus moradores, em especial os jovens, têm suas vidas atravessadas pela escassez de água, dificuldade de acesso a novas tecnologias, à cultura, à educação de qualidade, ao mercado de trabalho e ao lazer. É fato que suas narrativas também são atravessadas por muita resiliência.

Portanto, a elaboração deste capítulo é resultado da segunda oficina que fiz com os jovens, denominada *Uma cartografia de Muquém* e das conversas/entrevistas ao longo da pesquisa. Durante a construção do mapa afetivo da comunidade, os jovens trouxeram suas vivências na comunidade e lançaram luz a fatos da história do lugar, que alguns eu também vivi, mas que estavam adormecidos. Essa elaboração da história do lugar de maneira coletiva, como bem ressalta Ecléa Bosi (1994, p. 407) “faz o passado reviver com um frescor que não encontraríamos na evocação solitária”. Assim, foi a partir desse exercício de recordar as experiências de cada um em Muquém que eles mergulharam nas memórias e registraram a maioria de forma escrita, os principais pontos que conectam os moradores da comunidade e até visitantes. “Muquém tem história³⁸” foi a primeira afirmação do jovem Carlos durante a

³⁷ Essa música foi apresentada pela jovem Maria na oficina *Uma cartografia de Muquém*.

³⁸ Fala do jovem Carlos no encontro para construir o mapa afetivo da comunidade de Muquém, no dia 5 de março de 2022.

oficina para elaborar o mapa afetivo da comunidade e é a partir também dessa afirmação dele que conduzo a escrita deste capítulo.

Na contextualização, que segue, faço um breve recorrido por aspectos geográficos e sociais de Muquém, a dinâmica territorial do lugar e o processo de reconhecimento de uma parte comunidade como território do município de Apuiarés. Antes fazia parte do município de Pentecoste. Busco contextualizar como a chegada das tecnologias digitais, da internet foi tecendo uma outra dinâmica nas relações entre os jovens da comunidade.

Destaco que não se trata de traçar uma linha cronológica da inserção de Muquém na sociedade em rede, da história da comunidade, mas sim revelar como se sustentam o consumo cultural dos jovens de Muquém na sociedade contemporânea, em permanente mudança. Aqui também não proponho fazer uma discussão aprofundada sobre esse processo demarcatório do território municipal que está ocorrendo. Trago apenas alguns fatos que foram apontados pelos narradores da pesquisa em algum momento e que considero pertinente para entender as relações comunicacionais e o cotidiano do lugar.

Além do contexto sobre a comunidade abordo as percepções dos jovens sobre si e um breve panorama dos estudos com jovens em contextos rurais na área de comunicação. Pesquisas com “juventudes rurais” são constantemente associadas ao problema da “migração do campo para a cidade” (CASTRO, 2005) ou em alguns casos abordam à identidade camponesa. Na área de Comunicação, os estudos com jovens rurais, sobretudo relacionados ao uso das tecnologias de informação e comunicação, ainda são poucos. Alguns dos motivos para essa baixa produção é a dificuldade de acessar esses lugares, conforme apontei no capítulo de introdução.

Refletir sobre a migração desses jovens é extremamente relevante e até perpassa às trajetórias dos narradores dessa pesquisa e a minha própria história. Entretanto, minha tentativa é falar a partir do contexto dos jovens de Muquém, sobre a reversão do quadro de migração do campo para a cidade da juventude, estimulado tanto pelas políticas de reforma agrária implementadas desde 1985, quanto pelo avanço na mobilidade entre campo e cidade (ABREU, 2015).

Nesse trabalho, escolhi focar nas mobilidades desses sujeitos e como eles ainda continuam se sentindo parte da comunidade mesmo morando fora dela para acessar o mercado de trabalho ou estudar. Considero que o processo migratório vivido pelos jovens de Muquém é particular a uma parcela da população denominada de juventude rural.

No passado, migrar representava exclusão e trazia ressentimentos; posteriormente, passou a significar melhores condições de vida [...]. Hoje, alguns jovens que “experimentaram” as aventuras e amarguras do movimento migratório redefinem e (re)constróem conceitos e representações que povoam, conflituosamente, sua matriz cultural, passando a valorizar a sociabilidade das comunidades rurais (STROPASOLAS, 2002, p. 257).

A mudança de perspectiva no processo migratório é também motivada pelo avanço nos meios de transporte e acesso às novas tecnologias de informação e comunicação no meio rural. A compreensão dessa nova dinâmica que entrelaça o cotidiano rural pode ser vista nas redes sociais, quando os jovens divulgam o local onde se encontram e/ou apresentam imagens que, quase sempre alternam entre urbano e rural. Também quando eles mesmo morando em outro lugar, ainda se consideram parte desse território, como “filho do mato”.

A imbricação dos espaços rurais e urbanos possibilitaram diversas transformações socioculturais no cotidiano dos jovens rurais estimuladas também pelo desenvolvimento da internet e das mídias digitais que se intensificou ao longo do século XX e notadamente neste início do século XXI. Entretanto, interrogo em que medida essas investigações com jovens do contexto rural vão além de suas identidades, enquanto camponeses ou agricultores. Seriam esses jovens problematizados e compreendidos em suas constituições culturais ou estariam as pesquisas preocupadas mais com os processos de migração? As categorias “jovem rural” e/ou “jovens do campo” dão conta da diversidade de jovens que moram nos territórios rurais brasileiros? Nunes (2019, p. 127) revelou em sua pesquisa ao analisar a relação de jovens rurais com a identidade campesina exposta na mídia, é que “nem todo jovem rural é camponês” e “que o trabalho no campo não se resume a agricultura familiar”. São tantas as singularidades desses sujeitos e o campo estão tão rurbanizado que precisamos ir além desses estereótipos.

A sociedade contemporânea, em específico os jovens, têm mais acesso à educação e as tecnologias. O leque de relações com os dispositivos tecnológicos vem ampliando cada vez mais os processos comunicacionais. Como ressalta Martín-Barbero (2008, p. 13), “estamos, assim, diante de juventudes cujas sensibilidades respondem, não só, mas basicamente, as alternativas de socialidade que permeiam tanto as atitudes políticas quanto as pautas morais, práticas culturais e gostos estéticos”.

Com isso, também a ideia do rural associado à tradição e aos costumes humanizados e naturais, em oposto à cidade, como o lugar do progresso e da modernização, como bem ressaltou Williams (1989), se modifica na atualidade. Os espaços de socialização se tornam, cada vez mais, diversos e acessíveis para as juventudes, entre estas aquelas que

moram em comunidades rurais. Elas se movem entre o campo e a cidade, conectadas com os sons, ruídos, gostos e gestos que atravessam cada sujeito em suas idas e vindas ao campo e/ou a cidade e vice-versa.

3.1 Estudos com jovens rurais na Comunicação

Os estudos sobre juventude e consumo midiático em tempos de convergência apontam que, mesmo em realidades relativamente afastadas dos grandes centros urbanos, são recorrentes os padrões de consumo midiático entre os jovens e que estes produtos midiáticos se integram aos seus cotidianos tanto pelos meios de comunicação tradicionais quanto pelas redes sociais digitais, propiciando que alguns jovens transitem entre o local e o global (MARQUES; MACHADO TOALDO; JACKS, 2018). Assim, na intenção de elencar as pesquisas sobre as relações de jovens rurais com as tecnologias digitais, fiz no início do doutorado, um levantamento panorâmico de dissertações e teses acerca do tema nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. O intuito foi selecionar trabalhos que pudessem contribuir com essa pesquisa. O levantamento bibliográfico partiu dos estudos disponibilizados no Portal da Capes na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do IbiCT durante cinco anos (2014-2018³⁹). Também analisei a pesquisa bibliográfica⁴⁰ de Jacks, Wottrich e Libardi (2019) sobre estudos referentes à comunicação, desenvolvidos nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia brasileiros entre 2000 e 2018. Analisei um corpus constituído por 2.312 pesquisas, entre teses e dissertações.

Nesse percurso, levei em consideração os procedimentos e limites dos estudos denominados de “Estado da arte” de Romanowski e Ens (2006). Inicialmente, defini os descritores do estudo e o local onde seria feita a pesquisa. Os procedimentos que usei para este levantamento foram: definição dos descritores para direcionar as buscas a serem realizadas; escolha dos bancos de pesquisas, teses e dissertações; estabelecimento de critérios para a seleção do material do *corpus* do estado da arte; levantamento de teses e dissertações catalogadas; leitura do título, resumo e palavras-chave; elaboração de campo semântico e quadro-síntese das pesquisas; análise e elaboração deste capítulo sobre o panorama de estudos sobre juventudes rurais e tecnologias digitais no Brasil.

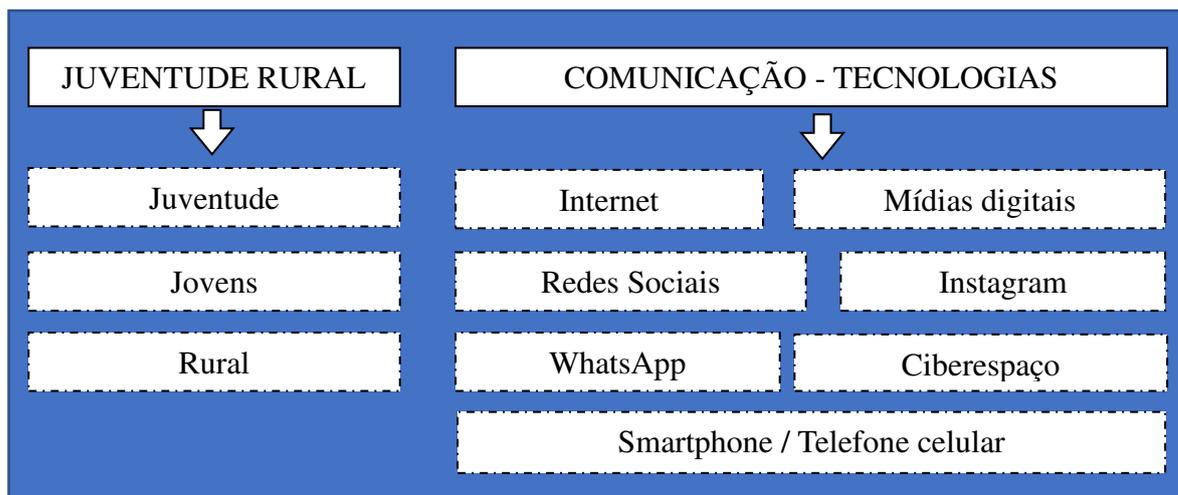
³⁹ Esse recorte e o levantamento bibliográfico foram feitos no primeiro ano do doutorado, em 2019. Considerei os últimos cinco anos em que estive afastada do meio acadêmico para aprofundar e conhecer o universo dessa pesquisa. Foi importante para guiar as escolhas feitas nos anos seguintes da pesquisa.

⁴⁰ Banco de teses e dissertações defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia brasileiros entre 2000 e 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/1195>.

A coleta do material no Portal da Capes foi feita em dois momentos⁴¹. Primeiro, pesquisei trabalhos com os descritores: “Juventude Rural”, “Comunicação” e “Tecnologias” e, obtive um total de 1.446 resultados - 352 teses de doutorado e 1.094 dissertações de mestrado. Considerando o número elevado e que a prioridade eram estudos com “jovens rurais”, realizei uma segunda busca apenas com a palavra-chave “Juventude Rural”. Encontrei 99 pesquisas e, destas, 25 teses de doutorado e 74 dissertações. Entretanto, nem todas foram analisadas neste trabalho, visto que muitos estudos apontaram que eram pesquisas com jovens, mas não tratava a “juventude rural” e suas relações com as tecnologias digitais, um dos critérios do estudo.

Além das pesquisas abordarem esse tema, criei um arcabouço de palavras apresentadas na figura 3 que poderiam fazer parte do campo semântico das palavras-chave “Juventude Rural”, “Comunicação” e “Tecnologias”. Defini os seguintes campos semânticos abaixo e eles foram a base para selecionar as pesquisas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação analisados nesta pesquisa a partir das palavras-chave definidas pelos autores. A maioria dos estudos selecionados apresentaram a palavra-chave “juventude rural” e/ou seu campo semântico – juventude, jovens, rural, com exceção para o estudo de Rodrigues (2014) que ele destaca “comunidades rurais” e que considerei importante por investigar, por meio da audição radiofônica, a importância do rádio no cotidiano dos moradores de Vila Brasil, na região do Rio Arapiuns, em Santarém, no Pará.

Figura 3 - Campo semântico do estudo



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Destaco que, quando lancei a pesquisa no banco de teses da Capes somente com a palavra-chave “juventude rural”, apenas dois estudos apresentaram essa palavra-chave: minha

⁴¹ Fiz esse levantamento no dia 20 de maio de 2019.

pesquisa de mestrado (ABREU, 2015) e Silva (2014) que analisou em sua tese de doutorado o atravessamento de sentidos e narrativas televisivas no meio rural mineiro. Na minha pesquisa de mestrado, analisei as relações que os jovens do assentamento rural Barra do Leme tinham com a comunicação audiovisual. A análise da pesquisa bibliográfica elaborada por Jacks, Wottrich e Libardi (2019) em Programas de Pós-Graduação em Antropologia brasileiros seguiu a mesma estratégia usada no banco de teses da Capes. Pesquisei inicialmente a palavra-chave “juventude rural”; como não obtive nenhum resultado, optei por usar as palavras “juventude” e “rural” separadas por fazerem parte do campo semântico elaborado. Assim, obtive um total de 2.312 pesquisas disponíveis – 10 pesquisas com a palavra “juventude” no título e 16 com a palavra “rural”. A maioria destas pesquisas observadas no campo da antropologia, mesmo sendo sobre juventude e rural, não abordavam as relações dos jovens rurais com as tecnologias digitais.

3.2 Dissertações e Teses na Pós-Graduação em Comunicação

Na pesquisa de mestrado⁴², fiz um levantamento acerca do conceito de juventude e como foram se constituindo as pesquisas sobre “juventudes rurais” no Brasil. Agora, busquei atualizar os estudos que foram realizados sobre as relações de jovens rurais com as tecnologias no campo da Comunicação e observei que é um campo ainda em construção. A partir das palavras-chave, leitura dos resumos e dos objetivos de cada pesquisa, conclui que, de um universo de 74 dissertações, somente 16 abordavam os processos de socialização, comunicação e interação de jovens com as tecnologias.

Conclui que, dentro desse universo, ainda são poucos os estudos com jovens em contextos rurais, mas o mapeamento desse campo de pesquisas sobre juventude com comunicação e tecnologias foi importante para balizar as pesquisas com estes sujeitos. Os estudos sobre os jovens millenials (CRUZ, 2018), booktubers (SALLES, 2018), produção sociopolítica do ativismo digital (SILVA, 2018), autorrepresentação de adolescentes no Instagram (FANTONI, 2017) estão entre os estudos que, mesmo não sendo com jovens em contextos rurais, são fundamentais para o arcabouço teórico de pesquisas com jovens rurais. Os diversos fenômenos comunicacionais e sociais atuais e abordados nestas pesquisas também contribuem para compreensão de como os jovens de comunidades rurais habitam os territórios virtuais. Com o avanço da internet e das tecnologias digitais, os jovens do meio

⁴² Ver o capítulo 4 **Reflexões acerca do conceito de juventude** da minha Dissertação de Mestrado publicada em julho de 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14623>. Acesso em: 16 fev. 2022.

rural também lidam com mídias diversas, e conhecer os resultados das pesquisas com esse viés no meio urbano foi importante para fundamentar essa pesquisa.

No quadro 3⁴³ apresento um resumo das pesquisas de mestrado que trabalharam com jovens rurais e tecnologias digitais. É possível perceber através das palavras-chave e objetivos a importância dessas pesquisas para esse estudo que trata sobre os processos comunicacionais de jovens rurais na sociedade em rede (CASTELLS, 2003).

Quadro 3 - Dissertações de Mestrado sobre juventude e tecnologias digitais

Autor / Ano	Palavras-chave	Objetivos
Cesar, 2014	Processos Midiáticos; Uso e Apropriação da Internet; Rural; Jovens	Analisar o uso e apropriação da Internet por jovens de uma área rural no interior do estado de São Paulo
Moura, 2014	Smartphone; Interações; Sociabilidades; Conversação; Jovens	Revelar como se dão os usos e apropriações do smartphone na relação dos jovens com o aparelho e a existência e delimitação das transformações em seu modo de vida, em sua identidade social, por meio da conversação mediada por essa plataforma móvel
Mola, 2014	Comunicação; Juventude; Meios digitais; Igreja Católica	Avaliar as estratégias comunicacionais da instituição católica no Brasil direcionadas à juventude, seu potencial comunicativo ao sediar o maior evento católico do mundo, o perfil do jovem católico conectado aos meios digitais e as possíveis disparidades entre o que a Igreja fornece em termos de comunicação e as demandas do público jovem inserido na comunidade eclesial ou a ser evangelizado por ela
Dutra, 2014	Celular. Classe Social. Consumo Cultural. Juventude.	Identificar como os jovens da fração baixa da classe popular distinguem-se uns dos outros pelos usos do aparelho móvel no espaço escolar
Rodrigues, 2014	Recepção; Rádio; Comunidades rurais; Amazônia paraense; Comunicação	Investigar, por meio da audição radiofônica, a importância do rádio no cotidiano dos moradores de Vila Brasil, na região do Rio Arapiuns, em Santarém - Pará
Capomaccio, 2014	Narrativas; Juventude; Consumo; Mídias; Sustentabilidade	Interpretar o consumo, o cuidado com o meio ambiente e formas de consumo sustentável por meio das narrativas juvenis
Barbosa, 2014	Participação Política; Engajamento Cívico; Juventude; Internet	Investigar o papel da internet nas ações de participação política e engajamento cívico dos jovens integrantes da rede Virajovem
Sousa, 2015	Comunicação. Juventude. Processos Midiáticos, Mídias Digitais	Estudar a evolução dos conceitos de „geração“ e „juventude“, dando destaque especial à realidade da América Latina e as suas especificidades socioculturais.
Abreu, 2015	Processos artísticos e comunicacionais; juventude rural; cartografia.	Compreender como os processos artísticos e comunicacionais (re)inventam os modos de ser dos “jovens rurais”, que assim como os “jovens urbanos” convivem com as contradições e adjetivações que envolvem a temática “juventude”
Tondo, 2016	Afetos; Consumo; Juventude; Telefones Celulares; Sociabilidade	Investigar o consumo de smartphones entre os jovens moradores de uma comunidade popular localizada na região oeste de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul

⁴³ O quadro 3 reúne dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil no período de 2014-2018 elencadas pela autora no Portal da Capes na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Ibtct (BDTD).

Igreja, 2016	Jovens; Smartphone; Murutucu; Urbano-rural; Interação	Analisar as formas que se estabelecem as interações mediadas pelo smartphone entre jovens moradores da ilha de Murutucu, localizada no município de Belém, estado do Pará, que vivem em uma realidade marcada pela transição entre urbano e rural na Amazônia paraense
Fantoni, 2017	Comunicação; mobilidade; juventude; redes sociais; Instagram	Compreender de que forma os adolescentes de Porto Alegre/RS representam a si mesmos no Instagram e como as propriedades da rede social – isto é, a instantaneidade na captura e compartilhamento de imagens e a orientação estética do aplicativo – atuam sobre a comunicação desses sujeitos
Martins, 2018	Comunicação; Interatividade; Porvir; Ciberespaço; Educação	Analisar a proposta de comunicação do website Porvir, abordando também a óptica da interatividade nos espaços de conversação estabelecidos pelo Portal
Silva, 2018	Mídias sociais; Juventudes negras; WhatsApp; Ativismo digital	Analisar a produção sociopolítica do ativismo digital negro por meio da observação do uso do aplicativo WhatsApp pelo grupo “Juventude Negra Kalunga”
Cruz, 2018	Millenials; mudança-social; juventude; geração e modernidade	Compreender como os jovens millenials, nascidos entre os anos 1980 e 2000, lidam com a pouca adesão à mudança social
Salles, 2018	Booktuber; rede social, web; interação digital; juventude	Analisar as interações sociais de booktubers, canais literários criados inicialmente por jovens leitores

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Com relação às teses de doutorado, resalto seis estudos elencados no quadro 4⁴⁴ sobre as diversas multiplicidades de abordagens do tema no campo da comunicação. Todas as teses apresentam, a partir de vieses diferentes, as relações de jovens na contemporaneidade com as tecnologias. A exceção são os estudos de Silva (2014) sobre as narrativas televisivas de jovens rurais mineiros e de Borges (2017) que traça um mapa narrativo das ruralidades presentes nos subúrbios do Rio de Janeiro. Estas duas abordagens de estudo possibilitam pensar na composição dos estudos acerca do tema, que transita entre o rural e o urbano, e que vai se constituindo a partir de diversos diálogos e da interação com vários meios de comunicação.

Quadro 4 - Teses de Doutorado sobre juventude e tecnologias digitais

Autor / Ano	Palavras-chave	Objetivos
Silva, 2014	Narrativas Televisivas. Grupo de Discussão; Juventude Rural; Interlocuções Midiáticas	Compreender qual a interlocução que se estabelece entre narrativas televisivas não-rurais e uma juventude no meio rural mineiro
Leonardi, 2014	Comunicação, autorrepresentação, juventude, adolescência, Facebook, sites de redes sociais	Compreender como as jovens adolescentes guarapuavanas se autorrepresentam em seus perfis no Facebook

⁴⁴ Esse quadro reúne teses defendidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil no período de 2014-2018 elencadas pela autora no Portal da Capes na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Ibict (BDTD).

Seligman, 2016	Juventude ; Consumo; Representações de si; Videoclipe; Afetividade	Observar o comportamento online manifestado no Site de Redes Sociais Facebook, de jovens que residem no estado de Santa Catarina e têm entre 15 e 24 anos. O objetivo foi analisar atributos da cultura juvenil ligada a esse grupo por meio de suas postagens e interações em relação ao consumo de bens culturais
Borges, 2017	Comunicação ; Rio de Janeiro; Ruralidades; Comunicação Comunitária; Feiras Orgânicas; Subúrbio	Traçar um mapa narrativo por entre subúrbios e serras do Rio de Janeiro, buscando perceber o que é vincutivo nas relações
Barroso, 2018	Rural ; Interações; Modernidade; Televisão; Mídia	Identificar e analisar as possíveis transformações ocorridas no cotidiano midiático e nas interações sociais da comunidade rural de Pau D'arco, localizada no sertão do interior do Piauí, a partir da instalação da eletricidade através do Programa Luz para Todos
Ortiz, 2018	Cognição; Estudos de internet; Cibercultura; Juventude ; Tecnologias de Informação e Comunicação	Conhecer as adoções jovens das multiplataformas conectadas à internet e de que maneira essas práticas dialogam com os conceitos da cognição inventiva.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A quantidade de teses e dissertações encontradas na BDTD revela a timidez de pesquisas que visem compreender as relações de jovens rurais com as tecnologias digitais. Diante do exposto e dos dados levantados, posso inferir que são muitos os desafios para a construção de pesquisas acerca do tema. Entendo que, dentre as dificuldades, o acesso às comunidades rurais é relevante. Entretanto, penso que existem outros fatores sociais, econômicos e políticos que também dificultam a realização de pesquisas com jovens de comunidades rurais no Nordeste, como a chegada tardia das Universidades, o baixo investimento em pesquisa desse cunho e os estereótipos ainda relacionados a região, vista ainda como um lugar atrasado. Com isso, as pesquisas relacionadas ao tema tornam-se mais presentes com jovens que vivem no meio urbano.

3.3 “Eu sou filho do mato⁴⁵”: percepções dos jovens sobre si

A escolha de ampliar as vozes dos narradores da pesquisa para que eles mesmos falassem sobre suas inquietações e os rastros de suas histórias de consumo cultural nos meios digitais foi inspirada também nas reflexões de Groppo (2016) sobre a realização de pesquisas com jovens. Assim como o autor “penso que as juventudes têm grande capacidade de falar sobre si mesmas, talvez até melhor” (GROPPO, 2016, p.38). Nem todos os jovens de comunidades rurais, veem na agricultura e/ou no campesinato sua principal fonte de trabalho. O jovem Otávio saiu da comunidade após concluir o ensino médio para ter uma renda, visto

⁴⁵ Faz parte da descrição do perfil de Otávio no Instagram.

que as oportunidades tanto de trabalho quanto outros direitos básicos como educação e saúde ainda são escassos em Muquém. Na sua própria descrição do Instagram afirma: “Sou filho do mato”. Busquei saber o que lhe motivava essa apresentação. Ele complementou:

Eu sou filho do mato. Sou filho de histórias, lutas, aprendizados, valores e cultura. Eu amo o meu lugar, embora as circunstâncias não me deixem ir com frequência. Eu uso esta frase como demonstração de amor e saudades do meu lugar (OTÁVIO, 2023).

Percebi que essa afirmação de Otávio converge com o pensamento da maioria dos narradores da pesquisa, mesmo eles não usando essa mesma expressão. A jovem Maria, que também mora num centro urbano para cursar a faculdade, disse que não se vê como jovem rural ou jovem do campo, enfatiza os desafios de ser jovem, principalmente quando é de uma comunidade rural.

Sou apenas uma jovem. Não entendo por que essa denominação de jovem rural, pois eu sou apenas uma jovem como qualquer outro com meus anseios, desejos, dúvidas e sonhos. A diferença é que moro em uma comunidade rural e eu percebo o quanto que o mundo é projetado para que pessoas que são do meio rural tenham mais dificuldade de conseguir coisas, o quanto é mais difícil para mim para estar numa universidade do que para outras pessoas entendeu?! Para mim, no contexto de uma jovem do interior, tipo, eu saio de casa duas horas para pegar um ônibus, a estrada é ruim, o negócio é ruim e tem gente que tipo já é lá de uma cidade perto que vem de carro, tem uma família que já mora lá perto (MARIA, 2023, p. 189).

Tanto Otávio quanto Maria falam das dificuldades enfrentadas por quem mora em uma comunidade rural. Como jovens, eles gostariam, independente de suas origens, que seus anseios e desejos juvenis fossem correspondidos, como acesso à educação, à cultura, ao lazer e ao mercado de trabalho. Sobre a relação desses jovens com a agricultura, os homens ainda relataram durante a entrevista que sempre ajudaram o pai na agricultura, mas dentre sete homens, somente dois – João e Luís atuam e planejam desenvolver atividades agrícolas. Ou seja, acreditam no potencial da agricultura. Eles relataram na entrevista sobre a relação com essa atividade rural e que as tecnologias digitais auxiliam bastante. Além de acessarem conhecimentos relacionados às atividades agrícolas, o consumo cultural deles é atravessado por essas vivências. Os dois seguem perfis no Instagram mais relacionados à cultura do campo, gostam de ouvir cantores como Mano Walter e acompanham canais no YouTube com dicas sobre cultivo agrícola. Luís enfatiza que existe uma descrença das pessoas da comunidade, dos jovens sobre a “riqueza” do lugar.

Eu vejo que o pessoal daqui não acredita muito nesse negócio de irrigação, de agricultura. As duas vezes que fiz um plantio de maracujá e porque não deu muito, fui tachado como doido, que não produz nada. Mas eu fiz ainda uma colheita e acredito que dar certo. A comunidade tem uma dificuldade de reconhecer o potencial

que o jovem e até os mais velhos tem. Eu acho que eles não enxergam o potencial que o lugar tem. Eu assisto muitos vídeos no YouTube e vejo muita gente que planta e a água é um sacrifício pra ter água. E aqui, a gente tem, graças a Deus, bastante, mas o pessoal não enxerga isso (LUÍS, 2023, p. 152).

Dentre os onze jovens, Luís é o mais motivado e mobilizado para melhorar as condições de vida e de trabalho na comunidade e para aproveitar oportunidades de mobilidade social positiva sem precisar migrar para uma cidade maior. Que utiliza as tecnologias para buscar informações sobre as atividades agrícolas. João quando perguntei sobre o que costumava acessar na internet relatou diferentes usos, desde pesquisas no Google para obter informações sobre a criação de aves aos vídeos, músicas que assistia no YouTube.

Às vezes eu pesquiso no Google, se eu tiver com dúvida de alguma coisa, o que aconteceu, ou de alguma palavra. Tipo, ontem, né, eu estava pesquisando o que é bom para combater gogo de galinha. A mãe estava querendo usar um remédio. Ai, assim, eu pensei, vou pesquisar aqui. Até passou uns que eu salvei para mostrar a mãe. Já é alguma coisa, né?! No YouTube eu gosto muito de pesquisar músicas de sertanejo. Um dos que gosto muito é o Mano Valter. Já faz um tempinho que acompanho ele. Os meninos, as meninas daqui gostam muito (se referiu a outros jovens narradores da pesquisa) também. Ele é tipo bate esteira. Os vídeos dele mostram muito essa coisa de vaquejada, vida no sertão e eu gosto muito (JOÃO, 2023, p. 162).

As falas de Luís e João corroboram para apresentar os múltiplos usos que eles fazem das tecnologias no cotidiano (PAIS; LACERDA; OLIVEIRA, 2017). Mas também sobre aquilo que Nunes (2019) qualificou como resistências dos jovens em contextos rurais.

Classifiquei como resistência as percepções destes jovens porque falam do orgulho em ser do campo, da valorização de suas origens e cultura tradicionais mesmo sem isolar-se das demais culturas, da importância de buscar melhores condições de vida na zona rural para evitar que os jovens migrem para a cidade por falta de opção (NUNES, 2019, p. 131).

As resistências estão relacionadas ao valor que essa geração dar a sua cultura, a sua comunidade, mesmo sem deixar de lado às novas experiências e o desejo de conhecer outras culturas que é mobilizado pelo acesso à informação através das tecnologias, mas também pelo convívio que muito cedo passam até com jovens mais urbanos. Todos os jovens de Muquém até hoje, para cursar o ensino médio precisam se deslocar para alguma cidade. Alguns seguem fazendo esse percurso quando ingressam na graduação e passam a morar em grandes centros urbanos. Eles trazem em suas falas dificuldades de se adaptar à realidade urbana. Talvez pelo senso de pertencimento, resistências que atravessa a maioria deles.

A jovem Camila manifestou que sempre quis sair da comunidade e viver outras experiências, mas enfrenta muitos desafios por ser de origem rural.

Eu sempre tive esse espírito de aventureira. Sempre pensei que quando completasse meus 18 anos eu queria sair da minha zona de conforto, queria procurar melhoria. Mas foi um desafio por morar no interior, né?! Ser da zona rural, caipira, entre aspas. Vim para Fortaleza mesmo que seja 100 km de distância já é outro mundo, já é outro modo de falar. Quando eu vim para cá, simplesmente pelo fato de falar, que eu vejo como normal, mas pessoas que moram aqui já interpretam de outra maneira, fui repreendida no meu trabalho. Era a pessoa mais tímida, mais acanhada, pois não tenho tanto conhecimento como as pessoas que moram aqui. Foi um desafio me adaptar aqui, mas eu sempre tive desde que eu morava lá, a vontade de conhecer Fortaleza e de ir ainda de mais longe, conhecer outros lugares. Eu não acredito nisso, que meu modo de falar seja inferior, mas existe muitas pessoas que às vezes repreende, não é errado total é só o jeito popular que eu falo (CAMILA, 2023, p. 150).

A fala de Camila demonstra um dos pontos que trouxe ainda no capítulo introdutório, o preconceito ainda existente com pessoas que são de comunidades rurais. Há uma certa desvalorização, juízo de valor sobre os saberes existentes no campo e consumo das juventudes em contextos rurais. Nunes (2019) concluiu no seu estudo a partir dos desejos de consumo dos jovens do campo, com os quais realizou a pesquisa, que eles são locais e globais. Ou seja, que não é porque um jovem mora em uma comunidade rural, que ele não queira produtos que traduzam a globalização, como um tênis da *Nyke*, um *Iphone* ou uma viagem internacional. Os jovens dessa pesquisa também aspiram acessar esses bens de consumo, principalmente viajar, conhecer outras culturas, aprender inglês.

3.4 Muquém tem história⁴⁶: cotidiano e fronteiras demarcatórias

A comunidade Muquém, localizada a 32 quilômetros da sede do município de Pentecoste e 95,8 quilômetros de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, foi apresentada em reportagem especial do Jornal O Povo em 2019⁴⁷, como “a comunidade depois do fim”. Essa afirmação foi justificada na matéria jornalística pela distância de Muquém da sede de Pentecoste e por ser uma das últimas comunidades do município, ficando bem próxima aos limites dos municípios de Paramoti e Apuiarés. Este último, recentemente, passou a reconhecer uma parte da comunidade de Muquém como pertencente a sua área territorial.

Com 21 famílias e dividida pelo Rio Canindé, que é o marco divisor da gestão de cada município, os moradores agora convivem com essa particularidade, que na fala da jovem Maria isso não é tão novo. “Uma das minhas partes preferidas da história de Muquém é a eterna ‘briga’ sobre Muquém I e Muquém II que ganhou mais um capítulo agora que uma

⁴⁶ Frase do jovem Carlos na oficina *Uma cartografia de Muquém*.

⁴⁷ Reportagem sobre um jovem da comunidade de Muquém que trabalha com o bordado. Disponível em <https://mais.opovo.com.br/jornal/especiais/2019/02/34903-o-bordado-de-cada-diaa.html>. Acesso em: 28 jun. 2021.

parte da comunidade mudou de município⁴⁸”. Devido a divisão do Rio Canindé sempre existiu certa disputa entre as famílias. Os moradores que hoje fazem parte do município de Pentecoste sempre tiveram mais dificuldade de acesso às estruturas básicas que tem na comunidade como Escola, atendimento médico. No período chuvoso, quando o rio está cheio, as crianças ficam ilhadas e sem condições de frequentar às aulas. Na figura 4 (p.63) é possível identificar a localização da comunidade e divisão entre os dois municípios – Apuiarés e Pentecoste.

Essa questão sobre a comunidade fazer parte do município de Pentecoste ou Apuiarés é antiga⁴⁹. Entretanto, o reconhecimento de uma parte da comunidade de Muquém como território de Apuiarés começou no ano de 2021 e ainda não é claro para a população esse processo. Em março de 2021, a atual gestão municipal de Apuiarés iniciou a transição dos serviços públicos pela área da educação. Para alguns jovens e moradores de Muquém, a mudança de município pode trazer benefícios, pois a comunidade por estar situada na fronteira de Pentecoste e tinha pouco acesso a direitos básicos como educação e saúde. Parto do princípio de que essa demarcação dos limites administrativos e políticos da comunidade são importantes. Entretanto, eles não marcam as fronteiras de Muquém. Como defende Massey (2000, p. 184) as “fronteiras” demarcatórias são importantes, mas não são necessárias para a conceituação de um lugar em si. Pelas observações prévias e conversa com os jovens, percebi que eles têm a expectativa de que com essa transição a comunidade possa ter mais atenção do governo municipal e benfeitorias.

“Pelo menos até agora eu estou gostando, eles (a gestão municipal, Prefeita) são bem atenciosos e tem buscado um diálogo com a comunidade. Já tivemos a presença do PSF e eu estou animado” relatou o jovem Arthur em uma das nossas conversas⁵⁰. A fala de Arthur é uma prévia de como eles estão vivenciando esse processo, o qual eu considero importante para pensar como são as relações do jovem com o lugar. Na perspectiva do Arthur, a mudança de município não vai interferir na identidade da comunidade e de seus moradores.

A comunidade Muquém tem uma infraestrutura básica e pouca assistência do poder público. Em Muquém, a maioria das famílias vive da agricultura e pequenos comércios. 5 (cinco) famílias contam com a renda de trabalhadores que são funcionários públicos. Esses profissionais trabalham na área da educação (na escola da comunidade) e na saúde (Agente de Saúde). A Escola de Ensino Fundamental Aloísio Domingos de Sousa (Anexo), antes era

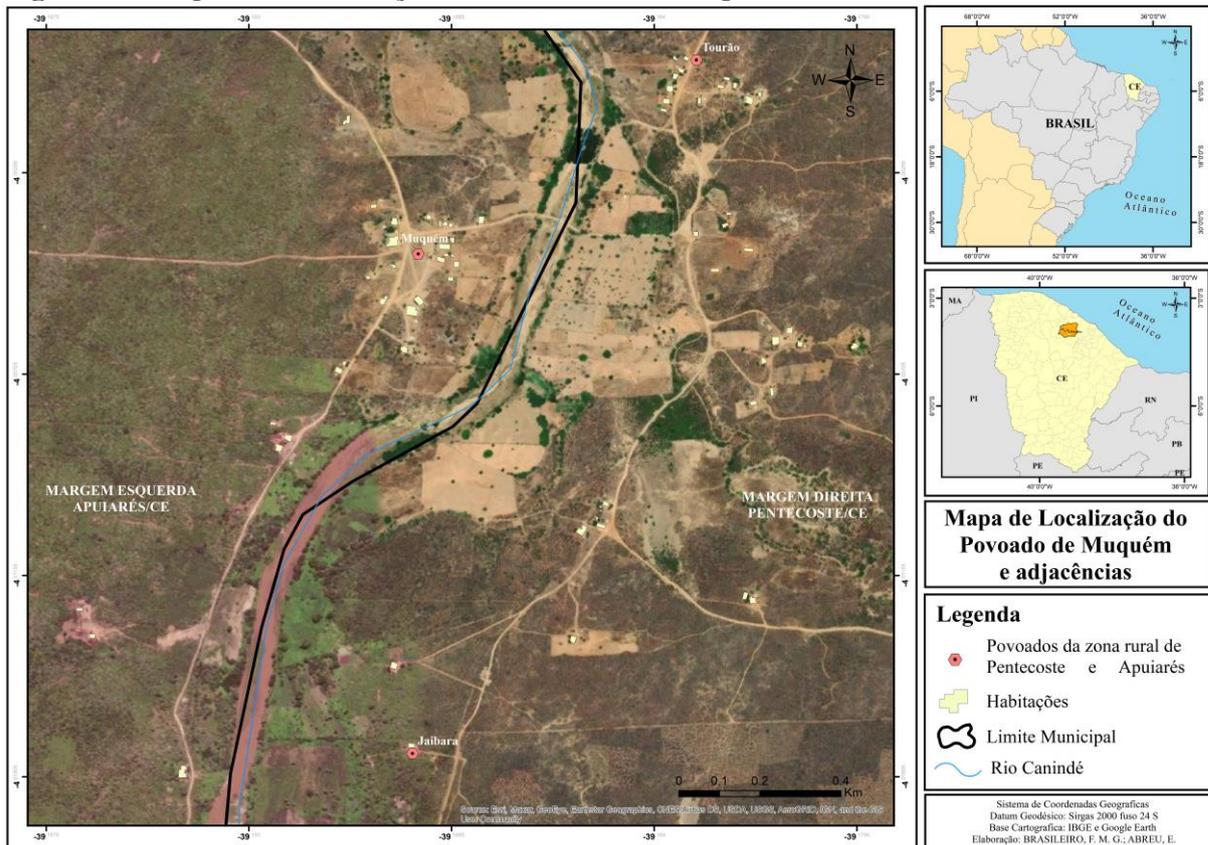
⁴⁸ Parte do relato descrito da jovem Maria na oficina *Uma Cartografia de Muquém*.

⁴⁹ <https://www.apuiaries.ce.gov.br/informa.php?id=405>. Acesso em: 01 set. 2021.

⁵⁰ Conversa informal com Arthur no dia 30 de agosto de 2021 quando visitava a comunidade. Registrei no Diário de Campo.

denominada Escola de Ensino Fundamental José Domingos de Sousa. Foi nessa escola onde eu cursei até a quarta série do Fundamental I. A Escola, em 2010, passou por uma reforma e hoje conta com 6 (seis) salas de aulas. No ano de 2019, passou a ser anexo da Escola Aloísio Domingos de Sousa, localizada na comunidade Carrapato, distante 14 km de Muquém.

Figura 4 - Mapa da Localização da comunidade Muquém



Fonte: Mapa elaborado com a Geógrafa Mairla Gomes para este trabalho.

Muquém conta também com uma igreja, a Capela Sagrada Família de Nazaré. Foi fundada no ano de 2001. Nesse período, estive colaborando com a construção e em alguns processos de formação: articulava o grupo de jovens, colaborava com o Coral, nos festejos e nas celebrações dominicais. A partir de 2004, como fui estudar aos finais de semana no PRECE e, em 2006, passei a cursar a graduação em Fortaleza, passei a colaborar mais nos projetos educacionais aos finais de semana. Através do PRECE, eu e mais 2 (dois) jovens universitários de Muquém, que entraram no ensino superior logo após meu ingresso, criamos uma “Escola Popular Cooperativa⁵¹” (EPC Muquém).

⁵¹ Bitu (2020) relata como os grupos de estudo do PRECE foram se multiplicando e passaram a se chamar “Escolas Populares Cooperativas”. Também aborda como essa experiência “informal” do PRECE com a metodologia da Aprendizagem Cooperativa passou a fazer parte do currículo de uma Escola Estadual de Educação Profissional do Estado do Ceará. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31931>

Figura 5 - Registros de Muquém (igreja, escola, campo de futebol)



Fonte: Banco de imagens da pesquisadora (2012).

As atividades da EPC Muquém funcionavam no anexo da Escola Aloísio Domingos de Sousa, fazia parte das ações do PRECE, projeto educacional que mencionei anteriormente e que nos estimulava a retornar para nossas comunidades após ingressar na graduação para multiplicar e partilhar nossos saberes e conhecimentos com outros jovens. As atividades da EPC Muquém aconteceram até por volta de 2013. Com a minha entrada no Mestrado e dos demais graduados no mercado de trabalho, bem como a mudança de estratégia do PRECE, que passou a trabalhar a metodologia da aprendizagem em algumas Escolas públicas do Estado do Ceará, as ações das EPCs foram paralisadas.

Entretanto, destaco que mesmo não existindo mais o trabalho do PRECE em Muquém, os jovens continuam se mobilizando e realizando diversas atividades educacionais, culturais e sociais. Em 2021, eles criaram um grupo de estudo para se preparem para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)⁵². Também se engajam diariamente nas atividades religiosas na capela da Sagrada Família. Além dos festejos da padroeira que ocorrem no mês

⁵² O Grupo de estudos contava com 12 (doze) participantes e foi criado no dia 2 de julho de 2021 também um grupo de WhatsApp. Soube através de uma liderança local e logo pedi a uma jovem para participar desse grupo como espectadora. Os encontros do Grupo de Estudos aconteceram na Escola da comunidade. Eles se reuniam na semana no período da noite, quase sempre, 2 (dois) dias por semana para estudarem para o Enem. Além da preparação para o Enem, assistiam filmes e realizavam atividades de leitura, modelo um Clube de Leitura – compartilhavam livros entre eles e marcavam um dia para partilhar a leitura. Eles criaram esse grupo após a oficina “Quem sou eu na rede?” que realizei em 2021. Interessante destacar que diferente do grupo de WhatsApp que criamos da pesquisa esse era bem ativo, eles compartilhavam figurinhas, fotos de si e do encontro, atividades de estudo e da Capela e Associação. Esse grupo de estudo ficou ativo até novembro de 2021. Logo que começou os festejos da padroeira, em dezembro, as atividades foram paralisadas e não retornou. O grupo de WhatsApp ainda existe com 10 (dez) participantes, mas é totalmente inativo, ou seja, não ocorreu nenhuma interação desde 19 de dezembro de 2021.

de dezembro, eles participam dos encontros religiosos de grupos de oração, terços, missas, e, colaboram na organização de bingos e quermesses para arrecadar recursos financeiros para a Capela. Essa atuação nas atividades religiosas eles compartilham também no Instagram⁵³.

Figura 6 - Registro de um encontro do PRECE na EPC Muquém



Fonte: Banco de imagens da pesquisadora (2011).

A Associação Comunitária de Muquém foi uma das primeiras constituídas na região. Foi fundada em 1994. Entretanto, poucos foram os projetos captados via Associação. Até hoje, não foi concluído o projeto de abastecimento de água e os moradores demandaram em 2021 do poder público de Apuiarés: energia trifásica; iluminação pública; uma ponte sobre o rio Canindé; segurança (visita policial ao menos 1 vez por semana) apoio em todas as áreas; presença dos gestores municipais; facilidade em tirar documentação RG (estamos precisando); cursos de capacitação (Agricultura, Apicultura, avicultura); agilidade na recuperação das estradas. Na área Esportiva solicitaram incentivos às crianças e aos jovens torneios, traves, bolas, redes (acessórios). Já na Saúde, demandaram um transporte da saúde; Unidade de Saúde com atendimento (podendo ser realizado um aproveitamento do prédio escolar para ser estruturado de acordo com as necessidades); agente de saúde; e, Programa Saúde da Família (PSF) ativo (com dentista, psicólogo, fisioterapia)⁵⁴.

⁵³ No capítulo 4 apresento mais detalhes sobre essa exposição das atividades religiosas no Instagram.

⁵⁴ Todas as demandas relatadas acima foram apresentadas pela comunidade na reunião do PPA (Plano Pluri Anual Apuiarés). A reunião aconteceu no dia 17 de julho de 2021 na comunidade de Carrapato. A Prefeita de Apuiarés, Irís Maria, esteve presente com os Secretários registrando as demandas das comunidades que passam a pertencer ao município de Apuiarés, incluindo Muquém.

Na década de 80 e 90, as crianças de Muquém tinham acesso apenas ao Ensino Fundamental I na escola da comunidade. Não existia ainda conhecimento, nem perspectivas quanto a cursar o Ensino Superior. A maioria dos jovens só conseguia concluir o Ensino Médio na sede de Pentecoste e/ou no município vizinho, Paramoti⁵⁵. Fiz meus primeiros estudos na comunidade Muquém e em seguida cursei o Ensino Fundamental na cidade mais próxima, Paramoti, indo e voltando todos os dias de bicicleta até o encontro do transporte escolar. Saí de Muquém para cursar a graduação em Fortaleza. Atualmente, os jovens cursam na própria comunidade o Ensino Fundamental I e II; e, tem a oportunidade de ingressar no Ensino Superior logo após concluírem o Ensino Médio.

Embora nos últimos anos, as juventudes rurais, inclusive os jovens de Muquém, estejam em constante movimento, entre a cidade-campo, percebe-se ainda que, muitos jovens, ao concluírem o Ensino Médio, continuam migrando para o meio urbano, com o intuito de acessar o mercado de trabalho ou um grau de educação superior que o contexto rural não lhes oportuniza. Em relação ao campo do trabalho, estes, muitas vezes, com baixa escolaridade, não conseguem se manter na cidade de forma digna, aumentando o ciclo de pobreza e violência nas periferias urbanas. Segundo Silva (2020, p. 74) “com a migração se vê também que jovens do interior e comunidades rurais vão para a cidade grande e se submetem a ocupações e empregos precários, com baixas remunerações, pondo em xeque o ideal e o imaginário construído acerca da vida nas grandes cidades”.

Apesar da divisão territorial em curso e os jovens entenderem que cada parte da comunidade faz parte de um município, eles seguem olhando para a comunidade de maneira unificada. Penso que esse olhar é movido pelas memórias e vivências desde infância. O fato de todos terem estudado na mesma escola, frequentarem as atividades esportivas e religiosas na parte de Muquém que pertence ao município de Apuiarés aponta esse pertencimento deles a essa “comunidade historicamente dividida pelo rio, um dos pontos fortes da localidade”⁵⁶. O Rio Canindé embora fique seco, na maior parte do ano, especialmente nos meses entre julho e dezembro permite o desenvolvimento da comunidade, o cultivo agrícola no período de estiagem e o acesso à água o ano todo das cacimbas tanto para consumo humano quanto para matar a sede dos animais. A parte de Muquém, à margem esquerda do rio, não tem abastecimento de água e é dessas cacimbas que as famílias retiram água para beber.

⁵⁵ Distante 14 km da comunidade Muquém. Esse trajeto para ir para escola a partir do 5º ano acontecia de bicicleta e ônibus escolar.

⁵⁶ Parte do relato descrito da jovem Maria na oficina *Uma Cartografia de Muquém*.

Esse rio é muito importante para a comunidade e para os narradores da pesquisa. Ele é quem dar vida às duas partes de Muquém. É o rio da nossa infância e juventude, é onde íamos brincar nas suas areias, tomar banho e, todo dia, pegar água para abastecer os potes das nossas casas, lavar roupa, nos divertíamos. É um rio de muitas memórias e que ainda hoje no período chuvoso, quando ocorrem cheias, reuni amigos e famílias para pescarias e banhos. Na oficina *Uma Cartografia de Muquém* os jovens destacaram a importância do rio para a comunidade:

Arthur: Muquém é um povoado que eu considero rico. Rico em histórias, trajetórias que motivam. Hoje dividida ao meio entre dois municípios por um dos cartões postais: o Rio Canindé.

Carlos: O Rio Canindé, principalmente nos momentos de cheias, atrai muitos banhistas e pescadores

Igor: A comunidade do Muquém é um local tranquilo [...] é cortada pelo Rio Canindé, de onde provém a água para alguns moradores e animais, devido ao sistema de abastecimento ser precário.

Considerado por Arthur como “um dos cartões postais” de Muquém e um dos principais atrativos para visitantes à comunidade no período de cheias, o rio vem sofrendo um processo contínuo de destruição causada pelo ser humano, não só nesse trecho da comunidade, mas ao longo de seu percurso. O desmatamento, a destruição das matas ciliares, a mineração de areia no leito do rio, estão entre os principais problemas enfrentados. A retirada de areia no leito do rio aconteceu em um trecho na própria comunidade em 2021. Esse momento foi exposto pela jovem Maria em uma postagem no Instagram Stories. No tópico 4.2.4 *Indiretas: “Como assim?! Não tem racismo?! No Brasil?!”* analiso essa postagem. Recentemente, moradores de Muquém e de comunidades vizinhas iniciaram um movimento em defesa do Rio Canindé. Lideranças comunitárias pressionaram a Prefeitura Municipal de Pentecoste para cancelar uma licença ambiental que permitia a retirada de areia e obtiveram êxito.

O Rio Canindé é muito significativo para os moradores, é dele que muitos tiram sustento e onde tem atividades de lazer. Inclusive o jovem Carlos citou que tem dois poços no Rio que são “pontos turísticos. O poço do Viveiro e o do Urubu. É onde o pessoal toma mais banho e pesca”⁵⁷. Tive o privilégio de em uma das minhas últimas atividades de campo, quando fui fazer as entrevistas semiestruturadas com os jovens, presenciar uma das cheias do rio, atravessá-lo com água, ver famílias em um dia de domingo reunidas tomando banho. O

⁵⁷ Fala do Carlos durante a oficina “*Uma Cartografia de Muquém*”.

rio é também entretenimento quando está com água. Ocupa um lugar central no cotidiano dos jovens, disputando inclusive o tempo com as tecnologias. “Quando estou entediado vou assistir alguma coisa. Mas agora esse período de chuva, que tem água no Rio, vou tomar banho de rio. Eu assisto mais quando não tenho o que fazer”, relata Otávio.

No tocante ao lazer na comunidade, Carlos enfatiza que ele é mais voltado para os homens, cabendo às mulheres se dedicarem mais às atividades religiosas e domésticas. “A parte de lazer é mais voltada para homens porque conta com dois campos de futebol, porém tem muito espaço para pessoas realizar atividades físicas como caminhadas, por exemplo”. Entretanto, essa é uma dinâmica que percebo que está mudando e que pude confrontar na fala de duas jovens – Maria e Vitória que acompanham com frequência os jogos de futebol. Elas não praticam a atividade, mas as duas manifestaram que uma das atividades que gostam de fazer aos domingos é acompanhar os torneios e jogos de futebol, tanto dos times locais quanto da seleção brasileira no período da Copa e outros clubes que são torcedoras.

Outros momentos de lazer e diversão que perpassaram a fala dos jovens na oficina *Uma Cartografia de Muquém* são os festejos religiosos e pegadas de boi. “Em algumas épocas do ano tem a famosa e tradicional pega de boi. Momentos em que a comunidade se distrai e se diverte. Em dezembro, toda a comunidade se une para festejar a sua padroeira, a Sagrada Família”, relata João. A questão religiosa e educacional é muito forte na comunidade. Os jovens citaram a importância da igreja e da escola para os moradores quando estávamos construindo o mapa afetivo da comunidade.

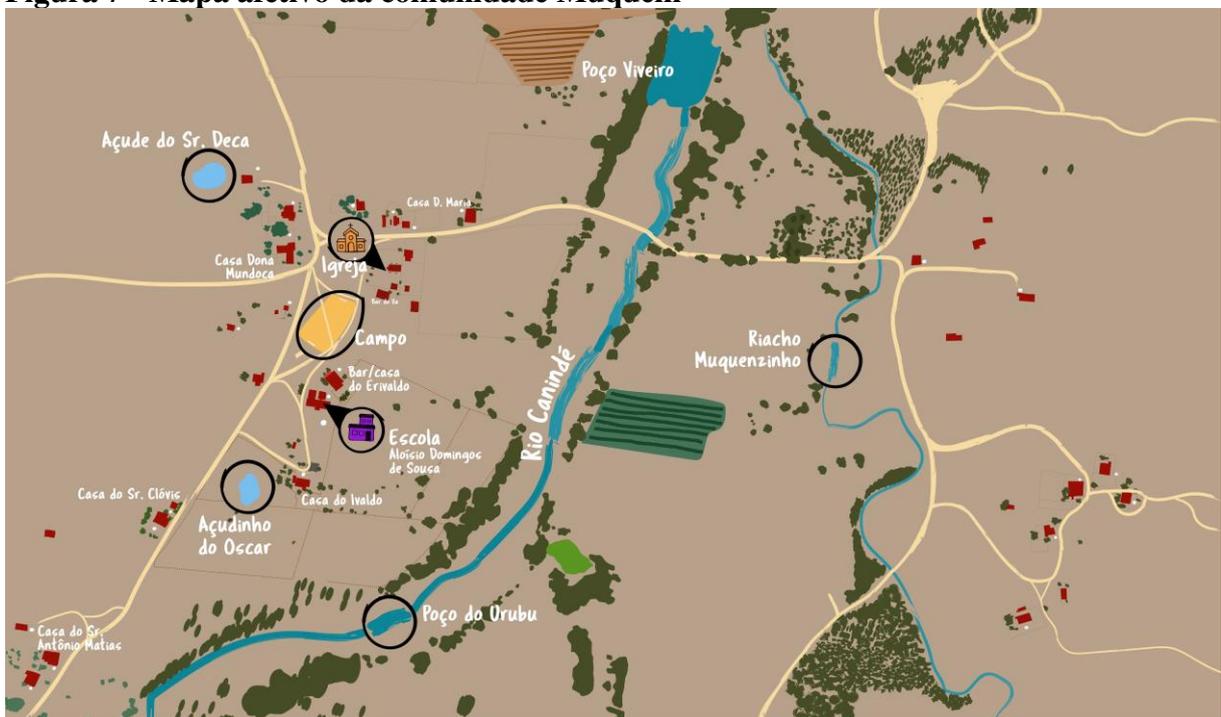
Arthur: Muquém possui uma igrejinha que é o símbolo da fé católica professada pela comunidade, uma escola que além de abrigar elementos da educação, também é ponto de apoio para saúde e demais serviços públicos municipais. Ao redor do prédio escolar e da igreja situa-se o campo de futebol e uma vila de casas.

Igor: A comunidade não tem grande quantidade de estabelecimento comercial, seja no sentido de comércio, bens públicos ou entretenimento, porém tem o essencial: uma escola, a igreja e o campo.

Maria: A igreja, por sinal, 100% da comunidade é católica, tem 20 anos de existência e é o ponto de encontro dos moradores para professar a fé em Deus e render louvores a Sagrada Família. A escola se destaca pela pouca quantidade de alunos atualmente, mas pela longa história de conquistas e progresso. Uma das partes que mais me orgulha é que mesmo saindo da comunidade/escola sempre voltamos quando necessário, talvez como sinal de gratidão.

A partir das falas de cada jovem na oficina foi possível elaborar um mapa afetivo da comunidade com os principais pontos que eles mencionaram. Essa construção levou também em consideração o desenho da comunidade que Vitória apresentou na oficina da comunidade. Dentre os seis participantes ela foi a única que fez um esboço do mapa acompanhado do seguinte relato: “Muquém é conhecido pela Escola Aloísio Domingos de Sousa (Anexo), pela Igreja da Sagrada Família e pelo Campo de Futebol. Mas também já foi/é conhecido por muitos movimentos que já proporcionou, por exemplo a EPC Muquém e as quadrilhas juninas”.

Figura 7 - Mapa afetivo da comunidade Muquém



Fonte: Mapa elaborado pela autora com a Publicitária Sabrina Araújo a partir do desenho de Vitória e pontos que foram citados pelos jovens na oficina.

Interessante pontuar que no relato da Vitória ela enfatiza os três equipamentos que ficam no centro da comunidade de Muquém à margem esquerda do Rio Canindé e que reúnem tanto moradores de Muquém quanto das comunidades vizinhas – escola, igreja e campo de futebol. Mas ela também destaca a importância da EPC Muquém e das quadrilhas juninas, iniciativas educacionais e culturais lideradas por jovens no período de 2005 a 2015. Estive participando desses dois projetos e concordo com Vitória que eles ocuparam um lugar central na formação educacional e cultural das crianças e dos jovens. A EPC Muquém também permitiu realizarmos intervenções positivas com as famílias, a exemplo o projeto “Vida e

Saúde” com o objetivo de promover o acesso da comunidade a informações, reflexões e ferramentas que contribuem para a conquista de melhores níveis de qualidade de vida.

4 RASTROS NO MEIO DIGITAL: O CONSUMO CULTURAL DOS JOVENS A PARTIR DO INSTAGRAM STORIES

Tanto a vida social cotidiana, quanto aspectos de caráter mais pessoal e, sobretudo, os modos de se comunicar na sociedade contemporânea são (re)inventados a partir do uso de *smartphones* e das tecnologias digitais. Tudo está em processo constante de mudança e, principalmente, as juventudes vão alterando suas formas de consumo e práticas comunicativas. No caso dos jovens de Muquém, narradores dessa pesquisa, observei que as formas de se comunicar e interagir, seja no meio virtual e/ou presencial, foram se reconfigurando a partir do acesso à internet na comunidade e do uso de redes sociais como WhatsApp e Instagram.

Nessa última rede, as interações de quatro perfis de jovens distintos, que mais postavam suas histórias no cotidiano, são objetos de análise desse estudo, amparadas por outras estratégias de pesquisa, como a oficina “Quem sou eu na Rede?” e entrevistas semiestruturadas que ajudaram a recolocar as singularidades desses jovens no centro das discussões dessa tese. Foi a partir da observação oculta desses quatro perfis, no período de três meses, que acessei os rastros dos narradores da pesquisa no meio digital e pude conhecer mais de perto como os jovens de Muquém se relacionam com as tecnologias no dia a dia.

Após acessar esses rastros, por meio da observação do Instagram Stories, pude nas oficinas e nas entrevistas semiestruturadas me aprofundar das suas histórias de consumo cultural e práticas comunicativas. Para Montardo (2019, p.174), “sem dúvidas, a mudança mais significativa do Instagram foi o acréscimo do recurso Histórias (conteúdo)”. A criação dessa ferramenta pode ser interpretada como uma reação à recusa de venda do Snapchat, aplicativo que popularizou o compartilhamento de vídeos instantâneos (disponíveis apenas por 24h). Era predominante entre esses quatro jovens o uso da ferramenta Histórias⁵⁸.

Existem Histórias elaboradas a partir da pauta em debate nas redes sociais no dia a dia, na maioria das vezes contextualizadas com o que é vivenciado na comunidade. Mas, há outras que apresentam os temas que mais atravessam o cotidiano em Muquém: a religião, o futebol, as questões educacionais e a cultura. Também tem questões sobre gênero, racismo e outras pautas fortemente em destaque nos principais veículos de comunicação. Neste universo de publicações temos a divulgação de selfies, um fenômeno cultural (MONTARDO *et al.*, 2017) que se popularizou bastante com o uso do Instagram e tornou-se corriqueira entre os usuários da plataforma. Embora seja um número baixo divulgado nos Stories, comparado às

⁵⁸ Sempre que inserir “Histórias” com iniciais maiúsculas estou me referindo a ferramenta Stories do Instagram.

enquetes⁵⁹ – postagem mais interativa, considereei válida a análise para refletir sobre a autorrepresentação dos sujeitos participantes da pesquisa. Soma-se também o fato das poucas postagens que cada um tem no feed serem autorretratos digitais. Para análise das imagens das selfies, me inspirei no estudo de Rodrigues (2020) para pensar que elas não seriam uma descrição apenas de imagens, mas de um cotidiano de afeto e intimidade. Também a partir das reflexões de Sibilía (2016) observei se os usos da rede social Instagram como uma ferramenta de interação, lazer e entretenimento apontam para uma alienação causada pela busca excessiva da satisfação dos diversos “eus” desses jovens. Segundo a autora:

Tanto na internet como fora dela, uma característica da sociedade globalizada do século XXI é que a capacidade de criação costuma ser capturada pelos tentáculos do mercado, que atizam como nunca essas forças vitais e, ao mesmo tempo, não cessam de transformá-las em mercadorias. Assim, em certo sentido a sua potência de invenção é desativada pois a criatividade tem se convertido no combustível de luxo do capitalismo contemporâneo: seu “protoplasma”, como diria a psicanalista brasileira Suely Rolnik. (SIBILIA, 2016, p. 17).

No período de imersão e observação oculta dos quatro perfis dos jovens percebi que aos poucos eles foram aumentando a presença (postagens) no Instagram. Apreendi que algumas práticas de consumo, que antes acontecia somente através do rádio e da televisão são reconfiguradas a partir do uso do *smartphone* e das tecnologias digitais, como por exemplo, ouvir música, assistir jogos, novelas e programas de entretenimento. Entendi que as práticas cotidianas, no meio rural, são reconfiguradas na rede social e influenciam nos conteúdos que acessam. Embora nenhum deles tenham manifestado durante a entrevista que gostariam de atuar como produtores de conteúdo e/ou ser reconhecido como um *Influenciador digital*⁶⁰, alguns tentam criar e compartilhar suas narrativas inspirados em algum *Influencer*. Por não terem essa visão de tornar-se *Influencer*, outras “armas” são criadas, ou seja, esses jovens criam outras formas de se comunicar e apresentar suas subjetividades.

“Novas armas”; ou seja, estratégias capazes de opor resistência aos cada vez mais ardilosos dispositivos de poder, criando interferências ou “vacúolos de não-comunicação, interruptores”, na tentativa de abrir o campo do possível para desenvolver formas inovadoras – e mais libertárias – de ser e estar no mundo. (SIBILIA, 2016, p. 17).

Aspiram falar sobre suas realidades cotidiana e dar visibilidade àquilo que mobiliza espontaneamente outros sujeitos que fazem parte de suas redes presenciais ou

⁵⁹ No modo *stories* do Instagram, os usuários podem fazer perguntas e depois compartilhar o resultado.

⁶⁰ Atualmente, o Brasil é campeão mundial em número de *Influencer*, especialmente na categoria Instagram, são 10,5 milhões, com pelo menos 1 mil seguidores cada um. Os *Influenciadores digitais* se tornaram peças-chave para o Marketing de Influência. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/influenciadores-digitais-brasil-e-destaque-na-profissao,24e13fecbadacea2355e10861b61d5b40h61znuw.html>. Acesso em: 08 set. 2023.

virtuais. Isso é visível quando os jovens comentam que as redes sociais lhe permitem falar mais sobre seus incômodos, sobre os problemas que afetam a comunidade. A partir das entrevistas e da análise do conteúdo da oficina “Quem sou eu na Rede?” pude constatar que o uso da rede social Instagram gera também uma ansiedade em alguns dos jovens na busca pela interatividade incessante e em acompanhar o que os amigos postam ou ao fazer uma postagem no seu feed ou Stories. Quando perguntei por que gostam de usar o Instagram, Igor respondeu:

Para ver as coisas dos outros (sorrir). Não, eu gosto de ficar vendo publicações dos meus amigos, de conversar também. Gosto de ver mais coisas dos conhecidos mesmo, pessoas próximas, meus amigos de faculdade. Não costumo ver coisas de influenciadores, não. No Instagram eu vejo mais o que as pessoas postam e assisto muito reels. Eles são bem diversos, mas geralmente é comédia, vídeos engraçadinho (IGOR, 2023, p. 157).

A fala de Igor dialoga com o que Sibilia (2016, p. 24) alerta sobre os usos das redes sociais: “Por toda parte, então, os usuários, leitores e espectadores são convocados a participar, compartilhar, opinar e se exibir de um modo considerado ‘proativo’”. Os adultos e principalmente os jovens são “capturados” para exporem suas vidas em redes sociais – seja por distração, solidão ou até mesmo numa tentativa falha de alimentar o que pode ser denominado de “ego”. Aqueles que não se expõem, atuam como telespectadores dessa realidade fictícia.

4.1 Os jovens de Muquém nas redes

A oficina “Quem sou eu na rede?” revelou que para os narradores da pesquisa esse encontro online no período da pandemia foi muito significativo. Apesar de muitos deles participarem das aulas e reuniões no Google Meet, foi a primeira vez que eles se reuniram com um grupo de pessoas da própria comunidade. Eles celebraram isso na oficina, conforme relato abaixo da jovem Vitória:

Eu sou uma pessoa muito tímida e sempre nas minhas aulas (no Google Meet) eu nunca gostei de falar no microfone eu só respondia nas mensagens e tal, tipo, eu nunca interagi como eu interagi hoje e nunca me senti tão à vontade. Tão confortável em poder falar, expressar minha opinião, as coisas que eu estou sentindo, então eu gostei muito, muito da oficina e porque eu sinto que são pessoas de casa, meus amigos eu me sentir muito à vontade. Eu queria agradecer pelo espaço, por abordar esse tema e trazer a gente aqui para discutir ele e agradecer os meninos que também estiveram presentes, contaram a história de vida, coisas que eu nem sabia, coisas sobre mim, sobre o meu nome que eu também não sabia, de algumas coisas, e enfim, pelo ambiente acolhedor e pela escuta de vocês que foi muito importante.⁶¹

⁶¹ Relato da jovem Vitória na oficina, dia 03/06/2021.

Penso que o fato de eles falarem sobre suas vivências entre os amigos despertou em cada jovem o desejo de expressar seus saberes, conhecimentos e sonhos. Eles se sentiram abraçados, acolhidos entre si. Em tempos de pandemia de Covid-19, em que o contato físico se tornou tão proibitivo, essas outras formas de interação possibilitaram o fortalecimento das redes de relações entre eles. Alguns conversavam entre si através do WhatsApp, mas ainda não tinham participado de um momento como esse no Google Meet.

Como ressalta Pais, Lacerda e Oliveira (2017, p. 311), “as experiências cotidianas constituem uma fonte de aprendizagem do mundo da vida”, ou seja, elas possibilitam outras formas de aprendizagens tanto para o pesquisador quanto para os pesquisados. Um outro ponto que destaco também nesta oficina e nas publicações das Histórias no Instagram é “a crescente capacidade que os jovens têm de atuar como protagonistas de novos rumos sociais e de novas correntes socioculturais” (PAIS; LACERDA; OLIVEIRA, 2017, 304). Na própria oficina, eles assumiram esse papel de protagonista e passaram a me questionar (a pesquisadora) sobre o que me motiva a fazer essa pesquisa. No final da oficina, a jovem Maria fez o seguinte comentário:

Eu queria fazer um comentário, é só uma curiosidade não sei nem se é científica minha, eu vi um estudo que os nossos círculos de amizade eles são renovados a cada sete anos. E uma coisa que acho super legal com a gente é claro que existem as pessoas que somos mais próximos e menos próximas, mas nós aqui que estamos na reunião e os meninos mais novos também da época que a gente estudava a gente sempre esteve próximo a gente nunca foi *best friends*, mas a gente esteve muito próximo, a gente nunca perdeu esse nosso vínculo, mesmo que tenham tido caminhos muitos diferentes uns foram para a escola técnica outros foram para a Providência outros para o Paramoti, mas sempre rolou esse encontro esse vínculo.⁶²

Após essa fala da Maria, os demais jovens também foram enfatizando a importância desse vínculo afetivo existente entre eles. Como bem mencionado, nunca foram *best friends* mas vivenciaram muitos momentos juntos na Escola, na comunidade. E hoje, mesmo cada um vivendo experiências diferentes, eles nutrem uma admiração pelo outro. Aqui percebo o senso de coletividade e comunidade existente entre os jovens de Muquém. “Uma pista nova, não prevista anteriormente” (MAGNANI, 2019, p. 134) que veio na oficina foram as seguintes questões que os jovens direcionaram para mim. Arthur levantou a mão e disse que queria fazer uma pergunta:

Assim Evilene, quando você entrou na UFC, foi fazer comunicação, você já falou aí que era apaixonada por essas coisas, fotografia e tal, mas quando você entrou lá qual era a tua visão para o futuro para quando terminasse? Tinha algo para o Muquém, algo concreto para o Muquém? Eu lembro também que você trabalhou na EPC daqui.

⁶² Relato da jovem Maria na oficina, dia 03/06/2021.

Foi um tempo muito bom, eu lembro. E sobre a juventude, outra pergunta, por que a juventude? O que te inspira na juventude?⁶³

A pergunta de Arthur me tirou um pouco do lugar de pesquisadora. Agora, os jovens que traziam os questionamentos para a pesquisa. Mas por se tratar de uma pesquisa de teor autoetnográfico respondi para eles que quando eu ingressei no curso de publicidade, diferente deles que hoje já tem um conhecimento sobre o que é a Universidade e o Curso, eu não tinha muita noção do que era e como poderia contribuir com a comunidade. Na época, Muquém ainda não tinha energia elétrica e nem tinha acesso à televisão. Poucas famílias tinham uma TV em casa e aquelas que tinham, como era o caso dos meus pais, só podíamos assistir uma novela e tinha que desligar na hora do intervalo para não descarregar a bateria.

Jornais, filmes, desenhos, não era comum assistir. O rádio era o principal veículo de comunicação, mas eu não tinha muito esse contato com o universo da comunicação, da publicidade, da propaganda. Só quando ingressei na faculdade e fui me aprofundando sobre a área é que fui refletindo sobre o que eu estava fazendo ali. Eu vinha de uma vivência social, tanto no PRECE quanto na comunidade, morava no interior e estava em um curso que tinha como foco o mercado publicitário. Fazia sentido essa formação? Como poderia aplicar esses conhecimentos no dia a dia? Aos poucos fui ampliando a minha visão e concluí que poderia atuar em diversos segmentos, além das agências de publicidade ou departamentos de marketing. No curso adquiri conhecimentos teóricos e práticos relacionados à comunicação e percebi o quanto ela é fundamental para os projetos sociais, para o desenvolvimento das comunidades e das pessoas. A escolha no doutorado de pesquisar com jovens rurais, parte das minhas vivências (pessoais e profissionais), do desejo de retomar o movimento-pesquisa do mestrado e das ausências de pesquisas com jovens em contextos rurais.

É importante destacar que Arthur é um jovem universitário e apaixonado pela memória e história de Muquém. Há algum tempo ele começou a registrar a história do lugar e entrevistar os moradores. Ele sonha/deseja publicar um livro sobre a comunidade. Como ele mesmo relatou na oficina, às vezes está em Redenção (local onde cursa a graduação) e fica pensando o que pode fazer junto com o “pessoal do Muquém⁶⁴”. Há algum tempo, também realizei um projeto em Muquém com uma amiga, denominado Memorial da Comunidade. Na época, nós duas cursávamos a graduação e apresentamos esse projeto para o Programa Geração Muda Meu Mundo⁶⁵ da Ashoka.

⁶³ Pergunta do jovem Arthur na oficina, dia 03/06/2021.

⁶⁴ Trecho de uma das falas de Arthur na oficina.

⁶⁵ A Geração MudaMundo® da Ashoka, organização internacional, estimula que os(as) jovens sejam agentes de transformação ao trabalhar com educadores(as), escolas, mães, pais e empresas para criar um ambiente no qual

As perguntas de Otávio também foram direcionadas a mim e ele fez quando estávamos concluindo a oficina. “Eu estava ouvindo desde o começo da nossa oficina e vou fazer uma pergunta baseado em todas as entrevistas que você já fez das perguntas. Quem é o jovem na rede social hoje? O que você pode falar? Uma definição?”. Essas interpelações de Otávio foram instigantes. Respondi de prontidão que ainda não tinha a resposta, mas buscava algumas pistas com eles ao longo da pesquisa. Nas considerações finais trago o ponto a que cheguei. Ainda sobre a oficina, Otávio destacou que foi uma atividade importante:

É reflexiva a pergunta quem eu sou eu. No quadro do bingo me fez refletir sobre quem sou eu e qual é o meu papel na minha rede social. Porque eu não uso as redes para falar sobre política, por exemplo, que é um tema tão interessante. Ou porque eu não falo sobre a minha comunidade. É reflexivo, é bom, me fez pensar.⁶⁶

Sobre as respostas dos jovens as frases do Bingo, apresento no quadro 5 um resumo das impressões apresentadas por eles durante a oficina. Interessante destacar que as respostas às frases do Bingo foram elaboradas a partir da indicação do colega, o que demonstrou também o conhecimento entre eles do modo de ser e estar de cada um na rede social. Aqui também eles me convocaram a participar e me indicaram uma frase, ou seja, eu estive ao longo da oficina como facilitadora, mas também como participante do encontro. Essa oficina foi gravada e as respostas orais foram decupadas posteriormente. No quadro 5 constam apenas as respostas que foram elaboradas por eles.

Quadro 5 - Respostas do Bingo “Quem sou eu na rede?”

Frase do Bingo ⁶⁷	Resposta dos jovens
1. Curto memes e perfis de humor para descontrair.	Otávio: Sim. A gente se descontraí um pouquinho, interage, desestressa. A gente procura mais essas coisas que tenha humor, porque a gente vive uma realidade difícil, principalmente nesse tempo de pandemia. Algo que não seja só notícias má, números de mortes, contaminação e aí a gente procura algo mais para gente tirar aquelas informações tão pesadas, coisas para curtir e compartilhar com os amigos para rirmos juntos.
2. Acompanha influencers e artistas e diariamente, inclusive comenta as postagens.	Otávio: Sim. A gente assim mais jovem, tem aquelas pessoas que tem um perfil mais humor é que são aquelas pessoas famosas que compartilham, fazem coisas é eu acho interessante eu gosto de acompanhar essas pessoas. Vitória: Sim. É verdade, no meu caso eu só curto não comento, mas gosto de acompanhar algumas pessoas que tipo traz alguma influência para a minha vida, só para distrair mesmo.
3. Gosto de fazer enquetes no meu perfil do Instagram	Vitória: No meu caso né, tipo esses dias a gente está interagindo mais, não no meu perfil do Instagram, mas sim no perfil da nossa lojinha que é a Império. Então a gente busca tanto distrair as pessoas (com a enquete),

possam conduzir e praticar as quatro principais "habilidades dos agentes de transformação": empatia cognitiva, liderança colaborativa, cultura de “equipe de equipes” flexíveis e realização de mudanças. Disponível em: <https://www.ashoka.org/pt-br/program/sobre-geracao-mudamundo>. Acesso em: 03 set. 2021.

⁶⁶ Comentário de Arthur na oficina, dia 03/06/2021.

⁶⁷ As frases foram apresentadas neste quadro na ordem que os jovens escolheram e não pela que estava exposta no Bingo.

	como anunciar o nosso negócio e interagir com o pessoal. Maria: Sim. Eu gosto de postar enquete. Geralmente eu faço, não sei se as pessoas gostam do meu conteúdo, mas eu gosto de postar.
4. Compartilho registro da comunidade, eventos e atividades culturais e religiosas	Maria: Eu gosto de postar, não posto muito, mas gosto de postar, geralmente quando eu posso eu posto algo sobre, porque eu acho muito interessante e eu admiro muito quem faz esse trabalho de divulgação da nossa cultura mesmo é um negócio que gosto muito. E eu vou perguntar essa daí para o Arthur, eu acho a cara dele. Arthur: É. Realmente eu gosto, minha resposta é sim, gosto de produzir as artes e divulgar, porque me faz bem, trabalhar nesses eventos da comunidade me faz bem, principalmente trabalhar na igreja
5. Gosto de interagir com amigos/as no privado	Arthur: Eu gosto de conversar com os amigos porque a gente ocupa a mente com outros assuntos para descontraír, tirar algum peso que tenha na mente, foge um pouco da realidade e das notícias ruins que estão nos rodeando nossa sociedade. Me faz bem! Carlos: É sempre bom interagir com os amigos, passar o tempo, principalmente nesse período agora, que a gente não pode se ver presencialmente com as pessoas, então é um jeito de descontraír de ficar sempre comunicado sobre coisas que acontecem, no caso fofocar, igual a Maria aí.
6. Tenho perfil em várias redes, mas apenas um é ativo	Carlos: Sim. Tenho todas: Instagram, Facebook, mas utilizo mais o WhatsApp mesmo, só por questão mesmo de se comunicar com as pessoas mais próximas a mim. Igor: Na verdade eu tenho um monte de conta nas redes social, mas uso mais o Instagram, WhatsApp Quer dizer então, não uso só mais um, mas tem o caso faço o cadastro em uma rede só para acompanhar alguma coisa específica aí nunca mais uso, tipo uma vez eu fiz o cadastro no TikTok só para acompanhar o jogo do Ceará e pronto nunca mais usei. Então, é uma rede que não me identifico muito. Mas eu fiz por um motivo específico.
7. Apresento o que eu faço no dia a dia nas minhas redes sociais.	Igor: Eu não gosto muito de postar o que eu faço exatamente todos os dias, só algumas vezes quando estou em momento de diversão geralmente é só isso. Marcos: Bom, eu não gosto muito de postar as coisas nas minhas redes sociais, eu sou um cara mais reservado, eu não curto muito, gosto mais de ficar olhando o que os outros fazem, mas eu não gosto muito de expor minha vida não.
8. Tenho a síndrome do toque fantasma, ou seja, imagino que o celular está vibrando e fico olhando com frequência.	Marcos: Bom eu já passei dessa fase, eu tive uma fase que eu ficava direto no celular, chegava uma mensagem eu corria para olhar, mas hoje já passou. Luís: Não. Eu sou um pouco afastado do celular, das redes sociais, eu pouco faço uso.
9. Minhas postagens são sobre política e outros assuntos que estão em pauta na mídia.	Otávio: Seria um tema muito importante para a gente ter o interesse, que é para ter a informação para ver essas coisas assim. Vitória: Eu ia escolher ela (frase) na vez que eu escolhi para a Maria, porque eu acho a cara dela e da Evilene. É muito importante, principalmente referente ao contexto em que a gente está vivenciando de pandemia, todo aquele negócio político.
10. Produzo conteúdo na minha rede sobre o meu trabalho, exploro as ferramentas da internet.	Camila: Eu produzo conteúdo na minha rede sobre o meu trabalho e exploro o conteúdo da internet

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Ao longo do Bingo aconteceram intervenções minhas e dos jovens. Em uma das minhas intervenções questioneei o jovem Otávio se ele tinha algum influencer ou artista que acompanhava diariamente. Como ele mesmo mencionou, tinha vários que apreciava, mas dois

que ele gostava muito são os perfis do Álvaro (@alvxaro) e da Évila Muniz (@evilamuniz). “Eu gosto muito de assistir os vídeos dela” destacou o jovem que foi também um dos que acompanhei no Instagram e realmente vi posts compartilhados dos dois influencers. O Alvaro Xaro Neto, conhecido nas redes sociais como Alvxaro é um jovem Alagoano que cria conteúdo de humor a partir de situações inusitadas e do cotidiano. Évila Muniz é cearense, também cria conteúdos de humor. Os dois fazem um tipo de humor imediatista e pontual, fazem comédia do dia a dia com histórias simples, mas que tem atraído milhões de seguidores nas redes sociais.

Uma outra questão que surgiu no Bingo era se eles conversavam com os amigos mais próximos ou os mais distantes. A maioria comentou que conversava com os mais próximos. “Tipo eu e Carlos., a gente mora no Muquém, mas a gente se fala muito mais pelo WhatsApp e a gente nunca mais se viu”. Durante a oficina, alguns jovens também manifestaram que não se identificavam com algumas frases do Bingo e utilizavam pouco as redes sociais. “Ah! É como eu falei, eu uso (as tecnologias digitais) só para algum assunto importante, eu pouco converso, assim com alguém nas redes sociais WhatsApp e tudo”, destacou Luís. Ao mesmo tempo que jovens como Luís, falaram sobre o pouco uso do WhatsApp, pois “procuro ficar mais afastado, não sou tão viciado”, a jovem Maria comenta:

Eu acho tão chique quem usa o WhatsApp só para responder mensagens. Eu uso muito o WhatsApp, porque eu não sei se é pelo fato de ser a minha primeira rede social que eu comecei a usar, mas o WhatsApp eu uso direto, claro não estou sempre online, mas sempre que chega uma mensagem eu respondo rápido, porque é minha prioridade em redes sociais, eu queria até usar menos, eu uso mais do que Instagram e é porque no WhatsApp só tem mensagens e status.⁶⁸

Ainda sobre o uso do WhatsApp, Otávio relata sua experiência com o aplicativo de mensagens que teve um crescimento exponencial na pandemia⁶⁹.

O WhatsApp ele é a rede mais íntima que a gente tem para se comunicar um com o outro, você não vai entrar no Instagram para mandar uma mensagem para alguém, você vai no WhatsApp, liga deixa uma mensagem, qualquer coisa assim. Eu não sei vocês, mas o WhatsApp é a rede que eu mais uso.⁷⁰

Duas frases do Bingo foram pouco comentadas por último pelos jovens: **Minhas postagens são sobre política e outros assuntos que estão em pauta na mídia e produzo**

⁶⁸ Comentário de Maria na oficina, dia 03/06/2021.

⁶⁹ O WhatsApp foi o aplicativo que registrou maior crescimento em razão da doença covid-19, causada pelo novo coronavírus. No total, o aplicativo teve crescimento de 40% no mundo, em média. Nos primeiros dias, o aumento era de 27% em países onde a doença começou a se propagar e de 41% onde ela estava em nível intermediário da curva de contágio. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/whatsapp-cresce-ate-76-por-cao-do-coronavirus/> Acesso em: 02 abr. 2021.

⁷⁰ Comentário de Otávio na oficina, dia 03/06/2021.

conteúdo na minha rede sobre o meu trabalho, exploro as ferramentas da internet. O jovem Otávio comentou que elas são interessantes, mas no primeiro momento não se identificou com elas.

Eu estava vendo aqui esse bingo, e uma coisa que eu fiquei pensando, gente, a gente não escolheu nenhuma que é dessa parte aqui - minhas postagens são sobre política e outros assuntos que estão em pauta na mídia. Que também seria um tema muito importante para a gente ter o interesse, que é para ter a informação para ver essas coisas assim.⁷¹

O Otávio, como mencionei anteriormente, é um dos jovens que observei no Instagram e que apresentou em algumas de suas imagens/postagens questões sobre política, negritude, racismo e homofobia. O comentário de Otávio na oficina reitera o que ele consome também no dia a dia nas redes sociais e levou também a jovem Vitória a comentar sobre a temática: “Eu ia escolher ela (frase) na vez que eu escolhi para a Maria, porque eu acho a cara dela e da Evilene. É muito importante, principalmente referente ao contexto em que a gente está vivenciando de pandemia, todo aquele negócio político”. Observei também as postagens das jovens Vitória e Maria no Instagram Stories. As duas compartilharam algumas imagens/postagens de cunho político, mas de forma muito tímida, com indiretas sobre a vacina da Covid-19, a crise política no Brasil e sobre o resultado das eleições municipais de Pentecoste. Percebe-se que existe entre esses jovens uma consciência crítica sobre suas escolhas políticas.

A frase **produzo conteúdo na minha rede sobre o meu trabalho, exploro as ferramentas da internet** foi comentada pela jovem Camila, que recentemente entrou “no ramo de empreendedorismo, como algumas outras pessoas aqui também do grupo, que já estão nesse ramo, o Luís, a Vitória, a Maria. Eu produzo conteúdo na minha rede sobre o meu trabalho e exploro o conteúdo da internet”. Como Camila mencionou neste comentário, ela e outros jovens trabalham com vendas. São pequenos empreendimentos que geram uma renda para eles. Camila vende cosméticos; Vitória e Maria revendem roupas masculinas; e Luís trabalha com bordados, confecciona blusas, jalecos e toalhas.

Todos têm o perfil das suas “lojas” no Instagram, mas não incluí análise desses perfis comerciais na pesquisa. Como eles mesmo mencionaram, apenas Camila, usa a rede social Instagram para produção de conteúdo. Maria, inclusive comentou sobre o uso que Camila faz das tecnologias digitais. “Eu quero tipo parabenizar a Camila, porque eu acho os conteúdos dela muito bons, eu acho que realmente chama o cliente. Eu gosto muito de ver os

⁷¹ Comentário de Otávio na oficina, dia 03/06/2021.

conteúdos que ela posta sobre as coisas que ela está vendendo e que ela está mostrando”. A jovem foi a que teve mais dificuldade de acompanhar a oficina. Sua internet oscilava e não conseguiu acompanhar 100%. Mesmo assim, ela apresentou seu ponto de vista sobre os usos da internet e das redes sociais em um dos momentos da oficina.

Eu queria só terminar minha pauta sobre um assunto que eu percebo de mim mesmo em relação à internet. A internet é praticamente um mundo gigantesco e tem informações e tem coisas boas e coisas ruins também. E o intuito é para a gente aparecer, principalmente agora na pandemia surgiu muitos trabalhos relacionados a internet e eu percebo ao mesmo tempo que muita gente tem medo de aparecer eu mesmo sou uma que dou o meu exemplo, porque às vezes tenho medo de ser criticada, o medo de não estar fazendo o certo, o medo das pessoas não gostarem do que falo do meu trabalho e tanto quanto da vida pessoal também. Por isso, que muitas vezes as pessoas resolvem não postar tanto sobre a vida, ser mais reservado. Eu percebo que isso acontece muito.⁷²

Interessante destacar que ao mesmo tempo em que Camila faz essa análise de como ela percebe o uso das redes sociais e relata seus medos de não se enquadrar no formato estabelecido pelo Instagram, por exemplo, Maria elogia os conteúdos que ela produz e exalta sua performance. Camila agradece e ressalta: “Obrigada Maria, eu sempre tento, estou tentando sempre me informar bem para trazer conteúdos de qualidade e bom que ajudem também”.

A partir dos comentários de Camila e dos demais jovens na oficina, percebo, mais uma vez, o olhar atento e crítico deles sobre as tecnologias digitais. Eles compreendem que a internet e as tecnologias digitais podem ser utilizadas como um espaço de lazer e consumo (conversar com os amigos, assistir vídeos de humor, ouvir músicas), mas também como um lugar para potencializar o que eles fazem, para manifestar seus posicionamentos políticos e divulgar suas narrativas. No espaço virtual, eles transitam entre o local e o global. Recriam outros modos de se comunicar e de manifestar suas inquietações, seja compartilhando um meme, um vídeo, uma música ou até mesmo uma frase que eles se identificam, como por exemplo, a frase compartilhada “família tóxica”. São muitas subjetividades e sociabilidades presentes nesse espaço de comunicação, mediado pelas tecnicidades, mas também pelas tradições familiares e cultura de cada um.

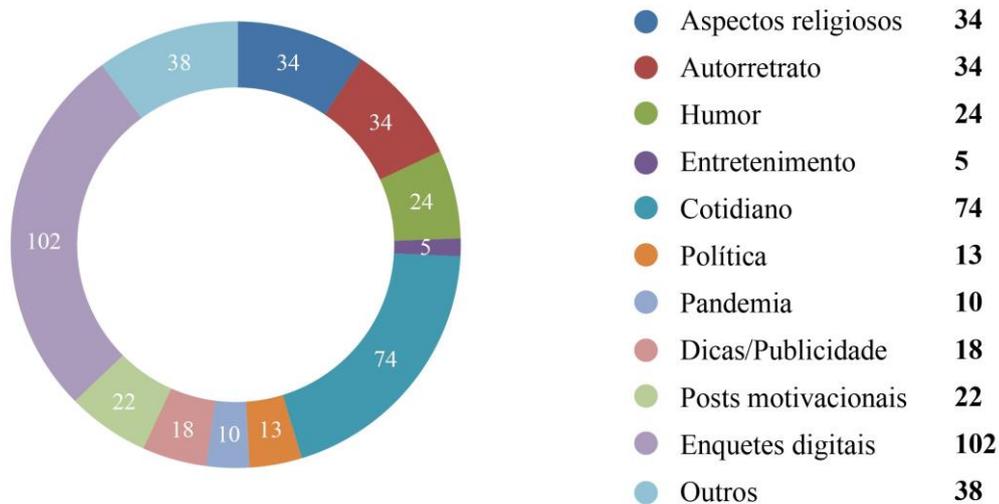
4.2 As Histórias dos jovens publicadas no Instagram

Os conteúdos compartilhados em geral pelos quatro jovens – Arthur, Maria, Otávio e Vitória – no feed do Instagram são imagens pessoais publicadas com pouca

⁷² Comentário de Camila na oficina, dia 03/06/2021.

frequência. No Instagram Stories compartilham memes, histórias religiosas com conclusões moralistas, humor e informações consideradas como sendo de interesse público, algumas pautadas por perfis de jornais como O Povo Online⁷³. A exemplo, temos: conteúdos relacionados às medidas de prevenção à Covid-19; e, atualizações sobre o *reality show* Big Brother Brasil⁷⁴. No período de novembro de 2020 a janeiro de 2021, quando observei o perfil desses quatro jovens no Instagram Stories acompanhada de *printscreens* (capturas de tela) do conteúdo digital reuni 374 postagens. Conforme o gráfico 1, as postagens foram divididas em 11 (onze) categorias: aspectos religiosos; autorretrato; humor; entretenimento; cotidiano; política; pandemia; dicas/publicidade; posts motivacionais; enquetes digitais; e, outros.

Gráfico 1 - Tipos de conteúdo publicados pelos jovens no Instagram Stories



Fonte: Elaborado pela autora (2023), a partir dos dados coletados.

Esse levantamento inferiu que todos eles no cotidiano faziam com frequência postagens de selfies mostrando diversão, fé, vínculos afetivos, amizade, celebrações, conquistas e enquetes digitais. Dentre os perfis do Instagram dos quatro jovens observados, o da jovem Maria foi o que teve maior número de publicações no período. Dois deles, Arthur e

⁷³ Um dos principais veículos de notícias do estado do Ceará: <https://www.opovo.com.br/conhecaopovo/>

⁷⁴ Conhecido popularmente como BBB, é a versão brasileira do *reality show* Big Brother, produzido e exibido pela TV Globo. Sua primeira edição iniciou em 29 de janeiro de 2002, com uma segunda temporada sendo exibida no mesmo ano. A partir da terceira edição, passou a ser anual.

Vitória, tiveram baixas postagens, e, conseqüentemente, não tiveram publicações em todas as categorias. No quadro 6, apresento a quantidade de conteúdo publicado pelos jovens.

Quadro 6 - Tipos de publicação dos jovens

Nome do jovem	Tipos de publicação	Quantidade de posts	Prevalência
Arthur	Aspectos religiosos	1	Cotidiano
	Cotidiano	12	
	Autorretrato	2	
Maria	Aspectos religiosos	28	Enquetes digitais, seguido de Cotidiano
	Humor	10	
	Entretenimento	1	
	Autorretrato	22	
	Cotidiano	36	
	Política	6	
	Pandemia	4	
	Dicas/Publicidade	7	
	Posts motivacionais	15	
	Enquetes digitais	97	
	Outros	30	
	Aspectos religiosos	2	
	Humor	14	
	Entretenimento	3	
Autorretrato	2		
Otávio	Cotidiano	12	Humor, seguido de Cotidiano
	Política	6	
	Pandemia	4	
	Dicas/Publicidade	6	
	Posts motivacionais	6	
	Enquetes digitais	3	
	Outros	8	
	Vitória	Aspectos religiosos	
Autorretrato		2	
Entretenimento		1	
Cotidiano		14	
Política		1	
Pandemia		2	
Dicas/Publicidade		5	
Posts motivacionais		1	
Enquetes digitais		2	

Fonte: Elaborada pela autora (2023), a partir dos dados coletados.

As enquetes digitais, em sua maioria, são interrogações usando o próprio recurso do Instagram para interagir com os usuários. Coletei um total de 102 enquetes, sendo que 10 foram elaboradas por Maria e tiveram 88 respostas. A enquete “Escolham a música”, criada por Maria, revelou aspectos do consumo cultural a partir do gênero musical e foi a que teve o maior número de respostas, 21 pessoas responderam no total. Essa enquete trata sobre os gostos musicais, as representações e estilos de vida deles. Na enquete, a pessoa respondia indicando uma música e Maria comentava se ouvia ou não. A indicação era por meio de

infográfico, seguido sempre de um comentário, na maioria das vezes com um *emoji*⁷⁵.

Os gostos musicais apresentados nessa enquete me surpreenderam e até mesmo a Maria. No subtópico seguinte, priorizo essa análise a partir das reflexões de Spyer (2018) de que a maioria das pessoas que moram no Brasil emergente utilizam a internet e as mídias sociais para se comunicar com parentes distantes, mas principalmente com membros da família e vizinhos. Partindo dessa ideia, confirmei na entrevista que as interações de Maria nessa enquete ocorreram com amigos e colegas próximos a ela. Segundo a jovem, quem respondeu essa enquete foram amigos da comunidade e da Escola. “Acho que a maioria da interação no Instagram é da galera de perto mesmo. E na época, eu estava no Ensino Médio, então, talvez os meus colegas de turma tenham respondido” (MARIA, 2023, p. 180).

As Histórias das enquetes digitais demonstraram que a interatividade é o que esses jovens da pesquisa mais buscam na rede social Instagram. Todos eles nas entrevistas citaram a enquete como uma das ferramentas que mais gostam. Mesmo os que não fazem a enquete, mencionaram que gostam de responder, inclusive citaram que Maria é uma das pessoas da rede que mais faz e eles gostam bastante.

4.2.1 “Escolham a música⁷⁶”: uma forma de interação e consumo cultural digital

A publicação de Histórias a partir da ferramenta enquete do Instagram foi uma das principais práticas comunicativas dos personagens da pesquisa. Ao todo, foram elaboradas 10 enquetes, sendo que a enquete postada por Maria, *Escolham a música*, foi a que teve maior nível de interação e revelou indicativos do consumo cultural de músicas por meio da rede social Instagram. No quadro 2, apresento de forma resumida as músicas indicadas pelos amigos de Maria. São músicas que expressam a diversidade de gosto musical dos jovens naquele período, ponto que é importante considerar em pesquisas no meio digital.

Tudo muda rapidamente. Maria confirma na entrevista que esse gosto musical é bastante influenciado pela grande mídia.

E essas músicas, tipo assim, hoje eu não escuto nenhuma delas. Não escuto piseiro também. Porque o piseiro estava bem alto nessa época. Meu gosto musical também foi mudando. Tem influência pelo que está em alta também. Tipo, essas músicas aqui, se a gente olhar as playlists da época, elas devem estar muito em alta (MARIA, 2023, p.180).

⁷⁵ Ideogramas e *smileys* usados em mensagens eletrônicas e páginas web, cujo uso é bastante popular entre jovens.

⁷⁶ Título da enquete digital criada pela Maria no Instagram no dia 02 de dezembro de 2020.

As músicas consumidas por Maria e seus amigos eram músicas de cunho cultural e político, algumas apresentavam uma crítica social e abordavam temas como gênero e questões sociais de classe. A maioria estavam entre as músicas mais ouvidas nas principais plataformas digitais do país no período de coleta de dados da pesquisa. A exemplo, a música “Oh Rita volta desgramada” de Thierry que chegou ao 9º lugar entre as "50 Virais do Brasil" da plataforma no Spotify⁷⁷ em 2020. Essa música de Thierry, pertence ao gênero sertanejo, mas traz uma abordagem sobre gênero e feminismo, com tons de “sofrência” e sotaque caribenho, característica do estilo musical do “novo sertanejo” que vem sendo estudado por alguns pesquisadores⁷⁸.

A música “Oh Rita volta desgramada”, conta a história de um coração dilacerado pela personagem Rita, uma mulher que decide finalizar um relacionamento amoroso e, mesmo assim, seu companheiro fica mais apaixonado (RITA, 2020). A jovem Maria demonstrou quando divulgou o resultado da enquete que se identifica com a personagem e comenta: “ouço muito”. Já com relação a música “A pior parte” do gênero forró eletrônico, que enfatiza o término de um relacionamento amoroso, em que o “vaqueiro” personagem da composição relata momentos de tristeza pela ausência da companheira quando chega em casa. Maria expressa sua indignação com a objetificação da mulher.

Quadro 7 - Músicas listadas na enquete digital⁷⁹

Música	Gênero	Cantor/a ou Grupo musical	Comentário
Fé no Pobre	Funk	MC Marks e MC Robs	Curti muito
Oh Rita VoltaDesgramada	Sertanejo	Thierry (DJ Lucas Beat)	Curti muito
Um novo vencedor	Gospel	Damares	Curti muito
Boate azul	Brega	Cachorrão do Brega	Curti mais ou menos
Poesia Acústica #10- Recomeçar	Funk	Mc Cabelinho, Orochi, JayALuuck, Pk, Black, Delacruz, Bk’, Ludmilla	Curti muito
Era uma vez	Rap	Mc Xamã	Curti muito
Piseiros Estourou	Forró eletrônico e tecnobrega	Os Barões da Pisadinha	Curti muito
Trunks - Call 911	Drill com influência do Trap	Feat Cjota, RalphTheKiD	Curti mais ou menos
Probleminha diário	Hip Hop/Rap	Califfa, L7NNON, MC Hariel	Curti muito
Morena	Hip Hop/Rap, Funk	MC Paulin da Capital, DJ GM	Curti muito
Sinônimos	MPB	Zé Ramalho	Curti muito

⁷⁷ <https://www.uol.com.br/splash/colunas/pedro-antunes/2020/11/11/tierry-e-a-historia-do-hit-rita-volta-rita-que-eu-perdoou-a-facada.htm>. Acesso em: 20 nov. 2011.

⁷⁸ Ver artigo de Carlos Jáuregui: Do sertanejo à sofrência: o universo afetivo das canções mais tocadas no rádio brasileiro sobre o tema. <http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

⁷⁹ Essa enquete foi elaborada por uma jovem no Instagram no dia 02 de dezembro de 2020. Teve 22 respostas. A música “Se quiser é desse jeito” de Edy e Nathan foi citada duas vezes nas respostas. Portanto, no quadro só constam 21 tipos de músicas.

Volta meu amor	Forró eletrônico	Paulo Sampaio, Feat Tarcísio do Acordeon	Curti muito
Hoje tem baião	Funk	MC RD	Curti muito
Amor ou o Litrão	Brega-funk	Petter Ferraz, Menor Nico	Curti mais ou menos
Se quiser é desse jeito	Forró eletrônico e tecnobrega	Edy e Nathan	Curti muito
Poesia Acústica #9 - Melhor Forma	Hip Hop/Rap	L7NNON, CHRIS, Xamã, Lourena, Cesar Mc, Djonga, Filipe Ret	Curti muito
Positions	Pop	Ariana Grande	Curti muito
Esquema preferido	Forró eletrônico	Dj Ivis, Feat Tarcísio do Acordeon	Curti mais ou menos
A pior parte	Forró eletrônico	Renno, Tarcísio do Acordeon	Curti muito
Madrugada tão fria	Brega	Maicon Miranda	Não curti
Cadê o Loló	Funk	Gustavo Sagaiz	Não curti

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Ela divulga o seguinte trecho dessa música: “A pior parte é quando eu chego em casa. Depois de três dias de vaquejada. E ela não tá lá pra me abraçar” (A PIOR..., 2020) acompanhado de 2 (dois) emojis: imagem de duas mulheres com o braço levantado e a mão dobrada e o seguinte questionamento: “passa 3 dias na vaquejada e ainda quer que ela esteja lá?”. O gesto e comentário de Maria inferem, de maneira cômica, o quanto ela discorda das atitudes machistas que são apresentadas nessa música e demonstra também sua visão crítica sobre a condição da mulher. Quando entrevistei Maria, comentei com ela sobre essa música e ela revelou que a pessoa que ela interagiu foi o seu irmão, quatro anos mais novo que ela. “Eu lembro desse dia. Até brinquei com o meu irmão, acho que foi com o meu irmão. Tipo, pelo amor de Deus, ficou três dias fora de casa e quer que a mulher esteja lá?! É triste essa música, por colocar a gente nessa situação, a gente mulher nessa situação inferior” (MARIA, 2023, p. 180).

As músicas de raps e funks foram os gêneros musicais mais compartilhados nessa enquete. A música “Era uma vez”, do rapper Xamã, nome artístico de Jason Fernandes, 29, que começou a carreira em batalhas de rimas, e atualmente soma mais de 4,6 milhões de ouvintes mensais no Spotify⁸⁰, trata de um relacionamento amoroso e das dificuldades enfrentadas pelo personagem para frequentar a casa da namorada, devido às questões sociais de classe social e o custo elevado da passagem.

Nessa música Maria comenta: “tá pra ser feita uma melhor” acompanhada por 4 (quatro) emojis de rosto sorridente com olhos de coração, utilizados para demonstrar paixão por alguém ou alguma coisa. O personagem (próprio músico) fala da sua ascensão econômica

⁸⁰ Dados divulgados no Portal POPline. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/saiba-xama-rapper-album-zodiac/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

a partir da música e de que essa é uma oportunidade para sair do universo criminoso das facções: “Você vai me ver na TV fazendo uns corre. Tô gravando o meu DVD. Xamã tá no TVZ. Se for loucura nova a gente se resolve. Fé pra isso. Vai no love pra não ter que usar o revólver” (ERA..., 2019), relata o rapper nesse trecho da música. Maria vibra com a história de superação do rapper, mas mais do que isso gosta do ritmo musical, indicando a mudança de consumo cultural dessa nova geração de jovens rurais.

Essa mesma temática sobre ascensão econômica e questões sociais de classe é abordada na música “Fé no pobre louco” do MC Marks, nome artístico do cantor Paulo Alexandre Marques Santos, 26, mais conhecido por ser um entusiasta do “funk consciente”. Marks nasceu na periferia de São Paulo, utiliza seu talento para relatar como é a realidade dos jovens que, assim como ele, cresceram em um espaço de vulnerabilidade social e lutam para ter uma vida digna, acessar o mercado de trabalho e conseguir dar o melhor para suas famílias. Nessa música Mark conta com a parceria do MC Robs, Robson Gonçalves, 23, também conhecido como adepto do “funk consciente” e com origens na periferia de São Paulo.

O comentário de Maria “Do nada tô cantando sem saber” acompanhada por 2 (dois) emojis: um rosto sorridente com suor frio e um coração vermelho demonstra certo alívio, felicidade e amor. Nesta música, os dois MC’s tratam sobre as lutas da classe trabalhadora para ter uma ascensão econômica. Logo na abertura da música eles falam sobre os desafios diários da classe pobre, conforme trecho seguinte: “Toda vida correndo atrás. Pra fazer esse jogo virar. Ver a situação melhorar. Mandar toda tristeza embora” (FÉ..., 2020). Ao longo da música eles apresentam a ascensão econômica e o consumo de roupas de grife e de outros bens de luxo. Exibem uma felicidade com alívio, após tanto stress e esforço, reiterado nos emojis.

Observei em torno dos comentários e letras das músicas acima que existe uma identificação dos jovens rurais também com os desafios enfrentados pelos jovens que vivem nas periferias dos grandes centros urbanos – invisibilidade social, renda digna, acesso à educação, enfim, aos direitos humanos básicos que lhe são negados. A maioria dos MC’s são jovens de classes populares que usam seus talentos para expor seus pensamentos, sonhos e as desigualdades sociais do Brasil. Assim, se esses jovens da periferia estão ocupando esses espaços de atuação, de visibilidade e de intervenção, é possível que também os jovens de origem rural encontrem formas de ascender socialmente e colaborar com o crescimento de suas comunidades. É o que inferi a partir das observações ao longo da pesquisa.

Um outro gênero musical em ascensão no país e o segundo mais compartilhado pelos jovens na enquete digital foi o Forró eletrônico com influência do sertanejo e seus

subgêneros: tecnobrega⁸¹, piseiro ou pisadinha. O piseiro surgiu no interior do Nordeste nos anos 2010 em vaquejadas e “pegas de boi”⁸². É um forró mais swingado conhecido pelo uso do teclado e sintetizadores. É tocado nos paredões, tipo de festas bastante comum nas comunidades rurais e que envolvem vários ritmos – como o eletrônico, o sertanejo e o pop. As músicas são simples e em sua maioria falam sobre a vida do vaqueiro e do campo. Essas festas com paredões são similares aos bailes funks e ocorrem em pequenos povoados.

É bastante comum as festas de paredões na comunidade Muquém e em lugarejos próximos. A maioria dos personagens deste estudo frequentam as pegas de bois e as festas de paredões, mas nem todos manifestaram que gostavam do estilo. Muitos vão para essas festas devido serem as principais opções de lazer na comunidade e a oportunidade para encontrar os amigos. “Eu gosto dos paredões, mas não gosto muito. Nem tenho vontade de ter um não. As pegas de boi vou mais pela companhia dos meninos, folia, não gosto muito não. Porque pega de boi é só a saída mesmo, diferente da vaquejada. O bom é o que tem no dia, geralmente tem festa depois” (IGOR, 2023, p. 159).

Dois músicas citadas na enquete digital que fazem parte desse estilo musical e falam sobre a simplicidade do meio rural são: “Piseiro Estourou” e “Se quiser é desse jeito”. Na primeira música “Piseiro Estourou” a própria letra da música afirma que deve ser “respeitada essa pegada que veio do interior”. Maria reitera o conteúdo da letra com o seguinte comentário: “Piseiro, sempre” acompanhado de vários pontos de exclamação exaltando a música e o estilo musical, e conseqüentemente, a própria cultura local. Na música “Se quiser é desse jeito”, o comentário indica desconhecimento da jovem da composição e ao mesmo tempo a felicidade de ouvir. Ela escreveu “Q indicação. Mtoboa. Kk” acompanhada do emoji coração vermelho. A letra da música fala do orgulho de ser vaqueiro, uma das profissões existentes no meio rural, principalmente no Nordeste, que, embora regulamentada⁸³, é considerada em extinção.

A música “Cadê o Loló” de Gustavo Sagaiz não faz parte do hábito de consumo da jovem Maria que de forma surpresa comenta “Minha nossa senhorinha. Tu ouviu????”. Essa

⁸¹ O tecnobrega nasceu da fusão da música eletrônica com o brega tradicional. Esse novo estilo musical foi criado longe das gravadoras – nacionais e locais, grandes ou pequenas – e dos meios de comunicação de massa – em especial, rádio e televisão (LEMOS; CASTRO, 2008, p. 28).

⁸² Vaquejadas e “pegas de boi” são festas bem típicas da cultura Nordestina. Nestes eventos, os vaqueiros montados a cavalo derrubam um boi, puxando-o pelo rabo, entre duas faixas de cal do parque de vaquejada. Pode ser visto também como um esporte e a partir da década de 2010, passou a ser questionado por ativistas dos direitos dos animais em virtude dos possíveis maus-tratos aos bois.

⁸³ A Lei nº 12.870 de 15/10/2013 regulamenta a profissão de Vaqueiro. Percebo que existe uma diferença entre o reconhecimento desse profissional em duas regiões do Brasil - Sul e Nordeste: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/102453>. Acesso em: 21 nov. 2021.

música é de funk, mas a letra fala sobre o consumo de drogas ilícitas e de uma possível abordagem policial. Desse modo, inferi que mesmo o funk sendo o gênero musical mais ouvido e indicado na enquete digital, ser abordado como uma boa música, o gosto musical de Maria não leva em consideração somente o gênero, mas o conteúdo da música, apresentando certa criticidade quanto ao consumo musical. Na entrevista ela comentou que o fato de não ouvir a música não é porque fala do uso de drogas, mas porque ela não tem um conteúdo relevante.

Essas músicas são as batidas dela que tornam elas muito virais, entendeu? A batida. Só que tem umas que mesmo a batida sendo muito viral, as letras são muito ruins, não é porque, sei lá, não tô querendo dizer que é porque é uma música que fala de uso de drogas e tal, e por isso eu não escuto, é porque é uma letra muito sem sentido, a letra é só isso, cadê o Loló? Isso, entendeu? (MARIA, 2023, p. 180).

Ainda no segmento das músicas que Maria manifestou que não gostava de “Madrugada tão fria” de Maicon Miranda. Essa é uma música brega que fala sobre a ausência da companheira. Interessante destacar que a jovem respondeu que não gostava da música e fez o seguinte comentário: “Arraste seu chifre no asfalto. Kkk”. No comentário percebi um pouco de preconceito com a música brega, ao mesmo tempo em que refleti sobre o consumo do brega-funk, um estilo que assim como forró eletrônico tem se destacado no cenário nacional⁸⁴ e que foi indicado na enquete digital como interessante. A justificativa de Maria para não gostar dessa música é que segue o mesmo estilo da letra da música Cadê o Loló? “É a mesma vibe. São muitas frases prontas. Eu acho que isso aqui é uma frase pronta”. (MARIA, 2023, p. 180). Todas as músicas elencadas no quadro 7 (p.84) a partir da enquete digital da personagem Maria mostram uma diversidade de ritmos e composições acessadas por meio da rede social Instagram.

Na enquete digital, Maria destacou apenas duas músicas que não são apreciadas por ela. Nos comentários dela, existe certa surpresa ao conhecer o hábito de consumo cultural dos colegas da sua rede. A partir desse recorte das Histórias publicadas com as enquetes digitais, é possível inferir que esse tipo de consumo observado a partir das interações em enquetes digitais do Instagram, cada vez mais presente no mundo contemporâneo, associa a solidificação de uma cultura de consumo (CANCLINI, 2010) que interfere na forma como os jovens se apropriam das novas tecnologias digitais e das redes sociais.

Estudos quantitativos sobre as novas gerações destacam um traço de suas vidas: a instalação num presente com pouca memória e breve horizonte futuro. associam-no

⁸⁴ Sobre o estilo brega-funk e sua ascensão: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/11/26/interna_diversao_arte,809103/brega-funk-o-que-e.shtml. Acesso em: 21 nov. 2021.

à precariedade dos trabalhos e à reorganização cultural das experiências e a sua comunicação instantânea nas redes tecnológicas (CANCLINI, 2021, p.81).

A partir das reflexões de Canclini (2010; 2021) sobre a cultura de consumo das novas gerações principalmente na América Latina, pude observar nessa análise das Histórias das enquetes que tudo é bastante fluido para os personagens que corroboraram com essa pesquisa. Mesmo sendo jovens universitários, com acesso educacional elevado, se comparado a geração de seus pais, seus gostos mudam repentinamente e são relativamente frágeis quanto às suas perspectivas futuras e usos das tecnologias digitais. Aparentam certa criticidade quanto ao uso das plataformas digitais, sabem como usar as inovações tecnológicas, mesmo assim suas Histórias, criatividade e ideias giram em benefícios de grandes corporações midiáticas.

4.2.2 Autorretratos: o que representam?

De acordo com Spyer (2018, p. 122) os autorretratos, ou seja, as selfies são usadas frequentemente no Brasil emergente para “mostrar símbolos de mobilidade ascendente, como roupas e acessórios”. No caso dos quatro jovens de Muquém que acompanhei no Instagram, é um tipo de fotografia recorrente no Stories e feed de todos eles. No entanto, o total de selfies postadas pelos quatro no Stories foi 39, um número baixo diante da quantidade de imagens/postagens do período observado - 410. Os autorretratos dos jovens de Muquém indicam em geral a beleza e aspiração deles, o seu desenvolvimento com a chegada da nova idade. As únicas duas selfies divulgadas por Arthur são para expor a data do seu aniversário. A primeira foi divulgada um dia antes com um lembrete da data, acompanhada da idade que faria e de três emojis, dois festivos e um da mão acenando. A segunda selfie foi no dia do aniversário com a frase: “E parabéns pra mim! 20” acompanhada de dois gifs – três balões coloridos mais um de um bolo com velas e a frase em inglês *Happy Birthday*.

Durante a entrevista perguntei a Arthur se ele gostava de fotografia e fazer selfies. Ele destacou: “*Sim, eu gosto de selfies. Eu gosto de mim, de me ver, de ser uma foto minha, sabe*”. A fala de Arthur aponta para essa valorização do seu “ego”, a necessidade de ser visto e observado na rede social Instagram. Ele é um jovem tímido, muito criativo e que faz muitas produções em outros perfis, só que sempre de forma oculta. Arthur é citado pelos outros personagens como aquele que dar sempre suporte na comunicação dos grupos religiosos ou atividades culturais da comunidade. As Histórias das selfies de Arthur e dos demais personagens corroboram para elevar a autoestima deles que transitam entre uma sociedade de

consumo, mediada pelas redes sociais, a internet, a televisão e as demais mediações que lhes atravessam no lugar onde moram – as experiências na igreja, na Escola, na comunidade.

Maria ao apresentar uma selfie sua maquiada com a música “Monalisa”⁸⁵ do rapper Xamã, expõe em seguida uma postagem do comentário que recebeu de uma amiga exaltando a maquiagem divulgada na imagem com a seguinte frase e com um emoji de um rosto sorridente com suor frio: “ai mds, eu fico toda encabulada”. Abaixo o diálogo da jovem com sua amiga Paula⁸⁶:

Paula: Tu que fez essa make?

Maria: Foi (acompanhada de emoji de carinha de cabeça para baixo).

Paula: Pois tai, arrasou demais. Muita menina q faz q eu conheço e não vi uma tão linda e tão simples ao mesmo tempo. Parabéns (acompanhada de emoji aplausos).

Maria: Ai mds, (emoji de rosto sorridente com suor frio) brigada. De coração. Eu amo maquiagem, não tenho especialização, e ã é sempre que acerto.

Paula: Nem imaginava q tu sabia fazer (emoji coração) por nada, só tô sendo sincera.

Maria: Mas é uma coisa que faço por amor.

Nessa História divulgada por Maria e no diálogo com Paula, percebo mais uma questão que atravessa o universo dos jovens rurais que são as questões de gênero, feminismo e aceitação do próprio corpo. Como a própria jovem traz na imagem divulgada, ela fica “toda encabulada”. O comentário é acompanhado do emoji de um rosto sorridente com suor frio, indicando felicidade e alívio. A maioria dos autorretratos divulgados por Maria expressam essa relação com a estética feminina. De um total de 22 autorretratos, doze possuem filtros.

Destaco uma das selfies com filtro com a legenda "Quem vê close não vê 'corre'". Essa frase viralizou no Instagram em 2019, quando a cantora Pablllo Vittar fez uma postagem com a frase no seu Instagram Stories. A atitude de Pablllo Vittar fez com que vários internautas se identificassem com ela. Aqui mais uma vez percebo a mundialização da cultura no dia a dia dos jovens de Muquém, que se apropriam dos modos de operar nas redes sociais e ressignificam seus usos a partir das suas experiências. A selfie com a frase “quem vê o close não vê o corre” é acompanhada de um emoji de rosto laranja-avermelhado com sobrancelhas franzidas, a língua para fora e gotas de suor. O emoji indica que ela está com calor. Quando Maria divulgou essa história, estávamos no período de seca, um dos desafios que são

⁸⁵ Essa música exalta a beleza feminina a partir da Monalisa.

⁸⁶ Mantive o formato de linguagem escrita do diálogo original, sem fazer as correções ortográficas ou inclusão de palavras abreviadas. Nome fictício.

enfrentados pelos jovens das comunidades rurais no Nordeste, onde as temperaturas são elevadas e precisam conviver com as dificuldades de acesso à água de qualidade.

Em outra selfie, publicada seis dias depois, com o mesmo ângulo e roupa, sem maquiagem e sem filtro com a frase em destaque “Tão natural qnto a luz do dia...por enqnto”, Maria revela o incômodo de divulgar suas selfies de forma natural. Aqui, mais uma vez, a luz do pensamento de Sibilía (2003), reflito sobre a realidade fictícia e a gestão de si como marca na rede social Instagram. Maria, dentre todos os personagens da pesquisa, é a que mais expôs selfies e seu cotidiano na rede social Instagram. Durante a entrevista, conversei com Maria sobre os Stories que ela postava nesse período. Percebia que tanto Arthur como Maria buscavam incessantemente pelo espetáculo de si mesmo na rede social. Maria justifica que a pandemia e o tempo de isolamento social, quando estava mais ociosa contribuiu:

Eu já gostei mais de postar. Agora eu prefiro mais ficar só consumindo. Por que eu gostava de gostar? Eu acho que é tem o lance de novo da pandemia, entendeu? A gente ficava muito ociosa, mas eu vejo hoje que quando ficamos muito a mostra estamos um pouco vulneráveis. Pode ter um comentário maldoso. Mesmo que ninguém fale nada, eu acho que quando a gente posta alguma coisa a gente fica pensando muito na recepção que o outro vai ter em relação àquilo. Eu acho que a gente fica pensando muito nisso. Ai, eu posto isso aqui, meu Deus, as pessoas acham que eu não sei o que, vão pensar isso e tal, e tal, então isso meio que sempre foi um bloqueio. Só que agora eu evito. (MARIA, 2023, p. 176).

A partir da fala de Maria, é possível inferir que sua percepção sobre os usos das tecnologias digitais foram mudando. É fato que à primeira vista, existiu um deslumbramento desses jovens com a chegada da internet e a possibilidade de terem seu primeiro *smartphone*. Vitória recordou na entrevista a alegria de ter ganhado no aniversário de 15 anos dois celulares *smartphones* de presentes e como foi que começou a acessar as redes sociais. Ela não tinha muito conhecimento de como funcionava, mas havia muita curiosidade. Antes de ter sua própria rede social, já acessava a conta da avó no Facebook. O perfil no Instagram foi criado pela tia que lhe presenteou com um dos celulares.

Eu usava o da vó, sabe? Tipo, eu não conhecia o Instagram ainda, eu usava o Facebook da vó. Eu tinha 15 anos. Aí eu tinha a senha dela e eu usava só pra ver mesmo. Como eu disse, nunca fui interessada muito assim, sabe? Tanto que pra fazer o Instagram em si, eu fiz já no meu Ensino Médio, mia tia que fez pra mim. Ela disse: como assim Vitória, tu não tem Instagram? Todo mundo tem Instagram, e tu não tem? Aí ela fez pra mim. Mas eu gostei tanto que eu uso com muita frequência o Instagram, acho que mais do que o WhatsApp. Eu gosto muito da plataforma para interagir com os meus amigos. (VITÓRIA, 2023, p. 202).

O questionamento da tia de Vitória “...tu não tem Instagram? Todo mundo tem Instagram, e tu não tem?...” (VITÓRIA, 2023, p. 202) revela que parece indispensável hoje ter um perfil na rede social Instagram. Mas o uso que Vitória faz da sua conta segue praticamente

a mesma dinâmica de quando acessava a conta do Facebook da sua avó. Vitória é mais uma telespectadora das redes sociais, gosta mais de olhar o que os amigos postam. Durante o período que observei o perfil de Vitória ela só divulgou 29 Histórias e destas, apenas duas foram selfies, tipo colagem com gifs de flores sobre as imagens e filtros. Na entrevista ela comentou que gosta de fazer selfies, mas não quer se expor na rede social:

Eu tinha muita foto no meu feed, aí eu dei uma apagada, uma arquivada em algumas, porque acho que fica muito cheio de coisas. E porque eu não gosto muito de me expor. Eu me gosto mais quando eu tiro uma selfie minha do que quando outra pessoa tira. Tem um lado que você mais gosta, tem uma posição que você mais gosta e outro talvez não favoreça tanto e eu sei, sabe? (VITÓRIA, 2023, p. 203).

É possível perceber, através da fala de Vitória, que os autorretratos é uma forma de revelar o seu “eu”, mas que esse nem sempre será visível para outras pessoas. Rodrigues (2020) revela que as selfies além de incorporar uma negociação constante com a vergonha, constrói-se também nas formas através das quais tornam-se visíveis ou invisíveis de acordo com públicos específicos. Assim, cada personagem faz sua própria escolha de revelar o seu “eu”, os ambientes que frequentam, as atividades de lazer ou descanso, a partir da divulgação dos seus autorretratos. No caso de Otávio, observei que as selfies dele sempre buscam revelar uma performance, conectar com alguma vivência dele. Diferente das selfies postadas pelas duas jovens – Maria e Vitória, compostas por filtros, Otávio revela-se em certo aspecto de maneira diferente em relação aos outros personagens. Das 13 (treze) Histórias com selfies publicadas, 6 (seis) foram com amigos.

Otávio apresenta nos seus autorretratos mais elementos. Em um das selfies sua acrescentou a música “Rave de Favela”, parceria de Major Lazer (trio americano) com a cantora Anitta e Mc Lan, nome artístico de Carlos Alexandre Cruz, cantor e compositor mineiro associado ao funk paulista. A imagem foi feita tirada à noite e ele acrescentou na localização que estava na comunidade. Era um dia festivo para ele. Entretanto, ele estava em um espaço rural, com hábitos de consumo diferentes do apresentado na música “Rave de Favela”. Em outra selfie Otávio expressa um momento de abstração, descanso do jovem. A imagem é feita numa rede, onde é comum os moradores do Nordeste tirarem um cochilo ou dormir. É um hábito comum da região e que podemos inferir que revela também certo tipo de ostentação que é validada por ele com a palavra destacada sobre a foto “Domingoooo”.

Interessante mencionar que as histórias dos quatro perfis dos personagens foram coletadas no período pandêmico. Mas somente Otávio publicou duas selfies usando máscaras de proteção. Em uma delas usa uma máscara N95 e na outra uma máscara de pano vermelha. Essas duas imagens são para Otávio um marco de quando ele saiu da comunidade para

trabalhar. Ele não acrescentou nem um comentário, mas em conversas com ele nesse período revelou sobre suas preocupações com a pandemia de Covid-19 nesse período.

4.2.3 *Cotidiano de Muquém: religiosidade e educação*

Nas Histórias publicadas pelos personagens sobre a comunidade de Muquém são recorrentes os temas religião e sobre educação. A religiosidade atravessa as Histórias de todos eles, embora nem todos revelem o tema de forma tão explícita. Na figura 8, temos exemplo de imagens que abordam o tema, mas que para quem não é tão próximo desses jovens pode considerar que é uma postagem mais associada a uma data comemorativa – o Natal.

Figura 8 - Imagens/prints sobre o Natal



Fonte: Stories dos jovens no Instagram.

Entretanto, por conhecer a rotina de Muquém e acompanhar a participação deles nas atividades da igreja católica, única na comunidade, logo compreendi que as imagens da figura 8 são uma mensagem associada ao nascimento de Cristo, aos festejos religiosos. O Natal é uma data muito significativa na comunidade, pois é nesse período que acontecem os festejos do padroeiro local – Sagrada Família. É o período do ano onde as famílias se reúnem e festejam além do nascimento de Cristo a festa da Sagrada Família de Nazaré. Em 2020, mesmo com as restrições da pandemia e seguindo os protocolos de segurança, eles realizaram a festa, que foi um momento muito significativo para a comunidade que passou praticamente o ano sem ter atividades religiosas na igreja.

Figura 9 - Imagens/prints de divulgação da festa da Sagrada família



Fonte: Stories dos jovens no Instagram.

Os estudos de Bauman (2003) sobre comunidade apontam que ela é o lugar onde as pessoas se sentem seguras e protegidas. A luz do pensamento do autor é algo que os personagens e moradores de Muquém vivenciam. No período da pandemia, isso era bem recorrente. Muitos moradores só usavam máscaras quando saíam da comunidade. Aquele local era

...um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza, dificilmente um “canto” aqui é “escuro”). (BAUMAN, 2003, p. 07).

Por medidas de segurança e contenção da Covid-19, eu não fui aos festejos, mas acompanhei através dos Stories dos jovens algumas das atividades que eles realizaram e percebi que os desafios do isolamento social ao longo do ano fizeram com que eles estivessem mais envolvidos e empolgados na divulgação da festa. A comunidade parecia estar mais aconchegante e sem perigo de contaminação pelo Covid-19. A figura 9 apresenta os cartazes de divulgação do evento. Na figura 10, consta registros do evento do início das novenas, pela manhã e da última novena, à noite.

Figura 10 - Imagens/prints das novenas



Fonte: Stories dos jovens no Instagram.

Os personagens além de divulgarem o cartaz da festa da Sagrada Família, eles também postaram algumas imagens do evento com comentário e emoji coração vermelho, exaltando a alegria de participar do momento. A figura 10 reúne dois momentos: a abertura da festa e a última novena. Cada imagem do evento é acompanhada por frases que expressam gratidão e alegria. Ainda nos festejos de Sagrada Família, a comunidade realizou uma motocarreata e uma cavalgada que contou com a participação de moradores de outras comunidades vizinhas. Ambos os eventos, motocarreata e cavalgada, aconteceram pela primeira vez na comunidade, conforme divulgado na figura 9. Esse tipo de evento é comum ocorrer na sede do município, mas motivados pelo líder religioso, o pároco local, eles fizeram essa atividade que como podemos ver na figura 11 também foi de alegria e felicidade. Os jovens divulgaram registros da chegada da cavalgada acompanhado da localização e de um emoji de coração.

Na análise das imagens, é possível inferir que os personagens fazem um uso social da linguagem (CHARAUDEAU, 1996), na medida em que buscam formar um sentido e interagir com a história vivida pela comunidade durante a festa religiosa. As imagens da figura 11 são um indicativo pouca habilidade dos jovens de se comunicarem nas redes sociais. Como eles estão divulgando uma cavalgada, era esperado dentro de uma lógica de produção de conteúdo nas redes sociais que apresentassem vídeos com mais ação, ao invés de uma foto com textos em cima. Os vídeos seriam mais convenientes esteticamente para mostrar eventos desta natureza.

Figura 11 - Imagens/prints da cavalgada



Fonte: Stories dos jovens no Instagram.

Os jovens de Muquém fazem a prova do Enem na sede do município e utilizam o transporte escolar público para se deslocar. São 32 quilômetros de estrada carroçável. No caminho o ônibus teve um problema e eles tiveram que andar a pé até o local do conserto, conforme apresentado na figura 12, acompanhado do comentário “pobre é osso” com 2 (dois) emojis de rosto laranja-avermelhado com sobrancelhas franzidas, a língua para fora e gotas de suor, e a hashtag #enem2020.

As imagens da figura 12 são repletas de elementos semióticos utilizados para comunicar sobre um evento que faz parte do universo dos jovens – o Enem. Mas, mais do que comunicar e interagir, as imagens fazem uma crítica ao descaso do governo com a educação. A imagem com o print da notícia falando sobre o número de abstenções dos candidatos ao exame é acompanhada de duas frases: “Mau planejamento da nisso” e “Parabéns aos envolvidos”. Na primeira frase reforça a ausência do governo no tocante à educação e a segunda frase reitera de maneira cômica. A imagem divulgada dos estudantes a pé no dia de fazer o exame, acompanhada de outros elementos visuais e textuais, nos alerta para uma questão social enfrentada por estudantes de comunidades rurais que é a ausência de transporte escolar e o acesso ao local da prova. Aqui é possível inferir que os personagens percebem também a rede social Instagram como um espaço de denúncia.

A partir da análise dessas imagens, concluo que o Instagram é também um espaço que os jovens usam para falar da sua cultura, religiosidade, do lazer (partindo do pensamento de que a festa do padroeiro, é também esse espaço de lazer, de expor suas imagens, encontrar os amigos), da condição social, dos desejos, mas também dos seus posicionamentos políticos.

Figura 12 - Imagens/prints sobre o Enem



Fonte: Stories dos jovens no Instagram.

4.2.4 Indiretas: “Como assim?! Não tem racismo?! No Brasil?!⁸⁷”

Um outro elemento-chave que aparece de forma muito recorrente nos Stories dos jovens são as indiretas, ou seja, eles usam algum tema pautado em outros veículos de comunicação ou uma postagem de um outro perfil, para falar de um problema do cotidiano ou uma situação que eles vivenciam no local, na maioria das vezes de forma irônica. As indiretas, também podem ser definidas como “falas criptografadas” (SPYER, 2018), ou seja, é uma maneira que eles usam para comunicar alguma informação que será compreendida pelas pessoas mais próximas e por telespectadores que decifram esse jogo de linguagem. Tentam de algum modo disfarçar uma conversa ou assunto polêmico. Percebi o uso dessa estratégia para falar sobre temas que atravessam a experiência de cada jovem na comunidade, como racismo, família, meio ambiente e política. Aqui penso a experiência a partir da provocação de Bondia (2002) que enfatiza que ela é o que nos passa, nos interpela, nos toca.

Nesse sentido, esses jovens são interpelados a falar sobre seus corpos, a defender o lugar onde moram e a lutar por seus direitos. A figura 13 apresenta o posicionamento deles embora de forma tímida e irônica sobre negritude, racismo e misoginia. Na figura temos duas situações: uma postagem compartilhada do perfil @bolsominionarrependidos sobre a polêmica envolvendo o Vice-Presidente Hamilton Mourão que afirmou não existir racismo no

⁸⁷ Comentário de um jovem em uma imagem/postagem no Dia da Consciência Negra.

Brasil e a outra do perfil @focamarota falando do gesto exemplar dos jogadores do PSG e do Istanbul Basaksehir que deixaram uma partida de futebol na Liga dos Campeões após acusação de racismo. O gesto e o comentário do jovem ao compartilhar essas postagens revelam a indignação quanto ao posicionamento do Vice-Presidente e sua luta em defesa da causa. Esse jovem se autodenomina negro. Na postagem ele questiona a afirmação do Vice-Presidente: “Como assim?! Não tem racismo?! No Brasil?!”. Também usa 5 (cinco) figuras de braços de diversas cores com o punho cerrado e erguido para exaltar o enfrentamento e resistência dos jogadores.

Figura 13 - Imagens/prints sobre racismo



Fonte: Stories dos jovens no Instagram.

Como observado na figura 13 os jovens apresentaram uma situação global (atitude dos jogadores) e uma nacional (fala do Vice-Presidente) para pautar as questões de racismo que posso inferir que atravessam esse jovem, mas que é preciso ser aprofundada na tese. Já na figura 147 temos situações mais locais e até intimistas, associadas às eleições municipais de 2020, à questão ambiental e à família. Nas postagens relacionadas às eleições são visíveis a insatisfação dos jovens com o candidato eleito que foi condenado junto com a primeira-dama e ex-presidente da Câmara de Pentecoste por financiar campanha com dinheiro de golpes, no

município⁸⁸. Mas, essa manifestação é feita também de forma indireta e irônica, assim como a postagem sobre a retirada de areia por empresas do Rio Canindé de forma ilegal. A denúncia é feita a partir do compartilhamento de um vídeo do perfil do vereador e ambientalista de Fortaleza, Gabriel Aguiar, perfil @gabrielbiologia.

O vídeo compartilhado trata de uma denúncia sobre a remoção ilegal de areia da duna da Sabiaguaba, na CE-010, litoral de Fortaleza. Ao compartilhar o vídeo, a jovem comenta em caixa alta e com a localização de Muquém: “NÃO ACONTECE SÓ NA SABIAGUABA”. A retirada de areia do Rio Canindé é algo recorrente ao longo do seu percurso. Entretanto, no trecho que corta a comunidade de Muquém foi a primeira vez e não teve boa aceitação da comunidade. A prática foi denunciada e foi certificado que era totalmente ilegal, sem ter a devida autorização dos órgãos reguladores.

Figura 14 - Imagens/prints sobre meio ambiente e política



Fonte: Stories dos jovens no Instagram.

Na figura 14 também é abordado de forma indireta as relações familiares. Na postagem, cuja mensagem de destaque é “família tóxica”, o jovem comenta: “parente não é Família.’!! Distancie de pessoas tóxicas, mesmo que elas sejam alguém tão próximo de você”. No caso dessa postagem, posso inferir que é um indicativo para refletir na elaboração da tese como se constroem as relações familiares desses jovens, visto que é necessário levar em consideração os espaços distintos que eles vivem. Segundo Wanderley (2007, p. 23), a vida

⁸⁸ Ver notícia sobre a condenação em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/07/29/prefeito-primeira-dama-e-ex-presidente-da-camara-de-pentecoste-sao-condenados-por-financiar-campanha-com-dinheiro-de-golpes-no-ceara.ghtml>.

cotidiana e as perspectivas para o futuro dos jovens rurais são imbuídas de uma dinâmica temporal atravessada pelas tradições familiares e locais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS RASTROS QUE ENCONTREI

Nesse movimento-pesquisa busquei encontrar rastros do consumo cultural de jovens em contextos rurais no meio digital, mas, além disso, ampliar as vozes desses narradores e instigar outros debates, a fim de lançar luz sobre a importância de estudos na área que pensem sobre como a comunicação perpassa a vida de quem vive no Brasil emergente. Assim como qualquer outra pesquisa, parti dos objetivos, perguntas e métodos sabendo que poderia ser necessário fazer adequações no percurso e até novos questionamentos. Entretanto, eu não tinha a mínima ideia que viveria durante a pesquisa de doutoramento um fato histórico disruptivo - a pandemia de Covid-19 que requereu ainda mais mudanças e ajustes, medo e incerteza quanto ao fechamento desse ciclo.

Agora que concluo esta tese, após quase quatro anos desde a confirmação do primeiro caso de Covid-19, ainda convivo com os impactos negativos desse período terrível na história. Além do grande número de mortes no mundo, muitas, no Brasil, evitáveis, houve um aumento na desigualdade social e de problemas psicossociais. A população mundial segue se recuperando dessa crise sanitária. Minha família, a comunidade de Muquém, os narradores da pesquisa foram tomados por uma sensação de instabilidade emocional. De alguma forma, eu e a pesquisa também fomos afetadas. O distanciamento necessário e as perdas acarretaram muitos desafios. Demorei um tempo para aceitar as condições em que foi feita a pesquisa e finalmente me debruçar na escrita da tese.

Apesar dos desafios, a pesquisa com os jovens de Muquém foi um processo vivido com muita intensidade, permeado de inquietações, encontros (a maioria virtuais), alegria e aprendizagem. A experiência possibilitou que eu me reconectasse com a comunidade onde morei grande parte da minha vida, conhecer e dialogar com os jovens de maneira mais próxima e reconhecer como as tecnologias têm um papel singular na vida de cada jovem e na realização de pesquisas acadêmicas. O momento histórico da pandemia revelou ainda mais a importância da ciência. No que concerne ao objetivo principal do trabalho que foi identificar e analisar o consumo cultural de jovens oriundos da comunidade rural Muquém, mediados pelo uso do telefone celular e das redes sociais, pude observar que as práticas cotidianas deles na comunidade são reconfiguradas a partir das interações com o meio virtual.

Destaco que o contato desses jovens com as tecnologias digitais, lhes permitiu novas sensibilidades e sociabilidades, e, conseqüentemente, outros modos de se relacionar até com as pessoas da própria comunidade. Os jovens buscam por meio das redes sociais se conectar com outros mundos, mas nem sempre querem se identificar e se manifestar. As

plataformas, em específico a rede social Instagram, são para eles uma ferramenta de interação, lazer e entretenimento. A produção midiática não é o conteúdo fundamental desses jovens nas redes, nem a gestão de si como marca. Nenhum deles visualiza a presença na rede como oportunidade de trabalho e poucos gostam de expor suas ideias. No caso desses jovens fica perceptível que o foco durante o período da pesquisa era mais a interação, manter contatos com quem já conhecem. Não quero aqui afirmar que a presença deles na rede social se resume ao contato apenas com as pessoas que fazem parte de suas relações cotidianas, mas sim sugerir que os rastros deles no meio digital priorizam mais essas interações na pandemia.

Ao rastrear e observar as publicações deles, observei que existe um consumo cultural na própria comunidade que eles migram para as redes, como o das festividades religiosas. Há também um consumo global, apresentado por meio das enquetes de músicas, do compartilhamento de notícias sobre a pandemia, das indiretas. Eles consomem diferentes gêneros musicais, como: trap, rock, funk, rap, gospel, forró eletrônico, tecnobrega, sertanejo e piseiro. Apesar da diversidade de estilos musicais apresentados na enquete, os gêneros mais consumidos são sertanejo e forró, que fazem parte do consumo cultural das comunidades rurais, bastante presente em vaquejadas e “pegas de boi” que ocorrem em Muquém,

O Instagram é também um espaço utilizado pelos jovens para falar da sua cultura, religiosidade, do lazer, da condição social, dos desejos e posicionamentos políticos. Assim como dos seus diferentes “eus” por meio dos autorretratos. Por meio de indiretas, também definidas como “falas criptografadas” (SPYER, 2018), os jovens falam sobre questões candentes, que lhe incomodam e afetam tanto na comunidade quanto na sociedade em geral, como racismo, preservação do meio ambiente e política. As indiretas são uma maneira deles comunicar alguma informação que será compreendida apenas pelas pessoas mais próximas na tentativa de disfarçar uma conversa ou assunto urgente. Isso ficou perceptível quando analisei postagens que eles divulgaram de um outro perfil para falar de um problema que eles vivenciavam no local, como a retirada de areia do Rio Canindé, a dificuldade que tiveram de chegar até o local de prova no dia do Enem. Na maioria das vezes, essas indiretas são apresentadas de forma irônica, como foi o caso da postagem sobre racismo em que confronta o fato do Vice-Presidente do Brasil em exercício em 2020, afirmar que para ele é inexistente.

Tive a oportunidade de nas entrevistas perguntar aos jovens sobre as indiretas que publicaram, sobre o uso desse recurso. Eles alegaram que devido a cultura de cancelamento da internet muitas vezes não se sentem confortáveis em falar sobre essas pautas urgentes. Que também é difícil para os jovens defender seus pontos de vista na comunidade, serem ouvidos.

Dessa forma, eles apelam para esse tipo de comunicação e evitam confrontar os pais e as lideranças. Assim como expor suas ideias para outras pessoas na rede social.

Em termos gerais, esses jovens buscam criar e compartilhar suas próprias narrativas, embora não elaborem uma estratégia ou reflitam sobre sua permanência neste espaço. Quero dizer que apesar de usarem essas “falas criptografadas” ainda são tímidos no uso das redes sociais para manifestar seus posicionamentos, principalmente sobre política, gênero e raça. Seria esse comportamento nas redes, reflexo daquilo que vivenciam no dia a dia, da formação religiosa, que é muito forte na comunidade? Para responder essa pergunta seria necessária uma pesquisa mais ampla para entender a matriz cultural da religiosidade na comunidade. Poderia ser um desdobramento desse trabalho. Investigar como as tecnologias de comunicação são geradoras de novas sociabilidades, a partir da produção/circulação/consumo das mensagens religiosas propagadas. Essa sugestão parte das observações levantadas neste estudo e dos novos elementos que foram surgindo quando já estava analisando os dados da pesquisa. Recentemente, os jovens criaram perfis tanto no Facebook quanto no Instagram para divulgar as atividades religiosas. Também um perfil do time de futebol e outro da noite cultural. Os três perfis dizem muito sobre as singularidades do local e o que lhe movem.

Outras pesquisas podem ser desenvolvidas a partir desse estudo com foco na categoria de juventude rural e comunicação. É possível dar continuidade ao levantamento bibliográfico que iniciei incluindo na amostra estudos interdisciplinares. Assim como reflexões mais aprofundadas sobre a realização de pesquisas no/com o meio digital. Existem muitas outras perguntas e pesquisas a serem elaboradas a partir dos rastros que fui encontrando, como a análise dos perfis de influencers e canais do YouTube que os jovens falaram nas entrevistas. Como o tempo da pesquisa nos demanda fazer escolhas e estabelecer pausas para que ciclos como esse do doutorado sejam concluídos fica essas possibilidades de pesquisas, assim como outras que podem emergir a partir da dinâmica da comunidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Evilene de Sousa. O acesso de jovens rurais às tecnologias: desafios e usos da internet na pandemia. **Encontro Virtual Da Abciber**, 2020. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2020/paper/viewFile/988/485>. Acesso em: 05 mar. 2023.
- ABREU, Maria Evilene de Sousa. **Processos artísticos e comunicacionais da juventude no meio rural**: modos de cartografar e intervir no Assentamento Barra do Leme. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)–Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14623>. Acesso em: 16 fev. 2022.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o luto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANDRADE NETO, Manoel; MAZZETO, Selma Eliane. Mútua cooperação entre estudantes como estratégia de inclusão através da educação. **PerCursos**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2006.
- A PIOR parte. Intérprete: Renno, Tarcísio do Acordeon. Escrita por: Caninana, Renno. [S. l.]: Sua Música, 2020. Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=vSt3HPsrf0M&embeds_referring_euri=https%3A%2F%2Fwww.bing.com%2F&embeds_referring_origin=https%3A%2F%2Fwww.bing.com&source_ve_path=Mjg2NjY&feature=emb_logo. Acesso em: 20 set. 2023.
- ARTHUR. **Entrevista 1**. Entrevistadora: Maria Evilene de Sousa Abreu. Muquém, 21 abr. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta tese.
- BARBOSA, André Luiz Ferreira. **Internet e participação política de jovens no Brasil**: um estudo de caso sobre a Rede Virajovem. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- BARROSO, Livia Moreira. **Vivendo em Pau D'arco**: interações e transformações midiáticas' Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, n.19, p.20-28, 2002.
- BORGES, Patricia Da Veiga. **Cultivos do comum**: comunicação e produção de ruralidades no Rio de Janeiro 2017. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

- BITU, Carolina Bastos. A aprendizagem cooperativa na escola estadual de educação profissional Alan Pinho Tabosa em Pentecoste (CE). **Pesquisa E Debate Em Educação**, v. 6, n. 2, p. 138–154, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31931>. Acesso em: 31 jun. 2023.
- CARLOS. **Entrevista 2**. Entrevistadora: Maria Evilene de Sousa Abreu. Fortaleza, 26 abr. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta tese.
- CAMILA. **Entrevista 3**. Entrevistadora: Maria Evilene de Sousa Abreu. Fortaleza, 17 abr. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta tese.
- CAMPANELLA, Bruno. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. **MATRIZES**, v. 9, n. 2, p. 167-173, 2015.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Cidadãos substituídos por algoritmos**. São Paulo, Edusp, 2021.
- CAPOMACCIO, Giovanna. **Consumo e cuidado ambiental nas narrativas de jovens universitários do litoral de São Paulo: Trajetórias, Práticas e Imaginários Juvenis**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Paulista, São Paulo, 2014.
- CARMO, Erinaldo Ferreira; CHAGAS, José Aercio Silva; FIGUEIREDO FILHO, Dalson Britto; ROCHA, Enivaldo Carvalho. Políticas públicas de democratização do acesso ao ensino superior e estrutura básica de formação no ensino médio regular. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 95, n. 240, p. 304-327, maio/ago. 2014.
- CARPINEJAR, Fabricio. **Coragem de viver**. São Paulo: Planeta. 2021.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre ficar e sair: Uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CESAR, Claudia Siqueira. **Observação de jovens na internet na área rural (uso de internet em Escola Pública Estadual Rural)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2014.
- CHARAUDEAU, Patrick. O discurso da mídia: para uma nova análise de discurso. *In*: CARNEIRO, Dias.(org). **O Discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.
- COÊLHO, Tamires Ferreira. **Sertanejas conectadas: autonomia e escrita de si de mulheres do Sertão do Piauí no Facebook**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

CRUZ, Agnes Sofia Guimaraes. **Dados e narrativas sobre a violência contra mulheres negras**: uma análise da cobertura noticiosa da Folha de São Paulo e do conteúdo produzido pelo portal Geledés. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2018.

CRUZ, Elena Cristina Pinto. **A nova velha juventude**: modernidade, mudança social e questões geracionais nas representações dos Millennials. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. 1.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento Hip Hop. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

DUTRA, Flora Ardenghi. **Usos e apropriações do celular por jovens de classe popular**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

ERA uma vez. Intérprete: Xamã, Bagua Records, CMK. Compositor: Xamã. [S. l.]: Bagua Records, 2019. 1 vídeo (2:42 min). Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=lapjbSTZpLU&ab_channel=BaguaRecords. Acesso em: 24 jun. 2023.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. *In*: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (Org.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

FANTONI, Andressa. **Autorrepresentação de Adolescentes Porto-Alegrenses no Instagram**. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FÉ no pobre louco. Intérprete: MC Marks, MC Robs. Compositor: Robson Golçalves Martins. Produzida por: Dj Koringa Mpc, Petter. [S. l.]: Play Produtora, 2020. 1 vídeo (2:57 min). Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=C6IX5B7Gyxg&ab_channel=MCRobs-Topic. Acesso em: 13 maio 2023.

FERNANDES, Viviane B; SOUZA, Maria Cecília C.C. Identidade negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 63, p. 103-120, abr. 2016.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da antropologia para estudos em redes on-line. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set. 2019.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, v. 45. n. 2, maio-ago. 2020.

LUÍS. **Entrevista 4**. Entrevistadora: Maria Evilene de Sousa Abreu. Muquém, 23 abr. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta tese.

GORCZEWSKI, Deisimer. **Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais: in(ter)venções audiovisuais na Restinga**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio Sinos, Porto Alegre, 2007.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00025.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2023.

GROPPO, Luís Antonio. Pesquisar e fazer-se pesquisador: reflexões sobre uma trajetória de pesquisas com as juventudes. In: DAMASCENO, Maria Nobre; SALES, Celecina de Maria Veras; OLIVEIRA, Nadja Rinelle (Orgs.). **Pesquisa qualitativa: formação e experiências**. Curitiba: CRV, 2016. v. 1, p. 37-52.

GREEN, J.; DIXON, C. N.; ZAHARLICK, A. A etnografia como uma lógica de investigação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 42, dez. 2005.

GUBER, Rosana. **El salvaje metropolitano: reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

HINE, Christine. Ethnography for the internet embedded, embodied and everyday Copyright Bloomsbury Publishing, Huntingdon, GBR. **Mobile Media & Communication**, Australia, v. 2, n. 1, p. 40–57, 2015.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

IGOR. **Entrevista 5**. Entrevistadora: Maria Evilene de Sousa Abreu. Muquém, 21 abr. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta tese.

IGREJA, Monique Feio. **Tecnologia e interações na Amazônia paraense: Um estudo com jovens da ilha de Murutucu – Belém/PA**. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR (IDEC). **Mortes Evitáveis por Covid-19 no Brasil**. São Paulo: IDEC, jun. 2021. Disponível em: http://idec.org.br/sites/default/files/mortes_evitaveis_por_covid-19_no_brasil_para_internet_1.pdf. Acesso em: 05 jun. 2023.

JACKS, Nilda; WOTTRICH, Laura; LIBARDI, Guilherme. Antropologia e Comunicação: Planilha Bibliográfica. **CEDAP/UFRGS**, 17 jun. 2019. Disponível em: <https://cedap.ufrgs.br/jspui/handle/20.500.11959/1195>. Acesso em:

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOÃO. **Entrevista 6**. Entrevistadora: Maria Evilene de Sousa Abreu. Muquém, 22 abr. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta tese.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEMOS, Ronaldo; CASTRO, Oona. **Tecnobrega**: o Pará reinventando o negócio da música. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

LEONARDI, Elisa Ferreira Roseira. **Juventude/adolescência e autorrepresentação no Facebook**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LÉVY, Pierre. A emergência do cyberspace e as mutações culturais. *In*: PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Eduardo Campos (Org.). **Ciberespaço**: um hipertexto com Pierre Lévy. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p. 12-20.

LIA. **Entrevista 7**. Entrevistadora: Maria Evilene de Sousa Abreu. Muquém, 23 abr. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta tese.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A etnografia como prática e experiência. **Horizontes antropológicos**, v. 15, n. 32, Porto Alegre, jul./dez. 2009.

MARASCHIN, Cleci; DIEHL, Rafael. O método no pesquisar e as políticas cognitivas. *In*: Gorczewski, Deisimer (Org.). **Arte que inventa afetos**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2017.

MARCOS. **Entrevista 9**. Entrevistadora: Maria Evilene de Sousa Abreu. Muquém, 21 abr. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta tese.

MARIA. **Entrevista 8**. Entrevistadora: Maria Evilene de Sousa Abreu. Muquém, 22 abr. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta tese.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. *In*: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (Orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, p. 9-32.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTINS, Monica Santos. **Percepções da comunicação na relação educação e tecnologia**: análise do site Porvir. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2018.

MARQUES, Jane Aparecida; MACHADO TOALDO, Mariângela; JACKS, Nilda Aparecida. Juventude e consumo midiático em tempos de convergência: algumas observações. **Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 137, abril-julho 2018.

MASSEY, D. Um sentido global do lugar. *In*: ARANTES, Antonio A. (org). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papiurus, 2000.

MOLA, Aline Maria Mendes Caetano. **Jovens conectados: a comunicação da igreja católica no contexto da jornada mundial da juventude.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2014.

MONTARDO, Sandra Portella Selfies no Instagram: implicações de uma plataforma na configuração de um objeto de pesquisa, **Galaxia**, São Paulo, n. 41, p. 169-182, maio/ago., 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554201923768>. Acesso em: 04 jun. 2023.

MONTARDO, Sandra Portella; PELLANDA, Eduardo; PASE, André; VELHO, Eduardo. Estudando a cultura através de selfies: implicações do aspecto digital dos dados em sua análise. *In*: INTERCOM - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., Curitiba, 2017. **Anais [...]**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017.

MORAES, Fabiana. Bolsonaro, a imprensa e um fetiche chamado Nordeste brasileiro, **UOL**, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/fabiana-moraes/2020/08/29/bolsonaro-a-imprensa-e-um-fetiche-chamado-nordeste.htm>. Acesso em: 13 maio 2023.

MOURA, Diocsianne Correia de. **Meio e mensagem: usos e apropriações do smartphone nas interações cotidianas de jovens universitários Curitiba 2014.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

NEVES, Frederico de Castro . "Desbriamento" e "perversão": olhares ilustrados sobre os retirantes da seca de 1877. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 27, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10516>. Acesso em: 02 nov. 2023.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (NIC.br). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: pesquisa TIC Domicílios, ano 2021. **Cetic**, 2022. Disponível em: <https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2021/domicilios>. Acesso em: 15 jun. 2022.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (NIC.br). Três em cada quatro brasileiros já utilizam a Internet, aponta pesquisa TIC Domicílios 2019. **Cetic**, 26 maio 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/tres-em-cada-quatro-brasileiros-ja-utilizam-a-internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

NUNES, Rosane da Silva. **Pedagogia da alternância, mídia e consumo na formação de novos camponeses.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

OLIVEIRA, Catarina Farias de. **Comunicação, recepção e memória no movimento sem terra: etnografia do assentamento Itapuí/RS.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

ORTIZ, Anderson de Almeida Cano. **Jovem e cognição multiplataforma: relatos dos pioneiros de uma vida quase digital.** Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1989.

OTÁVIO. **Entrevista 10**. Entrevistadora: Maria Evilene de Sousa Abreu. Muquém, 22 abr. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta tese.

PAIS, José Machado; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação-uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, p. 301-313, 2017.

PASSARINHOS. Intérprete: Emicida, Vanessa da Mata. Compositor: Leandro Roque de Oliveira, Marcos José Ferro Levy. Produzida por: Maurício Cersósimo, Tony Dawsey, Xuxa Levy. [S. l.]: Laboratório Fantasma, 2015. 1 vídeo (4:33 min). Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=IJcmLHjjAJ4&ab_channel=EmicidaOficialVEVO. Acesso em: 07 ago. 2023.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 17-31.

PELLANDA, Nize Maria Campos. Sofrimento escolar como impedimento da construção de conhecimento/subjetividade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 105, p. 1069-1088, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 03 maio 2023.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RINCÓN, Omar. Mutações bastardas da comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 65-78, 2018.

RITA. Intérprete: Tierry. Compositor: Tierry. [S. l.]: Tierry, 2020. 1 vídeo (2:49 min). Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=hAWym7xiw0k&ab_channel=TierryOficial. Acesso em: 02 jul. 2023.

RODRIGUES, Leonardo Pastor Bernardes. **Seguindo a experiência**: uma etnografia diante da prática de selfie. 2020. Tese (Doutorado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

RODRIGUES, Manoel Ednaldo. **Recepção radiofônica**: o rádio no cotidiano de uma comunidade rural amazônica. 2014. Dissertação (Mestrado) - Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal Do Pará, Belém, 2014.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Palestra proferida no concurso para o cargo de Professor Titular da PUC/SP, realizado em 23/06/93. **Cadernos de Subjetividade**, v. 1 n. 2, p. 241-25, 1993.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, set.-dez., 2006, p. 37-50.

SALLES, Livia França. **O Fenômeno Booktuber: Juventude, literatura e redes sociais.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), Rio de Janeiro, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

SELIGMAN, Laura. Videoclipe. **Consumo e juventude: representações de si em ambientes de convergência midiática.** Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2016.

SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 12., 2003, Recife. **Anais eletrônicos [...]**. Campinas, Galoá, 2003. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2003/trabalhos/os-diarios-intimos-na-internet-e-a-crise-da-interioridade-psicologica?lang=pt-br>. Acesso em: 02 jan. 2023.

SIBILIA, Paula. **O show do eu.** 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Aleksandra Maria Sousa. **Análises das implicações psicossociais dos processos de migração rural-urbano de jovens universitários.** Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

SILVA, Luiza Abrahão da. **Colorismo e reconhecimento: aspectos da construção identitária dos pardos e mestiços no contexto brasileiro.** 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SILVA, Marcia Veiga da; MORAES, Fabiana. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos [...]**. Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>. Acesso em: 02 nov. 2020.

SILVA, Ricardo Duarte Gomes da. **Juventude em trânsito: atravessamento de sentidos e narrativas televisivas no meio rural.** 2014. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19685>. Acesso em: 04 jun. 2023.

SOUSA, Juliano Ferreira de. **Imagens das juventudes: uma mirada sobre o comportamento midiático-digital dos jovens de Bauru.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, Bauru, 2015.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens**: o caso dos filhos(as) de agricultores familiares de Ouro/SC. 2002. 279 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/82617>. Acesso em: 12 jul. 2020.

SPYER, Juliano. **Social media in emergent Brazil**. London, UCL Press, 2018.

TONDO, Romulo Oliveira. **Celulares, Conexões e Afetos**: a sociabilidade e consumo de smartphones entre jovens de comunidade popular. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

TOTAL de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas cresce no Brasil, diz IBGE. **Jornal Nacional**, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclararam-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 05 jun. 2023.

VITÓRIA. **Entrevista 11**. Entrevistadora: Maria Evilene de Sousa Abreu. Fortaleza, 27 abr. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta tese.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WINKIN, Yves Winkin. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas, São Paulo: Editora Papyrus, 1998.

WOLTON, Dominique. **Comunicar é negociar**. Porto Alegre: Sulina, 2023.

APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA EXPLORATÓRIA

PERGUNTAS DO FORMULÁRIO ONLINE 1

(PRIMEIRO CONTATO COM OS JOVENS)

1. Nome
2. Idade
3. Comunidade
4. Quais redes sociais você usa?
5. O que mais gosta de fazer na internet?
6. Quais aplicativos você usa com frequência?
7. Você lembra quando acessou pela primeira vez as tecnologias digitais (a internet)?
Pode descrever brevemente como foi?
8. Você acessa internet sempre pelo celular ou computador?
9. Como é o acesso a internet (dados móveis, Wi-Fi, a cabo)?
10. Você gostaria de fazer parte de uma segunda etapa dessa pesquisa? Ser entrevistado e participar de oficinas em sua comunidade?

PERGUNTAS DO FORMULÁRIO ONLINE 2

(PERFIL DOS PARTICIPANTES/NARRADORES DA PESQUISA)

1. Nome
2. Idade
3. Nível Educacional
4. caso tenha concluído o Ensino Médio, qual foi o ano? E se ainda estiver cursando o Ensino Médio, qual a série?
5. Caso, esteja cursando o Ensino Superior, qual o ano que ingressou, curso, universidade e semestre atual?
6. Você se autodeclara?
7. Com quantas pessoas você mora?
8. Com quem você mora?
9. Qual é a sua Renda Familiar?
10. Você trabalha? Ou seja, realiza alguma atividade remunerada?

11. Se você trabalha para ter alguma renda, descreva qual atividade, frequência e tempo de serviço.
12. Como você se locomove até a escola, trabalho ou universidade?
13. Qual meio de transporte você mais utiliza no dia-dia?
14. Classifique até 3 atividades que você gosta de fazer no seu tempo livre?
15. Na sua casa tem televisão? Se sim, quantas?
16. Na sua residência, tem acesso a internet? Se sim, qual?
17. Você gosta de ler? Se sim, qual gênero? (Escolha até 3 opções)
18. Você participa de algum grupo/coletivo ou movimento social?
19. Se você participa de algum grupo/coletivo ou movimento social, como se chama?
20. Quais as atividades de entretenimento você acessa no seu dia a dia? Escolha até 3 opções.
21. Qual o gênero de filme você mais gosta?
22. Onde você acessa os filmes/series/ documentários?
23. Com quem você costuma assistir filmes/series/ documentários?
24. Você costuma ir ao cinema?
25. Quantas vezes você já foi ao cinema?
26. Com quem você costuma ir ao cinema?
27. Você costuma ouvir música todos os dias?
28. Qual gênero musical você mais gosta de ouvir? (Selecione até 3 opções)
29. Por quais meios você escuta música?
30. Você usa algum aplicativo ou plataforma para ouvir música e assistir filmes? Qual (is)?
31. Em que lugar ou momento você mais gosta de escutar música?
32. Você costumava frequentar shows ou festas, antes da pandemia? Caso você frequente shows ou festas, quais?
33. Você está assistindo aulas ou fazendo algum curso online na pandemia? Se sim, qual o curso e por qual plataforma as aulas acontecem?
34. Qual tipo de equipamento você está utilizando para ter acesso às aulas?
35. Esse equipamento é seu?
36. Em relação às aulas online, como você avalia a sua disponibilidade e acessibilidade ao conteúdo?
37. Em relação ao cenário pandêmico, como você se sente?
38. Quais atividades de estudo online você mais gosta? (Escolha até 3 opções)

APÊNDICE B – DADOS RESUMIDO DO PERFIL DOS JOVENS

INFORMAÇÕES DO PERFIL DOS NARRADORES DA PESQUISA

Por meio do questionário identifiquei que dentro do universo de 11 jovens (sete homens e quatro mulheres) temos um público com idade de 20 a 29 anos, conforme dados da tabela abaixo.

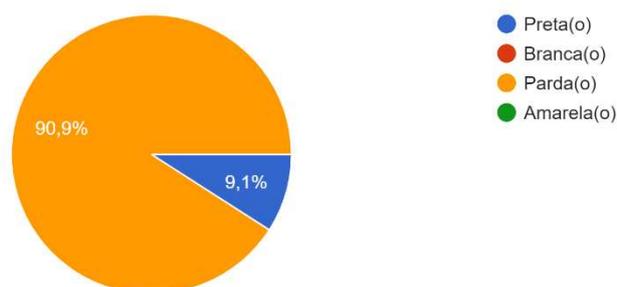
Tabela 1 - Idade dos participantes da pesquisa

Idade	Quantidade
20 anos	2
21 anos	1
22 anos	3
23 anos	2
25 anos	1
26 anos	1
28 anos	1

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Quanto a marcadores raciais a maioria se autodeclarou parda (90,9%) e somente um negro (9,1%).

Gráfico 1 - Respostas à pergunta “Você se autodeclara?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Com relação ao grau de escolaridade, todos concluíram o Ensino Médio. Destes, quatro estão cursando o Ensino Superior e um concluiu o Curso de Geografia na Universidade Federal do Ceará (UFC). Alguns estão ainda se preparando para ingressar em um curso de graduação, conforme os dados da tabela 2.

Tabela 2 - Nível de escolaridade dos participantes da pesquisa

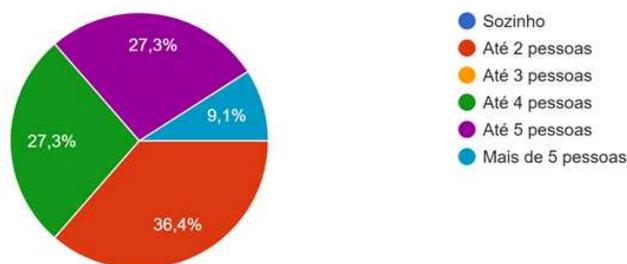
Nível de escolaridade	Quantidade
-----------------------	------------

Somente o Ensino Médio Completo	6
Ensino Médio Completo e cursando o Ensino Superior	4
Ensino Superior Completo	1

Fonte: Elaborada pela autora.

A maior parte dos jovens moram com até duas pessoas (36,4%). A quantidade de respondentes que mora com até 4 e 5 pessoas é igual, ou seja, três jovens (27,3%) moram com até 4 pessoas e três jovens (27,3%) moram com até 5 pessoas. Somente um jovem (9,1%) mora com mais de 5 pessoas.

Gráfico 2 - Respostas à pergunta “Com quantas pessoas você mora?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Na questão sobre renda familiar, a maioria, 54,5%, um total de 6 jovens, respondeu que é equivalente a até 1 salário-mínimo mensal. Já 27,3% (3 jovens), responderam menos de um salário-mínimo mensal, e, 18,2%, 2 jovens, até 2 salários-mínimos por mês.

Gráfico 3 - Respostas à pergunta “Qual a sua renda familiar?”



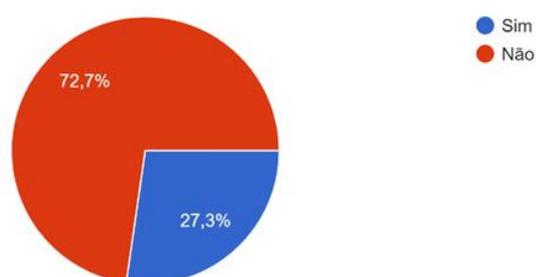
Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Quando perguntados se trabalhavam, ou seja, se exerciam alguma atividade remunerada 72,7% (8 jovens) responderam que não exerciam. Apenas 27,3% (3 jovens), consideraram as atividades que desempenhavam no dia a dia como trabalho. É interessante destacar que esse é um dos principais desafios que as juventudes rurais enfrentam, o

reconhecimento pelo trabalho que exercem junto com suas mães e pais e a ausência de um retorno financeiro. O trabalho realizado pelos jovens no ambiente familiar vai desde o apoio nas atividades domésticas, ao auxílio na agricultura e na criação de pequenos animais.

Dentre os 3 (três) jovens que mencionaram que trabalhavam, dois não moram em Muquém. Um mora em Fortaleza e outro no município de Messejana. Somente um jovem que registrou que trabalhava mora em Muquém. Ele tem um ateliê de corte e costura na própria casa, onde fabrica e comercializa jalecos. Os dois jovens que não moram mais na comunidade, seguem com vínculos familiares e retornam com frequência para a casa dos pais. Mantive os dois na pesquisa, pois considerei o fato deles terem saído da comunidade após o início do estudo; trabalhar com a etnografia para a internet; e ter a possibilidade de agregar outros olhares para esta investigação.

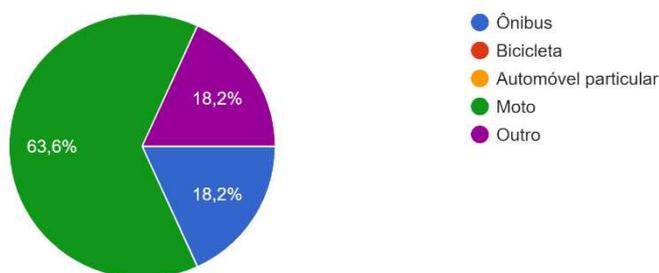
Gráfico 4 - Respostas à pergunta “Você trabalha? Ou seja, realiza alguma atividade remunerada?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Após esse dado relacionado à renda, perguntei aos jovens como eles se locomovem até a escola, trabalho ou universidade. 45,5%, ou seja, 5 jovens usam ônibus, 27,3%, 3 jovens utilizam moto. Com relação ao meio de transporte que eles mais utilizam no dia-dia, a maior parte, 63,3%, 7 jovens, utilizam moto. Os demais responderam que utilizam ônibus 18,2% (2 jovens) e 18,2% (2 jovens) responderam outro. É interessante observar que nenhum deles respondeu bicicleta. Esse foi um meio de transporte bastante utilizado no meio rural e eu lembro bem que na minha adolescência e juventude era o meio de transporte que usava para ir para a Escola.

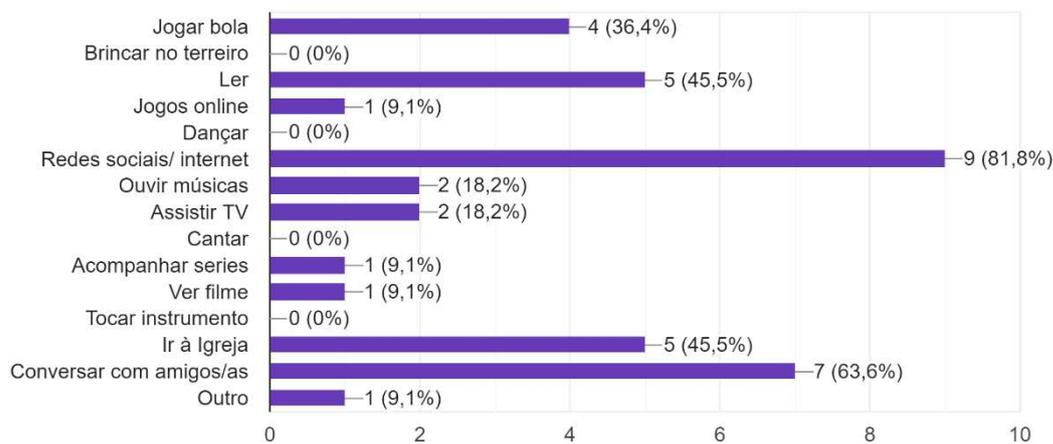
Gráfico 5 - Respostas à pergunta “Qual meio de transporte você mais utiliza no dia-dia?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

As perguntas seguintes foram colocadas de forma a mensurar quais os gostos musicais e o consumo cultural dos jovens. Com relação ao que eles gostam de fazer no tempo livre, cada um respondeu até 3 atividades. Dentre as respostas destacam-se as seguintes: 81,8% (9 jovens) responderam que gostam de acessar as redes sociais/ internet, seguido de conversar com amigos/as, 63,6% (7 jovens); ler 45,5% (5 jovens) e ir à Igreja 45,5% (5 jovens). Em quinto lugar, destaca-se jogar bola 36,4% (4 jovens).

Gráfico 6 - Respostas à pergunta “Classifique até 3 atividades que você gosta de fazer no seu tempo livre”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Com relação a existência de televisão em casa, 81,8% (9 jovens), responderam que tinham televisão em casa e 18,2% (2 jovens) não tinham. Já sobre o acesso à internet, 100% responderam que acessavam via wi-fi. Como a leitura foi uma das principais atividades dos jovens no tempo livre, os dados seguintes complementam essa informação, acrescentando os principais gêneros que eles liam.

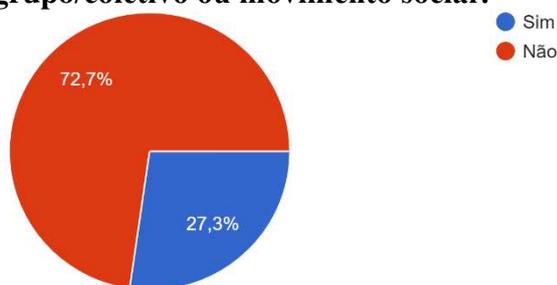
Gráfico 7 - Respostas à pergunta “Escolha até 3 opções de gênero que gosta de ler”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Um outro dado que considerei importante foi saber se os jovens participam de algum grupo/coletivo ou movimento social. 72,7% (8 jovens) responderam que não. 27,3% (3 jovens) afirmaram que sim. Os coletivos/grupos citados pelos três jovens foram: grupo do terço dos homens e Associação Comunitária de Tourão. Neste item, observei que a maior parte não considerou a participação em grupos religiosos e times de futebol na comunidade.

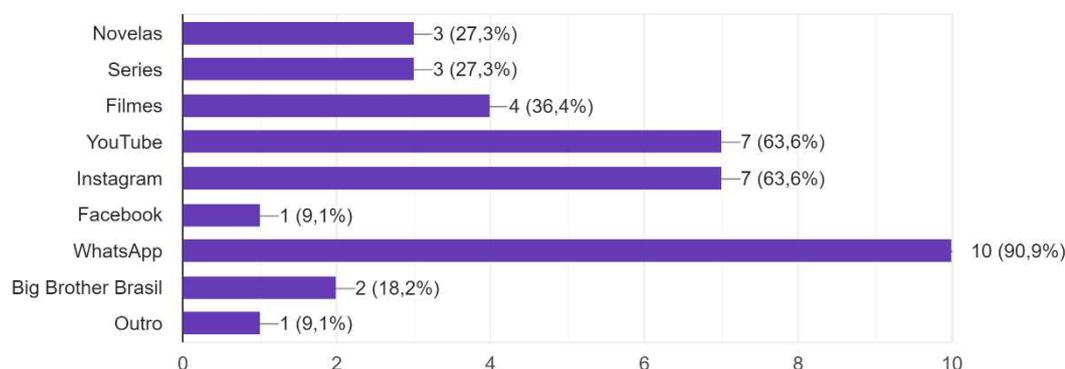
Gráfico 8 - Respostas à pergunta “Você participa de algum grupo/coletivo ou movimento social?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Com relação às atividades de entretenimento que acessam no dia a dia, os jovens destacaram até 3 atividades que realizam com frequência. O acesso às redes sociais se destaca novamente: 90,9% (10 jovens) preferem acessar o WhatsApp no tempo livre; 63,6% (7 jovens) preferem o YouTube e Instagram. 27,3% (3 jovens) gostam de assistir séries e novelas.

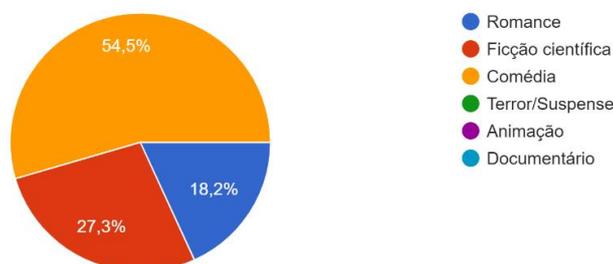
Gráfico 9 - Respostas à pergunta “Quais as atividades de entretenimento você acessa no seu dia a dia? Escolha até 3 opções”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

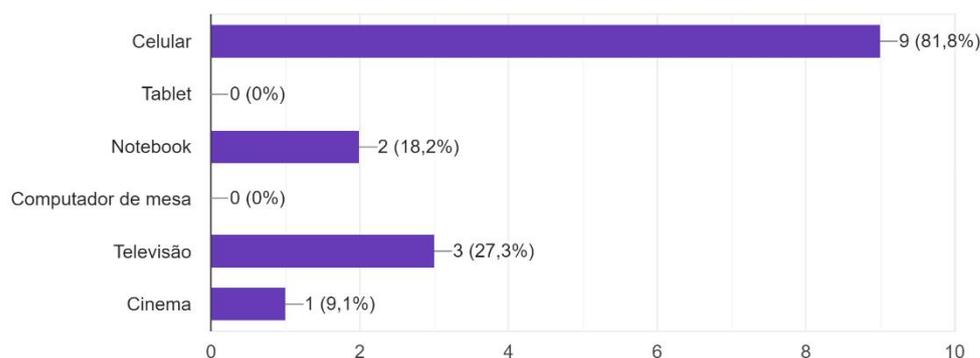
Com relação ao gênero de filme que os jovens gostam, três categorias tiveram mais destaque: Comédia, 54,5 % (6 jovens); ficção científica, 27,3% (3 jovens); e, documentário, 18,2% (2 jovens).

Gráfico 10 - Respostas à pergunta “Qual o gênero de filme você mais gosta?”



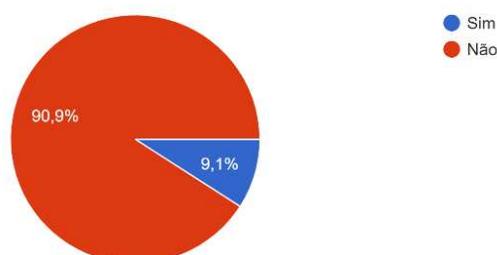
Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Quando perguntei aos jovens onde eles assistiam a esses filmes, a maior parte respondeu que utilizavam o celular, 81,8% (9 jovens): 27,3% (3 jovens) assistiam na televisão; e, 18,2% (2 jovens) no notebook. Apenas 9,1% (1 jovem) assistiam no cinema. Esse dado ressalta na ausência de atividades de lazer na comunidade. Infelizmente, a maioria dos cinemas só existem nos grandes centros urbanos.

Gráfico 11 - Respostas à pergunta “Onde você acessa os filmes?”

Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

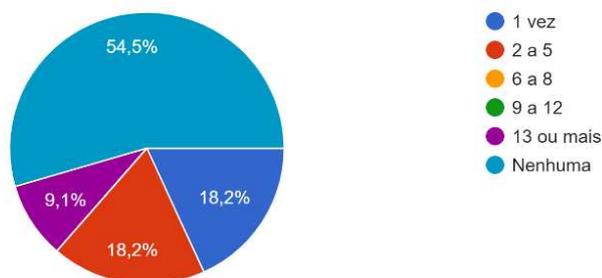
Nos dados seguintes, reforça-se a falta de acesso dos jovens ao cinema. Quando perguntei aos jovens se eles costumavam ir ao cinema, a maior parte, 90,9% (10 jovens) respondeu que não. Somente 9,1% (1 jovem) tinha o hábito de ir ao cinema. Esse jovem que respondeu positivo cursou sua graduação em Fortaleza, o que corrobora para que ele tenha acesso a esses aparelhos culturais presentes nas grandes cidades.

Gráfico 12 - Respostas à pergunta “Você costuma ir ao cinema?”

Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Ainda sobre a ida dos jovens ao cinema, um outro dado reforça a falta de acesso desse público à sétima arte. Quando perguntei quantas vezes esses jovens foram ao cinema, a maior parte, 54,5% (6 jovens) nunca foram para uma sessão de cinema. 18,2% (2 jovens) foram uma vez; mais 18,2% (2 jovens) foram de 2 a 5 vezes. Apenas 9,1% (1 jovem) foi 13 ou mais vezes. Os jovens que já frequentaram o cinema responderam que costumam ir para essa atividade de lazer sozinhos, com namorado/a, com amigos e familiares.

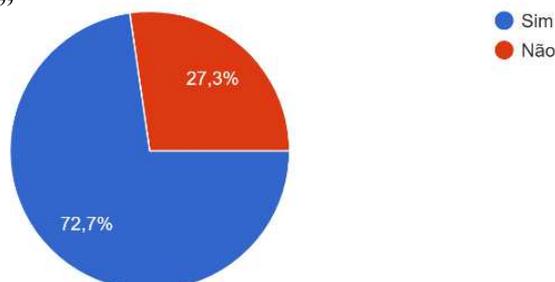
Gráfico 13 - Respostas à pergunta “Quantas vezes você já foi ao cinema?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Ainda sobre o conteúdo que aborda os gostos musicais e o consumo cultural dos jovens, perguntei se eles costumavam escutar música todos os dias. A maior parte, 72,7% (8 jovens) responderam que sim. 27,3% (3 jovens) responderam que não.

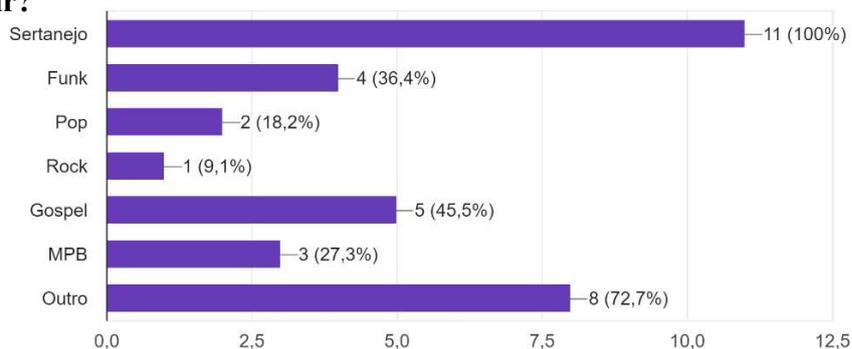
Gráfico 14 - Respostas à pergunta “Você costuma ouvir música todos os dias?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Com relação ao gênero musical que mais gostam de ouvir no dia a dia, os jovens destacaram em suas respostas até 3 opções. No gráfico abaixo, destaca-se o sertanejo, 100% (11 jovens), seguido por músicas gospel, 45,5% (5 jovens) e funk 36,4% (4 pessoas). É interessante perceber essa diversidade de consumo musical entre eles. O funk é um estilo musical que surgiu nos centros urbanos, mas que se dissemina com muita frequência na TV, com apresentações de artistas em programas de variedades e na própria internet. Temos como exemplo o caso da cantora Anitta, que se mantém ativa nas redes sociais.

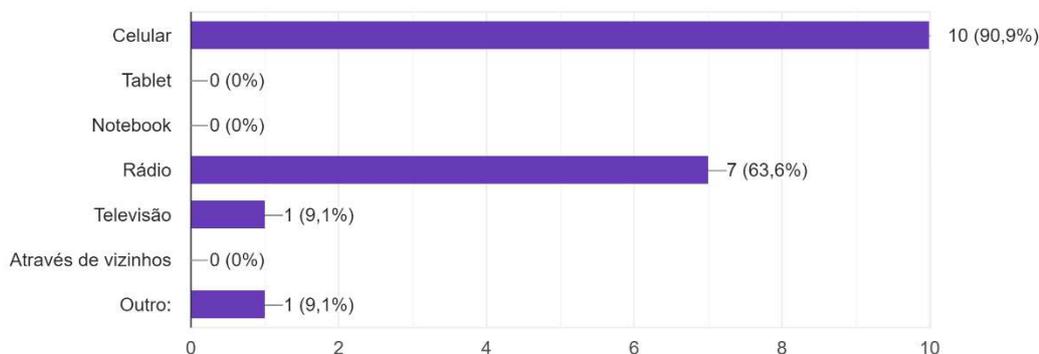
Gráfico 15 - Respostas à pergunta “Qual gênero musical mais gosta de ouvir?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Quando perguntei aos jovens por quais meios eles costumavam ouvir música, a maior parte respondeu novamente que utilizavam o celular, 90,9% (10 jovens); 63,6% (7 jovens) ouviam no rádio; e, 9,1% (1 jovem) na televisão. Esse dado ressalta o papel que os aparelhos celulares ocupam no cotidiano desses sujeitos, mas também a forte presença ainda do rádio na vida desses jovens.

Gráfico 16 - Respostas à pergunta “Por quais meios você escuta música?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Com relação aos aplicativos ou plataformas que eles utilizam para ouvir música e assistir a filmes destacam-se o YouTube, 54,5% (6 jovens) e a Netflix, 72,7% (8 jovens). Os demais utilizados estão listados na tabela abaixo.

Tabela 6 - Aplicativos e plataformas utilizadas para ouvir música e assistir filmes

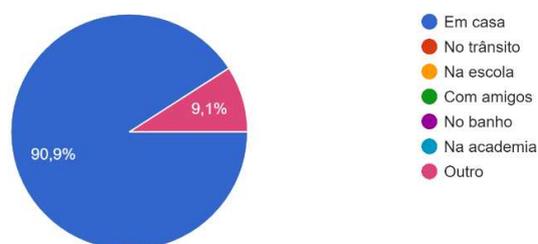
Aplicativo ou plataforma	Quantidade de jovens que usam	Percentual (%)
YouTube	6	54,5
Snaptube	1	9,1
Netflix	8	72,7
Spotify	1	9,1

Deezer	1	9,1
Sua música	2	18,2
Larkplay	1	9,1
Mega HD Filmes	1	9,1

Fonte: Elaborada pela autora.

Ainda sobre os gostos musicais, perguntei em que lugar ou momento os jovens mais gostam de ouvir música. A maior parte, 90,9% (10 jovens) responderam que em casa. Apenas 9,1% (1 jovem) preferiu não indicar o lugar. Esse é um dado que reflete também o momento que estamos vivendo. Diante do contexto pandêmico, as pessoas estão passando a maior parte do tempo em casa.

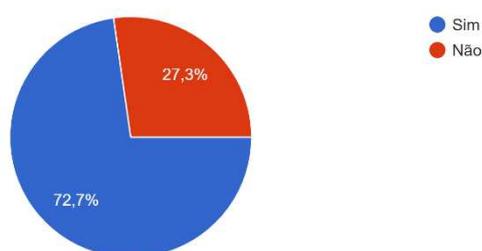
Gráfico 17 - Respostas à pergunta “Em que lugar ou momento você mais gosta de ouvir música?”.



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Com relação a outras atividades de lazer, perguntei aos jovens se antes da pandemia eles costumavam frequentar shows ou festas. A maior parte, 72,7% (8 jovens) responderam que sim, enquanto 27,3% (3 jovens) responderam que não. Perguntei quais os tipos de festas que frequentavam e todos responderam que a principal festa que iam antes da pandemia eram os festejos religiosos na região, onde as festividades têm como principal atrativo musical o forró.

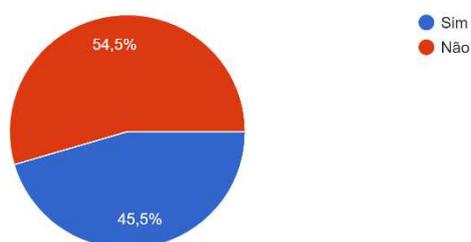
Gráfico 18 - Respostas à pergunta “Você costumava frequentar shows ou festas, antes da pandemia?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Com relação aos desafios de aprendizagem no período da pandemia, a primeira pergunta era se os jovens estavam assistindo a aulas ou fazendo algum curso online na pandemia. A maior parte, 54,5% (6 jovens) responderam que não; 45,5% (5 jovens) responderam que sim. Dos 5 jovens que responderam que sim, 4 estão assistindo às aulas da faculdade no formato online e 3 fazem um curso de Fotografia. As plataformas utilizadas no ensino remoto são: Google Meet; Classroom, YouTube e Instagram.

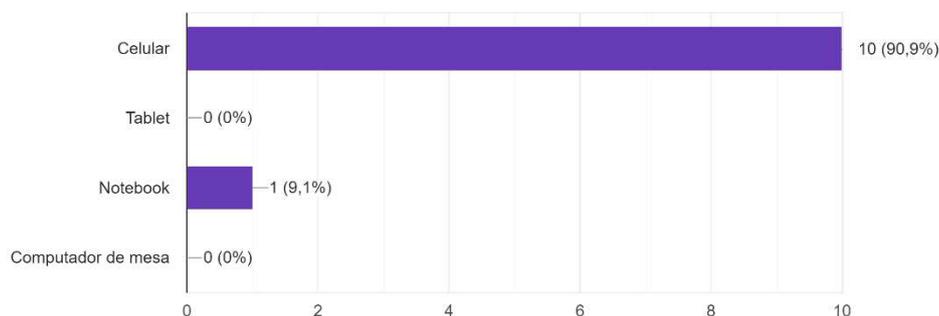
Gráfico 19 - Respostas à pergunta “Você assistiu aulas ou fez algum curso online na pandemia?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Sobre o tipo de equipamento que esses jovens utilizam para ter acesso às aulas na pandemia, a maior parte respondeu novamente que é o celular, 90,9% (10 jovens). Apenas 9,1% (1 jovem) utiliza notebook. Todos eles mencionaram que os equipamentos eram deles.

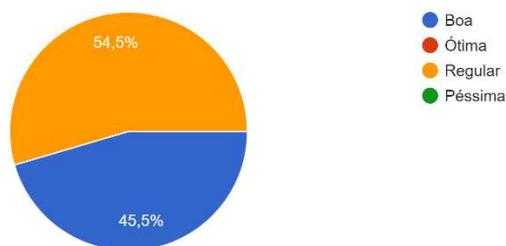
Gráfico 20 - Respostas à pergunta “Qual tipo de equipamento você utiliza para ter acesso às aulas?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Sobre a disponibilidade e acessibilidade deles ao conteúdo e às aulas, a maior parte avaliou como regular, 54,5% (6 jovens); 45,5% (5 jovens) respondeu que era boa.

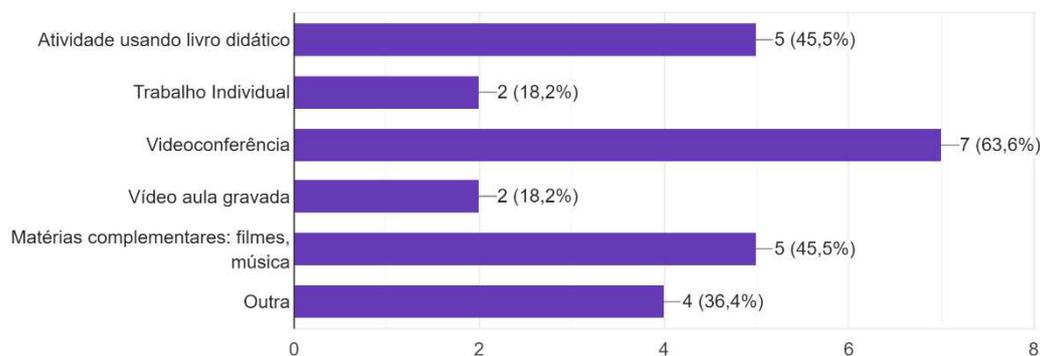
Gráfico 21 - Respostas à pergunta “Em relação às aulas online, como você avalia a sua disponibilidade e acessibilidade ao conteúdo?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Ainda sobre o estudo no modelo remoto, perguntamos aos jovens quais atividades de estudo online eles gostam de fazer. A maior parte, 63,6% (7 jovens) respondeu que sua preferência era as videoconferências; 45,5% (5 jovens) gostavam de atividades do livro didático e dos materiais complementares: filmes, música.

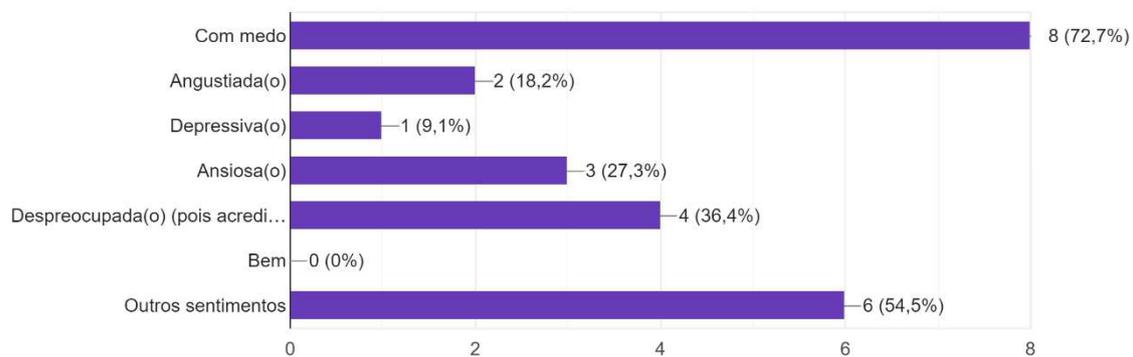
Gráfico 22 - Respostas à pergunta “Quais atividades de estudo online você mais gosta?”



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

Em relação ao cenário pandêmico, os jovens responderam que se sentem com medo, 72,7% (8 jovens). Outros sentimentos fazem parte do cotidiano dos jovens, mas 34,4% (4 jovens) destacaram que se sentem despreocupados, pois acreditam que vai passar. É interessante observar que esse dado foi coletado antes da segunda onda da Covid-19 e no momento ainda não tinha ocorrido nenhum caso, nem óbito na comunidade. Cenário que mudou logo após a aplicação do questionário. Incluo essa observação, pois a partir do acompanhamento das publicações dos jovens no *Instagram Stories* e de observações offline percebi uma mudança de percepção dos jovens e moradores de Muquém após surgirem casos de Covid-19 na comunidade, aumento da quantidade de óbitos no município, estado e país.

Gráfico 23 - Respostas à pergunta “Em relação ao cenário pandêmico, como você se sente?”.



Fonte: Imagem de Questionário do *Google Forms* aplicado pela autora.

APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

BLOCO 1 – SOBRE O CONSUMO CULTURAL DOS NARRADORES DA PESQUISA

Sobre o acesso à internet, quando foi e em qual aparelho/dispositivo?

O que costuma acessar na internet?

Você costuma acessar a internet (redes sociais) ao acordar?

Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]

Por que você gosta de estar na rede social Instagram?

O que lhe motivou a criar esses perfis nas redes sociais?

Quais personalidades você segue? (Anotar os nomes dos perfis).

Quanto tempo normalmente passa no Instagram todos os dias?

Você visualiza a presença no Instagram como oportunidade de trabalho? O que você busca?

O que você gosta de postar? Quais ferramentas mais usa (reels, feed, Stories)?

O que lhe chama a atenção nas postagens dos amigos(as)?

As selfies lhe interessam? Por quê?

Gosta de ouvir músicas no rádio? Quais as situações do dia a dia?

Além do rádio, quais plataformas escuta música?

Que tipo de festas você costuma frequentar? O que acha dos paredões? Pega de bois?

BLOCO 2 – SOBRE MEMÓRIAS E SER JOVEM RURAL

Como foi sua infância na comunidade? O que gostava de fazer? Com quem morava?

Como era a divisão de tarefas em casa? Você costumava ajudar a limpar, cozinhar, ir para o roçado?

Quais eram as suas brincadeiras favoritas?

Você estudou em quais escolas? Como era sua rotina e acesso ao ambiente escolar?

O que é ser jovem rural para você?

Como você descreve viver aqui na comunidade rural?

Que atividades você realiza hoje na comunidade? Como se sente?

Você pretende permanecer na comunidade? Quais suas perspectivas futuras?

Como você interage e se comunica com as pessoas da comunidade? Quais canais/redes utilizam?

Que aspectos culturais da comunidade (eventos) marcam sua história de vida?

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Entrevista com Arthur

22 anos

21/04/2023

Muquém

1. Então, eu gostaria de saber sobre o consumo midiático e cultural seu nos meios digitais. Sobre o acesso à internet, quando foi e em qual aparelho/dispositivo? O que costuma acessar na internet? Você costuma acessar a internet (redes sociais) ao acordar? Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]? O que lhe motivou a criar esses perfis nas redes sociais?

Resposta - Assim que chegou (Celular), eu fui começando a mexer, né?! Antes, quando eu estava em Pentecoste, eu assistia algumas coisas sobre conteúdos (das aulas do Ensino Médio) pra poder entender melhor. Aí foi que eu fui me familiarizando mais com a internet. Porque eu vim ter um telefone mesmo, foi tarde que ganhei, em comparação aos dias de hoje. Eu tinha uns 14 anos, 15. Ainda estudava aqui. Foi no meu nono ano. O meu nono ano foi 2015. Comprei precisamente no dia 4 de setembro de 2015. A minha primeira rede social foi o Facebook e eu não tinha nem celular ainda. Foi pelo computador. Eu ganhei meu computador em 2011. Até hoje eu estou com o mesmo computador. Está com 12 anos. Eu tinha 10 anos e estudava aqui (Escola da Comunidade). Aí, onde era que tinha internet, lá no meu avô (materno). Lá no Monte Pedal. Eu levava pra lá e conectava com aquele cabozinho. Quem me deu o computador foi meu avô (Paterno). Ele perguntou, eu lembro, ele perguntou se eu queria um computador ou um tablet. Aí todo mundo tinha um computador nesse tempo, eu disse que queria um computador. Ele me deu um computador da Samsung. Até hoje, ele está comigo, ele que tá me suprindo nas minhas atividades. Está com 12 anos meu computador. Aí eu pedi uma prima minha pra criar o Facebook. Ela criou. Foi no dia... Eu sei o dia também, viu? Foi no dia 4 de março de 2014. Eu ainda uso (Facebook), mas dificilmente posto alguma coisa. Eu gosto mais do Stories do Instagram. Nem sei por quê. Mas eu gosto de, às vezes, de colocar uma foto lá. Tipo, quando eu venho pra cá, eu gosto de, às vezes, tirar fotos e colocar. Algo que eu estou fazendo (E sempre gera interações?) Sim, gera, curtidas. O pessoal comenta. Ultimamente, eu postei um vídeo com meu pai plantando ali. Aí meus amigos tiraram print, frescaram nos grupos de WhatsApp. Isso gerou uma polêmica grande, porque eu não trabalho na roça, só que naquele dia eu fui e gerou os comentários.

2. Mas o que te motivou pedir à tua prima para fazer o Facebook? Depois você criou outras redes, tipo o Instagram, TikTok, Snapchat?

Resposta - É porque assim, todo mundo tinha o Facebook e sabia das coisas, aí eu queria também. Aí eu queria. Eu pedi para ela criar e ela disse que dava certo. Ai depois eu criei o Instagram. TikTok não, nem acesso. Criei Instagram e WhatsApp. O Snapchat usei no tempo do ensino médio, mas foi pouco tempo, eu não gostei. Foi pouco tempo, usava para tirar foto, mas com essa questão do celular, de memória reduzida, só era 8GB, aí desinstalei e pronto. O Instagram eu criei quando estava na EP, eu criei lá. Via que o pessoal tinha, todos. Também não sabia nem como funcionava, mas aos poucos fui conhecendo. Quando eu fui para a escola profissionalizante também não tinha internet na casa que eu fiquei, né? Aí eu usava do vizinho. Só depois foi que colocou. Era difícil, tinha que ficar em cima de uma...perto de uma janela. Tinha que dormir cedo (risos). (Agora você dorme cedo?) Durmo, mas no tempo que eu vim para cá, na pandemia, eu dormia duas, três horas da manhã. Ficava vendo vídeo no YouTube, Reels no Instagram. (Mas o conteúdo de que era?) Coisas engraçadas. Gostava de ver coisas engraçadas. Eu gosto muito de rir. Começava com as pegadinhas, Silvio Santos. Às vezes eu começava a ver coisas antigas. História do passado. Sabe, coisas antigas. Como eram as cidades antigas. Gostava de procurar isso. Eu ia acordar 11 horas no outro dia. Mas foi assim que eu vim de lá pra cá. Nos primeiros dias. Acho que não chegou nem a ser um mês, não. Foi quando eu vim de lá pra cá.

3. Era um sonho comprar o celular? Você comprou ou ganhou?

Resposta - Era um sonho (risos), eu comprei. Eu tinha um garrote, aí vendi para comprar um celular. No caso, eu tinha a mãe dele. Minha avó tinha uma vaca e ela dizia que se fosse macho a cria era dela, mas se fosse fêmea ela me dava. Foi fêmea e ela reproduziu, teve esse garrote bem branquinho que tirei depois e comprei o meu primeiro celular. Aí eu passei um ano, quando foi no outro ano, 23 de dezembro de 2016, eu comprei outro que foi um celularzinho Gran Prime da Samsung. O primeiro era um Lg E455. Valha, a minha memória tá boa, eu lembro (risos). O segundo foi um Grand Prime. Eu comprei o terceiro, só que ele queimou o display. Foi no meu primeiro ano da faculdade. Foi assim que eu entrei. Aí em junho de 2019, eu comprei o Samsung A30 e estou com ele até hoje. Desde junho de 2019 que comprei. E aí, o celular sempre foi esse desejo, desde sempre, para poder acessar e para fotografar. Eu sempre gostei de fotografar. E guardar. Congelar esse momento, para eu ter ele comigo, para olhar depois, lembrar. Não sei quando comecei a gostar. Acho que sempre

gostei. Quando eu ia para casa dos meus avós, eu queria ver fotos antigas. Quando ia para casa da minha bisavó, né, que era mais antiga ainda, eu gostava. Perguntava. Queria que ela me mostrasse fotos antigas. Tanto que às vezes eu gostava até de pedir pra ela cantar alguma coisa. Pra ela falar a história de vida dela. Eu tenho tudo guardado, tudo gravado.

4. E sobre o acesso à internet? Você falou que comprou o celular. Começou a usar dados móveis nele?

Resposta - Sim, era dados móveis. Chip da vivo aqui. Foi assim que colocou a antena na Canafístula. Aí era vivo. A internet aqui em casa mesmo foi colocada em 14 de dezembro de 2018. No dia que eu fiz 18 anos.

5. Sobre a plataforma do Instagram, em específico, por que você gosta de estar nessa rede social? Quais personalidades você segue?

Resposta - Eu gosto do Instagram e as coisas que aparecem mais no feed do meu Instagram são mais notícias. É difícil aparecer a foto de uma pessoa, é mais notícias. Notícias de jornal, essas coisas assim. Eu sigo muito perfis de jornal, O Povo online. Eu sigo, curto. Comentar notícias, não. Também os perfis das Prefeituras, gosto de seguir para saber o que está acontecendo no meio político. Eu gosto de curtir, comentar eu não sou muito de fazer isso. E postar, foto no feed não, só posto mais nos Stories. No Facebook, eu gosto muito de acompanhar o programa daqui – o Café com a Prefeita. Que tem todas as quartas. Eu gosto de acompanhar. Eu assisto ao vivo. Agora que eu estou tendo aula às quartas de manhã, às vezes eu assisto depois. Mas eu sempre assistia ao vivo. Até mês passado eu estava assistindo ao vivo.

6. Quanto tempo normalmente você passa no Instagram?

Resposta - Se eu não me controlar, eu passo muito tempo. (E como é que você se controla?) Bom, eu fiz no último mês uma experiência com ele. Eu utilizei o tempo da quaresma, que gosto de fazer alguma penitência. A penitência que eu sempre faço é que eu não como a carne durante esses dias. Desde à Quarta-Feira de Cinzas até o Sábado de Aleluia. Não costumo comer a carne. E aí esse ano eu pensei. Tô usando muito o Instagram, eu tava usando muito, muito mesmo. Eu ficava só nos Reels, só subindo, só subindo, só subindo e levava muito tempo. Aí eu fiz pra não usar o Instagram durante a semana. Segunda a sexta. Só no sábado e no domingo, moderadamente. Aí agora que acabou, eu consegui. Teve dois dias agora que eu não usei. E eu nem me toquei que eu não tinha usado. Eu tenho dois amigas que sempre a

gente fica trocando Reels um com o outro. Ver uma coisa engraçada, manda pro outro, sabe. Sempre a gente faz isso. Fica só nisso. Aí agora, eles foram lá em casa e eles até reclamaram, porque eu não tinha visto. Aí eu fui me tocar valha meu deus, eu não entrei no Instagram hoje. Eu sei que esses dois dias eu sei que eu não sei. Está passando despercebido, sabe?! Eu estava muito focado nas coisas do concurso que fiz agora. Ai depois que passou a prova, eu fiquei muito ansioso pra saber quanto é que eu tinha acertado. Aí meu destino era tá no computador pesquisando as questões. O gabarito só saiu dia dezenove, saiu três dias depois. Eu consegui atingir o perfil. Acertei mais de metade tanto das questões gerais quanto específicas. Mas ainda tem outra etapa, a redação. A redação foi interessante porque o concurso foi domingo e no sábado à noite eu pensei assim, vou já ver a redação. Eu vou fazer uma redação sobre esses ataques que está acontecendo. E quando eu abri a prova do concurso era isso, violência nas escolas brasileiras. Só não passo nele agora porque tem a prova de títulos. Tem que ter a graduação.

7. O que você mais ver no YouTube? Tem algum canal específico que acessa com frequência, segue?

Resposta - Assim, tem os canais de história mesmo, tipo História de Municípios, acesso muito, principalmente agora. Agora eu comecei a ingressar nessa vez de concurso, eu ia fazer um concurso, e aí foi, eu já sabia né, e deu muito certo. Fala sobre Municípios. Eu gosto de ver coisas de histórias. Aí tem o YouTube dos canais das paróquias, que eu também gosto de assistir e gosto de acompanhar. Às vezes um amigo meu tem um canal, eu me inscrevo, gosto muito de assistir e tenho uma...que fala da rotina dela em casa, na Unilab. É a Villyane Lima. É lá de Redenção. Ela tem um canal e as vezes posta no Instagram. Às vezes ela grava comigo. Eu já saí no canal dela, ela estudou comigo, no mesmo curso.

8. Além dessa tua amiga, Villyane, tem outras personalidades que você segue? Algum influencer?

Resposta - Eu nem sei. Mas influência, não. Sempre sigo mais pessoas do meu ciclo. Sigo mais o pessoal daqui, do Muquém, da EP e lá de Redenção, na verdade da Unilab, porque nem todos são de Redenção. Tem pessoas de diversas cidades. Até de outro continente, né? Do continente africano.

9. Em quais dispositivos você costuma mais acessar essas redes sociais? O Instagram, o YouTube e o Facebook. É no celular ou você usa também pelo computador?

Resposta - É no celular. No YouTube eu gosto muito de assistir pelo computador. Porque no YouTube eu sinto que ele gasta muita bateria no celular. Eu gosto de preservar e vou para o computador.

10. Quais ferramentas você mais gosta de utilizar no Instagram (reels, Stories, filtros)?

Resposta - Não faço reels, gosto de postar nos Stories, mas dificilmente uso filtro. Meus Stories é normal mesmo. Tem os momentos específicos, quando eu vejo uma paisagem bonita. Tirei foto ali do momento ali, gravei. Na escadaria subindo, escadaria. Só assim.

Só tenho quatro postagens no feed e todas são de mim. Eu gosto de mim, de me ver, de tirar foto minha. Eu gosto de selfies. E gosto de acompanhar alguma coisa que os meus amigos estão fazendo, alguma coisa interessante. As vezes essa minha amiga que eu falei, a Villyane, ela posta as histórias fazendo alguma coisa. Eu gosto dessas coisas que carregam histórias.

11. Você visualiza a presença no Instagram como oportunidade de trabalho? O que você busca? Já criou algum perfil para divulgar alguma coisa?

Resposta - Sim. Uma vez até pensei. Devia fazer uma coisa para ganhar dinheiro. Usar essas minhas habilidades junto com o Instagram. Mas passou. Não sei por que, mas já pensei. Até comentei com um rapaz que mora comigo hoje. Já pensei em criar uma conta pra mostrar um trabalho que eu quisesse desenvolver, tá entendendo? Só que, não sei, passou. Mas eu já pensei. Foi isso que eu até comentei com o rapaz que mora comigo. Comentei isso aí. Eu pensei uma coisa e esqueci... Pois é. Aí, pronto. Eu gosto muito dessas coisas. Gravação. Eu comprei um tripé maior, comprei os microfonesinhos, eu até falei, pronto, agora que me livrei de estudar por concurso, eu vou criar alguma coisa, uma coisa curta, eu estava pensando em criar alguma coisa, algum vídeo curto, alguma coisa assim. Tem o perfil da igreja agora também que criei. Foi assim. Muita gente falava, né? Para criar o perfil. Até o pessoal que não estava aqui, que não mora aqui, que nem as meninas aí das Macário que não moram aqui. A juventude mesmo já falava, né? Era bom criar um perfil pra gente colocar as coisas e tal. Aí teve uma reunião na igreja, com todo mundo, pra decidir a festa ano passado. E aí foi colocado pro Padre e ele disse que podia criar, que ele dava uma ordem, né? E aí foi criado. Assim, porque eu não ia seguir. Eu disse assim, não vou seguir as pessoas, porque eu podia seguir um, seguir outro e gerar alguma coisa, entendeu? Porque as pessoas mesmo foi seguindo, assim foi criado o perfil. Muitas pessoas começaram a seguir. Porque foi criado assim, pra divulgar a festa, né? Foi criado pra divulgar a festa tanto o perfil do Facebook quanto do Instagram. No do Facebook, devido a pandemia, teve as transmissões das novenas.

Ai os conteúdos eu sempre gosto de falar com os meninos. Às vezes eu falo com a Vitória, com o João para saber o que podemos postar de interessante. Agora eu criei um cartão para os aniversariantes, porque tem os dizimistas, aí eu divulgo sempre nos Stories. Eu faço os cartazes no Canva. Gratuito mesmo. Eu gosto muito de assistir sobre as técnicas e treinar. Uso o Canva no computador, é mais fácil. Ele permite mais opções. É mais fácil do que no celular. Eu usava antes, mas era muito limitado, não sabia muita coisa. Aí nas eleições, nas últimas agora de Prefeito, eu fui pra Redenção. E lá eu fiquei responsável pelo perfil de uma vereadora, candidata a vereadora, que o marido dela hoje é vice-prefeito de Redenção, porque o menino que mora comigo lá, ele mora perto deles e trabalha com eles. Aí foram feitos vídeos interessantes no perfil dela. Eu busquei procurar essa história. Certo? Essa história, essa história dela que eu gostava. (Como é o nome dela?) Deixa eu te lembrar. Mas ela Francilene Bezerra. Só que ela faltou 15 votos ainda pra se eleger. Ela tirou mais de 500 votos, mas por conta da legenda dela ser alta do partido. Aí o meu amigo que era responsável pra postar, né? eu criava os vídeos da história dela. Com ela falando. Tinha tudo... Eu fiz tudo pelo celular e usava aplicativo kineMaster. Aí o que acontece? O kineMaster, quando a gente baixa na Play Store, ele vem com a marca d'água, só tirava se fosse pago. E nesse tempo, eu tinha outra amiga minha, que estudou comigo, os três anos no Ensino Médio que fazia vídeos também. Aí eu perguntei a ela, como é que ela fazia e não ficava a marca d'água. Ela disse que a gente baixava diretamente na Google. Aí eu baixei, que era KineMaster Diamond, um azulzinho. Aí não tinha marca d'água e tinha outras opções. Aí eu produzia pelo celular e baixava. Depois editava nesse aplicativo. Como eu gostava, eu estava lá por gostar, o valor, né, no final foi cadastrado lá pra gente ganhar. O que foi cadastrado, que foi depositado na conta foi 150 reais por tudo. E eu fazia só por gostar e eu aprendi, eu estava vendo, eu estava aprendendo muita coisa. E criava além disso, criava uns papezinhos pra gravar, para as pessoas ficar falando com esses papezinhos. Foi muito interessante. Aí eu aprendi muita coisa sobre o Canvas. Sobre essas coisas. O meu amigo seguiu trabalhando com eles, nas redes sociais, ele que fica por trás das redes sociais. Da vez que foi feito, né? Sempre com cuidado, eu preciso, todos os detalhes, muito cuidado com os detalhes. Porque tinha que tirar, tinha que gravar a voz dela em vídeo, tirava o áudio, colocava aqui o fundo com as fotos pra sincronizar. Sempre com a legenda. Porque o vice-prefeito esposo dela é surdo, tem deficiência auditiva e eu sempre tive o cuidado de colocar as legendas do que ela estava falando.

12. E como é que você foi conhecendo esses programas? RemovBG, KineMaster?

Resposta - Começou assim, porque eu já amo fazer as coisas para a igreja. Aí eu tinha um

amigo meu que ele estuda comigo, o Diego. Ele é de Apuiarés, ele estuda comigo mesmo, mesmo semestre que eu, mesmo entrada. E aí ele produzia as coisas e eu via. Aí eu perguntei para ele qual era o programa que ele usava para fazer. Ele me falou que era o Canva, que era gratuito, me ensinou. Aí eu comecei a tentar fazer isso. Começava a fazer coisas simples, tão simples. Aí eu sempre tentava, tentava, procurava no próprio Canva mesmo. Difícil foram os vídeos que eu pesquisei sobre ele. Eu explorava sozinho. Tentava explorar sozinho. Aí eu já sei muito sobre isso. Teve até umas pessoas lá (em Redenção) que perguntaram lá qual era o estúdio que fazia esses vídeos. Agora em dezembro, teve a celebração dos 25 anos da Escola do Carrapato aqui na igreja, teve levou um mostra na escola e eu fiz isso aqui, do mesmo jeito, com esse aplicativo aí. Levei o tripé, gravei, gravei, as pessoas falando, assim né, vice-prefeita, diretora. Já a voz dela vinha por trás e mostrando as imagens, a visitação das pessoas em cada sábado, em cada estande, eu fiz o vídeo.

13. Gosta de ouvir músicas? Em quais as situações do dia a dia e qual meio?

Resposta – Gosto. Quando estou viajando, principalmente. Sempre nas minhas viagens. Ida e volta pra Redenção. Sempre eu estou ouvindo, com fone. Às vezes eu baixo um conteúdo das aulas, sobre determinando assunto pra ouvir. Porque quando eu estou viajando, eu fiz essa análise, que quando eu viajo, eu consigo pensar e planejar melhor do que se eu me sentar numa cadeira pra escrever alguma coisa certo. Quando eu estou viajando, parece que o meu pensamento voa. Na semana passada, duas horas de viagem, o pensamento vai longe. Os meus últimos planejamentos foram feitos assim viajando. Agora no final, no ano passado, eu estava em processo de tirar a habitação. Aí eu tinha que vir fazer as aulas. Não tinha condição de eu vir no transporte. Aí meu pai ia me pegar e eu vinha, às duas horas de Redenção até aqui, eu vinha voando, pensando, planejando as coisas, planejando. E aí eu acho que favorece. Eu consigo viajar muito quando eu estou viajando. Gosto mais de músicas gospel. Eu gosto muito assim do Instituto Hessed. Tem aquelas cantoras, e tal, é mais assim esse estilo. Eu gosto de sertanejo também. Mas prefiro gospel sempre. Escuto pelo YouTube. Às vezes eu baixo no celular. Também gosto de cantar. Quando consigo uma caixa de som com microfone faço karaokê com meus amigos lá em Redenção ou sozinho mesmo. Gosto de gravar para ouvir depois como é que eu estou cantando (risos).

14. Você escuta músicas no rádio ou em alguma plataforma?

Resposta – Aqui (Casa dos pais) é rádio de música mesmo. Músicas livres, né? Lá nos meus avós. É reza. Padre Reginaldo. Às vezes tem um jornal meio-dia passando notícias. Como

tinha antes na Rádio de Pentecoste, Som Zoom site o programa do Dácio Mendes, esses radialistas. Eu gosto de ouvir mais as emissoras locais para acessar as notícias. Essa semana passada mesmo eu fiz isso devido as ondas de ataques às escolas, para saber como é que estava lá em Redenção. Aí eu queria entender, queria saber. Aí eu liguei na rádio. Às vezes, quando tem de política, o rádio não fala. Mas quando tem a política, eu já uso o aplicativo rádios net no celular. Que eu consigo conectar com o rádio em qualquer local, né? A partir da internet e no celular.

15. Que tipo de festas você costuma frequentar?

Resposta - Festas eu não gosto. Já fui uma vez. Era a da emancipação política aqui em Paramoti. Fiquei até de manhã. Mas não gostei. Porque eu não danço, não bebo nada. Não sinto muito vontade. Meus pais iam e eu ficava com meus avós. Sempre foi assim. A vida inteira. Não gostava. Só as festas de padroeiro que gosto mesmo. Mas dançante, não. Eu me sinto bem nas novenas. Vou com meus amigos do meu ciclo bem próximo mesmo. Que estudam comigo, moram comigo lá em Redenção. Aqui é a família.

16. Qual a sua atividade preferida de lazer?

Não sei. Eu nunca fui a praia também e não tenho vontade. O grupo aqui já foi umas duas vezes. A mãe vai e me chama. Aí eu digo, podem ir, eu fico em casa mesmo. Nunca fui nem em General Sampaio (açude). Não gosto de água assim. Difícil até tomar banho no rio. Eu gosto de conversar. Eu gosto de ir para a igreja. Gosto muito de ir para a igreja. É isso, eu me sinto mal se não for para igreja.

17. O que acha dos paredões? Pega de bois?

Resposta - Só quando é no Muquém. Por quê? Não sei. Já me perguntei isso também. Quando tem no Muquem vou todas. Eu sei que vai ter gente conhecida. O ambiente é conhecido, eu sei onde é que eu tô.

18. E sobre as tuas vivências no Muquém, desde a infância mesmo, conta um pouco como foi e como é ser um jovem que mora em uma comunidade rural.

Resposta - Foi muito bom. Às vezes eu sinto falta da infância. Naquele tempo, quando era criança sempre foi assim, né? Sempre eu morei aqui, comecei a morar com meus avós. Até perto de quatro anos, morava lá. Foi quando foi construída a casa aqui em 2004, eu vim pra cá. Aí sempre foi assim, eu, meu pai e minha mãe, meus dois avós aqui perto, sempre foi, as

mesmas pessoas até hoje. Aí apareceu minha irmã, né? Sempre gostei de estar lá nos meus avós. Gostava de ir para a escola também, quando chegava à tarde, passava tarde lá nos meus avós, assistindo novela, assistindo qualquer coisa na televisão. Meu avô sempre fez tarrafa e uma coisa que gostava muito de brincar era com os carretéis de linha dele. Eu passava a tarde, brincando com elas. Jogava e voltava. Eu lembro muito bem disso. Sempre gostei disso aí. Eles compravam pião para rodar. Os brinquedos do meu pai, que tinha pião também. Essas coisinhas, carrinho...muita coisa. Eu tenho até hoje todos eles guardados. Nesse tempo aí eu lembro que eu gostava muito. A minha avó sempre gostou de criar esses animais, e eu também sempre gostei. Criei uma paixão por esses animais. Criar, né, as coisas. Foi muito bom. Sempre gostei. Aqui, estudar era muito bom. As pessoas eram todas conhecidas, parecia que eu conhecia desde sempre, desde que eu nasci. Era muito bom. Entretanto que eu senti muito, quando eu fui para a Escola Profissionalizante que eu vi as diversas pessoas. Eu senti muito esse choque. Tinha pessoas em diversas situações familiares, crenças, que era uma coisa que eu senti muito, foi essa questão da crença. Aqui, quando tinha missa no começo, a gente era liberado cedo para ir para a igreja, a gente ia, eu lembro que a gente ia, sempre rezava, mas na Escola Profissionalizante eu já senti isso, porque sempre nos primeiros dias da Escola Profissionalizante, nos primeiros dias da escola, a gente trabalha muito com a questão da história de vida. E eu ia conhecendo as pessoas, ia pensando, valha como é diferente. Será que eu vou me acostumar com isso aqui? Mas me acostumei. O primeiro mês demorou, o primeiro ano foi muito difícil. Eu nunca tive comido de garfo e faca. Por causa disso eu emagreci porque tinha muitos dias que eu não comia, não almoçava. Tinha vergonha de sentar na mesa para comer. Minha vontade era de vim embora. Na sexta-feira é que eu não vi a hora de vim para casa. O segundo ano foi melhor. Eu já estava acostumado. Foi muito bom. O primeiro ano foi muito difícil. Ter que desapegar daqui. Quando eu saí daqui eu lembro. Eu saí na segunda-feira de manhã. Dia 2 de fevereiro. Dia 2 de fevereiro de 2016. Tinha o café da manhã lá na escola. Sempre tem no primeiro dia. Eu lembro que eu saí daqui chorando. Porque eu não queria sair daqui, sabe? A minha rotina aqui era muito boa. Eu me lembro, eu saí chorando.

19. Você ajudava seu pai e avô nas atividades agrícolas?

Resposta - Não, nunca fui para o Roçado. Nunca fui. Trabalhar, não. Eu gostava muito de estudar. Eu gostava muito de ter os livros e jogar no meio da sala. Comprar livro, livro de histórias e revistas. Ganhar, sempre gostei. Era livro de contos folclóricos, provérbios bíblicos, essas coisas. Eu gostava muito de ler biografias, gostava muito de ler biografias. Às vezes eu

escrevia, escrevia, escrevia, para memorizar a biografia de certo autor.

20. O que é ser jovem rural para você? Como foi sair daqui da comunidade para estudar em Pentecoste e depois morar por um tempo em Redenção para fazer faculdade? O que você percebeu de diferente? Como foi estar nesses espaços urbanos?

Resposta - Sempre quando eu falo que sou de uma comunidade rural, é sempre aquela coisa, vichi. Meus amigos pensam que a gente mora naquelas casas que é de madeira, em cima da água. Palete. Mas, eu gosto. Eu gosto da área rural, eu não me identifico muito com a cidade. Pra mim aqui é o melhor lugar do mundo que tem pra se viver. Mas aqui é parado, embora eu ache que o Muquém é muito desenvolvido. Aqui funciona muita coisa. Aqui tem um núcleo escolar, tem a igreja, tem um campo futebol, a juventude daqui sempre está procurando fazer alguma coisa. Nós estamos sempre procurando fazer alguma coisa. Até os que permanecem aqui mesmo, durante a semana. Procuram fazer um curso, um empreendimento e tal coisa. Eu gosto de morar aqui, me identifico com o meio rural. Embora eu não trabalhe assim, no roçado, mas sempre me vejo como um jovem rural. Quando eu falo, sempre que digo que sou um jovem rural, eu sou filho de agricultores, não sei, sempre a percepção do outro sobre a gente muda. Entende, né? As pessoas têm uma percepção distorcida da gente. Ser jovem rural, pra mim, tem, não sei por que, é igual a dificuldade. Não sei, não sei se é porque eu coloco ser longe de um município, de uma cidade para ter acesso a alguns serviços essenciais. Temos que sair para passar a semana fora para estudar.

21. E como você descreve viver aqui no Muquém?

Resposta - Descrever? Eu, particularmente, eu gosto muito. Se eu tenho tempo livre que eu possa sair, eu venho pra cá. Aqui é muito bom. Eu não consigo nem descrever.

22. Que atividades você realiza hoje na comunidade? Como se sente?

Resposta - As atividades que eu realizo hoje, acho que só essa questão do perfil da igreja. Na última festa eu fiquei responsável pelas transmissões, por organizar a equipe de liturgia. Eu me sinto bem fazendo isso. Eu gosto de trabalhar com pessoas. Eu gosto de trabalhar com pessoas, mas que não tenha a faixa etária. Que não seja criança, não seja jovem, não seja adulto, não seja de todos. Eu gosto de trabalhar junto e misturado. Eu gosto de trabalhar com todas as fases. É bom, mas é muito difícil. Há diversas opiniões. Sempre tem alguma coisa que dá errado. Impede de ir pra frente. Às vezes a gente pensa em alguma coisa. Planejo, mas por conta das diferentes de pensamento, a gente fica meio impedido de seguir. É muito difícil

lidar com as diferenças. Mas é um desafio bom. Se desafiar a conviver com a diferença.

23. Você pretende permanecer na comunidade? Quais suas perspectivas futuras?

Resposta – Sempre que eu penso isso, eu quero voltar. Agora eu penso lá. Eu vou voltar para fazer diante da profissão que escolhi, eu voltar pra fazer o quê lá no Muquém. Porque eu não vou trabalhar lá. Eu gosto de pensar isso. Mas eu penso, será que eu vou trabalhar em algum município próximo? Mas a minha vontade sempre foi essa. De vim para cá. Sempre foi essa. Eu me vejo como professor do Ensino Médio. Mas não deixando de estudar. Quero continuar estudando. Penso em fazer o mestrado na UFC, mesmo porque eu sou familiarizado lá, sabe? Eu tenho esse medo de não conhecer as pessoas. Muitas vezes, durante as semanas, eu me pergunto como é que eu tive coragem de vir pra cá, para UNILAB? Essa semana mesmo eu me perguntei muito isso. As pessoas que são de lá até falaram, como é que eu tinha coragem de sair daqui. para um lugar tão longe.

24. Como você interage e se comunica com as pessoas da comunidade? Quais canais/redes utilizam?

Resposta – Às vezes eu respondo os status do pessoal. Um exemplo, as meninas que colocam sempre as coisas que elas fazem no curso delas, eu penso as perspectivas futuras com elas também. Porque agora eu estou vendo os concursos, sempre saí vaga para técnica em Enfermagem. Às vezes eu printo e mando para elas. Olha, eu estou pensando em vocês. Como será bom quando vocês terminarem fazer um concurso. Quando eu venho, eu gosto de ir nas casas, conversar com as pessoas, tirar foto. Tem também o grupo de WhatsApp da Capela que sou administrador. Nós criamos eu lembro. Era muito difícil. As pessoas não tinham acesso às informações. Eu não vou para a igreja porque eu não sei onde está a celebração. Eu não fui hoje porque eu não estava sabendo. Aí foi numa reunião que decidimos. Eu sou o administrador e o grupo tem 39 pessoas. Foi criado em 14 de outubro de 2019. Nele, a gente posta mais coisa da comunidade mesmo, da Escola. Tu já está aqui. A coordenadora é a que posta mais. Divulgou sobre a tua pesquisa. Acho que é normal, né, porque é quem sabe a programação da semana. É um grupo da Capela, mas os assuntos são de toda a comunidade.

25. Que aspectos culturais da comunidade (eventos) marcam sua história de vida?

Resposta - As coisas religiosas. Mas eu lembro dos eventos do tempo que você estava aqui, né? Trazia aquelas coisas do PRECE. O cine. O cine clube. Era muito bom isso. Eu lembro. Isso marca.

Entrevista com Carlos

20 anos

26/04/2023

Fortaleza

1. Então, eu gostaria de saber sobre o consumo midiático e cultural seu nos meios digitais. Sobre o acesso à internet, quando foi e em qual aparelho/dispositivo? O que costuma acessar na internet? Você costuma acessar a internet (redes sociais) ao acordar? Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]? O que lhe motivou a criar esses perfis nas redes sociais?

Resposta – Eu acesso pelo celular e o notebook. O celular comprei juntando dinheiro no cofrinho mesmo. Lá no interior. Eu acho que tinha uns dezesseis anos. Só que o meu primeiro mesmo não era digital. Aí eu ganhei, né? Tipo, o meu irmão tinha um celular e já estava decadente. Aí ele comprou outro e eu fiquei usando o dele. Não dava assim pra muita coisa, mas dava pra ouvir música, jogar e tal. Esse de agora, eu comprei com o dinheiro que juntava, sobravam vinte reais ali e eu guardava numa caixa. Aí, juntei mais ou menos a metade e parcelei o restante do valor. O notebook foi o meu pai que me deu quando entrei na Faculdade em Canindé que era relacionada a informática. Foi no início da pandemia, mas depois eu passei para Educação Física e vim para cá (Fortaleza). Me identifico mais com o curso de Educação Física. Eu passo muito tempo no celular. Tipo assim, quando eu acordo a primeira coisa que faço é pegar o meu celular, ver se tem alguma mensagem. Da geral, grupos da, das pessoas lá do interior, pessoas próximas, mas tipo assim, a minha intenção é mais de grupos, faculdades, pessoas mais próximas, porque pode ter alguma informação importante. Aí o dia inteiro é, não sei lá, pra estudar, pra tudo, não sei lá, então não tenho uma quantidade de horas específicas, mas é muito tempo. À noite, eu chego da faculdade, passo tipo de sete à meia-noite no meu celular, conversando, assistindo vídeo no YouTube, vídeo no TikTok, vídeo relacionado a futebol, no TikTok é mais relacionado a dança e comédia. Tenho TikTok, Kwai, Instagram, Facebook que mal uso. Messenger e Twitter não. O que mais uso é Instagram e WhatsApp. Mais o YouTube também agora com muita frequência. No WhatsApp eu converso muito com meus amigos. No Instagram mais para olhar a vida do povo, saber o que eles postam, ficar atualizado. E no YouTube é mais coisas diversas, música, assistir vídeos.

2. Sobre a plataforma do Instagram, em específico, por que você gosta de estar nessa rede

social? Quais personalidades você segue? Quanto tempo normalmente passa no Instagram todos os dias? Você visualiza a presença no Instagram como oportunidade de trabalho? O que você busca? Já criou algum perfil para divulgar alguma coisa, por exemplo, as atividades do time? Vocês criaram um perfil recente? É você quem gerencia?

Resposta - No meu Instagram a maioria são pessoas de lá (Muquém). E aí, tem meus amigos daqui também (Fortaleza). Converso muito no WhatsApp com a mãe, três amigos da faculdade e um amigo lá do interior, mas as duas meninas a Vitória e a Maria que a gente conversa muitas coisas aleatórias. Depende de alguma situação que ocorre, ou algum evento que vai ter, ou alguma coisa que aconteceu. Eu acho que criei o Instagram foi devido ao pessoal falar que era interativo. Tipo, o pessoal postava muita coisa, dava para pessoa interagir. Sigo mais jogadores de futebol Cristiano Ronaldo, humoristas. Tem um que gosto muito que é o Ney Silva, que fala de uma nova modalidade esportivo, que é o x1, que é tipo o implemento de futebol, mas só uma pessoa contra outra, ou então duas pessoas contra duas pessoas. Eu passo muito tempo o Instagram, ultimamente eu estou gostando muito da qualidade de foto. Tipo de fotografia. Eu fico analisando as fotografias, tipo como eu fiz um curso. Aí eu assisti, eu fiz um curso e a partir daí eu fico olhando muito, e julgando as qualidades das fotos das pessoas. Ah, essa foto aqui poderia ser mais bem enquadrada.

3. Voltando ao Instagram, o que você gosta de postar? Quais ferramentas mais usa (reels, feed, Stories)? O que lhe chama a atenção nas postagens dos amigos(as)?

Resposta - Eu gosto de usar os Stories. Eu gosto de olhar o dos meus colegas. Dependendo das pessoas eu comento. Tipo, eu gosto de seguir mais pessoas conhecidas. Agora tenho me interessado mais por fotos. Tanto é que agora eu estou fotografando mais. Fotos de natureza. Tirei mais fotos de mim mesmo. Às vezes posto nos Stories, mas muito pouco ainda, porque não era uma coisa que eu gostava. Não via a fotografia como um hobby. E agora eu tô tentando, né, tirar fotografias de melhor qualidade, postando.

4. As selfies lhe interessam? Por quê?

Resposta - Mais ou menos. É um estilo que eu gosto, que agora eu tô fazendo mais.

5. Gosta de ouvir músicas? Em quais as situações do dia a dia e qual meio? Quais plataformas?

Resposta – Escuto muito no celular, quase direto. O mais aleatório possível. Forró, brega funk, funk sertanejo, sofrência. Nos dias normal, normal mesmo, eu gosto de ouvir o Tarciso do

Acordeon, né? Eu gosto da maioria das músicas dele. Não tem uma assim específica, eu gosto de todas. O ritmo, o ritmo da música, a voz dele e músicas que, tipo, a pessoa escuta muito no interior. Uso também Sua música e o SnapTube também dá pra ouvir. A gente usa o snap para baixar vídeos, então aí dá pra pessoa escutar. Dá pra salvar vídeo e exercícios. Eu gosto de fazer alguns treinos, aí dá pra me salvar vídeo. Treinos de... É porque a plataforma, ela dar para salvar vídeos do YouTube. Aí eu salvo alguns vídeos de algum treinamento, tipo físico. E assisto e pratico no Parque Raquel de Queiroz e na própria residência. Exercícios aeróbicos que dar para pessoa fazer sozinho. Há algum tempo eu usei o Spotfiy Mas agora não, gosto do SnapTube porque dar para baixar os vídeos também. O YouTube eu também uso muito pra ouvir música. Passo uma hora, meia hora.

6. Já ouviu músicas pelo rádio?

Resposta - Só quando eu vou para o interior. Pela manhã meus pais acordam e ligam o rádio e eu fico lá ouvindo.

7. Que tipo de festas você costuma frequentar?

Resposta – Sempre é forró, mas aqui (Fortaleza) não vou devido essas questões de segurança. Gosto das festas de padroeiro, serestas. Aqui eu só fui para Festa de São João de Maracanaú com os familiares da minha namorada ano passado. Mas esse ano eu perdi.

8. O que acha dos paredões? Pega de bois?

Resposta - Eu gosto de paredões, até teria um. Acho legal, eu gosto de ouvir música. As pegas eu gosto mais ou menos. Não é assim muito meu hobby, não, mas se meus amigos frequentarem, tô dentro. Eu me divirto também. mas é uma coisa que goste, não me interessa muito. Eu não vou correr. Aí é muita poeira, sol quente. Desestimula.

9. E sobre as tuas vivências no Muquém, desde a infância mesmo, conta um pouco como foi e como é ser um jovem que mora em uma comunidade rural.

Resposta - Ah, eu morava com os meus pais, os meus irmãos e assim foi muito boa a minha infância. A infância fazia de tudo. Brincar e fazer diversas coisas. A gente brincava de futebol, vôlei, cobra cega e bico latão. Tinha pega de galinha que a gente fazia lá no João. Era um monte de meninos, amigos que ia lá para casa dele. Mas pela diversão, né? De correr atrás de alguma coisa pra ver quem é que pegava. As coisas em casa, a mãe que dizia o que fazer, né?! Fulano vai fazer isso, manda fazer aquilo. Daí o pai também dizia, faz isso, faz isso, faz isso.

Mas eu não fazia muita coisa não, era mais varrer a casa, encher garrafa, ia buscar algum animal, colocar comida para algum animal também. Na adolescência eu comecei a ajudar na agricultura. Dependendo da situação, eu gosto. Se o dia for frio, aí eu gosto. Mas tipo, no dia muito quente, eu acho que não, mas eu gosto, porque principalmente se eu tiver muito tempo sem fazer, tipo agora, teve período de plantar, né? Aí eu fui, fui plantar lá, e acho muito bom porque as pessoas lembram. Mas incentivo dos meus pais mesmo, para mim e meus irmãos, era mais para estudar. A gente só ajudava de vez em quando o pai no roçado.

10. Como você descreve viver aqui no Muquém?

Resposta - Sim....como descrevo? Acho que depende muito da pessoa, né? Tipo assim, no meu caso conviver é ir pra casa dos amigos, conversar. Tem muita dificuldade em relação a transporte, deslocamento, mas em relação a convivência com as pessoas eu acho que é muito mais fácil que na zona urbana, então acho que isso é um benefício né, acho que as relações de afetividade, de amizade, são muito boas.

11. Você estudou em quais escolas? Como era sua rotina e acesso ao ambiente escolar?

Resposta - Estudei na Aluísio Domingos de Sousa e Tomé Gomes dos Santos. A minha rotina era acordar e ir para escola. Tipo, na Aluísio que era de manhã, era acordar e ir para a escola. E esperava terminar, quando terminava voltava ao meio-dia e era isso todo dia. Mas eu gostava de ver meus amigos, estudar. Era essa a rotina. Quando chegou o Ensino Médio que fui estudar no Tomé Gomes a rotina era mais cansativa, porque era maior o deslocamento, tinha chuvas e riachos, então a rotina era mais desafiadora. Mas eu gostava, principalmente no verão, porque não tinha que andar na lama e na chuva. Eu ia de moto até determinados quilômetros e depois pegava o ônibus. Quando fui para Tomé Gomes tinha muita diferença. Na Aluísio (Escola) era tipo, conviver com meus amigos que conhecia desde quando nasci. Então já tinha muita conexão. Quando cheguei no Tomé Gomes outra realidade, eram alunos de toda diversidade, de todo tipo, de muitos lugares, então a convivência era muito diferente, porque era muito aleatório, né, as pessoas. A personalidade de cada um. Tipo, tinha pessoas que eram mais fechadas, tinha pessoas que conseguia já conversar com o pessoal, assim, muito, com muita mais facilidade. Então foi relacionado a isso. Conversava mais com os meus amigos que já eram próximos, né. Tinha o Everton, que já tinha estudado antes. Já era assim, mais próximo, mas com o tempo fui conversando com todo mundo na sala e aí foi questão de tempo também ter convivência diária, conversar e fazer novos amigos. A adaptação veio com o tempo. Alguns colegas já tinham notebook e tablets. Aí, tipo,

relacionado a filmes, eu gostava, particularmente, de ação. Já tinha muita gente que gostava de romance, tinha gente que gostava de ficção científica, então foi muito aleatório, né?! Ai, a gente conversava sobre essas coisas. Ah, passou um filme, passou um filme na TV e tal, ou dizia que ia passar tal filme na emissora relacionada.

12. O que é ser jovem rural para você? Como foi sair daqui da comunidade para estudar em Paramoti e depois morar por um tempo em Fortaleza para fazer faculdade? O que você percebeu de diferente? Como foi estar nesses espaços urbanos?

Resposta - Sim. Pra mim, a minha experiência é melhor que ser um jovem do meio urbano. Porque tipo, eu tive mais infância, muito mais vivência. Tipo, algumas pessoas de faculdade que são meus amigos, a infância deles era em condomínio, então era muito fechada. Então, tipo assim, eu tive um mundo muito aberto. Muitas experiências, pratiquei muitos esportes, muitas ações. Então, eu acho assim, que se a pessoa gostar, né? o meio rural proporciona muito mais vivência do que uma pessoa que mora na zona rural. Então eu acho que isso foi muito significativo pra minha vida.

13. Que atividades você realiza hoje na comunidade? Como se sente?

Resposta - Atividades físicas. Jogo bola no time. Participo das festas na igreja, no período novenários. Acho que é mais isso. Eu me sinto contribuinte de alguma forma na comunidade, tipo, participo da realização de algum evento, tipo, se tiver torneio, tento ajudar também pra aumentar a visibilidade da comunidade, festa da igreja também, eu tento participar. Da forma que eu puder, né?! Não é uma maneira também muito efetiva, né? Mas a melhor que eu tento ajudar.

14. Você pretende retornar na comunidade quando concluir o curso? Quais suas perspectivas futuras?

Resposta – Sim. As perspectivas futuras é conseguir me formar e conseguir um emprego, um emprego ou então, desenvolver alguma atividade autônoma lá na comunidade.

15. Como você interage e se comunica com as pessoas da comunidade? Quais canais/redes utilizam?

Resposta – Tem o grupo da igreja. Mas a minha comunicação mais efetiva com as pessoas é pelo número de telefone no WhatsApp que a gente conversa. Com mais liberdade, né? Individualmente, digamos assim, além dos grupos: Grupo da Igreja, Grupo de Racha, Grupo

do Time. Grupo do Terço dos Homens A minha interação é mais nos grupos de futebol. Da Igreja, não tenho muito inserção. Eu vejo só informações. No do Terço dos Homens, eu ainda interajo um pouco. Mas no grupo da Igreja é mais para saber das informações da comunidade, saber quando vai ter missa, quando vai ter alguma coisa. Informações. As pessoas me colocarem e mesmo sem interagir, eu vejo lá as informações. Acho importante, né, isso? Mesmo longe, ficar informado das coisas que acontecem, que vão acontecer.

16. Que aspectos culturais da comunidade (eventos) marcam sua história de vida?

Resposta – As festas religiosas, os eventos, todas as coisas que acontecem, torneios, pega de boi, alguns torneios de sinuca e tal, todos eles fazem isso.

Entrevista com Camila

23 anos

17/04/2023

Fortaleza

1. Então, eu gostaria de saber sobre o consumo midiático e cultural seu nos meios digitais. Sobre o acesso à internet, quando foi e em qual aparelho/dispositivo? O que costuma acessar na internet? Você costuma acessar a internet (redes sociais) ao acordar? Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]? O que lhe motivou a criar esses perfis nas redes sociais?

Resposta – Eu acesso internet pelo telefone. Meu telefone atual é um Iphone 8, eu comprei ele tá com dois anos, foi de segunda mão aí eu comprei através do meu trabalho eu comprei ele, parelei, finalizei de pagar já. Só Instagram e YouTube mesmo. Tenho a conta do Facebook, mas praticamente não uso. Aí quando eu conheci o Instagram eu preferi ficar só nele mesmo. Eu criei essas redes para questão de se adaptar né a atualidade porque todo mundo praticamente tem a rede social tipo para me comunicar com as pessoas mais longe amigos e tal, questão de trabalho também depois da pandemia tudo foi atualizado aí tem uma rede social hoje em dia é até necessário. A primeira rede que criei foi o Facebook. Na época não sabia nem o que que era. Pensava que era até para rastrear os dados e tal, mas foi procura curiosidade na época eu criei no PRECE, eu fazia o curso de computação, aí o professor apresentou pra gente o Facebook que era uma ferramenta nova e aí a gente criou, não era tão conhecida e dificilmente a gente entrava para conversar ou postar alguma coisa. O WhatsApp em geral, uso ele a trabalho. Eu trabalho com vendas aí para me comunicar com os clientes. O

Instagram eu uso mais para o pessoal. Posto alguma coisa do meu dia a dia, posto alguma frase não tão profissional mas para o uso pessoal.

2. Sobre a plataforma do Instagram, em específico, por que você gosta de estar nessa rede social? Quais personalidades você segue? Quanto tempo normalmente passa no Instagram todos os dias? Você visualiza a presença no Instagram como oportunidade de trabalho?

Resposta – Sim. Sim Se você quiser trabalhar como Influencer há bastante emprego também. Eu particularmente não me vejo divulgando minha vida, meu dia a dia para Influenciar pessoas, mas quem se identifica e gosta bastante. Já tive uma loja online de cosméticos no Instagram e tinha uma renda. Eu já trabalhei também com marketing digital aí tudo envolve o Instagram e as outras plataformas já WhatsApp também, mas foi para eu uso profissional. O MKT Digital foi uma experiência bem de conhecimento durante a pandemia. Ele que é muito em geral e envolve tudo aí na época comecei a trabalhar aí com vendas, vendendo cursos online. Eu fiz o curso na plataforma Hotmart e depois fui colocando em prática. Estava desempregada na época, durante a pandemia, né, aí eu consegui por causa das pessoas que estavam em casa que não estavam trabalhando aí foi fazendo os cursos que eu estava vendendo tipo por mês eu chegava 400 tinha mês que chegava a 500 durante a pandemia. Aí depois passou mais a pandemia as pessoas voltaram ao normal né, ao trabalho. Aí deu uma caída nas vendas, eu voltei a trabalhar aí acabou e não foquei. O perfil da loja deu uma esfriada, eu ainda vendo, mas é mais é por encomenda não foquei tanto por causa do trabalho eu não consegui conciliar os dois. Eu cheguei a 1100 seguidores na loja, todos orgânicos.

3. O que você gosta de postar? Quais ferramentas mais usa (reels, feed, Stories)? O que lhe chama a atenção nas postagens dos amigos(as)?

Resposta - Eu passo no Instagram durante o dia umas 4 horas. Eu uso mais para assistir meme fica só passando os reels. Também gosto de postar foto e respondo alguma pessoa que aparece para conversar. Também acompanhar as pessoas que estavam na época o Instagram estava em alta e muitas pessoas postavam como estava. Sigo muito pessoas que treinam só para ver dietas, receitas, sigo alguns influenciadores é Virgínia, a esposa do Zé Felipe, filho do Leonardo e de questão de treino sigo Paulo Muzy. Foi depois que eu comecei a malhar, treinar que eu comecei a pesquisar mais sobre esse conteúdo. No Instagram eu pesquiso essa questão de treino, dieta, alimentação, isso de fato me ajudou muito. Tem perfil também de moda que ajuda bastante. Tem perfis também em geral de conhecimento pessoal tem gente que dá muitas dicas, autoconhecimento tem muito, muito assunto novo. É um universo novo o

Instagram é muito assunto que ajuda bastante tudo que você pesquisar vai ter lá em geral. Eu uso mais o Stories, mas eu só posto uma foto minha do dia a dia e pronto. As vezes um dia e outro não, às vezes do treino, só para dizer que está ativa de certa forma. Muitas pessoas curtem sobre os treinos, comida. As pessoas perguntam como é que faz. É uma forma de interagir com as pessoas. E quando posto, de certa forma, espero alguma curtida, comentário. A gente fica um pouco ansiosa. Alguém querendo ajuda. Saber sobre determinada coisa que postei, tipo da comida e tal. Geralmente eu posto mais só para postar mesmo. Eu gosto quando eu sinto vontade de postar coisa do meu treino, comida. E dos meus amigos, eu gosto também quando eles postam alguma coisa do dia a dia deles.

4. As selfies lhe interessam? Por quê?

Resposta - Eu gosto de tirar selfies, em geral. Elas são um reflexo de como estou, me sinto mais bonita (rsrsrs) quando estou arrumada, uso filtros do Instagram, dar uma melhorada na autoestima.

5. Gosta de ouvir músicas? Em quais as situações do dia a dia e qual meio? Plataformas?

Resposta – Eu escuto música pelo YouTube. Em geral. Brasileira, Gospel, Internacional. Eu escuto quando vou dormir e durante o treino quando eu faço treino na academia. Geralmente eu escuto muito, muito mesmo, música internacional. Não entendo as letras, mas a melodia chama a minha atenção. E eu tenho curiosidade de aprender inglês.

6. Já ouviu músicas pelo rádio?

Resposta - Eu escutava bastante rádio quando morava com meus pais. De manhã, eu já acordava ouvindo as cantorias, depois missas e meio-dia, os programas de notícia, em geral da região.

7. Que tipo de festas você costuma frequentar?

Resposta - Geralmente eu gosto de um ambiente mais tranquilo. Não curto muito festas, shows grandes, com muita gente. Eu gosto de frequentar mais um barzinho com música ao vivo que dê para conversar em família. Não gosto muito de frequentar festas grandes, não. E sempre vou com minhas amigas. Lá no interior eu ia para todas as festas de padroeiros e sinto muita saudade, aliás. Do ambiente tranquilo e dançar um pouco de forró. As festas que eu ia quando morava no interior da padroeira do Paramoti, as festas de julho, ficaram muito

marcadas, questão de se divertir, de esperar. Que ela era uma vez no ano, aí a gente passava o ano todinho se arrumando para aquela festa.

8. O que acha dos paredões? Pega de bois?

Resposta - Não, não, não gosto muito de paredão, não. Já as pegas de boi, eu gosto (rsrs). Gosto, entre aspas, porque não tive mais oportunidade de ir algumas. Mas eu gosto de pega de boi. Me chama atenção a adrenalina de soltar os animais para os Vaqueiros irem a busca deles e voltar com a premiação. Eu fico com o coração apertado vendo os bichos, mas é questão que já é tradição, né?!

9. E sobre as tuas vivências no Muquém, desde a infância mesmo, conta um pouco como foi e como é ser um jovem que mora em uma comunidade rural.

Resposta - Eu sempre morei com meus pais. Morava nós três. Gostava muito de estudar e no meu tempo eu brincava muito com minhas três amigas que moram lá. A gente era o quarteto (rsrs). A gente gostava muito de brincar de se divertir. Mas hoje o quarteto esfriou (rsrs), cada uma seguiu sua vida, né durante o tempo e aí é difícil a gente ter contato. Lá em casa, a parte do roçado quem ia era o pai e eu ficava em casa com a mãe. Como eu estudava a tarde, aí durante a manhã eu ajudava a mãe nos afazeres de casa, varrer a casa, lavava a louça e ajudava ela fazer comida e a tarde eu ia para escola e quando eu chegava à noite ela já tinha feito a janta eu jantava e a gente ia dormir. A gente brincava de esconde-esconde, bico latão. Brincava também de casinha, essas coisas (rsrs).

10. Como você descreve viver aqui no Muquém?

Resposta - Descrevo com um ambiente bem tranquilo, bem família, bem paz mesmo. Só não é tão...digamos assim, produtivo em relação a emprego, em relação a saneamento básico, por exemplo, não tem uma água encanada, tipo, não tem um supermercado próximo para fazer compra, não tem um fluxo de renda em geral.

11. Você estudou em quais escolas? Como era sua rotina e acesso ao ambiente escolar?

Resposta - Estudei em Providência no ensino médio e disponibilizaram um ônibus para gente ir. A viagem era bem tranquila. A Escola em si, os professores eram bem atenciosos. Tenho só memórias boas desse momento. No fundamental eu estudava no Muquém e tinha minhas professoras que me ajudaram a obter bastante conhecimento, onde aprendi a ler e escrever com elas. Muito bom (rsrsr).

12. O que é ser jovem rural para você? Como foi sair daqui da comunidade para vim morar aqui em Fortaleza? O que você percebeu de diferente? Como é estar nesses espaços urbanos?

Resposta - Eu sempre tive esse espírito de aventureiro. Eu sempre pensei que quando eu completasse essa idade, né, eu queria sair da minha zona de conforto, queria procurar melhorias. Mas foi um desafio por morar no interior, né, não sei da zona rural, ser uma caipira, entre aspas, né, vim para Fortaleza mesmo que seja 100 km de distância já é outro mundo já é outro, outro, outro modo de falar. Quando eu vim para cá muita gente até que questionou. Ah! Tu é do interior, né?! Simplesmente pelo fato do modo de falar que eu vejo como normal, mas pessoas que moram aqui já interpretam de outra maneira. Diz que a pessoa é mais tímida, mais acanhada, não tem tanto conhecimento como as pessoas que moram aqui. Foi um desafio me adaptar, me adaptar aqui, mas eu sempre tive, desde que eu morava lá, sempre tive essa vontade de conhecer e tenho ainda de ir mais longe, conhecer outros lugares, fora Fortaleza. Ainda existe muita gente hoje que acha que o meu modo de falar é inferior, mas eu não acredito nisso. Mas existe muitas pessoas, às vezes no meu trabalho mesmo que repreende quando eu troco S pelo R, mesmo por mermo, nesse sentido. Ainda existe muita gente que repreende, não pelo sentido de preconceito, mas para ajudar se desenvolver. Mas eu creio que não é errado total, é só o jeito popular que eu falo. Vim para cá morar com minha prima, aí a gente morou dois anos aí por conta do emprego que ela conseguiu um emprego ela foi mais para perto do trabalho dela e como eu trabalho era mais perto né da casa que a gente estava eu fiquei a gente se separou aí foi morar só. Eu tinha 18 anos. Está com 5 anos e eu já vinha preparando meus pais. Eu sempre disse que quando eu completasse 18 anos eu ia procurar um emprego para ter uma condição melhor, entre aspas, né melhor de vida, mas quando eu dei a notícia eles ficaram abalado, com medo, né, por mim de vim para a cidade morar sozinha, mas com o tempo eles foram aceitando. Ficaram mais tranquilo e nunca perdi contato, sempre liguei para eles pra dizer que está tudo bem.

13. Que atividades você realiza hoje na comunidade? Como se sente?

Resposta – Hoje eu só vou mais a passeio. Visitar minha família quando tenho folga.

14. Você pretende permanecer na comunidade? Quais suas perspectivas futuras?

Resposta – Eu pretendo voltar à Muquém para visitá-lo (rsrsrs). Pretendo, não. Sempre quando é possível eu estou lá. Quando tem algum feriado, quando tem a minha folga eu vou visitar.

15. Como você interage e se comunica com as pessoas da comunidade? Quais canais/redes utilizam?

Resposta – Hoje eu sou falo mais com a minha mãe e a minha prima para saber as novidades pelo WhatsApp.

16. Que aspectos culturais da comunidade (eventos) marcam sua história de vida?

Resposta – As festas de final de ano da padroeira que eu participava, no mês de maio também tinha a Coroação de Nossa Senhora que eu também estava presente e fazia parte. São os dois eventos anuais que eu sempre estava presente, que me marcaram.

Entrevista com Luís

28 anos

23/04/2023

Muquém

1. Então, eu gostaria de saber sobre o consumo midiático e cultural seu nos meios digitais. Sobre o acesso à internet, quando foi e em qual aparelho/dispositivo? O que costuma acessar na internet? Você costuma acessar a internet (redes sociais) ao acordar? Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]? O que lhe motivou a criar esses perfis nas redes sociais?

Resposta – Eu acesso pelo telefone às vezes alguns vídeos engraçados. É mais vídeo a respeito do meio rural mesmo, algumas coisas assim, alguma curiosidade que eu tenho de aprender e fico assistindo. Sobre a plantação, a irrigação. Mais essas coisas. Tenho um computador (notebook), mas eu acesso mais pelo que no celular mesmo. Eu ganhei da mãe. Já tem um bom tempo. Eu quase nem uso. Mas eu não sei quanto tempo faz não, não lembro mais. Eu usava dados móveis no celular e roteava pro notebook. Eu sempre compro na internet também. É tipo assim, mais algumas coisas que eu não consigo encontrar aqui mais perto, Pentecoste. Ai que sai mais fácil comprar do que ir em Fortaleza, né? Material de irrigação, remédio do cavalo, eu já comprei e coloco o endereço de uns conhecidos que moram em Pentecoste (zona urbana). Eu praticamente não tenho perfil nas redes sociais (rsrs). Tenho Facebook e Instagram, mas eu só utilizo o WhatsApp. Só mais para conversar mesmo, tem os clientes, o grupo do racha. Eu tenho grupos, mas que eu participo mesmo assim, que eu converso, só tem dois. Esse que eu tô falando, que é do Racha aqui, dos meninos do

Muquém. E outro que é um grupo de produtores de Maracujá. O rapaz que é o administrador é da Bahia. Aí tem pessoas de quase todo o estado do Brasil. Eu entrei nele através de um canal que o administrador tem no YouTube. E eu acompanho os vídeos dele. Aí ele fez esse grupo só pra quem realmente produz, quem trabalha. Pra ficar uma coisa mais, de focar mais assim. Porque ele foca, ele planta e passa o conhecimento dele para os demais. Aí já no YouTube, é muita gente que acho que nem planta e fica fazendo muita pergunta. E ele diz que não tem tempo de responder. Aí ele fez esse grupo. Tem coisas que, tipo, a pessoa tá com um problema, aí não sabe resolver, aí faz a pergunta direto pro administrador, mas a outra pessoa do grupo que sabe, já responde e, às vezes, o administrador faz só confirmar que tá certo. Eu acho que já faz uns quase dois anos que estou nesse grupo. Eu comecei a ver os vídeos dele. Aí achei legal e andei fazendo algumas perguntas, ele me respondeu e depois ele falou que ia criar um grupo, aí eu pedi pra participar também. Às vezes eu converso no modo privado com o administrador. Ele é um jovem que foi aprendendo com os tapas da vida (rsrs). Ele nem é agrônomo é?! Faz tempo que eu venho estudando só a respeito do maracujá. Mas duas vezes que plantei ainda não consegui passar o ciclo da planta todo. Da produção dela, do início até o fim. Dependendo do manejo leva uns dois anos. A primeira vez passei só nove meses. A segunda só um ano. Meu pai cultivava só no quintal. E eu comecei praticamente de uma hora para outra a plantar e percebi que é uma coisa que eu gosto de fazer.

2. Você já pensou em convidar outras pessoas da comunidade? Fazer um grupo com esse foco na agricultura?

Resposta - Eu vejo que o pessoal daqui não acredita muito nesse negócio de irrigação, de agricultura. As duas vezes que fiz um plantio de maracujá e porque não deu muito, fui tachado como doido, que não produz nada. Mas eu fiz ainda uma colheita e acredito que dar certo. A comunidade tem uma dificuldade de reconhecer o potencial que o jovem e até os mais velhos tem. Eu acho que eles não enxergam o potencial que o lugar tem. Eu assisto muitos vídeos no YouTube e vejo muita gente que planta e a água é um sacrifício pra ter água. E aqui, a gente tem, graças a Deus, bastante, mas o pessoal não enxerga isso.

3. Na sua visão, a comunidade tem dificuldade de reconhecer o potencial que o jovem tem? De acreditar na sua capacidade?

Resposta - Eu acho que sim, mas eu vejo assim, tipo não só o jovem, mas os mais velhos mesmo, né?! Eu acho que eles não enxergam o potencial que o lugar tem. Eu assisto muitos vídeos no YouTube e vejo muita gente que planta e a água é um sacrifício pra ter água. E aqui,

a gente tem, graças a Deus, bastante água, o pessoal não enxerga isso. Aqui na comunidade pouca gente acredita. Já vim conhecer depois, um o rapaz dos cocos ali, da Várzea Comprida (comunidade próxima). Que eu já cheguei a conversar com ele, ele passou a mesma coisa. Quando eu comecei o assunto, ele já continuou e foi a mesma coisa. Quando começou também foi chamado de doido, não dava nada. Mas começou mais mesmo, eu assistindo nos vídeos, eu vendo o pessoal plantar em um local que praticamente não tinha água e dava certo, aí veio a minha vontade também de trabalhar nessa posta assim da agricultura, que eu acho que é até por família também, porque meu irmão que trabalha com vendas está querendo abandonar tudo e entrar nessa área também.

4. Sobre a plataforma do Instagram, em específico, o que você gosta de acessar? Quais personalidades você segue? Quanto tempo normalmente passa no Instagram todos os dias? Você visualiza a presença no Instagram como oportunidade de trabalho?

Resposta - Eu tenho Facebook e Instagram, mas como falei eu pouco utilizo. TikTok eu não tenho. Kwai. Também não. Quando alguém mandar algum link, eu assisto, mas não gosto, não. Nem o aplicativo baixado eu tenho. O Instagram, às vezes eu olho os Stories dos meus amigos. O YouTube é o que vejo mais, sigo algumas pessoas. Tem alguns que eu assisto mais. É só por acaso (rsrs). É os caras que moram na zona rural e ficam fazendo coisa engraçada mesmo. O que eu assisto mais é esse cara do maracujá Pingo de Ouro. Aí tem esse agrônomo também Fabrício Andrade, que sempre eu assisto os vídeos dele, porque ele fala muito a respeito de solo, né? Adubação, essas coisas. E, foi tipo por acaso mesmo, assim. Comecei mesmo assistindo esses vídeos, né?! Principalmente esses vídeos engraçados da Bebel Pega (rsrsr), aí foi aparecendo outros, né?! Quando eu estou sem fazer nada mesmo, eu fico assistindo. Nem acompanho todos os vídeos deles. É porque eles aqui, são bem uns quatro, aí tipo, todos os quatro tem canal. Aí eles fazem vídeos juntos. Aí eles fazem tipo como se fosse o dia a dia deles. Mas eu não tenho vontade de fazer, não.

5. As selfies lhe interessam? Por quê?

Resposta – Eu gosto de fotos. Mas eu não utilizo muito as redes sociais. Eu não gosto de mostrar o dia a dia da gente. Às vezes eu tiro uma foto e faço só guardar mesmo e deixo ali pra depois ver.

6. Gosta de ouvir músicas? Em quais as situações do dia a dia e qual meio?

Resposta – Eu gosto de escutar mais música, né?! Quando eu viajo, principalmente. Às vezes,

na própria rádio, quando toca alguma música que me interessa, principalmente forró. Eu escuto o Gustavo Lima e... tem vários é que tipo eu escuto a música de um, acho legal, ai junta com a música de outro, e faço... e deixo ali separado. Nem toda música daquele cantor eu gosto né, ai eu escolho só algumas, ai de forro tem o Mano Walter, tem aquele Raí da Saia Rodada, e Júnior Viana tem a banda Mastruz com Leite, tem outras que eu não to lembrando agora.

7. Além do rádio, quais plataformas escuta música?

Resposta – Eu pesquiso no YouTube e uso o aplicativo Sua música também. Eu gosto dele, porque, assim, de acordo com o que eu escuto, ele, tipo, automaticamente organiza ali, né?! Ela fica na ordem aí. As que eu mais escuto, já fica aí em primeira.

8. Que tipo de festas você costuma frequentar?

Resposta - Evilene, eu posso dizer assim que eu gostei de algumas assim, mas hoje mesmo não. Eu prefiro só passear mesmo. Às vezes, a gente pega o carro aqui, vai na praia, dar uma volta, vai pra algum outro canto assim, mas é tipo, eu gosto de lazer, mas é sempre questão com natureza, né?! Não sou muito chegado é ir para serra (rsrs). Não achei muito legal não. Eu já fui pra Palmácia, Pacoti, Maranguape, mas não acho muito legal não. Gosto de praia e do interior.

9. O que acha dos paredões? Pega de bois?

Resposta - Não, não gosto. Prefiro uma música mais ao vivo, não. Nas novenas quando a gente vai. Às vezes tem alguma seresta, uma coisinha assim, ai a gente que fica por lá, come alguma coisa. As pegas de boi, às vezes eu vou. É mais o que tem de lazer pra gente.

10. E sobre as tuas vivências no Muquém, desde a infância mesmo, conta um pouco como foi e como é ser um jovem que mora em uma comunidade rural.

Resposta - Na infância a gente faz mais é brincar, ir para o colégio. Essa coisa de criança mesmo, é brincar. Tinha os meninos da Escola, meus primos para brincar. Eu tinha meus irmãos também. Brincava de esconde-esconde, pega, pega, joga bola, solta piano. Com 13, 15 anos eu comecei ajudar o meu pai no roçado, algumas coisas de casa também, como colocar água do cacimbão, porque não tinha água encanada. E depois ia para o colégio.

11. Como você descreve viver aqui no Muquém?

Resposta - Eu gosto de morar aqui por conta da tranquilidade, eu não gosto muito de rua. Gosto de estar assim em contato com a natureza, né?! Mas pra pessoa, um jovem morar aqui mesmo, tem o desafio do trabalho. A pessoa tem que ter muita vontade, sei lá, para colocar a comida na mesa.

12. Você estudou em quais escolas? Como era sua rotina e acesso ao ambiente escolar?

Resposta - Foi só o ensino fundamental no colégio aqui do Muquém. O ensino médio foi na Providência. Eu senti diferença, mas acho que dependia de mim também, porque quando eu estudava aqui eu era mais interessado nos estudos e lá eu me desleixei (rsrs). Aí talvez por eu ter desleixado eu não tenha continuado os estudos ou alguma coisa assim. Eu terminei o ensino médio e antes eu tinha vontade. Só que depois que eu me desleixei... Eu tipo não ligava pra estudar. Por que lá na Providência tu sabe como é, né?! (rsrs). As vezes a gente tá até no racha ali brincando, aí às vezes. Fala alguma coisa assim, responde alguma coisa errada. Aí os meninos comentam, ah! estudou na Providência, né?! Porque lá era tudo tô nem aí, nem professor, nem aluno. Ai as vezes, até no grupo, quando a gente escreve alguma coisa, aí fica nessa brincadeira (rsrs). Ah! Eu sei onde você estudou. Quando eu fui pra lá, eu lembro que quando, nos primeiros meses, eu acho que eu era o melhor da sala lá, mas depois fui entrando nas brincadeiras também. Eu lembro que tinha professor que parava a aula para ir fumar E a gente ficava lá, só brincando na sala. Aí tinha outros que chegava na lousa, pegava o livro e ia copiar tudo que tinha no livro na lousa pra gente copiar, como a gente fosse aprender a escrever, se já tinha no livro. Aí essa era uma das coisas que mais me revoltava era isso aí, porque eu já tinha um livro pra ver o que que tinha na lousa. Ai eu fui me desligando de estudar.

13. Que atividades você realiza hoje na comunidade? Como se sente?

Resposta - Tem essa questão de ligar a bomba para colocar água para a comunidade. Aí também eu que tiro as leituras da água, né? Participa da associação da comunidade. E tem o terço dos homens que agora está mais parado, devido o inverno não. Mas eu vejo assim, que quando é pra começar, eu tipo, chamo também os outros. Não só eu, mas tem outros também, né?! E na hora do racha, a gente termina e tal, e aí a gente fica convidando os outros. O racha também para nesse período, porque fica mais difícil formar o time, quem mora do outro lado do rio nem sempre dar para passar. Mas todo mundo acha ruim não ter o racha, porque assim é um momento da gente se encontrar, brincar e fazer uma atividade física.

14. Você pretende permanecer na comunidade? Quais suas perspectivas futuras?

Resposta – Até o momento eu penso em permanecer, sim. É que a gente fala de envelhecer, de envelhecer, mas é tipo, de acordo com o passar do tempo mesmo o pai e a mãe ficam mais velhos assim e precisam, às vezes, sempre eles falam que, não sabem, mas podem precisar ir morar mais perto da rua para facilitar as coisas, mas a gente não sabe também, porque se eles saírem, ficar só a gente aqui é ruim. Eu gosto de morar aqui, eles também, a gente ver assim uma forma de necessidade, de precisa sair. Mas, enquanto estiver tudo bem, estamos por aqui.

15. Que aspectos culturais da comunidade (eventos) marcam sua história de vida?

Resposta - Mais as festas da padroeira, né que a gente vai no final do ano. Os torneios, jogos do campeonato.

Entrevista com Igor

26 anos

21/04/2023

Muquém

1. Então, eu gostaria de saber sobre o consumo midiático e cultural seu nos meios digitais. Sobre o acesso à internet, quando foi e em qual aparelho/dispositivo? O que costuma acessar na internet? Você costuma acessar a internet (redes sociais) ao acordar? Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]? O que lhe motivou a criar esses perfis nas redes sociais?

Resposta - Na verdade eu comecei a acessar internet quando comprei o primeiro celular. Ele era simples, mas já tinha acesso à internet via dados moveis. Naquela época, era difícil onde tinha rede wi-fi, não é que nem hoje. O acesso pelo computador, o primeiro contato foi na Escola. Depois quando entrei na universidade foi que comprei um notebook. Pelo computador eu costumo usar para fazer pesquisa, conteúdos para as aulas. Também para compras. Eu compro geralmente de tudo, eletrônicos, roupas, calçados, chuteira, enfim. Compro muito pela Amazon e nas lojas que tem material esportivo, Netshoes, Centauro, também na Magazine Luiza. Sim. Geralmente, quando eu acordo a primeira coisa é pegar no telefone, aí olho as mensagens no WhatsApp, depois entro no Instagram, assisto alguma coisa e vou para Escola. Eu tenho perfil em várias redes. Já tive até Orkut, aí depois o Facebook e Instagram que uso até hoje. Mas, basicamente, só uso o Instagram, às vezes olho o Facebook, mas é raramente. No Facebook é mais as pessoas que me marca. Também eu nunca fui muito de publicar, nem

no Instagram só muito de ficar publicando não. No YouTube eu assisto mais músicas, vejo alguma coisa da Escola e vídeos de comédia. Basicamente criei os perfis nessas redes, porque todo mundo tinha. Fui mais na onda. Todo mundo usava aí eu fui e criei também.

2. Sobre a plataforma do Instagram, em específico, por que você gosta de estar nessa rede social? Quais personalidades você segue? Quanto tempo normalmente passa no Instagram todos os dias? Você visualiza a presença no Instagram como oportunidade de trabalho? Para divulgar sobre o time de futebol? O que você busca? Já criou algum perfil para divulgar alguma coisa, por exemplo, as atividades do time? Vocês criaram um perfil recente? É você quem gerencia?

Resposta - Para ver as coisas dos outros (sorrir). Não, eu gosto de ficar vendo publicações dos meus amigos, de conversar também. Gosto de ver mais coisas dos conhecidos mesmo, pessoas próximas, meus amigos de faculdade. Não costumo ver coisas de influenciadores, não. No Instagram eu vejo mais o que as pessoas postam e assisto muito reels também. Eles são bem diversos, mas geralmente é comédia, vídeos engraçadinhos. Eu sigo muitos jogadores de futebol, mas pouco curto. E são mais do meu time Ceará. Mas não sou muito de ficar acompanhando, curtindo e vendo tudo não. Acredito que passo em torno de uma hora por dia no Instagram. Mas não passo todo tempo, não. Ao longo do dia acesso 15 min. Depois entro de novo e assim vai uma hora, uma hora e meia. Não. Eu posto muito pouco. Só mais nos Stories e as vezes só para divulgar algum jogo ou evento que estamos organizando ou quando me pedem pra postar algum evento. Eu uso o Instagram praticamente para interagir com outras pessoas, conversar, ver o que o pessoal está postando. Converso quase sempre com as mesmas pessoas. Na maioria das vezes, só visualizo. Só quando é algo engraçado comento, pois gosto de brincar. Nunca pensei em criar um perfil assim profissional, quem cuida do perfil do futebol Muquém Sport Club é meu irmão junto com um amigo. Eu estou à frente do time titular. Tem em torno de 20 jogadores, mais daqui e do Tourão. O titular tem jogadores de 18 a 33 anos. A gente decidiu organizar porque quando queria jogar sempre tinha que ia jogar com outros times, do Irapuá, Barrinha, aquele Mulungu II. Ai um dia a gente se reuniu e decidiu formar o time, tinha gente e todo mundo queria brincar, aí começamos, desde janeiro do ano passado (2022). A gente se organiza e tem dois grupos de WhatsApp: um do nosso time e outro do campeonato, que tem jogador de fora e é mais restrito, geralmente só os jogadores mesmo e a comissão (eu e outro colega), pessoal que ajeta. Tem 28 pessoas e gente de vários lugares, Pentecoste, Canindé. Foi criado em dezembro de 2022, quando começou a Copa da Amizade, no Mulungu. O do Muquém geral, tem 37 pessoas, pessoal daqui e do

Tourão. Foi criado ano passado, deixa eu ver aqui. Foi dia 23/12/2019. Mas antes o grupo era mais só para torneio e racha.

3. Valha, a descrição do grupo é “cuida na fuga”. O que significa? Foi você que criou? E esse logo?

Resposta - (Risos) Acho que foi meu irmão. A gente fala muito quando vai sair, combina ir para um jogo, algum lugar. A logo do time é bem mais antiga. Nem lembro, mas acho que foi 2015. O grupo não posta muito. Geralmente só mais no final de semana e dias de racha.

4. Voltando ao Instagram, o que você gosta de postar? Quais ferramentas mais usa (reels, feed, Stories)? O que lhe chama a atenção nas postagens dos amigos(as)?

Resposta - Geralmente só posto fotos mesmo. Reposto alguma coisa do time. Na verdade, minhas mesmo só posto assim mais quando vou para alguma festa que estou mais arrumado. Não sei o que me chama atenção. Só vejo mesmo o que os meus amigos estão postando. Os meninos daqui gostam de postar as pegadas de boi, essas coisas assim. Dificilmente eu curto.

5. As selfies lhe interessam? Por quê?

Resposta - Olha, dificilmente eu tiro foto. Minhas mesmas, raramente. É sério (sorrir). Não fico tirando muita foto. Hoje é mais foto de jogo. Na época que eu viajava devido o curso (geografia) tirava muito foto, mas perdi muitas fotos, algumas eu consegui arquivar no meu drive. Nesse telefone aqui quase não tenho foto. Quando vou tirar foto, geralmente é selfie, pois é mais prático.

6. Gosta de ouvir músicas? Em quais as situações do dia a dia e qual meio?

Resposta - Eu ouvia muito pelo rádio quando era criança, mais novo. Hoje escuto música mais no telefone mesmo. Quando eu escutava rádio era mais de tardezinha e de manhã cedo. Eu tinha um radiozinho pequeno, eu gostava de ouvir música, sabe. Acho que foi a mãe que me deu, um radiozinho pequeno, velho, lá de casa. Eu ouvia mais músicas, as garras da patrulha que tem o programa de TV, mas também passava no rádio. Escutava mais forró, só forró mesmo. Hoje eu ainda escuto muito forró, mas é o piseiro. Às vezes, escuto sertanejo também. Às vezes, escuto de tudo um pouco, mas é mais forró mesmo. Tem uma dupla que está fazendo muito sucesso agora que é Iguinho e Lulinha e gosto muito de ouvir. Aí tem outras, João Gomes, Natan, enfim. Não tenho em mente uma música, gosto mais do ritmo. Também não aprendi dançar (sorrir).

7. Além do rádio, quais plataformas escuta música?

Resposta - Uso mais o YouTube, já usei o Spotify, mas hoje não tenho mais. Também tem o prime music da Amazon Prime que é tudo no pacote. Aí eu escuto de vez em quando. Até os 13, 14 anos eu escutava mais rádio. Aí o telefone foi a partir dos 15 anos, estava no segundo ano do ensino médio e comprei meu primeiro celular com dinheiro que ia juntando. Tinha umas criações e juntava também o que as tias, pai me davam de vez em quando.

8. Que tipo de festas você costuma frequentar?

Resposta - Em Fortaleza nunca fui para festa/show, ia só para barzinho mesmo, essas coisas assim. Ia para o Estádio. A primeira vez fui mais o meu irmão mais velho, foi no PV (Estádio Presidente Vargas). Depois é que fui para o Castelão. Na época, o Ceará ainda estava na série B e os jogos eram lá no PV. Mas eu fui mais vezes ao Castelão com meus amigos. Para as festas aqui eu também vou com meus amigos, meus irmãos, o Guilherme. Antes tinha o Jackson, G, Antônio José. Hoje é os meus irmãos mais novos, os meninos daqui, do Tourão. Não tem graça ir para festa sozinho, ficar de cara pra cima lá (sorrir) sem ninguém conhecido. As festas é mais forró. A gente se combina, às vezes, pelo WhatsApp, ou pessoalmente mesmo. Tem vezes que a gente nem sabe que vai ter festa, aí chega um e chama, aí vamos. A última festa mais legal que fui ultimamente foi a do Paramoti, essas festas maiores mesmo, da padroeira em julho, do município, em janeiro.

9. O que acha dos paredões? Pega de bois?

Resposta - Mais ou menos, eu gosto dos paredões, mas não gosto muito. Nem tenho vontade de ter um não. As pegas de boi vou mais pela companhia dos meninos, folia, não gosto muito não. Porque pega de boi é só a saída mesmo, diferente da vaquejada. O bom é o que tem no dia, geralmente tem festa depois.

10. E sobre as tuas vivências no Muquém, desde a infância mesmo, conta um pouco como foi e como é ser um jovem que mora em uma comunidade rural.

Resposta - Eu tenho quatro irmãos e gosto de todos eles. Na minha infância basicamente estudava e jogava bola. A gente brincava muito na Escola de bico latão, pega-pega, chutar garrafa. Em casa, não brincava muito não. Sempre morei com meus pais. Só quando passei a fazer a faculdade é que passei a morar na residência (Fortaleza) com outro parceiro. Quando terminou a faculdade voltei a morar com eles (pais) e não estranhei, não. Só às vezes, de vez

em quando, quando a gente quer passar um tempinho mais deitado eles dão uns gritos na gente (sorrir). Mas, não mudou muito não. Nas tarefas de casa, às vezes, raramente, lavava uma vasilha. Ajudava mais o pai no roçado mesmo.

11. Como você descreve viver aqui no Muquém?

Resposta - É muito bom. É tranquila. Eu gosto praticamente de todo mundo aqui da comunidade. Sempre venho pra cá (centro da comunidade) dar um giro na casa dos conhecidos. Quando morava em Fortaleza sentia vontade de voltar, mas o bom de lá é que tudo que você quiser ter tem acesso rápido, mas é muito chato viver trancado. Não gosto muito de ficar trancado não, principalmente no final de semana quando eu ficava dava um desânimo de ficar trancado no final de semana. Não saía porque não era acostumado, não tinha acesso a recursos. Mas, algumas vezes, raramente, ia a praia com meus amigos. Isso não era muito pouco, não era toda semana ir à praia. Quando era final de tarde, às vezes ia para um barzinho, mas era isso, basicamente. O resto do dia era trancado. Eu prefiro morar aqui.

12. Você estudou em quais escolas? Como era sua rotina e acesso ao ambiente escolar?

Resposta - Só nessa aqui Aluísio Domingos de Sousa, que antes era José Domingos de Sousa. Depois fui estudar no Paramoti, no Tomé Gomes. Quando eu estudava aqui era a tarde e geralmente passava a manhã assistindo desenhos ou então, ia ajudar o pai. Na época do inverno ia cultivar mais ele, ficava em cima do burro. Depois vinha para escola e já ficava para o racha. Para o Paramoti, o horário trocou. Acordava cinco horas, cinco e meia, ia para Escola e a tarde, geralmente, passava a tarde deitada, ficava deitado até umas horas e depois ia fazer alguma coisa, depois vinha jogar bola. O pai dizia muito para irmos estudar, nunca pediu pra gente faltar aula para trabalhar não, nem minha mãe, nem ele. E hoje, não me vejo trabalhando na agricultura, não, vou, às vezes, para ajudar ele, mas assim trabalhar, trabalhar não me vejo.

13. O que é ser jovem rural para você? Como foi sair daqui da comunidade para estudar em Paramoti e depois morar por um tempo em Fortaleza para fazer faculdade? O que você percebeu de diferente? Como foi estar nesses espaços urbanos?

Resposta - Quando eu fui estudar no Paramoti já percebi uma mudança no estilo das pessoas, era mais estranho. Aqui, as pessoas em geral, gostam praticamente das mesmas coisas. Tipo música, os mais velhos gostam de ouvir um brega, os mais novos gostam de forró, e geralmente, não sai muito disso. Às vezes, tem um outro que muda, mas é praticamente a

mesma coisa. No Paramoti já é um pouco diferente. Assim, os gostos até não mudavam tanto, mas já tinha outro comportamento. Tinha uns mais saíndos pra falar, pra brincadeiras, no geral, eles eram mais soltos. Quando eu fui para Fortaleza, aí foi que mudou completamente, tem gente de todo tipo, tem o pessoal que vem de fora, aí na minha sala, por exemplo, tinha um judeu. Tem gente com gostos muito diferentes, uns gostam de música internacional, é bem mais diferente. A geração de hoje daqui já é diferente, um pouco, não muito, mas já é diferente. Quando eu saí não tinha celular, os meninos daqui já acessam celular. Quando eu fui para o Paramoti, eu ainda não acessava a internet e os meus colegas já tinham, celular e acesso à internet. Hoje os meninos aqui, já tem tudo isso que eles têm lá também, celular e internet. Hoje, a gente já tem em casa internet, um plano. Internet via satélite de 6gb. Todo mundo tem celular em casa, menos o pai. Só temos uma televisão em casa e a noite, geralmente a mãe e o pai ficam assistindo TV, mas eu e meus irmãos ficam mexendo no telefone e nem presto muita atenção na novela.

14. Que atividades você realiza hoje na comunidade? Como se sente?

Resposta - Além de dar aula aqui, eu jogo bola, participo do terço dos homens, venho conversar, jogar sinuca, vou correr no rio, treinar com os meninos (às vezes com o Mateus e o Ricardo). Quando eu morava lá no Pici eu corria ali dentro, depois que fui para o Benfica ia inicialmente só, mas depois arranjei um parceiro e fui correr no calçadão da crassa. Acho que não mudou muita coisa depois que me tornei professor. Às vezes, alguma pessoa me chama: olha o professor, mas em geral é do mesmo jeito, acho (sorrir).

15. Você pretende permanecer na comunidade? Quais suas perspectivas futuras?

Resposta - Eu pretendo continuar aqui enquanto tiver emprego também. Se caso for preciso sair para outro trabalho, é tranquilo.

16. Como você interage e se comunica com as pessoas da comunidade? Quais canais/redes utilizam?

Resposta - Além dos grupos de futebol que já falei tem o grupo do terço dos homens, que agora mesmo está parado, depois que o rio encheu. Tem 11 pessoas no grupo, mas sempre vai mais gente. O João está à frente. Tem o grupo da escola, mas esse é só atividades da escola mesmo.

17. Que aspectos culturais da comunidade (eventos) marcam sua história de vida?

Resposta - Os eventos aqui é basicamente a festa da padroeira. Nunca participei muito de outros eventos, nem quadrilhas.

Entrevista com João

22 anos

22/04/2023

Muquém

1. Então, eu gostaria de saber sobre o consumo midiático e cultural seu nos meios digitais. Sobre o acesso à internet, quando foi e em qual aparelho/dispositivo? O que costuma acessar na internet? Você costuma acessar a internet (redes sociais) ao acordar? Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]? O que lhe motivou a criar esses perfis nas redes sociais?

Resposta - Eu sempre acesso internet pelo celular. Assim, de acessar mesmo foi em dezembro de 2018. Aí em março de 2019 foi que comprei o meu celular. No início era pelo do meu irmão. Na verdade, esse ainda é o meu primeiro celular. O meu irmão já é o quarto. Ele é muito ligado a celular, assim, de comprar e ficar trocando. E ele sempre gostou muito de celular, mais do que eu. Foi em 2018 aí que eu comecei a acessar. Quando foi no final que eu disse, vou comprar um pra mim, quando foi em março de 2019 comprei. Ainda é o mesmo até hoje. Comprei com dinheiro do criar que eu fui juntando e graças a deus, deu certo. Eu acesso WhatsApp e o Instagram. Eu não gosto do Facebook. Eu tenho, que até mesmo agora, assim, questão de trabalho, às vezes posta, né, pra gente estar divulgando. Mas é muito difícil entrar no Facebook. Eu não gosto. Mais mesmo é o WhatsApp ou o Instagram. O Google às vezes eu pesquiso, assim, se eu tiver com dúvida de alguma coisa, o que aconteceu, ou de alguma palavra. Tipo, ontem, né, eu estava pesquisando, assim, o que é bom pra combater gogo de galinha. Porque lá em casa, nós cria, né?! Aí a mãe já botou um monte de remédio, ontem ela se maldizendo. Ai eu disse: Mãe eu vou pesquisar. Até passou umas receitas lá com mastruz que eu salvei pra mostrar a mãe. Assim, agora eu acesso muitas notícias assim sobre o inverno, açudes que pegaram água, essas coisas, né? Às vezes bota aqueles links, divulgando que o açude tal está sangrando. Eu vejo no Diário do Nordeste ou no Instagram do O povo, ai eu compartilho com meus tios. Aí tem também o perfil notícias de pentecoste e Notícias de Canindé que eu sigo para saber das notícias. Não uso o TikTok, só o Kawai. Eu baixei o aplicativo e criei uma conta. Mas eu não posto. Geralmente eu só vejo os vídeos, de comédia, de receitas. Às vezes tem uns vídeos que eu gosto e posto nos meus status com música, com

frases, com mensagens, ou às vezes de forró, essas coisas, é fácil a gente tá baixando e colocando nos status. Eu assisto o vídeo, aí o Kawai dar a opção de salvar, aí fica na minha galeria e eu divulgo nos outros aplicativos. Eu uso ele desde quando comprei o celular. Um outro primo meu, ele tem a conta e pediu para eu assistir, seguir, para ele ganhar dinheiro com a indicação. Mas eu nunca usei com essa função, pois não uso frequentemente, só quando quero assistir alguma coisa ou baixar um vídeo. Mas eu uso o Kwai, nem tenho TikTok.

2. Sobre a plataforma do Instagram, em específico, por que você gosta de estar nessa rede social? Quais personalidades você segue? Quanto tempo normalmente passa no Instagram todos os dias? Você visualiza a presença no Instagram como oportunidade de trabalho?

Resposta - No Instagram, às vezes eu vejo uns Stories, vejo alguma postagem de alguém. Mas só que no Instagram tem um localzinho que é só vídeo, né?! Aí passa vídeo de comédia, vídeo de receita, de pegadinha. Aí geralmente eu assisto essas coisas. As vezes vejo os Stories dos conhecidos, né? Posta alguma coisa, ai as vezes, eu vou lá e comento. E o meu uso mesmo no Insta nem é essas coisas. Mas o principal é o WhatsApp. Tem muita gente conhecida que a gente fica conversando. É o que mais eu uso mesmo, é isso. O WhatsApp eu acho melhor pra estar conversando ou enviar alguma coisa. O Instagram acho muito complicado, às vezes. Eu gosto de seguir o influenciador Jacques Vanier (@jacquesvanier). Ele é influenciador digital. Só que ele é assim, da roça. Eu não sei se ele é de Minas Gerais ou é do Rio Grande do Sul. Ela é daquelas bandas ali. Mas eu gosto de seguir porque ele começou e hoje ele venceu, né?! É um grande YouTuber. Aí ele grava vídeo nas roças. Ele tem uma fazenda. Ele faz uns vídeos, aí mexe muito com animais, essas coisas. Às vezes viaja para os Estados Unidos. O que eu demoro mais no Instagram é vendo os Stories dele. Às vezes ele faz tipo assim, festa junina. Ele reúne os amigos dele, né? Que é influenciador também. Aí faz aquela quadrilha, aquele momento de diversão. Tudo ele comemora lá. Aí o que mais assisto é ele. Já sigo há uns dois anos. Eu pesquisando, aí eu vi. Aí como é de interior, comecei a seguir. E toda hora aparece um vídeo novo. É o que mais gosto é dele, de influenciador digital. Eu acho assim, que hoje ele é bem-sucedido. Só que ele nunca esqueceu as raízes, né?! Ele viaja o mundo, faz show, ele faz comédia, ele vem até pra fortaleza. Acho que é no dia 24 de junho. Mas ele sempre está na roça, cuidando dos bichos, não sei. Cuidando dos bichos, do criar, é assim. Ele venceu, mas nunca perdeu a humildade, né?! Esqueceu as raízes, né?! Aí é tudo em forma de comédia. a Maria segue também. Foi eu que mandei pra ela. Até um dia desses ela postou um vídeo que ele fez. No Instagram, vou botar assim, de 30 por dia. 30, 40 minutos estourando, e olhe lá.

3. O que você gosta de postar? Quais ferramentas mais usa (reels, feed, Stories)? O que lhe chama a atenção nas postagens dos amigos(as)?

Resposta - No Instagram a gente ver as postagens do povo, as notícias, as novidades. Mas também serve para conhecer outras culturas, ver outras histórias. E também é um meio de divulgar o seu trabalho, né?! Tipo assim, eu que tenho essa vendazinha de cosmético online. Faz 3 anos agora que eu comecei e aí é uma forma da gente divulgar nos Stories, né?! Eu até tenho o perfil da loja, mas perdi a bendita senha. Tô até pensando em recuperar. Eu fiz quando eu peguei os produtos, a minha prima me disse: João faz um da loja, que toda novidade que for chegando, tu vai postando. E hoje eu tenho uma vendazinha boa, graças a Deus, mas muito pelas redes sociais, muita gente me compra pelas redes sociais mesmo. Ver as postagens, as divulgações. No caso, os meios de comunicação servem, para si pessoal, também servem para divulgar o seu trabalho, o seu conhecimento. Geralmente eu faço uns vídeozinhos no Insta com os produtos com uma música que fica mais visível. Gosto de enquetes. Até já criei dos produtos, perguntando os clientes ano passado o que eles queriam de novidade no Dia dos Pais. Mas, às vezes eu respondo. O pessoal faz, né?! Tem gente que faz assim: qual a sua música preferida, cantor, seu estilo de vida, tipo de comida. As vezes eu acabo respondendo. Uma que mais faz é a Maria (rsrsrs). Ela é a que mais faz. Nas minhas postagens, da hoje a minha prima estava falando: João esses dias você estava assumido. Ai eu disse: é, esses dias no trabalho não tenho tido muito tempo de postar. Porque eu posto muito no meu status, começo dando bom dia, depois uma música, um vídeo de comédia (rsrsr). Ai ela disse que o meu status não dar para sentir um só sentimento só, porque é muita coisa. É tristeza, alegria, as vezes divulgo algum evento. Eu gosto assim. E a mesma coisa dos meus amigos.

4. As selfies lhe interessam? Por quê?

Resposta - Sim. Eu gosto de tirar fotos minhas. Mas principalmente, de paisagem, essas coisas do interior. Hoje eu posto pouco. Já postei mais.

5. Gosta de ouvir músicas? Em quais as situações do dia a dia e qual meio?

Resposta – Sim. Tanto no rádio como celular, mas as músicas que sempre assisto são mais sertanejos ou forró. Às vezes quando eu tô em casa, a gente liga o rádio, a gente escuta. Às vezes quando passa algum programa de música também, na televisão, se for legal, eu assisto. Ou então às vezes no YouTube mesmo. Quando a gente vai fazer alguma coisa em casa, eu

ligo no YouTube ali e fico escutando a música. Enquanto ajeito alguma coisa. Às vezes ouço sozinho em casa. Tipo assim, se a mãe sair, né?! Se ela for pra rua e eu ficar pra fazer almoço, essas coisas. Eu boto a música ali, fazendo as coisas e ouvindo. Às vezes escuto algumas músicas de forró raiz antiga. Mas, mas é sertanejo. Eu gosto de Mano Walter. Ele é sertanejo. E já faz um tempinho que ele está nas paradas de sucesso. Ele canta estilo vaquejada e tem muitas músicas que me identifico. Tem uma que, eu não vou lembrar o nome agora (Matuto de Verdade), mas fala que ele não troca o interior pela cidade. E tem uma do juramento do dedinho também, do Mano Walter. Ai, dos cantores sertanejos mesmo, o que eu sou fã é dele.

6. Mas no telefone, quais plataformas usa para ouvir música?

Resposta - Geralmente é o YouTube ou o Spotify. Uso gratuito. Foi um amigo meu que me mandou. Não, foi meu primo, que ele disse: João, baixa para você ouvir música, porque geralmente o YouTube tem muita propaganda, né? Aí às vezes a gente tá ali ocupado e não tem como ficar passando aquela propaganda. Eu não tenho uma playlist minha. Mas eu seleciono ali, né?! Tipo assim, eu quero assistir o Mano Walter eu coloco as músicas dele e às vezes eu saio, e ainda fica tocando.

7. Que tipo de festas você costuma frequentar?

Resposta - Raríssimo eu vou pra festa. Gosto, mas o que eu gosto mais é de vaquejada, dessas coisas. Eu acho que devido crescer vendo que o pai gosta de pegas, essas coisas. Pega hoje nem tanto, porque as pegas não têm muito mais graça. A gente pouco ver o gado. Mas a vaquejada tem aquele movimento do gado, dos animais, tem aquela disputa, de certa forma chama a atenção ali. Aí eu gosto. Sempre gostei de vaquejada. Mas eu vou às vezes quando tem uma festa aqui por perto, com os amigos e essas coisas. As festas de padroeiro.

8. O que acha dos paredões? Pega de bois?

Resposta - Gosto sim. Mas não gosto daquelas disputas de som muito alto, não. Que ninguém dar nem para escutar o outros falando, não gosto muito. As pegas de boi, gosto, mas eu já gostei mais. Mas ainda gosto, porque de certa forma faz parte da nossa cultura e é uma coisa que eu acho legal, que eu gosto de estar ali no meio, e às vezes quando a gente fazia, né, já era outra coisa também, a gente estava fazendo e toda aquela preparação. Mas eu gosto também de ver animais, tipo assim, um cavalo, numa vaquejada a gente ver muito animal bonito, ver outras famílias, outras pessoas.

9. E sobre as tuas vivências no Muquém, desde a infância mesmo, conta um pouco como foi e como é ser um jovem que mora em uma comunidade rural.

Resposta - A minha infância foi boa. Eu sempre ajudei no criar, assim, de tá ali no meio e tudo, reparando. Aí quando fui passando pra adolescência, eu comecei a ajudar a plantar, já plantei, até hoje ainda planto. E cuidado do criar. E passeio, o que mais me recordo mesmo é as viagens, com o vô de bicicleta, de moto. Sim, ajudava a mãe, às vezes nos afazeres de casa mesmo, limpar a casa, fazer um almoço, e principalmente no período que a vó, né, veio se debilitando. Aí nós aprendemos a cozinhar, eu, meu irmão, tudinho, mas principalmente eu. Naquele tempo não tinha esse negócio, tecnologia como hoje, aí a gente brincava mais. No final de semana, nós combinávamos (colegas da escola). Olha, tal dia vamos fazer um bolãozinho chinês (torneio de pega de galinha). E aí quando tinha água no rio, íamos tomar banho.

10. Como você descreve viver aqui no Muquém?

Resposta – É bom, porque a gente tá perto da família, perto de amigos que de certa forma passaram a vida toda com você. Hoje muitos estão deslocando pra estudar, trabalhar, mas de certa forma você já tem aquele convívio. E também pelo lado dificultoso, porque faltam oportunidades, na época do inverno se torna muito dificultoso a gente ir numa rua, resolver uma coisa, até mesmo ir para a igreja ou visitar alguém porque os rios enchem

11. Você estudou em quais escolas? Como era sua rotina e acesso ao ambiente escolar?

Resposta - Aqui e na providência, até 2014 foi aqui, e quando foi em 2015 eu passei para a Providência. Aqui era de manhã, vinha de manhãzinha, no começo amava o pai, o pai vinha deixar. Depois tinha o carro, o transporte, que era até o nato. Aí passava a pegar nós e a gente para a escola. E na providência eu vinha de moto, até aqui no Muquém. Aí daqui, vou ir com seus amigos pelo Taurão, ou quando o Rio tinha cheio, nós íamos, eu ia com o Mário de Vitória pelo, pela barriga aqui, pelo Muquenzinho. Na parte da tarde. A Vitória foi contida? Era, nós estudávamos juntos, o Mário de Vitória. Mudou porque era nosso professor, era outro, era assim médio, não era mais fundamental, não ia ter mais tanta casa de carrega em que tinha que ir. E de certa forma, mudou muito a rotina, a distância, tudo. Mas logo se adaptamos.

12. O que é ser jovem rural para você? Existem desafios?

Resposta - Eu acho que o principal, claro que na cidade também tem, mas o da comunidade rural é ser um jovem sempre sonhador. Todos nós sempre temos um sonho de conseguir uma casa própria, um transporte próprio. Hoje, vários jovens daqui cursando, me sentem superior.

Eu acho que o principal é ser um jovem esperançoso, batalhador, que luta, que quer conquistar o seu objetivo. Mas nunca pensou em fazer, não? E se perdeu fora? Fora, não. Na verdade, assim, eu nunca me vi fora morando na cidade. Até hoje, não. Eu gosto muito do interior. Tudo bem, que a gente podia ir pra estar e vir no final de semana, mas é diferente. Porque até hoje eu fui criado no criar, né, no interior, eu sempre gostei muito. Mas eu vejo que os jovens é assim. E assim, os jovens muitos vão para a cidade atrás de emprego, aqui faltam as oportunidades. Mas sempre, até hoje, os que eu conheço não esqueceram suas raízes, seus locais, né? Sem final de semana, outros que vão estudar fora de semana estão aqui. Tem aquela ligação ainda com o local. E isso eu acho muito bonito.

13. Que atividades você realiza hoje na comunidade? Como se sente?

Resposta - Pelo lado religioso, participo da equipe do Dízimo e sou responsável pelo terço dos homes que tem muitas pessoas. Mas é só isso, porque aqui não tem muitos outros projetos que você possa participar. Eu gosto muito de fazer parte da Pastoral do dízimo e desde que assumi o terço dos homens, na verdade cinco jovens comigo, eu tenho aprendido muito. Porque assim, é difícil os homens participar, mas desde que a gente assumiu a participação é muito boa e é por livre espontânea vontade. Não tem aquela pressão. Já está com dois anos. Na época das novenas eu digo para eles que conto com a ajuda deles e todo mundo se envolve. Cada noite é dois jovens diferentes na casinha da igreja vendendo e isso é muito bom. Eu gosto e me sinto alegre de ver o grupo participando. Geralmente no inverno a gente não se encontra, mas sempre é às sexta-feira.

14. Você pretende permanecer na comunidade? Quais suas perspectivas futuras?

Resposta – A minha perspectiva de futuro é concluir o curso de Pedagogia, me formar. E como estou trabalhando, se for da vontade de Deus continuar trabalhando aqui, né? Formado e tudo.

15. Como você interage e se comunica com as pessoas da comunidade? Quais canais/redes utilizam?

Resposta – WhatsApp e os grupos. Às vezes no privado, se for alguma coisa particular, a gente vai no privado, mas pelo WhatsApp mesmo. Nos grupos, às vezes nos comunicamos todo dia. Sim, quando tem alguma postagem, final de semana, a gente posta. No grupo de texto dos homens. Geralmente no grupo de texto dos homens, na quinta eu já estou

comunicando que deve ter esse na sexta. Isso não haverá por que algum motivo, né? Ou então que nós vamos pra uma participação em algum outro ponto assim.

16. Que aspectos culturais da comunidade (eventos) marcam sua história de vida?

Resposta - Não sei nem se é história de vida, mas alguns eventos que eu tenho boas lembranças é a quadrilha, o colégio foi a última quadrilha que eu passei, que foi a quadrilha que teve o pau de fita, e um reisado que teve aí no padrinho que eu me lembro ainda, muito bem que até meus tios vieram, foram aquelas coisas que ficou marcado, né? E aspectos assim, não nem que foi marcado, mas o que já vem aqui teve que a gente estava presente ajudando tudo.

Entrevista com Lia

23 anos

23/04/2023

Muquém

1. Então, eu gostaria de saber sobre o consumo midiático e cultural seu nos meios digitais. Sobre o acesso à internet, quando foi e em qual aparelho/dispositivo? O que costuma acessar na internet? Você costuma acessar a internet (redes sociais) ao acordar? Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]? O que lhe motivou a criar esses perfis nas redes sociais?

Resposta - Acho que eu tinha uns 14, 15 anos. Comecei acessar em casa pelo celular. Aí, nesse tempo, nem existia, né? O wifi por aqui era uma raridade, uma casa que tinha wifi. Aí usava pelos dados móveis, né? Era uma coisa assim, que ninguém usava, era muito difícil, né? Até pegar no celular. Só usava assim, quando ia para alguma casa que tinha wifi, ou que pegasse área também, né? Porque antigamente era mais difícil pegar área aqui. Eu tinha o Orkut (rsrs). Depois o WhatsApp, TikTok, Twiteer. Gosto de ler as mensagens dos famosos. O Kawai eu uso só para ver vídeo mesmo. O Instagram eu uso mais porque tem mais coisas nele. Dá pra ver os Stories do povo. Acompanhar mais de perto. O WhatsApp eu mexo só pra falar com pessoas da minha família, né?! eu uso muito pouco, pouquíssimo. A última rede que eu vejo, antes de dormir é o Instagram. E quando acordo também (rsrs). Eu acordo, dou uma olhada nas redes e coloco alguma música para ouvir e vou fazer as coisas de casa, lavar as louças, varrer a casa, fazer o almoço. Eu deixo lá ele tocando. Aí depois que eu faço isso tudo, aí é que eu vou mexer no Instagram. A tarde também. Faço as coisas, faço a janta. Aí tomo banho,

janto, aí vou para o meu Instagram. Aí fico entre o Instagram e a novela. Quando não tem alguma coisa legal no Instagram, aí vou para o TikTok. Mas eu acho que eu passo assim... Por dia, umas oito, dez horas no Instagram. Oito, dez horas. Antes eu usava bem menos, né?! Então, eu tinha mais tempo pra fazer as coisas, né?! Aí hoje em dia eu acho que eu fiquei mais... A mãe disse que eu fiquei mais lesada, né, com o uso do Instagram. Quando eu estudava usava bem menos, porque era integral, muitos trabalhos.

2. Sobre a plataforma do Instagram, em específico, por que você gosta de estar nessa rede social? Quais personalidades você segue? Quanto tempo normalmente passa no Instagram todos os dias? Você visualiza a presença no Instagram como oportunidade de trabalho?

Resposta - Virginia (@virginia) esposa do Zé Felipe, cantor. Ela fala da vida dela todinha. Ela tem duas filhas, ela mostra as crianças, tudo, tudo. A vida dela todinha no Instagram. Tem uma filha autista. Tem a Raissa Buq (@rayssabuq). Ela é de Fortaleza, dona de casa. Ela é evangélica, só que ela é bem doidinha da cabeça. Também mostra tudo. Gosto delas porque a realidade que elas mostram. São muito realistas. Gostam de ajudar também as pessoas. A Raissa, ela sai pra todo canto, ela leva no carro dela um saco de ração. Onde ela ver um animal com fome, ela vai e coloca água, coloca ração. Às vezes até levar pra casa, ela leva. É tanto que ela tem nove cachorros em casa. Eu gosto de postar, mas não me vejo assim postando conteúdo. Tenho vergonha (rsrs). Eu acho muito bonito quem mostra, sabe, o seu dia a dia, o que gosta de fazer, porque de alguma forma está ajudando, né, alguém. Eu vejo muitas pessoas respondendo os Stories delas dizendo que ajudam muito em relação à depressão, ansiedade. Mas eu não consigo ir para a tela do celular e começar a falar, não dá. Muita gente ganha dinheiro, né?! Mas pra mim não, é só pra interagir mesmo com as pessoas.

3. O que você gosta de postar? Quais ferramentas mais usa (reels, feed, Stories)? O que lhe chama a atenção nas postagens dos amigos(as)?

Resposta - Eu fico vendo mais os vídeos que têm, geralmente de animais, né, cachorro, gato, músicas também, há alguns cantores que gosto. A Marília Mendonça que escuto muito, aliás. A Fernanda Brun, que é uma cantora gospel, o Zé Felipe também eu gosto muito que é o marido da Virginia. Eu gosto de sertanejo e forró. Gosto dos Stories e reels. Quando eu abro o celular que eu olho o Instagram eu já vou logo assistindo reels. Às vezes eu nem vejo os status dos do povo, só o delas aí (influencers). Eu só tenho três postagens hoje, o restante eu deletei, porque eu já estou me achando diferente das que tinha já. Nesse ano, do ano passado pra cá, eu acho que eu criei muita maturidade. E as postagens antigas me lembravam de coisas

que eu não queria ter vivido. Mas eu acredito que eu precisava viver pra aprender, né?! Que tudo na vida da gente. Eu acredito, coisas boas ou ruins a gente pode tirar de proveito, né?! No Instagram eu converso muito no direct. Lá eu tenho até dois grupos de amigos no Instagram. Meus amigos de Pentecoste, da escola. Falamos de tudo. É o mesmo grupo que a gente tinha na escola, a gente continua até hoje no Instagram. A gente tem um WhatsApp, mas a gente só se fala no Instagram. A gente fica mandando postagem de alguém, reels também. Alguma coisa que a gente vê, lembra um do outro, a gente coloca lá. São seis pessoas que só conversamos mais online. Tinha um que eu sempre via, mas ele foi embora. hoje eu não estou muito na vibe de postar.

4. As selfies lhe interessam? Por quê?

Resposta - Às vezes até tiro uma foto pensando em postar, mas eu não consigo. E dos meus amigos, eles também não postam muita foto. É no feed. Mas Stories também. Quem mais posta é eu e esse amigo que foi embora. A gente posta alguma coisa que lembra a realidade da gente. Eu posto. Às vezes, os Stories do que eu estou vivendo, né, uma selfie ou um vídeo. As pessoas curtem, comentam, mas tu acredita que as vezes eu nem respondo (rsrsrsr). Posto e deixo lá o celular. Tiro muito foto também com meus gatos e cachorro. Mas ultimamente, não posto muito. Às vezes só para os meus amigos do grupo, para as minhas tias que têm também (gato, cachorro).

5. Gosta de ouvir músicas? Em quais as situações do dia a dia e qual meio?

Resposta – Eu gosto de ouvir, colocar na caixinha. Às vezes eu coloco forró, que é o clássico daqui. Ou então música católica. Eu escuto aqui também.

6. Escuta música no rádio?

Resposta - Não, muito, muito raro. Eu não gosto muito. Mais a mãe sempre liga no Padre e meio-dia no jornal. Acabo ouvindo. Mas prefiro o YouTube. Ouço sempre de manhã, às vezes de tardezinha.

7. Que tipo de festas você costuma frequentar?

Resposta - Hoje em dia não muito, antes eu gostava mais. Na pandemia ficou todo mundo trancado, né, desde casa. Aí quando voltou, eu mais madura, né, eu não estava mais querendo estar em locais que tinha muita gente, né, pelo medo também da Covid. Aí pronto, fui deixando mais de ir às festas, quando tem muita gente. Quando saio agora é só pra algum

barzinho e, às vezes, até pra praça. E não tenho paciência de ficar até tarde em uma festa, né. Sempre eu vou para o Paramoti aí vou para esses barzinhos com minhas amigas. O meu pai vai me deixar e eu fico lá na casa de alguma amiga ou na minha tia. Pentecoste eu gosto também, mas não vou muito mais pra lá, não, depois que terminei o ensino médio. No carnaval agente foi só para os barzinhos no Paramoti, foi calmo. Eu não gosto de aquele carnaval elétrico, né?! O negócio de goma, essas coisas, eu não gosto.

8. O que acha dos paredões? Pega de bois?

Resposta - Antes eu amava, agora eu fico doidinha na minha cabeça. Não gosto. Eu acho que antes era mais nova, né, e outros amigos, outras companhias, né, acabam influenciando a gente. Eu gosto de pega de boi, porque eu gosto muito de animais, né?! Gosto de estar ali por perto, de ver, não gosto da malvadeza que eles fazem com as vacas, ó. Mas, do momento ali, o entretenimento.

9. E sobre as tuas vivências no Muquém, desde a infância mesmo, conta um pouco como foi e como é ser um jovem que mora em uma comunidade rural.

Resposta - Não me vejo morar em outro lugar. Acho que se um dia fosse embora, teria muito orgulho de dizer as minhas origens. Eu sempre morei com os meus pais. Não era aquela criança ativa de brincar. Sempre gostei de vir para escola, mas era uma raridade brincar com alguém, também. Nunca gostei (rsrsr), porque tinha ciúmes das minhas coisas. Sempre a minha mãe me ensinou a fazer as coisas de, mas eu vim fazer mesmo agora de uns dois anos para cá, depois que ela adoeceu e eu tipo que sou responsável por cuidar de casa com o meu pai. Eu acho ele incrível. Pra mim, ele é um espelho. Muito guerreiro. Eu vejo quando ele chega em casa de tarde do roçado, mesmo cansado, mas ele ainda vai me ajudar nas coisas de casa se eu ou minha mãe precisar. Quando eu era criança ele me levava para ver a plantação e eu gostava. Nunca gostei de brincar de boneca. Embora a minha mãe comprava todas as bonecas que via. Mas gostava mais de brincar de bila, aqueles carrinhos que tinha antigamente com vacas, com cavalos. Sempre gostei. Bola também. Eu não gostava das bonecas. Mas a minha mãe ficava doidinha porque eu não gostava (rsrsr). Eu acho que era porque ela nunca teve. Ela sempre fala que não teve boneca, pois as coisas eram mais difíceis naquele tempo. Eles iam para alguma festa e viam aquelas bonecas e sempre traziam pra mim. Mas quando chegava a boneca, eu nem ligava às vezes eu fazia até destruir, quebrava todinha, porque eu não gostava de boneca. Ai depois, o pai sempre gostou de animais e essas coisas, aí ele comprava os carrinhos, bola e bila pra mim.

10. Você estudou em quais escolas? Como era sua rotina e acesso ao ambiente escolar?

Resposta - Aqui no Muquém, na Aloísio Domingos e na Alan Pinho, em Pentecoste. Aqui como era mais perto, no começo não tinha transporte, aí quando eu não vim com os meus primos, a pé ou de bicicleta, o meu pai vinha me deixar. E em Pentecoste, no primeiro trimestre eu fiquei indo e voltando todo dia, era muito cansativo. Aí no segundo trimestre eu fiquei lá, passava a semana lá e vinha no final de semana. Ficava na casa de uma amiga minha da escola. Pra mãe não, mas para o pai foi tranquilo. Pra mim, nas primeiras semanas também custei me adaptar, né?! Casa dos outros, a gente não sabe como é que é. Mas depois foi tudo supertranquilo. Tinha muita diferença a escola. Aqui só era uma professora, né, pra uma turma de alunos. E, na época, eu tive três professores. E eu via que elas, como era uma turma grande, né, de diferentes idades, elas ficavam muito, elas se tornavam cansativas, porque tinha que rever todas as matérias e passar pra gente. E lá na Alan Pinho, é diferente porque cada disciplina era um professor, né, e tinha atividades lá também, diferentes daqui, as pessoas também diferentes daqui os amigos também. Os professores, né, que cada disciplina era um professor, se tornava mais fácil a gente aprender. Tinha atividades complementares, que era para a gente se desenvolver, porque eu saí daqui morta de vergonha. Cheguei lá morta de vergonha. Para mim, falar lá era muito difícil nos primeiros meses, mas depois, com toda a ajuda dos professores, dos psicólogos que tinha lá também, tinha palestras lá também que eram muito importantes para a gente. No começo, como eu já disse, foi muito difícil, né, me adaptar. Mas hoje, se eu pudesse, eu fazer eu voltar. Foi muito importante a Alan Pinho pra mim. Muito importante. Tinha alguns também que eram como eu. Mas aí a gente já conseguiu se desenvolver, né? Pra apresentar o trabalho aqui era de boa, né? Era só pra um professor, só pros alunos. E eram poucos alunos, aqui eu acho que eram só uns 15, 20. E lá era 45. A nossa sala era de 45 alunos. Era muito difícil, porque às vezes tinha trabalho que era só eu que ia apresentar. Eu só faltava não falar. Tinha trabalho que eu até preferia entregar escrito do que, lá era slide, sabe? E aqui não era. Aqui a gente fazia um cartaz e apresentava dois minutos e já terminava. E lá tinha um tempo determinado que os professores colocavam para a gente apresentar. A gente fazia lá (os slides). Porque eu acho que do meu grupo, era só uma amiga que tinha computador. E para a gente ir todo mundo para lá, não dava. Aí a gente fazia lá, na escola mesmo. Lá a gente tinha professores, né? Da área da informática. E com a ajuda deles eu consegui aprender e dos meus colegas também se ajudavam muito. No último ano a gente começou a fazer no celular, usando o Canvas.

11. O que é ser jovem rural para você? Como foi sair daqui da comunidade para estudar em Paramoti e depois morar por um tempo em Fortaleza para fazer faculdade? O que você percebeu de diferente? Como foi estar nesses espaços urbanos?

Resposta - É bom morar aqui por causa da calma, mas tem as dificuldades. Quer ir em um hospital não tem, tem que se deslocar. As estradas também são ruins, né? Negócio de compra, tem que ir pra cidade comprar. Não tem oportunidade de trabalho. Antes tinha bordado, né, para as pessoas. Até bordei também. Mas hoje em dia não tem mais. Se torna a parte ruim de morar que é isso, né? Que não tem trabalho.

12. Que atividades você realiza hoje na comunidade? Como se sente?

Resposta - Ajudo na Igreja. Participo do coral, falo leituras. É importante pra mim, é muito importante participar. Porque eu cresci a minha vida toda, a minha mãe me levava para as igrejas, né? E eu acho importante para o meu crescimento.

13. Você pretende permanecer na comunidade? Quais suas perspectivas futuras?

Resposta – Quero fazer minha faculdade ainda e quero voltar pra ajudar as pessoas. Que eu vejo que precisa de alguém pra ajudar, por conta das dificuldades. Eu quero um dia voltar para ajudar essas pessoas. Eu quero fazer enfermagem, mas também quero continuar na área química.

14. Como você interage e se comunica com as pessoas da comunidade? Quais canais/redes utilizam?

Resposta – Pelo celular e no grupo da igreja. A gente sempre conversa de manhãzinha, desejando bom dia, sobre as coisas que vão acontecer na igreja, né? Sempre posto frases de bom dia e informações sobre a igreja.

15. Que aspectos culturais da comunidade (eventos) marcam sua história de vida?

Resposta - Como aqui só tem as igrejas, né? As novenas, os momentos da igreja. gosto muito.

Entrevista com Maria

20 anos

22/04/2023

Muquém

1. Então, eu gostaria de saber sobre o consumo midiático e cultural seu nos meios digitais. Sobre o acesso à internet, quando foi e em qual aparelho/dispositivo? O que costuma acessar na internet? Você costuma acessar a internet (redes sociais) ao acordar? Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]? O que lhe motivou a criar esses perfis nas redes sociais?

Resposta – Eu acesso internet pelo celular. Sempre foi o celular. Eu uso celular desde o começo de 2018. Eu estava tipo... ia começar o ensino médio e foi quando a mãe comprou o meu primeiro celular. Eu tô com um segundo desde então. Eu usei ele de 2018 a setembro, outubro de 2020. Quando recebi a auxílio emergencial decidi trocar de celular. E aí eu comprei o que eu tô agora e tô com ele até agora. Não. Não tenho previsão de troca. O primeiro foi um J2 Prime da Samsung e agora é o A21S da Samsung também. Eu uso muito Google para pesquisas que vão de coisas muito complexas as mais simples, como por exemplo, como é que escreve uma palavra. Eu lembro, essa semana, tipo, hoje é sábado, acho que foi quinta-feira, eu estava escrevendo o negócio da aula e mais cedo a menina que mora comigo tinha falado, como é que escreve extensão? E aí eu fui escrever a palavra a tarde, coincidentemente, aí eu, ih, como é que escreve extensão? Aí coloquei no Google pra ele me dizer como é que escrevia. E outras pesquisas, tipo, como eu estava te falando de consumir cultura americana, tem umas coisas que não chegam com facilidade no Brasil, tipo entrevista ou coisas de filmes que vão ser lançadas e tal, aí às vezes a gente, às vezes eu vou lá e pesquiso lá para saber como é, às vezes está em inglês, aí fica difícil de traduzir, mas o próprio Google tem essa opção de tradução hoje em dia. O Google é muito versátil, acho que a gente cada vez mais usa o Google para alguma coisa.

2. Sobre a plataforma do Instagram, em específico, por que você gosta de estar nessa rede social? Quais personalidades você segue? Quanto tempo normalmente passa no Instagram todos os dias? Você visualiza a presença no Instagram como oportunidade de trabalho?

Resposta - Eu não tô ligada quanto tempo fico no Instagram, mas é o aplicativo que eu mais uso. Eu acho que o Instagram, as redes sociais, elas tornaram muito democrático você mostrar tudo, entendeu?! É muito mais fácil você fazer sucesso, nem que seja cinco minutos de sucesso do que era antigamente. Porque antigamente essa visibilidade você só ganhava a partir da televisão e tal, do jornal, só que em meios mais centrais, a televisão que ocupava mais as outras áreas. Só que hoje é muito democrático, você pode muito bem expressar a sua opinião, falar o que você quiser, mostrar o que você quiser, de casa, tipo, tá aqui, eu posso muito bem fazer um texto enorme falando sobre o que eu acho, o que eu penso sobre

determinado assunto. E sim, pra renda, tipo, as pessoas que ficam famosas, tipo, que não tinha nada, e agora elas têm, elas conseguem comprar casa, carro e isso é muito legal de ver, entendeu? Eu acho que tipo, se você tiver, se aquilo for o seu sonho, se você tiver, sei lá, planejamento ou força de vantagem pra continuar, é sim um meio pra isso, entendeu?! Mas, hoje em dia meio que não me vejo usado para ganhar dinheiro. Antes, tipo, eu queria ser, tipo, postar mais coisas interessantes do meu dia a dia, só que não com a tentativa de ficar famosa ou ter sucesso. Mas algumas coisas que eu acho legais, algumas pessoas que eu sigo e aí eu vejo, ah, que fulano postei isso, isso, ah, que legal, massa. Se eu tivesse uma rotina um pouco mais produtiva, talvez eu fizesse isso. Só que ao mesmo tempo eu fico, ah, não vou postar isso, não. Ou, não preciso, pra Q que eu vou postar? Ou então, ah, vou me tornar um pouco mais low profile, vou sumir pro Instagram, postar só umas storyzinhas de 15 em 15 dias. Mas, tipo, mas eu. Já quis, entendeu? Já foi um negócio que eu pensei, ah, eu posso muito bem virar uma grande influenciadora, e tipo, eu queria muito também ter um canal no YouTube, mas aí, tipo, passou no que eu queria. É tipo assim, em 2000, foi antes de 2018, porque eu lembro que na época eu não tinha nem celular, e eu ficava pensando, quando eu tiver o celular, eu vou fazer um canal no YouTube e tal. E na época eu lembro que era tipo Cocielo, Whindersson, e eles gravavam, não sei lá, vlogs, falando sobre assuntos, então era meio que isso que eu pensava que eu ia ter que fazer, mas tipo, não rolou. Eu acho, né, modéstia parte, eu acho que eu tenho um alcance de boa em relação ao Muquém, tipo, eu tenho uma boa visibilidade, visualizações nos Stories, mas não sei se isso é considerado um micro influenciador. Agora, muito do nada. Não esperava de verdade eu estava indo pra casa (Redenção) no ônibus e chegou a mensagem de uma colega me propondo a divulgar o perfil dela em troca de tipo serviços ou procedimentos e aí eu pensei, mas porque eu, porque tipo não faz sentido acho que eu não sei mas eu topei porque eu achei da hora e eu gosto muito desse negócio e aí eu disse pra ela né falei pensei sobre eu lembro que eu tinha até prova então eu nem consegui responder ela na hora eu só disse pra ela que ia resolver o negócio e depois falava. Aí eu pensei, né, tipo, pedi pra ela fazer uma lista do que ela queria que eu fizesse e tal. E aí, mas tá muito no começo, não sei. E eu disse pra ela, né, que tipo, a gente não deveria fazer isso, firmar isso, a gente deveria fazer um período de teste. Eu pedi pra ela escolher, não sei se ela escolheu, um mês ou dois de teste. E, não, eu achei legal. Ah, e daí, tipo, eu também disse pra ela que não vou aparecer no histórico gravando, falando e tal, mas que fazer post no Instagram e tal, eu super faria, porque eu gosto disso. Eu gosto de editar vídeo, de ajeitar os negócios do Stories e tal. Se eu arrumasse emprego de social mídia de

algum Instagram, eu ficaria muito feliz, embora eu ache que pra isso eu teria que saber fazer bem mais coisas do que eu sei.

3. Voltando ao Instagram, o que você gosta de postar? Quais ferramentas mais usa (reels, feed, Stories)? O que lhe chama a atenção nas postagens dos amigos(as)?

Resposta - Eu já gostei demais de postar. Agora eu prefiro mais ficar só consumindo. Por que eu gostava de gostar? Eu acho que é naquele lance de novo da pandemia, entendeu? A gente fica muito... Tipo, amostra, está um pouco vulnerável. Comentário maldoso. Tipo, ficar... Mesmo que ninguém fale nada. Eu acho que quando a gente posta alguma coisa a gente fica pensando muito na recepção que o outro vai ter em relação àquilo. Eu acho que a gente fica pensando muito nisso. Ai, eu posto isso aqui, meu Deus, as pessoas acham que eu não sei o que, vão pensar isso e tal, e tal, então isso meio que sempre foi um bloqueio. Só que agora eu evito. Eu posto geralmente uma paisagem, daí eu só coloco o horário no canto ou a localização, eu acho bonito, acho uma estética legal, e é meio que isso que eu também gosto nos outros, eu gosto de ver o status organizado, tipo, com a paleta de cores junta, com umas letrinhas organizadinhas e tal, quando é, tipo, muito grande, cheio de emojis, eu acho meio confuso, meio bagunçado. É, tipo, eu gosto muito de internet, eu gosto de consumir o que a internet me traz, principalmente pelo fato do algoritmo, né? Mas eu me sinto mais confortável mostrando coisas só para as pessoas mais próximas. E eu também gosto da sensação do... Tipo assim, o Instagram e agora o WhatsApp também, o Twitter, eles te dão a opção de estar, tipo, online, sem que saiba que você está online. Então eu tô ali consumindo as coisas, tô vendo coisas, pode ser de pessoas próximas, ou pode ser de pessoas do outro lado do mundo. Eu estou vendo, estou assistindo Reels, vídeos, vendo fotos, lendo coisas. Ninguém sabe que eu tô online, ninguém sabe o que eu tô fazendo, entendeu? E eu acho isso legal também, tipo... É ótimo. O meu WhatsApp não tem foto de perfil, não tem online, nem visto por último. E é muito bom, eu posso estar online e me dá uma sensação muito boa de não precisar... Tipo, ah, o fulano não sabe o que eu estou online, isso é privacidade pra mim. Tipo, eu considero como um momento de porra.

4. E você senti a necessidade de responder com urgência às mensagens?

Resposta - Tenho, sim. Tipo, na verdade, não é no todo, é só de algumas pessoas que chegam à mensagem. Principalmente agora que não estou em casa, se chegar a mensagem do meu irmão vou querer responder logo. Se chegar a mensagem dos meus amigos bem mais próximos também vou querer responder logo. E às vezes não é nem só de responder, às vezes

é só de ver, entendeu? Que é até um lance que eu tenho pensado bastante ultimamente é sobre o imediatismo que principalmente o WhatsApp causa na gente. O WhatsApp é um aplicativo que é muito usado aqui no Brasil, só que nos Estados Unidos não se usa muito. Ele como app de mensagens. E pelo menos nos filmes, que é o contato que eu tenho, né? Eles não respondem as mensagens. Tipo, fico vendo lá o filme, a pessoa trocando mensagem com alguém, mandando a mensagem, e a outra lê e não responde. Deixa pra responder depois. Tipo, gente, será que isso é na vida real essa também? Eu acho que No After, que é um filme, uma trilogia, acho que é trilogia, não sei se era um quarto. Tem uma cena dessa. Eu não sei se é After ou se é através da minha janela, mas tem alguma coisa que tipo, chega a mensagem no celular e ela lê. E ela não responde, ela responde depois quando tá na escola ou alguma coisa do tipo. Será que na vida real é assim? Porque aqui, pelo menos na minha, no meu meio social, tipo, se chega a mensagem a gente quer responder na hora. E mesmo que a gente não queira, a outra pessoa que manda a mensagem vai ficar mal se a gente não responder na hora. Essa cultura do imediatismo. Que eu acho que o WhatsApp trouxe pra gente, tipo, antes quando o Facebook estourou, ninguém tinha acesso à internet, tipo, tinha e tal, mas era um acesso muito remoto, aí a pessoa, quando a gente usava o WhatsApp, sei lá, meia hora, 7 horas da noite, que era quando tinha um celular de alguém emprestado e um lugar que pegasse internet, então se tu mandar as mensagens pra mim depois desse período, eu só respondia na outra noite depois desse período, e agora não, tá muito rápido.

5. As selfies lhe interessam? Por quê?

Resposta - Sim, eu tiro muita foto, não minha, mas de muita coisa, tipo, é, você está escrevendo, eu tiro foto do caderno, na sala, tiro foto da sala, assim, tipo, estiver conversando com um amigo aí, do nada, a gente manda troca foto aleatória de onde. Gente, tá se eu sair e Redenção eu acho muito bonita a cidade ela muito fofinha e a serra acho muito bonito também então tipo se tiver um dia bonito com a luz legal e tira foto ou a praça também que tem umas coisinhas bonitas eu acho legal tirar foto de comida diferente, tirar foto de lugar legal de foto. Algumas eu posto, outras não.

6. E sobre ouvir música no rádio? Você tem esse hábito?

No rádio já ouvi, já ouvi, já tipo CD e tal, pendrive, mas a rádio mesmo é mais difícil. Hoje eu escuto tipo assim, se a mãe ligar o rádio de manhã eu vou ficar escutando e tal, e às vezes, bem às vezes mesmo quando eu quero tipo ouvir bem alto, aí eu conecto o celular no rádio e coloco as músicas lá, mas é bem raro, eu acho que é mais raro ouvir rádio do que TV. Aqui em

casa, sempre foi esse hábito, é tipo, a mãe acorda, liga o rádio cedinho pra ver a hora, assistir os programas e tal, e a gente fica escutando. Aí eu lembro na época. A gente comprava o CD e aí colocava no rádio pra ver aquelas músicas lá que a gente gostava. Eu era bem fã do Luan Santana quando eu era mais nova, aí eu sempre comprava os CDs dele e a mãe comprava pra mim também, então eram os que eu preferia. Só que eu lembro que na época que eu era Luanete, aqui em casa não tinha rádio que pegava CD. Então pra eu ouvir eu ia pra casa da minha tia quando ela estava aqui e colocava no rádio dela e ficava lá ouvindo CD e terminava. Era bem uma vibe assistir filme, eu colocava o CD, aí dava play a primeira música e esperava terminar, sei lá, 15, 16 músicas que tinha no CD, terminava, colocava no saquinho e vinha pra casa. Aí depois a mãe já tinha um rádio que pegava CD, só que tinha passado a vibe Luanete. Aí eu lembro muito de quando o Conde do Furró tocando muito, estava fazendo muito sucesso por aqui, e aí eu comprei o CD e eu ouvia todo dia, todo dia as mesmas músicas, e tipo, hoje é algo impensável você ouvir as mesmas 15 músicas todo dia, mas tipo, muito impensável, mas a época eu fazia bem isso, eu falo na época, mas tipo, foi em 2015, não faz muito tempo.

7. Como é ouvir música, hoje?

Hoje eu escuto pelo Spotify, eu usava bastante YouTube, mas eu troquei pelo Spotify, e é muito mais dinâmico do que era antigamente, tipo, eu escuto a hora que eu quero, o gênero que eu quero e tipo, eu repito músicas, né, porque tipo, as músicas que eu tô gostando no momento, mas é bem mais amplo, bem mais, tipo, eu lembro de uma música de 2010 aí. E tipo, eu vou lá pesquiso, descubro o nome e escuto ela. Ou tipo, a música que foi lançada ontem, de algum artista que eu gosto. E aí eu vou lá e escuto ela. É bem, bem assim, tipo, músicas de filme. Eu lembro, os filmes da Disney sempre foram muito musicais. E tipo, nunca decorei as músicas, porque eu era meio dispersa pra ficar prestando atenção em algo. Mas nunca decorei as músicas da Disney. Só que tipo, agora, no meu Spotify, eu estava com uma playlist de músicas da Disney. As músicas da Rapunzel, Aladdin e tal, e também é uma diversidade, tipo, antes eu lembro que era um eixo, sertanejo e furró, e agora é mais amplo, entendeu?, eu, eu escuto, eu quase todo dia da semana, umas 4 vezes por semana, e eu escuto Rap, Trap, música internacional, escuto bastante também, aí, tipo, essas músicas da Disney, escuto muito música gospel, música da igreja, funk, essas coisas, eu lembro que ontem eu até mandei uma mensagem brincando para o meu irmão, quando eu vinha no ônibus, que a gente vem escutando as músicas de Funk que foram em 2019, foi uma época que era muita música e foi tipo fazia muito sucesso, lançava música e fazia muito sucesso, estourou muito funk em

2019, e foi uma época muito boa, adolescência, segundo o ano de ensino médio, não tinha muita pressão e nada, e foi um ano antes da pandemia, então acho que é um ano que pelo menos eu percebo que algumas pessoas, inclusive eu senti saudade, 2019, da vibe que era, foi também quando estourou o brega funk, e essas músicas. Eu não sei se eu gosto de um cantor, tipo do brega funk, desse estilo, porque eu não escuto muito, mas. Eu posso te falar um nome que eu acho que é uma das referências no estilo, e que tipo, é, com certeza se você colocar uma playlist desse estilo você vai ouvir, que é o Kevin O Chris, que tipo assim, eu acho que umas três ou quatro músicas dele estouraram em 2019. E tipo, ele continuou fazendo sucesso, só que eu acho que o ápice dele foi em 2019.

8. E você tem uma playlist no Spotify? Gosta de divulgar?

Resposta - Eu tenho algumas playlists no Spotify, mas são bem aleatórias. Aí eu gosto mais ou menos de divulgar, porque, tipo, eu, como eu disse, é bem aleatório, então eu fico meio pensando que vai parecer estranho. Só que tipo, se eu tô ouvindo uma música e eu tô, sei lá, na vibe daquela música, às vezes eu, tipo, posto o link pra, da música no Spotify, a letra e tal. Às vezes também, no final do mês, tem um site. Que ele é o Receiptify, que ele tipo te mostra, é tipo, eu acho muito bonitinho, bem asteca, com o recibo, com as músicas que você mais consumiu durante o mês. E aí eu acho legal, e tipo, a galera compartilha, então, quando eu vejo que a minha playlist tá bem legal, bem a minha cara, aí eu compartilho também.

9. Você paga o Spotify? Ou usa a versão gratuita?

Resposta - Pago. Eu acho que é R \$ 9,90 porque eu uso desconto pra estudante. Eu comecei a pagar, eu comecei a usar o Spotify, eu usava sem pagar, né, tipo, com anúncio, e aí, fevereiro, eu assinei, e daí eu paguei a primeira vez em março, e agora vou pagar a segunda vez. Ou eu paguei a primeira vez agora em abril. Na verdade, eu assinei no final de fevereiro, usei março de graça, e paguei agora em abril. O de graça é meio que, tipo, cheio de anúncio, entendeu? E para as músicas, são aleatórias, elas não tocam na onda que tá lá. E, tipo, o... O desconto me pareceu bem... De de boa, tipo, é 9,90. Beleza que eu não ganho muito e tal, mas eu meio que acho que eu consigo, entendeu? Vou levar.

10. Sobre as enquetes de música que você fazia no Instagram, você lembra quem eram as pessoas que mais interagiam com você?

Resposta - Eu acho que a galera que interage com essas coisas é na mesma faixa etária que eu, não sei. É a galera do Muquém, mas também de comunidades próximas, que acho que tem

coisas parecidas, usam o Instagram com a mesma finalidade, que escutam músicas assim. Eles eram daqui mesmo, meus colegas. É, porque acho que a maioria da interação no Instagram é da galera de perto mesmo. E na época, eu acho que eles estavam no ensino médio, então talvez os meus colegas de turma tenham respondido. Era no ano 2020, era essa galera mesmo, na época eu tinha 18anos.

11. Quando você divulgou a música “A pior parte” do Tarcísio do Acordeon comentou: passa três dias na vaquejada e ainda quer que a esposa esteja lá, acompanhado de um emoji de duas mãozinhas. O que você estava expressando?

Resposta - É porque eu lembro que a música tocava, que a gente fica em casa, depois três dias de vaquejada e ela não tá lá. E aí eu brinquei com o meu irmão, acho que foi com o meu irmão. Tipo, pelo amor de Deus, ficou três dias fora de casa e quer que a mulher esteja lá, entendeu? E é nisso mesmo, tipo... Eu acho que a maioria dessas músicas ainda é muito machista. Triste, ainda por isso de colocar a gente nessa situação, a gente mulher nessa situação inferior e esperar que a gente esteja esperando muito, depois ele passar três dias fora de casa e tipo não tá aí, nossa, ele tá triste por isso.

12. Na música “Cadê o Loló” você comentou: minha nossa senhorinha, tu ouvi? O que lhe surpreendeu?

Porque eu acho que essas músicas são as batidas dela que tornam elas muito virais, entendeu? A batida. Só que tem umas que mesmo a batida sendo muito viral, as letras é muito, não é porque, sei lá, não tô querendo dizer que é porque é uma música que fala de uso de drogas e tal, e por isso eu não escuto, é porque é uma letra muito, que bom gente, a letra é só isso. Isso, entendeu? Só a batida.

13. Na música “Madrugada tão fria” você comentou: Arraste você seu chifre no asfalto. Não gosta de brega?

É que é uma vibe, tipo, são muitas frases prontas. Eu acho que isso aqui é uma frase pronta. E essas músicas, tipo assim, hoje eu não escuto nenhuma delas. Nenhuma delas. Não escuto piseiro também. Porque o piseiro também estava bem alto nessa época. Então, tipo, meu gosto foi mudando. Antes era piseiro sempre, mas hoje em dia não é mais. Eu acho que tem influência pelo que está em alta também. Tipo, essas músicas dessa enquete, se a gente olhar as playlists da época, elas devem estar. Muito em alto.

14. Que tipo de festas você costuma frequentar?

Resposta - Eu acho que tipo é o que tem disponível, né? A gente vai muito para festas de forró e tal, para... Tipo quando a gente, sei lá, quando eu vou para casa do Otávio, geralmente a gente vai para o shopping, só passear mesmo. Lá em Redenção, a gente vai para o supermercado, eu e a minha amiga, que divide o quarto comigo. A gente... Ah, vamos no mercantil. Daí a gente vai, é meio que foi as nossas experiências lá. E também a gente vai muito pra praça, pra pracinha. Na Unilab também é muito legal frequentar os espaços lá, o pátio, e tal. Mas, aqui, as festas de forró, os jogos também, eu vou quando consigo, né? Vou pra muitos, pra muitos. Os jogos no campeonato, amistosos e tal. As festas de forró que tem com meus amigos. Ano passado eu fui para o São João de Maracanaú e foi muito bom, tipo, era o Felipe Amorim e eu estava muito, eu curtia muito, ouvia ele na época. Não tô escutando agora, mas é legal. E foi muito bom, e tipo, foi a maior, foi, acho que foi o lugar com mais gente que eu já fui. E a experiência foi bem legal. Sim.

15. O que acha dos paredões? Pega de bois?

Resposta - Acho que eu gosto de paredões, não se. Tipo, se tiver três opções eu não vou escolher para o show do paredão, entendeu? Mas se for pra aí eu também vou gostar, acho que eu vou curtir e tal. As pegas de boi eu não frequento muito, tipo, eu já achei legal e tal, mas hoje em dia também se der para escolher entre ir e ficar em casa, acho que eu vou escolher ficar em casa.

16. E sobre as tuas vivências no Muquém, desde a infância mesmo, conta um pouco como foi e como é ser um jovem que mora em uma comunidade rural.

Resposta - A minha infância foi bem legal, tipo... Eu lembro com saudade. Eu gostava. A gente brigava muito. A mãe nunca cobrou muito pra gente. É pra fazer coisas a gente meio que sempre foi de brincar e assistir desenho eu lembro que sábados era muito bom, a gente assistia muito desenho e brincava também muito e eu lembro da escola também que eu gostava eu nunca tipo confesso que eu não estudar de sentar lá e ver o conteúdo não era muito legal gostava mais Da interação social mesmo eu sempre fui assim acho que só até hoje mas foi a gente eram eu minha mãe meu pai meu irmão tipo na minha primeira infância eu lembro dessa nosso convívio e tal de nós quatro mesmo mais novo então tipo como eu era bem novinho então ele era mais novo ainda não tinha muito diálogo. Lembro de quando meu primo foi morar lá em casa porque tipo meu pai não conseguia cuidar eu acho que. Tinha uma vaca e não sei se tinha dois, duas cabeças de gado ou três e aí meu primo cuidava foi morar lá

em casa eu lembro essa época tipo é bem marcante porque eu sempre lembro lembrar da minha infância eu lembro dessa época e da buodega que tinha e que eu tomava café da manhã no balcão da buodega, não era o balcão né, baixava a janela e ficava aquele negócio de tomar café da manhã lá lembro da galera que vinha comprar as coisas e tal, eu sempre tive nesse meio, eu acho que por isso que tinha uma facilidade muito grande de dialogar com pessoas, embora hoje eu seja um pouco mais travada e aí eu lembro que meu pai foi adoecendo né, gradualmente e aí tipo a gente precisou tipo quanto mais ele adoecia mais a gente tinha que ajudar a mãe, tipo às vezes ela levava ele sozinho pro banheiro, aí passou a ter dias que a gente precisava ajudar e aí depois teve que ser todos os dias. Aí depois ele teve que ir pra cadeira de rodas. E aí, tipo, como eu era mais velha, eu meio que, tipo, que ajudava mais nesse quesito de cuidar dele, por causa da força e tal, de ter que colocar mais força. Tipo, nunca fui de tipo, agricultura. Nunca tive contato, assim, eu ia no Roçado e tal, quando ele tinha um Roçado lá em casa. Mas nunca, nunca foi algo que eu tinha que ir, tudo era mais... Ah, vou ali ver. Eu e meu irmão fomos crescendo e passamos a ajudar a mãe no cuidado com meu pai, levantar ele da cadeira de roda, colocar para deitar e foi assim até os meus 14 anos que foi quando ele faleceu e aí a gente a gente claro que a gente era jovem mas muito novo ainda mas a gente já pensava que tipo isso iria acontecer algum dia ficava pensando como ia ser se ia ser pior do que estava sendo porque tipo meio que fosse parecesse para os outros que era difícil a gente nunca nunca trabalhou muito isso como uma problemática ou pelo menos a gente nunca falou sobre pra mim nunca foi eu às vezes estava brincando na casa de alguém a minha mãe me chamava e tal eu achava chato né que tinha que sair de brincar pra mim e pra casa mas não sei eu acho que tipo nunca foi um fardo falando assim daí quando ele faleceu fiquei meio querendo saber como a gente continua o que que ia rolar né mas aí a gente continua aqui em casa tipo. No nosso contexto, no Brasil, é difícil para famílias como as nossas, é difícil para todas, né? Para a gente foi difícil também, mas nunca que a gente teve grandes problemas, assim, tipo, de precisar... Eu não sei explicar o que eu quero dizer, mas a gente sempre foi... Não sei, não teve grandes dificuldades, não. Teve dificuldades, mas não coisas enormes, assim. Eu era muito fã do Luan Santana como eu te falei e eu lembro que a mãe comprou um caderno dele para mim sem eu pedir. Tipo foi uma surpresa. Isso foi muito legal. E tipo o Luan Santana ele estava muito famoso naquela época. Então acho que aquele caderno dentro das condições da nossa família foi caro. Só que ela me deu aquilo ali. Então tipo isso. Sei lá se teve alguma coisa que não faltou. Foi bem de boa nesse ponto. E é isso. Eu gostava de brincar. Eu gostava de quando estava todo mundo junto. Até hoje eu gosto, tipo todas as pessoas, as crianças da época da vizinhança. A gente brincava de... Ah, eu brincava

de pegar pegas, esconder escondes e tal. Aí brincávamos, a gente fazia noveninhas, que era tipo o que acontecia na igreja. Aí a gente fazia na nossa versão aqui, que era tipo onde é a cisterna da Tia Lúcia. Tinha uma área que era tipo... Tinha mata, mas era um campinho, assim. A gente brincava lá disso. Eu gostava de brincar na casa da minha avó. Só que, tipo, eu viajava mais quando eu brincava só, entendeu?! Eu, tipo, criava cenários e brincava. Eu gostava de fingir que trabalhava de secretária. Eu ficava escrevendo no caderno. Brincava de boneca também, essas coisas.

17. Como você descreve viver aqui no Muquém?

Resposta - Ah, mano, eu falo pra caramba do Muquém, não sei se eu por saudade. Eu não sei, mas eu falo muito, tipo, daqui. Dizer, ah, se tivesse Muquém, seria assim. Eu acho que a gente é muito... A gente se uniu muito pra fazer coisas, entendeu? Tipo, ah, vamos... Hoje o fulano tá aniversariando, o fulano vai chamar a gente pra casa dele pra cantar parabéns, comer bolo e essas coisas. Tipo, o grupo Sagrado Coração de Jesus, a gente é um grupo de oração, mas tipo, como a gente é aqui, nossa aldeiazinha, e tá sempre junto, e aí o rio enche, aí vai todo mundo ver o rio cheio. Senti muita saudade desse dia esse ano, entendeu? Eu comparo o dia da cheia aqui com o dia que neva nos Estados Unidos, nos filmes. Tipo, hoje tem neve, então vai todo mundo sair na rua e vai brincar com a neve e tal, limpar algumas coisas. E aqui quando enche o rio, é essa mesma vibe, entendeu? Todo mundo vai ver o riacho e pisar nos negócios de água. E eu acho. Legal que a gente é assim, só que, tipo, eu acho que, talvez... Eu acho que falta acessibilidade para algumas coisas, entendeu? Tipo, comprar coisas, por exemplo, é bem difícil. E... perspectiva também, na parte dos jovens, tipo assim...o lance do emprego e tal, eu acho que futuramente muita gente, muitas famílias vão acabar indo embora, porque não dá para continuar, entendeu? Só que, tipo, nesse mesmo negócio de ir embora, eu percebo que a galera nunca vai totalmente, entendeu? Sempre há o desejo de estar aqui, pelas amigas, pela família, mas pela comunidade em si, e tal. E eu acho que a gente é muito... a gente quer muita coisa, eu gosto muito disso. Tipo, a galera no Muquém. Principalmente os jovens, a gente quer coisas, às vezes nem só pra gente.

18. Você estudou em quais escolas? Como era sua rotina e acesso ao ambiente escolar?

Resposta - Aqui (Escola de Muquém) sempre foi tipo... No começo a gente ia a pé mesmo e depois teve transporte e tal. E eu gostava muito. Eu acho que a nossa consciência crítica foi elaborada e foi se concretizando na escola aqui. E era muito... Eu gostava... não sei se devido a gente ser todo mundo próximo e a comunidade ser, sei lá, pequena. Não é tipo isso. Não é

ser pequena, mas todo mundo se conhecendo, todo mundo ser conectado. As convivências eram legais. Tinha, tinha mais, é tipo, a gente era, até hoje a gente não conversa, entendeu? Tipo assim, eu tenho contato de as seis pessoas que tinham na minha turma, entendeu? A gente sabe como tá a vida de um do outro e tal. A gente lembra das coisas juntas. Tipo, facilidade em falar, falar em público. Não gosto, mas eu sei que precisa, então foi desenvolvido aqui essas coisas, entendeu? E tipo, mesmo sendo precário, eu sinto que o nosso ensino foi de qualidade, entendeu? Da forma que deu pra ser, foi um ensino de muita qualidade, que nos preparou tanto pro ensino médio, quanto agora, entendeu? Independente das funções que nós estejamos exercendo. Eu lembro que eu não queria ir pra Providência, mas pelo estigma que a escola passava, né? Eles falavam de lá. Só que acabei indo e eu lembro do baque que foi o aumento de atividade, eu tipo chegava as 5 horas e eu estava muito cansada porque entrava o professor, saia o professor a atividade, saia o professor a atividade, era um fluxo maior de atividade do que era no ensino fundamental e essa troca, eu lembro que nas terças era o dia que tinha mais disciplina e era tipo, meu Deus do céu, vai acabando, e era meio que uma sala cheia de gente e tipo o negócio era alto, o combobó era alto e era muito calor e tal e junto com o ensino médio veio tipo as causas adolescentes, as coisas que tipo tudo na nossa vida, não sei, acho que as nossas emoções aumentadas e aí tipo ficava nessa, mas eu não sei, eu gostei de estudar. Falar, foi uma boa experiência. E o meu primeiro ano foi bom e tal, tipo, as profissões gostavam de mim, e eu gostava deles. E aí foi meio que, tipo. Era muita gente. Eu, tipo, eu não tinha algo, eu falava com todos da turma, era associável com todos, mas eu acho que é um lance meu mesmo, tipo, não sei explicar. Tipo assim, na hora do recreio não tinha, não ficava perto de ninguém, entendeu? Mas eu falava com todo mundo, falava tipo com a pessoa que era mais legal da sala e que ficava mais parada ali no canto dela. E eu também fui, quando eu fui, eu fui muito nessa intenção de me associar. Eu preciso falar com as pessoas, preciso fazer laços. Eu conhecia pouquíssimas pessoas. Quando eu cheguei lá, né? Tipo, tinha duas meninas que a mãe delas é amiga da minha mãe, e elas me conheceram, me mostraram a escola e tal. Porque, tipo, lá, como é a escola anexo, tem a galera que saiu do 9º ano junto e foi o primeiro ano junto (Ensino Médio) e eu tipo não eu meio que fui só. Mas ainda foram três a escola aqui pra lá eu era a única menina foi eu e um colega aí eu lembro que tipo eu não queria sentar no dia perto deles dois porque tipo já conheci eles dois então se a moça da peste para deixar sentar aqui na beirinha porque você aperte a pessoa e vou conhecer essa outra pessoa pra tipo e aí o primeiro ano foi foi tipo um ano mais pra entender como é que funcionava foi o ano que eu fiz amizades foi tipo ano é foi o ano que eu fiz as amizades que tipo as que eu levo as que eu não levo foram onde aconteceu a experiência tipo

a primeira vez que eu dormi fora de casa assim longe da mãe foi era quando eu comecei a sair pra lá e longe de casa né porque pra mim é bem longe tal foi onde eu comecei a ter o contato social também com internet né porque foi o ano que eu fiz. Que eu comprei o meu celular e tal, e aí, tipo, o boom da internet, o boom de conhecer muitas pessoas, porque, tipo, eu conhecia isso aqui de pessoas e a escola me apresentou isso aqui, porque, tipo, tinha a minha turma, mas tinha o segundo e o terceiro ano, aí tinha as pessoas em volta e foi aí que eu conheci mais pessoas. O segundo ano foi muito bom também, porque tipo, era meio que a gente era neutro, né? A gente não tinha chegado agora e não tinha o ENEM bater na porta, embora eu tenha feito o ENEM nos três anos, não era tipo uma obrigação. E aí o terceiro foi no contexto pandêmico, né?!

19. Como foi sair daqui da comunidade para cursar a faculdade em Redenção? O que você percebeu de diferente? Como foi é estar nesse espaço urbano?

Resposta - A faculdade, o primeiro semestre não foi muito bom. Não estou falando da faculdade em si, mas de tudo, entendeu? Sai de casa, a gente morava numa casa muito pequena e administrar dinheiro era um lance muito difícil. Não tinha esse negócio. E aí é muita coisa que você assume, então você tem que dar conta. Então tinha que dar conta de estar longe de casa, de ir para as aulas, de administrar o dinheiro que eu tinha e tipo. Eu ficava muito mal, porque eu sentia que eu estava gastando muito dinheiro e o dinheiro não era meu. Então minha mãe estava se sacrificando pra dar aquele dinheiro pra mim. E eu não sabia se vale, eu acho que só vou saber quando terminar, né? Se tudo isso vai valer a pena, entendeu? Ficava com muito isso na cabeça. E conhecendo pessoas e tipo... Quando eu fui pra lá, foi meio que foi minha volta ao convívio social. Então isso me despertou muito. Problema de autoestima, problema de confiança, problema de insegurança. Foi tipo... Foi... É... Não por isso, mas talvez também por isso que, tipo, eu decidi, sei lá, tirar minhas fotos, arquivar minhas fotos no Instagram, tirar fotos do perfil do WhatsApp. Eu queria estar em casa direto, eu queria vir pra casa, eu ficava... Meu Deus do céu, eu não gosto daqui. Eu olhava meio por esse lado. Eu talvez eu não sei. Aí foi muito bom ter morado com as meninas que eu moro, porque a gente se dá muito bem. E tipo assim, eu não, elas são as pessoas que eu mais convivo. E por sorte tenho elas e tipo por elas conheci outras pessoas, principalmente pessoas aqui de Pentecoste. Que era legal, entendeu? Tipo, aí hoje vou conversar com o fulano, vai ser um dia mais de boa. O fulano vai lá pra casa, vai ser um dia mais de boa. Esse semestre está mais, está melhor. Tipo, a gente mudou de casa, a gente está numa casa maior. E tipo, tô ganhando o auxílio, moradia. Então... É... Posso dizer, tipo, não estou dependendo totalmente

da mãe. Então, tipo, eu sei que ela não vai ter que sacrificar tanto financeiramente falando e tal. Aí eu sinto que esse semestre tá melhor, entendeu? Tô mais instável. Psicologicamente também. Mas, eu acho muito legal tipo é muita coisa tipo assim, a UNILAB ela é uma universidade internacional né então a gente pensa que o nosso baque cultural vai ser com as pessoas dos outros países só que tipo tem a galera que é brasileira que também vive uma coisa completamente diferente de você e que mostra uma coisa completamente diferente de você então é o jeito que a galera fala como a galera defende as causas dele, as aulas as pessoas que convivem com você as temáticas que eles levantam é muita coisa diferente e é muito bom se você estiver aberto para receber aquilo é muito bom tipo assim aqui no Muquém uma comunidade onde 100% da população é católica onde eu sou católica eu fui criada dentro de uma família extremamente católica. Eu convivo com pessoas que, tipo, a menina que vive de quarto comigo é ateu, essas coisas, entendeu? É uma diversidade muito grande e é muito legal. E, dialogar com as pessoas dos outros países, porque, ah, eles falam português, mas, tipo, eu não... Os guineenses, tipo, eu não consigo entender todo um diálogo deles, entendeu? Os angolanos, eles, eu acho que tem mais facilidade de entender. Mas são idiomas completamente diferentes e a gente nem imagina, né? Tipo, ah, eles são de outro país, mas falam português, então vai ser melhor. Mas é muito legal.

20. E sobre esse aspecto que você falou, de morar numa comunidade 100 % católica. Como é pra você hoje, voltar pra comunidade e participar das atividades religiosas?

Resposta - É tipo assim, eu tenho minhas ideias, minhas visões bem centradas. Então, muito se dá a minha criação, a minha estada aqui, só que, tipo, aqui, embora seja assim, teve o, tipo, é, como eu posso dizer, o arte e cultura, ele meio que abriu a minha cabeça, acho que de muita gente da minha época, pra coisas diferentes, entendeu? Então, eu... Meu Deus, não tô sabendo elaborar direito. Talvez eu veja mais coisas de outras formas, mas, tipo, ainda, ainda tem muito do que eu tinha aqui e coisas que eu não sei se eu quero perder, entendeu? Tipo, eu sou católica, mas isso não interfere de modo algum, que eu ache fascinante as coisas que eu vejo, entendeu? Eu vi... Uma roda de capoeira pela primeira vez e eu achei muito, muito legal meu deus é muito rápido eu fiquei lá e as músicas e os povos indígenas também agora dia 19 foi legal de ver e os sons e conversar a como eu disse a minha colega de quarto ela é atea, então a gente conversa muito. assim às vezes a gente faz meme e às vezes a gente tem conversas muito profundas sobre e da forma que eu não permito que essas coisas intervirem na minha crença eu não quero que a minha crença intervira na crença dessas pessoas mas eu tô muito aberta a conhecer tudo e ver tudo entendeu que que a Unilab apresenta porque eu acho que ela

é o mundo entendeu dessas coisas acho que o mundo te apresenta muita coisa e eu quero conhecer muitas coisas do mundo.

21. E o que é ser uma jovem rural?

Eu acho que a gente é eu não sei eu não sei mas eu percebi o quanto que o mundo é projetado para que pessoas que são de meio rurais tenham mais dificuldade de conseguir coisas o quanto é mais difícil para mim para estar numa universidade do que para outras pessoas entendeu para mim não eu eu mas eu no contexto de uma jovem do interior tipo eu saio de casa duas horas para pegar um ônibus lá em Pentecoste, tipo a estrada é ruim o negócio é ruim e tem gente que tipo já é lá de uma cidade perto que vem de carro tem uma família tipo que já mora lá perto o quanto é mais fácil para outras pessoas e o quanto é difícil para mim mas eu acredito que existam pessoas que é mais a gente vai nele. E tipo, o quanto que a gente... Eu acho que desbravou, então a gente tá desbravando umas coisas, tentando construir algo e ir conhecendo coisas, mas que tipo, se não rolar também não é um fardo a se carregar, uma derrota, porque tipo, é complicado pra caramba e às vezes a gente tá no meio caminho e percebe que não é aquilo, aquilo não é o que vai te... Não é o que você quer, não é o que você pretende. E a gente já teve pessoas que foram antes da gente, entendeu? Então tem mais esse, essa base talvez. E o quanto tipo a gente quer que venham pessoas depois da gente, entendeu? Tipo, o lance que eu percebo muito aqui na comunidade, a minha geração, a galera da minha época, teve os projetos e tais que, tipo, acenderam a nossa vontade de frequentar a faculdade, se formar de algo, entendeu? Só que eu percebo que as pessoas depois dessa geração não estão tendo essa motivação. E tipo, o quanto que a gente deve fazer alguma coisa por isso, percebe?!

22. Que atividades você realiza hoje na comunidade? Como se sente?

Resposta - Fazia parte da Pastoral do Dízimo, né, mas eu deixei com meu amigo. Mas eu ainda, ainda, eu tento, né, na verdade não tá tendo muita coisa aqui, ultimamente. Mas o grupo Sagrado Coração de Jesus, eu tento não deixar que pare, entendeu? Não fique só de sexta em sexta. Então, na Semana Santa, com a Vitória, que é tipo minha parceira que eu chamo para as coisas, a gente conseguiu fazer uma programação bem legal para a Semana Santa, que foi mais do que eu esperava, porque foi simples, mas foi bom de viver com a galera. A gente fez um momento de oração durante a semana, a gente chegou na quinta, então a gente começou na quinta, sexta e sábado e domingo, mas a gente incentivou para que fizessem os dias antes, a segunda, terça e quarta. Não sei se fizeram. Aí a gente foi moldando

nosso horário, tipo domingo a gente ia embora à tarde, então a gente tentou fazer a celebração na parte da manhã, foi muito bom. A gente tomou café junto e tal, grupo, e eu faço. A igreja também, né? Faço parte de alguns movimentos, mas agora não... Eu nunca participei da associação. Tipo, nunca entrei, já pensei em entrar e desistir. Já, mas tipo, agora não sei se pretendo. Eu gosto muito, entendeu? Tipo, eu lembro que quando eu era novinha eu via as pessoas participando e achava legal. Aí eu cresci e estou participando, então eu gosto.

23. Você pretende morar na comunidade no futuro? Quando concluir a faculdade?

Resposta – Não, eu não sei, não tenho pretensão de voltar, porque tipo... Eu sempre, hoje menos, mas sempre sonhei muito em viajar o mundo, entendeu? Hoje, né? Não sei, não percebo ser muito possível viajar o mundo, mas quero conhecer o máximo de coisas possíveis. E por mais que eu goste muito daqui que eu ame todas as experiências e que, tipo, eu pretendo nunca cortar o meu laço umbilical daqui eu acho que eu gostaria de estar em um lugar que me fosse mais acessível pra ver, tipo, pra ir no cinema, entendeu? Pra ir em outros lugares pra, sei lá, hoje, tipo, se eu quiser, sei lá, ir pra praia daqui ia ser muito burocrático, muito difícil, mas, tipo, é isso.

24. Como você interage e se comunica com as pessoas da comunidade? Quais canais/redes utilizam?

Resposta – Uso os grupos de WhatsApp para falar com eles. Mas, é mais no final de semana quando está mais livre. Eu falo, mas quando eu morava aqui eu já não mandava muita mensagem, sabe, pra galera aqui. Mas, tipo, pra lembrar de alguma coisa. Essa semana aconteceu uma coisa muito legal no grupo, no grupo Sagrado Coração de Jesus. Que uma pessoa mandou uma foto da cartilha do ABC, que era o livro, né, a cartilha que na época dela se usava pra formatizar. E aí teve a interação da galera do grupo e eu achei isso legal. Mas, tipo, é isso, se lembrar de alguma coisa aí manda no grupo, ou se for aniversário de alguém, ou se, tipo, precisar de alguma coisa aí manda a mensagem.

25. Que aspectos culturais da comunidade (eventos) marcam sua história de vida?

Resposta - Os festejos no final do ano, né?! E os terços de São José também são bem, tipo, eu lembro quando tinha muita gente que ia pra igreja e tal. E esse período de inverno, que é quando todo mundo quer ir pro rio e tal, e aí tipo vem a galera, os turistas, entendeu? Eu gosto muito. E a festa do Muquenzinho também, antigamente eu gostava, nunca fui pra festa do Muquenzinho. Mas antes eu queria muito ir, né, quando eu era mais nova, e a mãe não

deixava. E agora, tipo, ela até deixaria, mas eu não sinto vontade de ir. Mas é muito legal, eu sempre gostei muito, porque tipo, vinha gente, vinha gente pra cá, vinha gente pra cá, vinha gente pra cá, vinha gente de gente, tinha de gente. Era muito boa a festa. Ai, que... Acho que é isso. E eu gosto também de escutar histórias antigas da comunidade. Eu lembro quando a gente estava fazendo uma pesquisa aqui, eu não lembro o nome direito, que a gente foi na casa dos senhorzinhos, né, as senhorinhas, e aí eles falavam as coisas, aí eu adorava ver aquilo ali. Eu lembro dessa história mesmo, da cartilha do ABC que foi mandado no grupo. Ontem a gente se encontrou e ela estava falando sobre. E é bom ouvir isso, entendeu? Tenho uma tia minha que gosta de contar histórias e eu gosto muito de ouvir.

26. Observei que você posta muito nos seus Stories sobre a comunidade, questões do dia a dia, como a preservação do rio, você acha que a comunidade é aberta também nesse canal? Consegue engajá-lo por meio da sua rede?

Resposta - Eu acho que, como a gente é rural, a gente devia muito ter um cuidado especial pelo meio ambiente, eu acho que a gente não tem. E é um assunto que, tipo, me pega muito. É esse lance do meio ambiente, os problemas climáticos e tal. Eu acho que os moradores não estão abertos para falar sobre isso, mas ninguém nunca encabeçou. E eu acho que seria de extrema importância, porque as pessoas ainda não entendem, tipo, eu acho que os pés de ninhos são um exemplo vivo disso. É uma planta que ela não é daqui ela é invasora, ela pode causar mal para alguns animais e tal, só que a galera planta, e tipo, quem planta não planta na maldade. Não planta por nada, mas planta porque é uma planta fácil de crescer e tal, e devasta ali perto do rio porque é o jeito, entendeu?! Então, acho que não é por maldade, é por sobrevivência. Talvez, sim, algumas pessoas não estejam abertas a esse diálogo, mas acho que a maioria, sim, está. Mas eu vejo que no quesito engajamento o que mais as pessoas comentam é que querem vir pro Muquém agora, nesse período (chuvoso). O pessoal ver as postagens, ai diz, ah, tá assim, que bonito. Mas não sei se eu posto nessa perspectiva. É claro que se a gente posta a gente quer que as pessoas vejam. Então, é meio que por isso, entendeu?! É orgulho também, entendeu?! De achar bonito, eu acho bonito. Eu acho legal e aí eu posto. Há uma autoestima da comunidade.

Entrevista com Marcos

22 anos

21/04/2023

Muquém

1. Então, eu gostaria de saber sobre o consumo midiático e cultural seu nos meios digitais. Sobre o acesso à internet, quando foi e em qual aparelho/dispositivo? O que costuma acessar na internet? Você costuma acessar a internet (redes sociais) ao acordar? Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]? O que lhe motivou a criar esses perfis nas redes sociais?

Resposta - Comecei usar internet pelo celular e é assim até hoje. Eu não tenho computador, só o meu irmão e ele mora lá em Fortaleza. Às vezes eu faço os trabalhos da faculdade junto com os meus colegas que têm computador, aí compartilha no Drive e eu faço pelo próprio celular mesmo. Já faz uns três anos que comprei meu celular. Eu já mudei, mas esse aqui faz uns três anos. O primeiro eu comprei. Tinha umas criaçõezinhas de ovelha, vendi e comprei. Ai depois troquei por um outro melhor, aí o outro durou só uns 7 meses, quebrou a malha aí depois comprei esse daqui. É Redmi Note 8, já tá meio baqueado, tá precisando de outro, mas por enquanto tá dando certo. O que eu acesso mais na internet é o Instagram mesmo, WhatsApp. O Facebook uso bem pouco. Uso o Google Chrome para fazer pesquisa. Tem um aplicativo de filme que uso para baixar vídeos para assistir, o Youcine. Uso TikTok às vezes, o Snaptube para baixar vídeos e outros aplicativos mais de imagens e vídeos. Quando eu acordo sempre ligo a internet e acesso o WhatsApp pra ver se tem alguma mensagem. O grupo do ônibus é o principal, pois quando não tem eu fico sabendo como aconteceu essa semana que o ônibus não veio. Já tive o Twitter, mas não tenho mais. Tenho TikTok, mas eu uso só para ver mais vídeos de futebol, tem uns com frase motivacional, religiosos, alguns clipes de músicas que eu assisto. Tenho Facebook, nas não uso e tenho Instagram que também não faço publicação. Às vezes só insiro nos Stories coisas de jogo, quando o time ganha.

2. Por que gosta de postar só sobre o jogo e quando o time ganha?

Resposta - É uma boa pergunta. Nunca tinha pensado sobre isso. Mas acho que posto porque é legal divulgar quando o time ganha. No YouTube eu faço pesquisas, canais de futebol, mais isso de lances, vídeos, mais futebol.

3. Sobre a plataforma do Instagram, em específico, por que você gosta de estar nessa rede social? Quais personalidades você segue? Quanto tempo normalmente passa no Instagram todos os dias? Você visualiza a presença no Instagram como oportunidade de trabalho? Para divulgar sobre o time de futebol? O que você busca? O Igor comentou que é você quem gerencia o perfil do time de futebol? Como é que você faz? Tem um planejamento? Foi você

que criou?

Resposta – Eu criei para ficar mais ativo nas redes sociais, ver o que as pessoas postam, publicações, porque é sempre importante ter para estar mais atualizado. No Instagram eu vejo muitas informações, do IFCE, do jornal O Povo, de futebol. Sigo alguns jogadores de futebol, cantor e humoristas. Eu uso umas duas horas por dia. Eu uso mais para interagir, mas eu sei que o Instagram é uma forma de divulgar o nosso trabalho. As redes sociais Instagram, WhatsApp e Facebook é bom para divulgar. Quando a gente marca um jogo, participa de campeonato eu gosto de divulgar, pois querendo ou não, mesmo sendo uma diversão, é uma forma de trabalho. As vezes sigo umas pessoas de longe, que são conhecidas, mas não são tão próximas. Quem criou o perfil do time foi o um colega, no tempo que ele participava, aí depois ele passou a conta pra mim. Eu e outro colega da Comissão que cuidamos dessa conta, acessamos. Antes de postar a gente conversa, aí quem tem acesso à internet primeiro posta. Nos jogos a gente chama os meninos para tirar foto e depois publicamos. Hoje temos uns 800 seguidores, por aí. Para trazer novos seguidores, postamos fotos, Stories seguimos as pessoas. Agora que está acontecendo o campeonato que foi contratado jogador de fora, aí a gente posta uma foto deles, marca os patrocinadores dos jogadores e muita gente curte, divulga nas suas redes. Os patrocinadores doam a cada jogo e esse dinheiro pagamos os jogadores externos. Temos a ideia de criar um clube, tipo um Sócio Torcedor, mas ainda não colocamos em prática, quem sabe futuramente aconteça. No meu celular tem a conta do Muquém, mas uso menos que o meu pessoal. Olho bem pouco. Entro só para ver se tem alguma conversa, postar alguma coisa ou quando marcam.

4. O que você mais gosta de postar no Instagram? Quais ferramentas mais usa (reels, feed, Stories)? O que lhe chama a atenção nas postagens dos amigos(as)?

Resposta - É mais publicações dos jogos e ver vídeos. Não gosto muito de postar. Mas eu quis deixar porque foram dois momentos interessantes, importantes da minha vida, quando fui campeão pelo IFCE nos jogos estaduais e uma foto da minha formatura do Ensino Médio. Só tenho duas publicações, mas não posto nada mesmo. É uma de 2018 e outra de ano passado. Foram dois momentos que achei legal compartilhar, pois foi momentos interessantes na minha vida a minha formatura do Ensino Médio com meus amigos e quando fui Campeã Cearense de Futebol Cearense em jogo externo do colégio.

5. As selfies lhe interessam? Por quê?

Resposta - Não gosto muito de tirar foto minha. Eu tiro, mas não gosto é de compartilhar.

Faço mais fotos de jogos, no colégio com os meninos. (com os pais?) Não, pois eles mesmos não gostam de tirar foto, mas as vezes a gente faz.

6. Gosta de ouvir músicas? Em quais as situações do dia a dia e qual meio?

Resposta - Não gosto muito de ouvir músicas, não tenho Spotify, mas as vezes eu baixo música no próprio celular, no Sua Música. Eu gosto de baixar por CD, tipo CD. Escuto João Gomes, Iguinho e Lulinha, forró, Natanzinho. Sertanejo já gostei mais, agora é pouco. Ultimamente, mal uso o YouTube, só assisto alguns vídeos, mas música é muito pouco. Não tenho nenhuma música específica que goste, não.

7. Que tipo de festas você costuma frequentar?

Resposta - Vou sempre as festas de padroeiro, aniversário. Gosto de ir mais os meus amigos, o Guilherme, meus irmãos. Tenho outras atividades de lazer que gosto, pois é bom a gente sair, viajar, conhecer novos lugares. É sempre interessante. Ano passado fui para uma festa do município de Pentecoste que foi muito legal com Xand Avião.

8. O que acha dos paredões? Pega de bois?

Resposta - Eu gosto, mas depende do volume, tem uns que é muito alto, mas é bom. Tenho vontade de ter um, é bom quando a gente tem para se divertir. As pega de boi acho legal.

9. E sobre as tuas vivências no Muquém, desde a infância mesmo, conta um pouco como foi e como é ser um jovem que mora em uma comunidade rural.

Resposta - A convivência com meus irmãos sempre foi muito legal. Minha infância foi legal, estudava aqui na escola (onde ocorreu a entrevista) pela manhã e à tarde ficava em casa brincando com meus irmãos. Jogava bola. Brincava de peão, carro, mais isso. Assistia na televisão a TV Globinho, Bom dia Companhia. Foi basicamente isso. Hoje vou para a escola de manhã, chego me deito um pouco, aí depois vou ajeitar os bichos. Depois vou correr na área do rio. Mas essa semana nem deu, pois o rio encheu. Corro mais o meu colega, mas é mais só eu mesmo. A corrida é porque não estava tendo o racha, aí é importante para manter o corpo bem. A alimentação também é importante além do treino. Se houver oportunidade quando terminar a faculdade (Educação Física) gostaria de trabalhar na comunidade. Eu sempre ajudava o pai com as criações em casa e os meninos (outros irmãos) sempre ia mais para o roçado. Hoje eu ainda ajudo meu pai, tiro o leite, ajeito os animais. Já me acostumei a fazer essas tarefas, todo dia faço isso e me acostumei. Os meus irmãos mais novos é que

sempre ajudam mais na agricultura, eu sempre gostei de ajudar o pai com os bichos (gado, ovelhas, porcos), agricultura não é o meu ponto. Sempre ajudava a mãe também a lavar louças, enxugar. Mas hoje é mais difícil, faço mais é encher as garrafas de água.

10. Como você descreve viver aqui no Muquém?

Resposta - Aqui é muito bom, não gosto de morar na rua (Paramoti). Aqui eu me sinto livre pra mim ir em qualquer lugar e na rua a gente tem aquela sensação de estar preso. Não gosto. Gosto de estar mais aqui, tem mais contato com a natureza, com os animais. Não gosto de estar lá, gosto de tá aqui. É por isso que eu venho e vou todo dia. Não penso em sair daqui. Se tivesse projetos, como de futebol, era muito bom. Não só pra mim, mas para as pessoas mais idosas fazerem atividades físicas. Ter uma academia seria bom. Quem sabe no futuro aconteça. Mas é bom sempre manter praticando atividade física.

11. Você estudou em quais escolas? Como era sua rotina e acesso ao ambiente escolar?

Resposta – Eu sempre estudei pela manhã. Sempre gostei de estudar pela manhã. Aí acordava vinha para cá (Escola da comunidade). Ai no Ensino Médio eu fui estudar na Caridade (Escola de Tempo Integral) e fiquei morando um tempo com minha madrinha no Paramoti. Saia cedinho para Caridade e retornava de noite. Foi complicado o Ensino Médio, pois era uma escola de tempo integral e era bem cansativo, mas questões de tempo me adaptei. Do Ensino Superior para o Ensino Médio já tem outras diferenças, até na forma do ensino mesmo. Os professores no Ensino Médio cobravam mais pra gente estudar, no Ensino Superior, no IFCE, os professores cobram, mas não é do mesmo jeito. Sempre no Ensino Médio, principalmente na Profissional, a cobrança é muito grande por resultados, lá não. Lá é mais o aluno que tem que buscar. O professor ensina, mas é mais o aluno que tem que buscar o conhecimento. Eu consigo lidar bem, só reprovei uma disciplina que foi TCC 1 que eu desisti de fazer. Não consegui fazer o projeto e não tinha mais tempo para trancar, aí reprovei.

12. O que é ser jovem rural para você? Como foi sair daqui da comunidade para estudar em Paramoti e depois ir para Canindé para fazer faculdade? O que você percebeu de diferente? Como foi estar nesses espaços urbanos?

Resposta – É complicado, principalmente agora no verão (período de estiagem) o sol é brabo. No inverno (período de chuvas) é mais por conta das lamas, chuvas que dificulta o deslocamento. É mais complicado por conta disso. No Ensino Médio, meus colegas eram um pouco diferentes, lá eles já eram mais acostumados já no celular, essas coisas, querendo ou

não é diferente. Eu não tinha muito acesso à tecnologia, não tinha celular nem acesso as redes, não tinha como me comunicar. Era muito complicado.

13. Que atividades você realiza hoje na comunidade? Como se sente?

Resposta – Vou para as missas, terço dos homens. Pratico futebol. São as atividades que gosto de fazer e me sinto bem fazendo.

14. Você pretende permanecer na comunidade? Quais suas perspectivas futuras?

Resposta – Eu pretendo permanecer aqui, mas para o futuro ainda não sei muito. Primeiro vou terminar minha faculdade e depois vou ver o que posso fazer.

15. Como você interage e se comunica com as pessoas da comunidade? Quais canais/redes utilizam?

Resposta – Às vezes falo com os meninos pelo WhatsApp, mas eu sempre venho aqui (centro da comunidade) converso. As vezes fico mais em casa na semana, pois estudo e ajudo o pai a tarde. Eu, Bruno, Adriano que estamos a frente do time, puxamos uma conversa no grupo de WhatsApp para falar com os meninos sobre o racha, jogos. E eles respondem rápido, porque essa é uma das vantagens do grupo. Uso muito o WhatsApp para interagir.

16. Que aspectos culturais da comunidade (eventos) marcam sua história de vida?

Resposta - Tem mais a missa, o futebol, jogos e as novenas. Antigamente tinha os projetos culturais da EPC. Era muito legal aqueles projetos, quem sabe a gente não coloca pra frente de novo.

Entrevista com Otávio

25 anos

22/04/2023

Muquém

1. Então, eu gostaria de saber sobre o consumo midiático e cultural seu nos meios digitais. Sobre o acesso à internet, quando foi e em qual aparelho/dispositivo? O que costuma acessar na internet? Você costuma acessar a internet (redes sociais) ao acordar? Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]? O que lhe motivou a criar esses perfis nas redes sociais?

Resposta - Só acesso internet no celular mesmo. Nunca tive computador. Aqui na mãe a minha irmã tem ainda, mas era no tempo que a gente não tinha acesso à internet. Aí tinha que tentar no modem de internet só que nunca dava certo que é uma coisa você tem a área no celular e outra coisa é ter internet e ainda faz isso ainda mais depois que teve na internet aí ficou acessível. A internet agora é a rádio. Uma coisa que eu gosto de assistir muito é vídeo no Kwai que passa mais engraçado. Mas uma coisa que gosto muito, que já virou até um hobby e que a mãe até mandou um meme pra mim que é a minha cara. Marque um amigo seu que gosta de assistir Master Chef que é um programa da Band. E aí, até um amigo meu brincou que depois que comecei assistir o Master Chef engordei muito (rsrsr). Comecei a comer comida de verdade. Realmente eu gostei. Quando estamos com vontade de cozinhar é bom. Eu tenho Facebook, Instagram e uso também o WhatsApp, YouTube e Kwai. Já usei Twitter, mas não vejo graça. A gente pode escrever 120 caracteres. Não gostei. Eu tenho TikTok, mas prefiro mais o que o que foi que tem mas eu prefiro mais o Kwai porque ele a gente assistindo ele gera uma renda. Não é muita coisa não, mas eu sei que é melhor vc assistir uma coisa que você pode converter em dinheiro do que o TikTok que não dá, entendeu Por exemplo, agora no Kwai eu tenho 17 reais porque tem aquele negócio ai você tem que mandar um vídeo que aparece se não tiver o símbolo do da moedinha você tem que ficar com as pessoas você tem que assistir o filme todinho e eu não tenho paciência para fazer isso né. O que eu mais faço é pegar a recompensa diária assistindo vídeos. A criação dessas redes foi tudo febre (rsrs). Lembro que a gente estava na escola no ensino médio quando começou a febre do Facebook sabe que todo mundo tinha. quem pegasse os seus 10 reais primeiro ia carregar seu celular para passar uma semana no Facebook (rsrsr). Aí o que acontece, a gente adolescente é uma coisa perigosa (rsrsr) para falar com as mesmas pessoas que você falava no seu dia a dia, o pessoal da escola e ficar falando besteira, às vezes até de madrugada e sabe aquela febre de divulgar que estava fazendo aquela coisa, se sentindo bem, tomando café com fulano de tal essa febre (rsrsr). Aí o Instagram eu comecei a usar, mas nem instalei logo, não sabia nem muito usar. Fiz a conta e eu nem me lembro bem como foi. Ai, depois o Instagram cresceu, né. E acho que se tornou uma das maiores redes que a gente pode ganhar dinheiro, mas aí o TikTok hoje tem mais destaque, né? Comecei no Instagram normal, aí depois que começou esse negócio que a gente tenta ter um monte de seguidores, né?!

2. Sobre a plataforma do Instagram, em específico, por que você gosta de estar nessa rede social? Quais personalidades você segue? Quanto tempo normalmente passa no Instagram todos os dias? Você visualiza a presença no Instagram como oportunidade de trabalho?

Resposta - Eu acredito que o Instagram seja uma das melhores redes para você crescer, divulgar seu negócio. Ele lhe dar uma grande visibilidade, mas você tem que saber usar ele. Eu mesmo decidi criar tipo por hobby. Começou o Facebook, aí depois veio o Instagram que foi o tempo que começou surgir o quê, os influencers que a gente tem então não sei quando é que surgiu esse nome das pessoas de influenciar, mas aí começou as pessoas fazerem vídeo que eles quando alcançam uma meta grande vai para todo mundo. Aí gerou essa curiosidade, essa busca, aí a gente sempre pesquisava os influencers para ver. Aí daí a gente vai conversando, vendo como entretenimento, começa a compartilhar vídeo, a seguir aquela pessoa. Daí depende de cada pessoa, mas nós também começamos a gravar Stories da gente né, influenciado, a gente começa a gravar a história da rotina normal. Recentemente, eu estava falando com a Maria e ela disse assim vai lá no arquivo do teu Instagram tem uns vídeos nossos que eu até eu deixei salvo no meu celular que é a gente fazendo Stories normal no Instagram tem aquelas perguntinhas né que o Instagram faz para a gente, as enquetes, aí eu achei esse vídeo da gente fazendo. Isso foi no nosso começo quando a gente começou a entender mais o que era o Instagram que podia ter seguidores, ser famoso. Para ser um influencer eu acredito que você tem que começar a se desarnar, tipo a postar alguma coisa assim algum conteúdo. Eu acredito, eu não sei, não tenho esse conteúdo que as pessoas queiram acessar. Eu gosto muito de seguir alguns por causa do humor. Assistia muito Carlinhos Maia, mas hoje eu não assisto. Para mim ele perdeu um pouquinho de graça Álvaro eu te falei, você se lembra. A Edna e agora recente, a Mirella. Ela é daquelas irmãs gêmeas lacração. Se não me engano, ela é a primeira ou segunda que está no ranking, sabe. Ela é muito acessada, é de São Paulo. Eu acredito que agora estou passando mais tempo no Kwai do que no Instagram. Porque eu pego assisto os Stories das pessoas que quero ver e acaba. Tem uns videozinhos, reels, mas eu prefiro o Kwai. Eu perco muito tempo assistindo. Tem dias que chego do trabalho e vou até uma hora da manhã.

3. E o que você gosta de ver e postar no Kwai?

Resposta - No perfil do Kwai eu divulgo vídeos de famosos, sabe. Eu postei alguns vídeos de comédia de uma cena de uma novela de uma mulher que eu achei incrível a cena dela é da novela Amor e vida, eu não sei se é essa novela, mas foi a minha última atualização e gerou muitas curtidas. Aí é uma forma de ganhar dinheiro também divulgando esses vídeos que me chamam atenção. Aí postei o vídeo da Mirella, da Marília Mendonça que eu sou fã dela entendeu aí gera muita visualização. Às vezes é um vídeo do Kwai ou do próprio Instagram que baixo para postar. Nunca fiz um vídeo meu mesmo, porque eu tenho muita vergonha. Sei

lá, acho que tinha que ter uma desenvoltura, tinha que ser entre aspas, sem vergonha. E eu tenho muita vergonha. Porque tipo o que viraliza hoje, dança ou comentar alguma coisa assim. Dançar, sou horrível. Comentar, tinha que ter uma dicção maravilhosa. Não sei, sou tímido, tenho vergonha (rsrsr). Eu tenho poucos seguidores. Eu passei um tempo sem usar, porque fiquei com raiva porque ele não estava dando dinheiro para mim. Eu não estava conseguindo sacar aí eu voltei ele me deu 89 seguidores para mim. Se você criar o vídeo o Kawai impulsiona mais para as pessoas que fazemos vídeos próprios. Eles mandam muita mensagem, pedem para você comentar, divulgar alguma hashtag, essas coisas assim, que eu não faço. Mas a mãe e minha irmã, elas fazem muito isso. Elas postam vídeos, fazem, tem mais seguidores do que eu (rsrsr).

4. Voltando ao Instagram, o que você gosta de postar? Quais ferramentas mais usa (reels, feed, Stories)? O que lhe chama a atenção nas postagens dos amigos(as)?

Resposta - Eu gosto de postar pouco, tipo acho que tem ocasiões pode ser aniversário uma foto de algum canto que eu fui. Por exemplo, fui para a praia. Aí eu posto. O que eu posto mais é tipo um videozinho de meme ou sabe mas eu não sou de estar muito postando não, até então que faz muito tempo que eu não posto uma foto no feed do Instagram. Eu acho que foi em dezembro do ano passado. Eu busco mais interagir com as pessoas, para o meu entretenimento próprio com os perfis de influencer de comédia. Às vezes é para comentar sabe alguma coisa assim, para mim atualizar as vezes e assim vai. Gosto dos Stories, os reels eu não assisto muito. Aliás a gente até assiste. Não sei se tu percebeu, mas quando começou tinha até meme de envio de vídeos para os seus amigos. Acontece muito até te mostrar o exemplo que tipo se eu for fazer alguma coisa próximo, que vai dar umas 10 horas daqui a pouco, aí eu não vou assistir vídeo agora, porque eu tenho que assistir tudo, tipo a Maria mandou 12 vídeos para assistir, eu não assisti ainda. Ela achou legal mandou para mim né Compartilhar a comadre mandou quatro isso aqui foi um amigo o Alex mandou duas coisas pra mim. Enfim, quando eu curto eu envio uma reação, aí quando eu acho legal respondo com amei. A gente compartilha muito esses vídeos engraçados ou quando é notícias que merecem atenção. Aí, eu sempre gosto de tirar um tempo para responder, ver o que eles mandaram. Isso é uma febre agora entre a gente. Não sei quem começou, mas é muito o que a gente faz agora e nem precisa dizer muita coisa. Se você acha legal ou acha que a pessoa se identifica, envia. Às vezes coincide para a gente falar pessoalmente sabe ver um vídeo e mandar para aquela pessoa.

5. As selfies lhe interessam? Por quê?

Resposta - Eu tiro selfie, mas estou numa fase muito baixa estima (rsrs) que eu não posto. Sobre as postagens alguma coisa relacionada a política eu evito para não ter polêmica, aí eu acabo usando muito o humor para falar de certos assuntos que me interessam, como por exemplo essa questão do racismo. Mas sempre minha preferência é vídeos engraçados para não ficar expondo minha opinião porque ai você vai ter que respeitar certos posicionamentos, aquele negócio, né.

6. Gosta de ouvir músicas? Em quais as situações do dia a dia e qual meio? Plataformas?

Resposta – Sim. Gosto de colocar no YouTube, Spotify. Já usei o Deezer, também. Ele é bom, mas foi só a fase de teste. Uso hoje só YouTube, minha caixinha de som. Coloco no Bluetooth e tudo resolvido.

7. Mas você já ouviu música no rádio, principalmente aqui na sua mãe?

Resposta – Sim. A gente tinha um som grande, ouvia as músicas aqui. Era bem eclético. Era sertanejo e a mãe tinha o hábito de colocar às 10h, a rádio, para ouvir o Padre Reginaldo Manzotti. Aí é o horário certeza que você ia ver um rádio ligado alguém fala alguma coisa era as 10 horas que era o Padre Reginaldo das 10 horas da manhã às 11 horas aí tudo mais era só tipo acho que com certeza a mãe gosta de fazer algumas coisas que tiver motivado. Pelo menos eu na minha casa agora se eu for fazer alguma coisa, lavar fazer o almoço, até tomar banho, varrer a casa tem que fazer zuada, entendeu?! É um motivacional, a gente cria até uma coragem (rsrs). Tem a rádio de Pentecoste que ouvia para saber as notícias, a FM 93.

8. Que tipo de festas você costuma frequentar?

Resposta - Eu gosto de festa, mas é muito mais difícil eu ir pra festa. Mas eu gosto de festa que seja animada, que tenha muita gente. Que tenha pessoas que eu conheça, esteja perto, um grupo de amigos, entendeu. É muito massa. Eu não gosto de sair só, que é uma coisa que eu tô tentando trabalhar dentro de mim. Porque tipo assim, se ninguém for eu acabo ficando em casa porque quando você tá animado para um canto que você não encontra alguém você acaba desanimando, mas é algo que estou começando a fazer. Não para as festas, por que ai já e outra coisa assim. Eu gosto de forró e agora pagode também. Uma amiga me chamou para ir nesse pagode. No início até falei que não gostava, mas fui e me surpreendi. Eles tocaram umas músicas que a gente sabe, foi massa, eu gostei. Também gosto de funk mais dentro de um limite. Não gosto muito daquele funk exagerado. Gosto muito mais daqueles, tipo por

exemplo, um show muito massa que eu fui ano passado no São João do Maracanaú que foi do Felipe Amorim, que foi muito massa nesse dia. Mas o que eu mais curto mesmo é forró, sertanejo e brega funk. As festas de padroeiros daqui do interior também gosto muito, faz parte da cultura da gente, natural, né (rsrsr) eu gosto muito. Lá eu não saio muito. Eu estava até falando para a minha prima. Quando eu trabalhava a noite, eu não saia porque trabalhava a noite. E agora, tem as escalas de folga e nem sempre eu tiro folga no dia dos meus amigos. Ai fica difícil conciliar.

9. O que acha dos paredões? Pega de bois?

Resposta - Eu gosto. Dependendo da situação eu gosto. Eu sou bem eclético em relação a ouvir, aos gostos musicais, paredão, sabe. Pode ter um tempo que eu não vou estar gostando muito, mas eu gosto. As pegas de boi eu gosto mais para ver as pessoas sabe. Mas eu não só muito favorável a pega de boi não. Não vou mentir. Porque as pessoas vão lá dentro da mata, solta os animais para correr atras e Deus que me perdoe quando chega uma pessoa ferida eu não tenho pena da pessoa não, tenho pena do animal que foi submetido aquilo ali, entendeu. Não gosto de pega de boi. Até porque um dia, eu vi judiando de um animal em uma pega de boi que eu fui e o animal ficou acuado e aí começaram a bater no animal, bater, bater, bater. Não gosto.

10. E sobre as tuas vivências no Muquém, desde a infância mesmo, conta um pouco como foi e como é ser um jovem que mora em uma comunidade rural.

Resposta - Eu gostava muito de brincar. Quando a gente cresce, parece que as pessoas perdem entre aspas a criança dentro de si sabe. Que é uma coisa que eu não quero perder. Que até eu falo, minha idade não vai definir minha maturidade, essas coisas. Mas eu não quero perder esse jeito de ser infantil, entendeu, porque a idade já vai aumentando se você for ficar velho rabugento, não vai, entendeu. Eu não quero perder isso. Eu gostava de brincar. Já brinquei de bola aqui no campinho com os meninos, maia a mãe, de bico latão, vôlei, esconde-esconde, dos carrinhos essas coisas assim, tudo mais. Na escola também era esconde-esconde e tudo mais com os meninos e trabalhei sim. Meu pai é agricultor. Até hoje trabalha na agricultura. Já fiz, não é um trabalho que diz assim que eu amava, porque é aquela coisa, tudo mais, aquele sol. Mas eu trabalhei sim, passei até melhor que ele, meu pai sempre dizia (rsrsr) mas eu ajudei algumas coisas. Ajudava na plantação, o pai cavava as covas e eu ia plantando milho e o feijão assim e tudo mais para limpar o mato que tinha nas plantações, ajudava a colher, a trazer do roçado. Mas foi pouco tempo.

11. Você estudou em quais escolas? Como era sua rotina e acesso ao ambiente escolar?

Resposta - Sempre estudei em duas escolas, aqui, na Aluísio Domingos de Sousa e na Providência, só o Ensino Médio. Eu gostava mais daqui pelo fato de ser mais perto, não sei. Providência foi muito ruim, eu não minto. Foram três anos que não gostei desses três anos foi arrastadamente forçadamente pela obrigação da vida né porque você tem que terminar o ensino médio pelo menos isso né mas não gostei porque eu digo eu aprendi mais relacionada a conteúdo e vivência assim depois que eu terminei o ensino médio do que quando eu estava lá fazendo o ensino médio entendeu. Várias coisas, mas também ensinou que eu queria ser o que eu tinha que aprender alguma coisa sabe me direcionou. Nem tudo é ruim né também, mas eu gostava mais aqui colega que a gente cresceu junto essas coisas e tudo mais. Aqui a gente tinha costume de ser três séries para uma professora só né lá no lá tinha uma sala só para aquela determinada série às vezes um professor ficava com o horário curto, mas tinha lá, entendeu, às vezes repetia alguma coisa assim, mas ela é mais um professor específico entendeu e uma turma só daquele professor ia dar aquele assunto para geral entendeu

12. Como foi sair daqui da comunidade para trabalhar? O que você percebeu de diferente? Como é estar nesse espaço urbano?

Resposta – Eu saí daqui para buscar melhorias de vida, né?! Eu acho que grande parte dos jovens procuram isso né trabalho, você ter sua dependência, se desenvolver. Não quero dizer que aqui você não consegue se desenvolver, mas aqui vamos dizer que é um processo lento, que tem que ser bem trabalhado, estudado e contado a dedo. E lá dá mais oportunidade, abre um leque de muitas coisas, você abre seus olhos para algumas coisas, porque aqui a gente é mito inocente também que a gente tem aqui que a gente é criado, graças a Deus na nossa criação também né que a gente tem nossos pais, mesmo assim a gente tem que abrir os olhos para muitas coisas lá entendeu que a gente que não acha que tem que a gente não tinha gostado de ver frequentar passar perto. Lá precisamos ficar mais atentos, entendeu. Hoje as coisas já mudaram aqui também, mas as drogas, a maldade das pessoas, sorrisinhos falsos, aqueles lobos em pele de cordeiro, sabe. Tem muito lá (Cidade) e a gente começa a ver isso, entendeu.

13. Você se ver como um jovem rural?

Resposta - Me vejo e não nego essa origem até então agradeço sabe eu acho que eu não sei como eu não eu não me viria eu não sei como é que tu me imaginar eu nascendo não nascendo

aqui entendeu Como que seria eu com meus 24 anos hoje criado essas coisas assim seria bem diferente e uma coisa que eu agradeço muito na vida aqui tem diferente é que a gente a gente aprende a respeitar a gente é criado a saber respeitar entendeu saber um sim, saber um não, saber falar saber qual é o momento entendeu?!

14. Que atividades você realiza hoje na comunidade? Como se sente?

Resposta – Hoje participo de pouca coisa. Só mais no período da festa que chamo os bingos e gosto muito.

15. Você pretende permanecer na comunidade? Quais suas perspectivas futuras?

Resposta – Eu gosto de lá, se fosse um dia para voltar eu não sei se me acostumaria de novo. Mas é bom aqui, gente. Aqui é tranquilo, aqui é paz, aqui é sossego. Mas não me vejo voltando e aí, acredito que não seja errado falar, pelo tempo que morei aqui a gente vive uma carência de alguma coisa, uma universidade, a facilidade de ir a um Mercantil. Aí eu quero um sorvete eu vou ali aí eu quero uma comida eu peço aqui no meu celular entendeu. Mas é isso, é meio que uma consequência eu fico sem essa paz, sossego aqui, entendeu, mas tenho acesso a essas outras coisas.

16. Como você interage e se comunica com as pessoas da comunidade? Quais canais/redes utilizam?

Resposta – Só consigo acompanhar pelos grupos, da Capela e do grupo do Sagrado Coração de Jesus com Aparecido e algumas postagens de algumas pessoas entendeu eu ia botar né a gente fica vendo tudo mais coisas

17. Que aspectos culturais da comunidade (eventos) marcam sua história de vida?

Resposta – É o Reisado, novenas, às sextas-feiras santas quando a gente se reunia e nesse período íamos no Sábado de Aleluia tomar banho no rio. Vinha muita gente.

Entrevista com Vitória

21 anos

27/04/2023

Fortaleza

1. Então, eu gostaria de saber sobre o consumo midiático e cultural seu nos meios digitais.

Sobre o acesso à internet, quando foi e em qual aparelho/dispositivo? O que costuma acessar na internet? Você costuma acessar a internet (redes sociais) ao acordar? Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]? O que lhe motivou a criar esses perfis nas redes sociais?

Resposta - Uso com mais frequência o celular para acessar internet. Meu primeiro telefone foi os meus tios que me deram. Ganhei dois no meu aniversário de 15 anos. Aí, ok. Aí passou essa época do celular, aí o papai me deu esse. E eu tô com ele até hoje, desde o meu ensino médio. Aí o notebook. Eu comprei o notebook com a ajuda das minhas tias e família quando entrei na faculdade para os estudos e tal. E eu paguei a outra metade com as coisas que eu fiz, um bingo. Mas depois eu ganhei outro, do governo. Mas eu uso mais do governo, pra mim é mais útil. O outro dei para o meu irmão. Eu só uso WhatsApp e Instagram. Nunca fiz Facebook, acredita?! Eu usava o da vó, sabe?! Tipo, eu não conhecia o Instagram ainda, eu usava o Facebook da vó. Eu tinha 15 anos. Foi, era os 15 anos. Aí eu tinha a senha dela e eu usava só pra ver mesmo. Nunca fui interessada muito assim, sabe?! Tanto que pra fazer o Instagram em si, eu fiz já no meu ensino médio, a minha que fez pra mim. Porque eu não tinha. Eu lembro que até ela disse, como assim, Vitória, tu não tem Instagram?! Todo mundo tem Instagram, e tu não tem?! Aí ela fez pra mim. E eu gostei tanto, que eu uso com muita frequência o Instagram, acho que mais do que o WhatsApp. Eu gosto muito da plataforma.

2. Sobre a plataforma do Instagram, em específico, por que você gosta de estar nessa rede social? Quais personalidades você segue? Quanto tempo normalmente passa no Instagram todos os dias? Você visualiza a presença no Instagram como oportunidade de trabalho?

Resposta – Eu uso umas duas horas. Se não for mais (rrsrs), é umas duas horas. Eu uso mais pra acompanhar a rotina dos influencers. Reels para ficar trocando Reels com os meninos. Acho que é uma parte do meu tempo é ficar assistindo e mandando para eles. Para a Maria, o Carlos, o Otávio, a minha tia. A gente fica trocando. Esses vídeos engraçados, sabe?! E acompanho muitas influências, não com muita frequência, gosto da Karoline (@karolinel). Ela é a ex-esposa do Edder Militão. Eu gosto dela porque ela coloca a filha dela. Eu acho muito fofinho. Mas eu gosto muito dessas influências, mas não tô conhecida, sabe? Tipo, que estão iniciando agora, eu gosto de apoiar. Ai, deixa eu ver se eu lembro o nome dela...é Eduarda (eu.duda_santos). Eu gosto muito de acompanhar, porque ela coloca a rotina familiar, e é tipo meio que no interior, então eu gosto de ver. Eu gosto muito de ver. Eu acho que pra mim o Instagram é mais uma plataforma de entretenimento. E de conhecer, né, de alguma maneira, as coisas que estão lá. Mas não tanto no lado profissional, assim, do trabalho.

3. O que você gosta de postar no Instagram? Quais ferramentas mais usa (reels, feed, Stories)? O que lhe chama a atenção nas postagens dos amigos(as)?

Resposta - Não tenho esse interesse, assim, de estar postando. Posto uma vez perdida coisas assim, tipo jogos, né? Placar de jogos, eu gosto muito. Algumas coisas engraçadas. Algumas coisas sociais, que eu acho interessante. Mas nada demais. Coisas da minha família, tipo quando eu vou no interior, eu gosto muito de postar. Mas não sou muito ativa, não. Não me considero ativa. Antes de eu postar alguma coisa, eu penso assim, eu sempre penso assim, meu Deus, o que a pessoa vai achar, né? Que eu tô postando sempre esse negócio. Então até pra postar a coisa de futebol, eu fico meio, ai, não sei se eu vou postar, fico receosa, sabe? Mas eu posto coisas mais sociais, mensagens que eu gosto. Acho que é isso. Agora, os memes engraçados, eu nunca posto assim pra todo mundo ver, sabe? Eu mando mais no PV de cada pessoa. Mas eu gosto das fotos dos meus amigos, da forma como o feed é organizado. Tem alguns que eu gosto da maneira como se expressa e como usa a rede social pra uma coisa mais séria, entendeu?! Pra coisas mais assim, tipo ligadas pro social. Da Maria também eu gosto, das coisas que ela coloca, do conteúdo que ela coloca. A Maria é muito mais expressiva do que eu, sabe?! Ela dá a opinião dela, ela coloca, e tem coisas que eu fico guardando mais pra mim, entendeu?! Eu não gosto de me expressar tanto na rede. E ela não é assim. Então é admirável. Muito legal. No meu feed só tem umas três fotos minhas e uma é da minha família. Eu tinha muito foto, aí eu dei uma apagada, uma arquivada em algumas, porque acho que fica muito cheio de coisas. E porque eu não gosto muito de me expor.

4. As selfies lhe interessam? Por quê?

Resposta - Gosto. Não sei, eu me gosto mais quando eu tiro uma selfie minha do que quando outra pessoa tira. Acho que eu mesma. Eu já tenho um lado que gosto. Acho que por causa disso. Tem um lado que você mais gosta, tem uma posição que você mais gosta e outro talvez não favoreça tanto e eu sei, sabe?! Eu foi tirando e percebendo que esse meu lado aqui. Eu tiro muitas fotos, mas não posto. Sempre é selfie.

5. Gosta de ouvir rádio? Em quais as situações do dia a dia?

Resposta – Eu gosto muito de ouvir rádio. Muito, muito, muito, muito. Qualquer hora eu estou ouvindo em casa, lá no interior. Eu gosto, tem uns programas que eu gosto de brega, que a mãe me julga, mas eu gosto. E aqui também eu gosto de assistir as músicas que eu gosto. A que eu mais escuto. E a 91,9 de Pentecoste. Meus pais gostam muito, muito de escutar a

música lá. Então, eu sempre fui acostumada a escutar e acho que eu gostei. Por isso que veio meu interesse, porque todo mundo gosta.

6. Além do rádio, quais plataformas escuta música? E gênero musical?

Resposta - Eu uso mais o YouTube pra quando eu vou tomar banho, ou então vou fazer alguma atividade que eu consiga me concentrar mais com a música em si. Eu gosto de forró, brega, MPB. Mas o meu programa favorito é o brega. Porque é dia de sábado na Rádio do Pentecoste. Jorge Matheus eu gosto muito, gosto muito da Ludmila, gosto muito de Pagode também, gosto do Tiaguinho, as coisas, forró Xande Avião, só esses assim.

7. Que tipo de festas você costuma frequentar?

Resposta - Eu não vou além das festas de padroeiros no interior. Eu até estava vendo o negócio do pagode, né?! Que eu estava querendo ir. Mas fora essas que tem no interior mesmo, eu só fui para o São João de Maracanaú ano passado. Gosto muito de ir com meus amigos Otávio e Maria. O pessoal lá interior, só vou para festa lá no interior mesmo.

8. O que acha dos paredões? Pega de bois?

Resposta - Não sei, não me agrada muito aquele negócio. Eu acho que eu só gosto de ir para festas, claro que eu gosto de ir em si, de dançar e tal, mas é mais pelas pessoas que eu vou, entendeu?! Aquela movimentação de ir, animação, planejar, acho que é mais por isso, pelas companhias. Eu não gosto de pegadas de boi, eu gosto de vaquejada, mas eu não gosto de pegadas de boi porque depois que eles soltam um boi, não tem nada de interessante. E da vaquejada eu gosto porque dá pra você ficar assistindo, vivendo e tal. Acho que por isso

9. E sobre as tuas vivências no Muquém, desde a infância mesmo, conta um pouco como foi e como é ser um jovem que mora em uma comunidade rural.

Resposta - Minha infância foi muito feliz, sabe? Eu considero que foi muito feliz. Eu sempre fui muito rodeada de amigos, que eu tenho até hoje na minha vida, que foram muito importantes. E acho que, tipo, ter crescido no Muquém, ter tido o Muquém como uma base social, sabe? De nascer, de crescer, de evoluir, foi muito importante pra mim. Por mais que seja uma comunidade muito pequena, acho que é esse o quesito que importa, né? Porque é uma comunidade pequena e por isso tem uma familiaridade, todo mundo é considerado uma grande família. Então eu gosto muito, foi uma infância muito feliz, as brincadeiras, esconde-esconde, essas básicas, pega-pega, essas coisas que a gente brincava, o banho no rio, que até

hoje a gente faz. Eu gostava de ir lá pros meninos à noite e brincar de esconde-esconde. E brincar, né? Não só de esconde-esconde, não vou limitar. Mas era muito legal, porque a vó ia assistir às garras da patrulha, a gente ficava brincando lá de tudo que era coisa, aí depois ia embora. Era muito legal. Eu morava com meus pais, sempre. Como a mãe nem sempre foi professora, ela bordava, então, eu acho que eu sempre tive essa noção de responsabilidade com tudo. Eu ajudava ela na casa, no que precisava, desde pequenininha. Eu sempre ajudei, sempre gostei de ajudar. E aí, principalmente, depois que os meninos nasceram, né? Que aí ela teve que trabalhar mais pra isso. Então, eu considero que eu cuidei muito dos meus dois irmãos. Participei ativamente, sabe? Da criação deles.

10. Você estudou em quais escolas? Como era sua rotina e acesso ao ambiente escolar?

Resposta - Vamos lá, né?! O fundamental foi na Aluísio Domingos de Souza, no Muquém, onde eu passei até o 9º ano. Antes eu morava pertinho, depois eu fui morar no outro lado do rio, então tinha o transporte escolar. Aí depois foi a Alan Pinho que era no Pentecoste, era na sede. Eu fui para o tio, então eu passava a semana lá e voltava na sexta para casa, para o interior e depois ia de novo na segunda com o transporte, com o acesso do transporte. E, é, as duas que eu estudei. Em relação aos amigos, era diferente. Porque a gente, como eu disse, a gente aqui era muito próximo. Era acostumada com todo mundo se conhecia e tal, então, quando eu fui para a Alan Pinho foi um mundo novo onde eu não conheci ninguém, sabe, foi tipo assim um baque e a questão da rotina que era só o meu período no interior, a de Pentecoste era o dia todo, muito mais cansativo que no interior, muito mais cansativo, muito mais coisas pra estudar e aí ter que pensar. Eu sempre tive em mente essa questão da faculdade, sempre tive o apoio e o incentivo de todos em saber o que eu queria, mas lá foi muito mais muito intenso, sabe, principalmente por causa do meu curso, uma coisa que tipo exigia muito da gente pensar e não só pensar, mas fazer coisas para que isso acontecesse. Então, acho que eu tive muito mais responsabilidade depois que eu fui pra lá em relação aos estudos. Mas eu me deparei com muitas coisas novas, sabe? Tipo pessoas com opiniões totalmente diferentes das suas, com jeitos, com o jeito de se vestir no interior, é tudo muito igualzinho. Mas quando você vai pra uma coisa maior, pessoas diferentes mesmo. Mas eu sempre fui muito aberta, sabe, a conhecer, a querer saber sobre aquilo, essas coisas. Mas tinha coisas que não sabia, eu não estava muito inclusa no assunto, sabe? Tipo falavam sobre tecnologias, eu não sabia muito. Tipo Instagram, todo mundo comentava e eu não tinha interesse, mas também ficava um pouco excluída do assunto em relação a isso, a tecnologia em si.

11. O que é ser jovem rural para você? Como foi sair daqui da comunidade para estudar em Pentecoste depois vim Fortaleza para fazer faculdade? O que você percebeu de diferente? Como foi/é estar nesses espaços urbanos?

Resposta - Eu tenho muito orgulho de ser uma jovem rural, do Muquém. Não queria ter sido em outro lugar, sabe? Não que tipo, né, eu tenha noção dos outros e da importância dos outros, mas como eu disse o Muquém foi muito, muito, muito importante pra mim em relação a tudo. Eu digo sempre quando estou aqui em Fortaleza estudando e quando vou pra lá no final de semana é como se fosse um refúgio, sabe? Tipo, a gente sente as energias sendo renovadas e tendo mais alegria pra começar a semana de novo. É muito difícil ser uma jovem rural principalmente para os que não querem sair de lá, que tipo, não se veem vindo pra cá (Fortaleza) e lá também não tem muitas oportunidades, sabe? Assim, pra você buscar e ter um emprego, ter uma coisa que você possa se sustentar, mas foi muito importante pra mim e eu tenho orgulho da minha trajetória de ter nascido lá.

12. Que atividades você realiza hoje na comunidade? Como se sente?

Resposta - Eu crio as coisas, os convites pra Igreja, para as rezas, para os textos, eu crio no Canva. O que eu mais uso para edição é o Canva. Eu sou muito mais ativa na igreja, em si, eu participo do coral, né, eu fico mais ativa na igreja, eu criei um grupo de coral e eu faço os convites, as coisas assim para o pessoal do grupo, eu fico à frente assim dos terços, das coisas que a gente quer fazer, em relação a grupo de estudo, a gente tinha um grupo de estudo que eu dava aula de redação e que eu quero também retornar a isso. Acho que eu sou muito mais ativa na relação da igreja mesmo. Eu era catequista, deixa eu ver... Eu fico muito feliz em ser útil de alguma maneira a alguém de lá, sabe?! De trazer alguma coisa que eu sei e partilhar com outras pessoas, de ajudar de alguma maneira. Eu gosto muito.

13. Você pretende permanecer na comunidade? Quais suas perspectivas futuras?

Resposta – Não. Morando, não. Só em algum caso, tipo, de alguma necessidade que tomara que não aconteça, mas eu me vejo indo pra lá pra fazer coisas, sabe, pra melhorar lá. Mas não morando, morando lá. Eu quero terminar minha faculdade, fazer um mestrado. Na verdade, uma pós. E fazendo algum projeto lá no Muquém. Eu quero fazer um projeto tipo de EJA, só que não com o nome EJA, porque tem que escrever e tal. Mas eu queria fazer algo relacionado aos jovens e os adultos em relação à alfabetização, porque lá tem muita gente que não sabe ler, que não sabe escrever, e eu acho isso tipo um déficit muito grande para eles.

Então, falando sobre o projeto que eu queria voltar, é para fazer isso. Eu queria fazer esse projeto.

14. Como você interage e se comunica com as pessoas da comunidade? Quais canais/redes utilizam?

Resposta – Com todos, assim, não tenho contato com eles. Só quando eu vou e a gente se B pessoalmente e conversa mais com a minha família em si, eu uso as redes. WhatsApp, fazer chamada de vídeo, mas é isso. Tem os grupos de oração, né?! Do Sagrado Coração de Jesus e da Capela que a gente conversa. Mas eu só visualizo o da capela. Às vezes eu respondo num grupo que é mais do meu lado (Sagrado Coração de Jesus). O da Capela eu fico mais caladinha. Esse ano eu criei um grupo do Coral, tem 18 participantes. Porque lá não tem as funções todas definidas. Você faz isso, você faz aquilo e você faz isso. Então, tipo, ficava uma coisa muito solta, sabe?! Ninguém sabia o que todo mundo ia fazer. Ou então, tipo, quando chegava nas novenas ou nas missas, ninguém sabia o cântico, ninguém sabia como é que era o ritmo. Aí eu pensei, vou criar. Não é pra todo mundo estar lá, tipo, junto lá, todo mundo bonitinho, né?! A intenção da gente é não ficar dependendo um do outro tipo depender só de uma pessoa para cantar, mas todo mundo saber e todo mundo está na hora dos cânticos, das coisas. Aí tipo eu criei, convidei as pessoas e todo mundo se animou. A gente fez ensaios, só que chegou o tempo das chuvas e parou um pouco, mas agora eu quero retornar de novo, fazer os ensaios. Nesse grupo tem muito mais adultos do que jovens, eles não têm muito interesse em cantar e tal. Então, as pessoas que entraram no grupo, foi muito mais porque tinha essa disponibilidade.

15. Que aspectos culturais da comunidade (eventos) marcam sua história de vida?

Resposta – Eu acho que a EPC foi um projeto que me abriu as portas para o mundo. Me mostrou muita coisa nova e me apresentou realmente o que eu queria ser e que eu deveria pensar nisso. Então os projetos que a EPC desenvolveu, tipo a Noite Cultural, foi uma coisa que marcou a minha memória e que até hoje, eu queria fazer. Porque era muito importante, sabe aquilo? Resgatava tanto a cultura tradicional como deixava a comunidade unida em prol de um evento, de uma coisa. E que era muito legal porque, tipo, todo mundo participava. O projeto dia de sábado eu achava também legal porque tinha as brincadeiras e as aulas em si, uma nova maneira de aprender, vim aqui pra Fortaleza. Viemos uma vez conhecer o museu do Ceará, foi muito legal também. Eu acho que foi a primeira vez que viemos para Fortaleza, aí

foi uma ansiedade só, todo mundo se preparando e foi muito, muito, muito legal. Os meninos todos assustados quando viram o avião pela primeira vez. Foi muito legal.